CORA RICHMOND

— DISCURSOS 7 —

—— Amadeu António

ESPÍRITOS EM CATIVEIRO

Um Discurso dos Guias da SRA. CORA L. V. RICHMOND, Proferido no Templo Espiritual de Boston, esquina das Ruas Newbury e Exeter, Domingo, 8 de Setembro de 1880.
Relatado Especialmente para o *Banner of Light*

"E foi e pregou aos espíritos em prisão, aqueles que foram nos dias de Noé."
A história que foi cuidadosamente preservada entre os primeiros cristãos era: que Jesus não só visitou os espíritos em prisão, que foram desobedientes nos dias de Noé, ou nos dias da aliança, mas que também desceu às profundezas mais fundas — que ele conquistou o poder do mal ali. Ensinava-se na Igreja primitiva que ele realmente venceu Satanás pelo poder do seu amor perfeito. Isto ocorreu durante os três dias em que o seu corpo repousava no sepulcro, quando o seu espírito estava liberto, mas ainda não tinha ascendido ao Pai.

Mas o significado disto é que havia espíritos em prisão: que eles podiam ser visitados e, presumivelmente, que podiam ser beneficiados por essa visita; pois está completamente fora de harmonia com a natureza divina de Jesus e do seu amor perfeito supor que ele teria visitado esses espíritos para o propósito de os escarnecer ou de os repreender. Se não havia maneira de serem beneficiados, por que razão os visitaria ele?

Então é duplamente significativo que durante todos estes centenas de anos, exceto na Igreja Católica Romana, não tenha havido referência à possibilidade de espíritos desobedientes alguma vez se tornarem exaltados após a morte; eles são relegados ao domínio das trevas, onde devem permanecer para sempre entre fogos inextinguíveis, ou são apagados para sempre.

Mas o nosso texto refere-se mais especialmente, como o nosso tema, ao que constitui a prisão ou cativeiro do espírito. A ideia de cativeiro, para a maioria das pessoas, é ou o atamento literal das mãos e dos pés ou estar encerrado nalgum calabouço escuro e lúgubre, sujeito, possivelmente, a vários tipos de torturas; que isto dure para sempre se o espírito estiver condenado, ou dure temporariamente, conforme o estado do espírito. Mas parece-nos que a prisão e o cativeiro do espírito consistem nesse estado que é suficientemente compreensível por todos: que muitos dos que menos o esperam estão hoje a habitar prisões.

Os espiritualistas, em geral, têm uma explicação favorita para as falhas, quer dos médiuns quer, de facto, de outras pessoas: e os inclinados à caridade, muitos deles, recorrem a uma fraseologia deste tipo, quando qualquer ser humano se desvia do caminho do dever ou da retidão: ele ou ela não é responsável, mas está obsidiado por um espírito mau; ouve-se frequentemente que este ou aquele foi tentado ao pecado por espíritos maus. Há, então, alguém para proteger os espíritos maus, alguém para rastrear os seus maus atos até outros espíritos maus, e assim por diante até chegarmos ao pai final do mal, o verdadeiro Satanás, ou o Lúcifer caído em pessoa? Se as pessoas não são responsáveis, mas estão obsidiadas, são os espíritos responsáveis? Não estarão eles próprios obsidiados por outros? Se espíritos, num certo estado, estão obsidiados por outros mais perversos do que eles mesmos, haverá algum limite para os possíveis infernos que se podem abrir à vossa visão? Não serão estas masmorras espirituais mais aterradoras do que o próprio hades ou sheol?

Viemos hoje até vós — vós que tendes várias formas de crença, possivelmente, mas principalmente diferentes tipos de pensamento individual no Espiritualismo — para dizer o que pensamos que constitui o cativeiro espiritual e a única prisão espiritual. Se esses espíritos que foram desobedientes nos dias de Noé podiam estar em cativeiro — não o duvidamos minimamente, pois temos visto espíritos que estiveram possivelmente na vida espiritual um, dez, cem anos, ou mil anos, que ainda estavam entre as sombras da sua própria criação — ainda assim não há menção de que esses espíritos em prisão ou cativeiro alguma vez tomassem posse de mortais, alguma vez os assediassem ou praticassem qualquer ato particular de violência; exceto nos casos em que os "espíritos maus" ou "demónios" foram expulsos por Jesus, e os seus discípulos oferecem muito boas provas para mostrar, a partir de uma tradução antiga, que estes eram doenças físicas, e não espíritos maus de todo.

O que constitui o cativeiro em que os espíritos podem ser encontrados? Reconhece o Espiritualismo um mal supremo tão potente que não só pode tomar posse dos mortais enquanto aqui, mas permanecer em estados espirituais como um poder agressivo, conquistador, e ser rastreável, possivelmente, a diferentes e quase insondáveis graus de trevas?

Pela nossa parte respondemos negativamente. O Espiritualismo não reconhece nenhum princípio absoluto no universo, exceto o princípio do bem: não reconhece um elemento positivo do mal, mas reconhece a condição

relativa da ignorância humana como sendo cativeiro humano e, portanto, sendo mal; mas não diz que a ignorância é um poder positivo; não diz que a ignorância ou o mal é uma entidade absoluta e, portanto, pode presidir sobre estados espirituais *ad infinitum*; mas reconhece que o lado negativo da bondade é sombra; que a luz espiritual positiva que está no universo é o bem, e que tanto quanto as sombras que espreitam nesses cantos desta sala não podem sair e tomar posse dos raios de sol que aqui estão, assim as sombras que estão nos corações e mentes dos espíritos não podem sair e tomar posse da luz que está em vós.

Se, então, o Espiritualismo abriga uma prisão dentro de si que possa possivelmente ser pior do que o hades do cristão ortodoxo, não será melhor que a investiguemos e descubramos qual é a verdadeira relação do homem com a sombra, e nos esforcemos por erradicar essa sombra pelo único meio racional que o homem tem, o conhecimento espiritual?

As sombras da vida humana, o grande pano de fundo da miséria humana, carência e erros, a escuridão em que cada ser humano se encontra em certa medida envolto, devem ser para sempre a falta de conhecimento espiritual, devem ser para sempre a falta de desabrochamento e poder espirituais. Supor que esta negação entra na vida espiritual como uma força positiva, como uma energia indestrutível, inextinguível, com poder suficiente ao seu dispor para tomar posse das forças interligadas da existência espiritual, é supor que o mundo espiritual está povoado pelos inimigos da humanidade.

Supor isto é concluir que tem havido um número suficiente de espíritos obscurecidos que saíram da Terra para mais do que se colocarem entre vós e a luz das esferas divinas para sempre. Mas o que acontece? Consultai qualquer Dives que parta do vosso meio, e ele provar-se-á impotente; declara-se em miséria por causa das sombras que forjou: mas ele diz: "Estou em sombra, estou impotente, sou como uma criança em força espiritual, e é-me permitido vir até vós em busca de luz."

Consultai qualquer médium, e esse médium dir-vos-á que há inúmeros espíritos que estão nas sombras continuamente a pedir luz: porque os mortais se encontram no limiar de ambos os reinos, algo obscurecidos pela esfera mortal, algo elevados pelas condições espirituais, os espíritos são-lhes permitidos vir para expressar os seus estados espirituais, e para dar a tais espíritos um impulso para ascender a estados superiores. Tornam eles os médiuns miseráveis?

Apenas temporariamente, e isso psicologicamente. Fazem eles os médiuns cometer um erro? Respondemos, não. Se os médiuns cometem erros, há a sombra da má ação dentro deles próprios, alguns apetites ingovernáveis, inconquistáveis que os controlam de alguma forma. Mas outros seres humanos também cometem erros, menos entre aqueles que estão sujeitos ao controlo espiritual do que entre qualquer outra classe de pessoas ou sujeitos psicológicos.

Então vejamos: a sombra em que Dives se encontrou era tal que lhe era impossível voltar, porque não tinha força espiritual suficiente; mas queria testemunhar o seu estado, e é apenas desde que os poderes espirituais tornaram possível a estes espíritos comunicar, para atestar o seu estado, que o estado sombrio do mundo espiritual tem sido representado ou apresentado de todo.

Disseram-vos que todas as manifestações da vida espiritual eram de espíritos maus: disseram-vos isto aqueles que foram ensinados a professar a religião de Cristo; mas se assim é, então as manifestações desmentem a fonte de onde vêm; Satanás reformou-se de modo notável, os espíritos maus têm estado a brilhar todos estes anos; pois não colheis uvas de espinheiros, nem figos de cardos. A luz maravilhosa que o Espiritualismo derramou no mundo não tem sido a luz da destruição, mas da salvação para o povo. Portanto, não pode ser mostrado pelas suas obras que o Espiritualismo emana desses estados obscurecidos. Além disso, se não fosse permitido que Dives pudesse voltar — se não fosse permitido que os sombrios se manifestassem, então por que razão deveria ser permitido hoje? Não há solução racional para esta questão exceto que o Espiritualismo abriu as portas em ambas as direções, para a terra das sombras e para o reino da luz, e que os sombrios, sob orientação, são permitidos vir para vos mostrar as suas condições.

Agora queremos que useis a luz desse tipo de filosofia e raciocínio que os espiritualistas têm cultivado há tanto tempo, e que, de facto, pensam ser o método adequado para julgar qualquer assunto. A ofensa particular de que qualquer homem é culpado antes de se tornar, como se diz, um espírito mau, é algum ato de violência contra os seus amigos, o seu vizinho ou a sociedade humana. Os males que são fomentados em silêncio, que têm as suas fontes em muitos lugares respeitáveis e muitos lugares exaltados na vida, não são geralmente tidos em conta: onde o criminoso, o marginal, o florescimento extremo da degradação humana é encontrado, é chamado o estrato do mal:

os bairros de lata das vossas cidades apinhadas, a terrível colheita de criminosos que daí resulta.

Mas tão frequentemente ocorre que no mundo atual os criminosos mais ousados são aqueles que estão nos lugares mais exaltados de confiança. Tornou-se o provérbio desta nação próspera que as defraudações entre diretores de bancos e tesoureiros de várias instituições são tão frequentes, que os vossos vizinhos além-fronteiras no Canadá estão a começar a sentir um pouco o elemento que estais a enviar para lá, desde que de tempos a tempos alguém procura refúgio no Canadá contra o cumprimento da lei pelos seus atos de defraudação.

Ora, se o crime em si mesmo constitui mal, então estes homens, cuja educação foi liberal, que foram formados nas escolas e colégios da vossa terra, que tiveram, tanto quanto sabeis, a formação moral de uma boa sociedade e de bons lares, estes são em si mesmos algo a estudar. Qual é a prisão que constitui o seu cativeiro? Porque é que se manifesta tão claramente não no meio dos caminhos degradados da vida, mas nas fileiras do que se denomina cidadania respeitável?

Se estas pessoas tivessem passado à vida espiritual antes de ser descoberto o ato individual que os tornou criminosos aos vossos olhos, todos os jornais os teriam louvado até aos céus, os sermões fúnebres teriam sido de louvor, as famílias e amigos teriam falado deles como vizinhos irrepreensíveis, e por consenso comum não teria recaído nenhum estigma sobre os seus nomes. O que é que, quase num instante, fez mudar esse veredito? Depois de passar da vida terrena para a vida espiritual, em que tipo de prisão se encontraria cada indivíduo assim acusado? Vejamos se conseguimos encontrar uma solução espiritual razoável para esta questão.

O criminoso abjeto, queremos dizer, a vida continuamente degradada, não consegue elevar-se à grandeza de um grande crime; é muito raro que tal pessoa cometa um crime ousado, simplesmente porque não tem coragem nem força para o fazer: o homem que vagueia por vielas, sempre a roubar alguma pequena coisa que consiga apanhar, cuja vida é de contínua devassidão, que apenas bebe os resíduos do vício, não tem coragem para o crime, assusta-se com o primeiro som que ouve e suplica ao polícia que não interfira naquilo que pode ser a sua única subsistência, e que faz alguma coisa no fim do longo verão para ser sustentado pela cidade, pelo Estado ou por alguma instituição pública, é uma vida que, no seu cativeiro, não tem sequer a

fórmula, não tem nada com que possa fazer algo realmente mau, ousado ou audaz.

Se subis um degrau na escala social, passais a um grau mais alto, e encontrais alguém que, sob a influência de grande paixão ou de grande tentação, pode cometer homicídio; podeis encontrar um maníaco que cometerá uma sucessão de assassínios como fruto da sua particular forma de doença ou fraqueza mental. Supondes que, se o assassino de Whitechapel pudesse ser encontrado, seria um sujeito adequado para execução legal? Não pensais que a mania que o possui é uma doença em si, tão profundamente enraizada que, quando descoberta, ele seria o mais impotente de todos os seres espiritualmente?

Não pensais que, quando fosse encontrado, embora desafiando a lei sob a capa do seu corpo físico, que é a sua máscara, o seu espírito seria tão fraco como o mais débil bebé que alguma vez nasceu? Não será mais razoável, muito mais razoável, supor que o criminoso é vítima de monomania do que acusar qualquer espírito, de qualquer grau de sombra, de fazer aquilo que lhe é impossível encontrar poder para fazer, e para o qual, em espírito, não existe motivo?

Depois, quando passais para aqueles que tecem para si sombras individuais, que constroem para si masmorras, que espantam o mundo com crimes como o da defraudação, sabeis vós onde estão as causas? Não acuseis nenhum espírito desencarnado de tentar um homem à defraudação quando há à sua volta o Géenna fervilhante da especulação; quando há por toda a parte a tentação de viver para além dos seus meios; quando a ostentação em todos os departamentos da vida é o objetivo principal; quando a esposa, em vez, possivelmente, de o ajudar a poupar, a subsistir daquilo que é o resultado legítimo do seu trabalho, insiste em ter joias, coisas vistosas ou preciosas como outras mulheres que o podem ter; quando até do púlpito cristão ouvis os louvores daquele tipo de engrandecimento e busca de riqueza que torna possível aos seres humanos arrancar de outras vidas, dos corações de outros, a riqueza para aparecer em trajes cintilantes, em habitações que ultrapassem em ostentação as dos seus vizinhos.

Basta percorrer as principais artérias de qualquer cidade apinhada para saberdes porque é que um homem fraco é tentado à defraudação. Basta pegar em qualquer jornal para saberdes porque é que o espírito dessa tentação o agarra e toma posse da sua vida; e, no instante em que a

descoberta ocorre, porque é que ele está impotente; porque é que, mesmo como uma criança nas mãos dos seus amigos ou da lei, desperta de repente da ilusão. Ele iludiu-se, impôs-se a si próprio; pensava que podia recuperar o que perdera quando o espírito da especulação primeiro tomou posse da sua mente; teceu as malhas à sua volta até que a descoberta chegou; não tencionava, desde o início, ser realmente desonesto; foi forçado a sê-lo pelo egoísmo que é o grande fardo da vida humana hoje.

Sim, se Dante, ao pintar o seu *Inferno*, tivesse olhado diretamente para as vossas cidades apinhadas, para as vossas Bolsas de Comércio, para os vossos mercados cheios de toda a excitação das imaginações febris, e para os horrores que caem sobre o pobre homem que não consegue enfrentar esta luta, teria sido uma imagem mais adequada do que a dos estados após a morte. Pois, tal como o vemos, o Hades, ou o Inferno de Dante, está aqui e agora; as prisões estão aqui, os lugares onde as correntes são forjadas estão aqui. São precisos muitos anos de vigilância, de espera, de oração e de esforço para superar as sombras que são tecidas nesta intrincada rede de tentação e conflito humanos.

A diferença entre o Hades da Terra e as masmorras espirituais da vida espiritual deve ser a diferença entre o erro ativo, agressivo e, muitas vezes, popularizado e legalizado, e o resultado passivo, sombrio, inerte desse erro quando não superado. Estais em prisão hoje; pouco suspeitando, lutando nas vias ativas da vida, muitas vezes a estupidificar o espírito que está dentro; encontrareis, quando o corpo for posto de lado, as correntes que forjastes à vossa volta, ou as correntes que foram forjadas à vossa volta pela sociedade que representais — forjadas à vossa volta pelo grande deus Mamom.

Falai de um Deus pessoal! Não nos admiramos de que não haja lugar no mundo para o culto legítimo e espiritual de um Deus pessoal quando já há aqui um deus pessoal, a saber, Mamom! O mundo inteiro prostrando-se perante uma imagem dourada, trazendo as gotas do seu coração, as melhores ofertas da sua vida, e colocando-as aos pés deste Moloch que rouba à humanidade a sua força espiritual, e nem sequer dá uma flor para enfeitar o túmulo dessa bela imagem que desfigurou e despojou.

Era a esse deus Moloch que uma vítima humana tinha de ser sacrificada em certas festas anuais — a mais bela, a mais orgulhosa e a mais brilhante de toda a terra. Quando ledes das defraudações, quando ledes dos suicídios, quando ledes da desonestidade que grassa no mundo, podeis simplesmente

dizer: aqui está mais uma vítima desse Moloch a quem temos de servir, porque estamos amarrados de pés e mãos.

Mas, na grande luz da verdade espiritual, estas prisões foram abertas. Espíritos que foram vítimas destes erros sociais, morais e espirituais, erros que as formas da evangelização cristã não conseguiram atenuar, estão agora, à luz de uma nova dispensação, revestidos das suas próprias obras e feitos. Descobrem que, em vez de lançar todos os seus pecados sobre outro, e esse outro uma vítima inocente, têm de enfrentar os seus pecados, e através disso ascender às condições da vitória.

Vimos, na vida espiritual, um homem de negócios, um homem que governava no seu sector todo o comércio da cidade e do país; não teria concorrentes de sucesso durante a sua vida, porque tinha a habilidade e a vontade de extrair cada dólar até do mais pobre dos seus empregados, que, quando passou ao estado espiritual, mal suscitou a simpatia do público; embora todos louvassem a sua "poupança" e "empreendedorismo", ninguém disse que era amado; que, ao entrar na existência espiritual, se encontrou numa prisão tão vasta, num estado de cativeiro tão imenso, que estava mais impotente do que o mais pequeno órfão que vem ao mundo.

Em todas as direções havia apenas fraqueza. Não podia iniciar nenhuma empresa; não havia nada senão cordas de areia, correntes de vapor sombrio. Assim, para onde quer que se voltasse, o seu espírito batia-se inutilmente contra si mesmo nas ondas dessa impotência, da qual estava então perfeitamente consciente. Porque é que era um espírito em prisão? Porque é que estava em cativeiro? Simplesmente porque o egoísmo o reclamara aqui. Não tecera correntes de luz através da simpatia, através da ajuda aos outros, através da justiça comum e do amor da humanidade, por isso estava em cativeiro.

O assassino poderia ter mais em espírito do que ele: pois, à parte a sombra do ato insano, o assassino poderia ter amor, poderia ter sido bondoso com os seus semelhantes, poderia ter praticado atos de caridade e de benevolência. O ladrão poderia ter menos sombra, porque, embora tivesse roubado o seu próximo, não o fizera incessantemente; teriam existido, talvez, horas ou momentos de generosidade; poderia ter aliviado a dor e o sofrimento de muitas formas; mas este homem gigantesco curvou toda a sua vasta energia e intelecto para o único fim supremo e egoísta. E

esse era o Dives típico da Antiguidade e o Dives dos tempos modernos; pois tal é a prisão que o espírito do egoísmo constrói para si.

Então perguntais: será todo o egoísmo, tudo o que fazemos por nós próprios, um dos meios de cativeiro? Estaremos a construir prisões para nós quando ganhamos o nosso pão diário? Não: quando ganhais o vosso pão diário estais a cumprir as exigências da natureza; mas quando estendeis o vosso intelecto gigante e fazeis outros ganhar o pão diário conforme vós o declareis; quando estendeis os vossos braços poderosos e obrigais outros a passar fome ou a servir-vos, estais a construir uma prisão então. Sim, a diferença é clara: o homem que tem um coração generoso e mãos dispostas, embora perceba que nos caminhos ativos dos negócios deve competir com os seus semelhantes, ainda assim serve de boa vontade a humanidade, ainda assim ajuda outros de boa vontade, e a todos dá a justa medida de trabalho e esforço, esse não está a forjar correntes. Mas as correntes são forjadas pelo egoísmo supremo: o cativeiro do apetite, da paixão individual, de alguma condição física mórbida particular não é metade tão aterrador como este cativeiro do ego.

Muitas pessoas dizem que os espíritos voltam e dizem: "Oh! Lamento tanto ter bebido; lamento não ter controlado melhor os meus apetites, que as minhas paixões tenham ganho a supremacia." Assim, lamentam a fraqueza que espiritualmente os rodeia. No momento em que o cativeiro dos sentidos é posto de lado, têm eles apetites na vida espiritual? Não; mas têm o cativeiro de não terem vencido o apetite enquanto aqui. A sombra de negação do ébrio é que o seu espírito é tão impotente como era aqui quando sob a influência da sua bebida favorita; ele não é um ébrio espiritual; mas, como o espírito de um ébrio que não conseguiu vencer os seus apetites e paixões materiais, tem de rastejar até àquela força que lhe dará poder suficiente para superar os resultados dessa fraqueza.

Assim é com toda a exigência dos sentidos: seguida para além do uso legítimo da lei da natureza torna-se uma fraqueza, simplesmente porque não é vencida aqui. Mas não imagineis que estas vítimas de apetites e paixões físicas sejam os principais espíritos que estão em prisão; não penseis por um momento que o seu cativeiro é o mais terrível, ou que as suas masmorras na vida espiritual são as mais escuras e as mais difíceis de suportar.

Sabeis que poderíamos pintar-vos aquilo que surpreenderia cada um, se o compreendêsseis plenamente? Que, em alguma prisão do eu, em alguma cela

de masmorra da busca do eu, cada espírito humano se encontra a entrar. Se os maiores e mais divinos da Terra, que parecem viver pelos outros com exclusão de fins egoístas, encontram nos seus corações para dizer:

"Oh! a minha vida foi um fracasso; vejo agora onde deixei muitas coisas por fazer que poderia ter feito, onde fiz muitas coisas que não deveria ter feito"; se vidas dadas à humanidade podem dizer isto; se aqueles que deram passos em alguma grande reforma, aparentemente desprovidos de busca de si mesmos, podem dizer isto; se os mártires por qualquer verdade, pela liberdade da humanidade, podem dizer isto; se até eles, ao entrarem na vida espiritual, encontram alguma masmorra da busca de si, algum louvor e aplauso popular que estavam a procurar, algo que não fizeram inteiramente pela humanidade, mas um pouco por si — qual será, então, o estado daqueles que diária e horariamente conspiram e labutam apenas para a edificação do eu, e descobrem no fim que tudo o que colheram em vestes terrenas e louvor acumulado de mortais não passará de se desfazer em silêncio vazio, deixando-os sós e impotentes nas suas prisões de busca de si?

Seria este um quadro triste se não fosse verdade que, ao longo desta terra de fronteira das prisões, nas próprias profundezas do cativeiro em que vos encontrais aqui, o espírito luta por ser livre; e assim como a ignorância vos faz escravos, também o conhecimento e a verdade libertam o espírito. Assim como o cativeiro dos sentidos é o servir a si mesmo, assim o serviço da verdade e a abnegação de si é liberdade. Como disse, no termo da sua vida, alguém que lutara por muito tempo pela abolição da escravatura:

"Não sei se fiz algo pela liberdade, mas a liberdade fez muito por mim; sou melhor por ter pronunciado o seu nome, sou mais sábio por ter tentado ajudar outros; se nada fiz, talvez tenha havido algum progresso espiritual." Quando o Sr. Parker foi elogiado pelo que fizera para libertar a humanidade do cativeiro físico da escravatura e do cativeiro espiritual dos credos, disse: "Creio em Deus; creio que Deus teria libertado o homem se eu nunca tivesse nascido; mas tem sido uma grande bênção para mim pronunciar a palavra liberdade."

Assim é com aqueles que, seguindo as linhas da luz da verdade que lhes é dada a seguir, percebem no fim que o mundo teria sido redimido, a humanidade teria sido salva, o espírito de verdade teria vindo, mesmo que nunca tivessem vivido. Mas, ao respirar o ar da verdade, ao aspirar à luz da liberdade, ao estender as mãos para assistir outro, cresce-se; é uma

oportunidade para o crescimento do indivíduo; e Deus, como um pai bondoso, permite à humanidade pensar que está a beneficiar-se mutuamente, porque é parte do crescimento individual amar ajudar os outros.

Assim, Cristo visitou os espíritos em prisão, não porque fosse tão elevado que os pudesse redimir de imediato, mas porque a lei do espírito é realmente que nenhum anjo é tão alto, entoando louvores a Deus ou afinando cânticos em harpas de ouro, que esse anjo não se incline à mais humilde condição da vida humana; e nenhuma abóbada de prisão é tão profunda, nenhuma masmorra do egoísmo humano tão escura, que a luz dessa esfera angélica, como o dourado sol desta tarde de outono, não venha por fim a penetrá-la e a libertar o espírito.

Mas nenhuma luz exterior o pode fazer, nenhum poder redentor exterior é por si só suficiente. O indivíduo que procura ser soerguido por algo fora e além de si mesmo, enquanto permanece inerte… esperará eras incontáveis, como temos conhecido espíritos esperar por esse Cristo redentor que venha, por esse Salvador que o leve para casa, por anjos que venham e o transportem ao Paraíso.

Não conheceis agora o segredo de Cristo descer às prisões? É a verdade a penetrar nas vossas próprias celas prisionais, e, sendo o vosso espírito capaz de perceber essa verdade, a luz vos libertará. É a glória do espírito individual que, triunfando sobre as sombras dos sentidos, sobre as imperfeições, a escuridão e os descaminhos do crime, descobre a sua própria prisão individual; e, uma força que vem de dentro e outra que vem de cima, duas forças formando um poder omnipotente, o espírito ergue-se para a vitória sobre as suas celas de masmorra desde o interior.

A conquista do mundo não é sobre Satanás, nem sobre o pecado exterior, nem sobre espíritos maus. A vitória a alcançar em espírito e na vida terrena não é sobre um inimigo palpável que vos rodeia ou vos procura trair, mas é a vitória sobre esse insaciável procurar de si, sobre o autoelogio, sobre o desejo de louvor, sobre o fazer o bem para ser louvado, sobre esse procurar, o tempo todo, medir o próprio crescimento espiritual para ver "quanto maior sou hoje do que era ontem."

Este é o mais subtil de todos os aprisionamentos; e o quadro do homem de bem que pensava estar a praticar obras de caridade por amor à humanidade, que vivia uma vida moral, reta, e que, ao mesmo tempo, ao

entrar na existência espiritual, descobriu que o tinha feito apenas por causa dos louvores dos seus semelhantes, é um quadro que abre a prisão de muitas almas.

Que cada um encontre a sua própria masmorra; que cada um procure a sua própria sombra; mas, acima de tudo, que nenhuma fraqueza ou imbecilidade da consciência individual, ou falta de crescimento individual, vos tente a crer que possa haver, em estados espirituais, celas de masmorra mais profundas do que as da Terra; seja qual for a degradação aqui, o passar para a vida espiritual é um passo para fora dela; seja qual for o cativeiro nos sentidos, o passar para a vida espiritual é um passo em direção à libertação; para muitos é libertação total, pois muitos estão no cativeiro do cuidado, e na sombra da pobreza e da necessidade — a terrível sombra que o pesadelo da Terra lançou à sua volta, e pela qual não são individualmente responsáveis. Mas estai certos de que, acima de tudo, as mãos acenando de espíritos e anjos ministrantes estão sempre estendidas para vos ajudar.

Se o Espiritualismo pinta esta sombra na sua verdadeira relação é porque há luz suficiente para a superar. Se o Espiritualismo retrata as celas de masmorra dos sentidos, é porque há o glorioso sol que é todo-competente e todo-potente para dominar; se pinta cada estado individual, é como parte do crescimento do indivíduo; se retrata a sombra individual é porque, dentro de cada espírito humano, quer incarnado quer desencarnado, há uma parte dessa luz divina, uma porção dessa verdade eterna, esse fogo inextinguível que um dia redimirá o espírito e o libertará do cativeiro dos sentidos, e lhe tecerá, de dentro, vestes de luz que serão mais brilhantes do que todo o ouro da Terra.

Inteligentemente, conscientemente ajudada por todos os altos propósitos do espírito, esta verdade pôs-se a trabalhar através das vidas individuais, através dos espíritos dos vossos amigos que partiram, através de anjos ministrantes e mestres em todas as avenidas da existência humana, para desencadear a humanidade — para libertar os vossos espíritos do cativeiro do credo, do dogmatismo, do materialismo, da dúvida e de todas as prisões cativantes que vos rodeiam no mundo de hoje.

Quando assim libertos, eis que os infernos se afastam; o hades já não existe quando não está no espírito humano; e Lúcifer, com as suas línguas de fogo ardentes e bifurcadas, transformou-se num anjo de luz, que leva a mensagem da manhã sobre as terras sombrias da Terra; que, triunfando

sobre toda a escuridão da vida humana e sobre os estados espirituais sombrios, ensinará ao homem a vitória que vem apenas da conquista pessoal.

BENÇÃO

Assim como a gloriosa luz do sol dissipa as sombras da noite terrena, que a luz do amor e da verdade espirituais dissipe as sombras em cada coração humano e conduza todos à luz da eternidade. Ámen!

"ESPÍRITOS NA PRISÃO:" COMO É QUE JESUS OS ALCANÇOU? COMO HAVEREMOS DE OS AJUDAR?

"Ele foi e visitou os espíritos em prisão." A explicação que se segue por Pedro é: que aqueles que foram desobedientes nos dias de Noé foram aprisionados, ou eram "espíritos em prisão."

"Noé", na interpretação real, significa a terminação de um ciclo. É interpretado como "movimento" ou "repouso". Estas duas palavras são inteiramente opostas ou divergentes em significado; mas a palavra significa realmente a conclusão, o cumprimento do ciclo ou "aliança". A arca (arca) é a aliança, ou é a porção do círculo que é descrito pela grande revolução astronómica em torno do sol central e, portanto, era conhecida como um período, um período glacial.

Os que não estavam prontos para a Dispensação que precedeu o ciclo noaquiano, mas estavam aproximadamente prontos para os ensinamentos de Cristo, foram evidentemente aqueles a quem Jesus visitou.

Durante os três dias, dizem as tradições da Igreja primitiva, em que o corpo de Jesus estava no sepulcro, o seu espírito visitou os espíritos em prisão. Sem dúvida a Igreja primitiva tinha registos muito diferentes destes acontecimentos dos que foram trazidos para o Novo Testamento, os quais são muito escassos. Significa que, durante o tempo, ou porção do ciclo, em que há aparentemente a animação suspensa da vida do Cristo, os espíritos que não saem completamente das trevas, mas que podem estar prontos à medida que são iluminados — e os muitos espíritos que passam para a vida espiritual sem o conhecimento, tecnicamente, das coisas espirituais, mas que estariam prontos se isso alcançasse a sua compreensão humana — tais estão prontos para sair das suas prisões espirituais na vida espiritual.

Claro que "espíritos em prisão" não significa que estejam por detrás de barras, ferrolhos ou em masmorras, mas sim as condições ou estados que os acompanharam para a vida espiritual. Segundo os Ensinamentos da Alma, e evidentemente segundo os ensinamentos primitivos do Cristianismo, não podem ser dados grandes passos novos na vida espiritual, mas o espírito, se estiver pronto (tendo estado em erro) para a iluminação, pode conhecer o seu erro depois de o corpo ter regressado à terra tão bem como antes.

A visita aos espíritos em prisão, naturalmente, não poderia ter sido em escárnio; tinha de ser para lhes fazer bem, para lhes dar encorajamento, para lhes falar de outros ciclos em que poderiam encontrar melhoria, o que não haviam encontrado antes na Terra. Mas tudo isto, naturalmente, foi velado na Igreja moderna. Não só os primeiros Padres cristãos da Igreja o suprimiram, como também não constituiu qualquer porção da formação dos mestres cristãos depois dos primeiros ou segundos séculos da era cristã. Toda a instrução nesses séculos era transmitida oralmente.

Os primeiros discípulos e os seus descendentes ensinavam oralmente; Paulo era o único erudito entre os discípulos, e a sua formação vinha de fontes judaicas. Os ensinamentos de Pedro eram mais diretos e simples, como os de João e de alguns dos outros discípulos; mas os seus ensinamentos não foram preservados porque não eram, em erudição, iguais aos de Paulo. Portanto, temos a interpretação paulina do Cristianismo em vez da de Pedro, João e Tiago. Claro que Lucas também era instruído, mas grande parte da história fica lançada em dúvida. Os ensinamentos diretos de Jesus, porém, parecem estar bem preservados nos ensinamentos essenciais aos discípulos e no Sermão da Montanha e na Oração do Senhor.

Mas este tema dos Espíritos em Prisão é muito raramente aludido nos púlpitos cristãos ortodoxos, porque implica a possibilidade de uma mudança após a morte para aqueles que nunca ouviram o nome de Jesus, o que não está de acordo com os ensinamentos do Cristianismo Evangélico moderno acerca da alma. Porque, claro, quanto a datas, é necessário colocar o dilúvio noaquiano muito antes do período em que a interpretação judaica e cristã fixou essa época. É preciso fazer deste facto literal um ciclo. Depois é preciso compreender que estas convulsões cíclicas são periódicas e que também são acompanhadas de grandes efusões espirituais, e que os "Espíritos em Prisão" de um ciclo se tornam, provavelmente, os que são libertados para uma verdade no seguinte.

Isto é, todos os cristãos desobedientes de hoje, que fazem guerra, que praticam injustiça contra o seu próximo, mas que sabem melhor, pelos mandamentos e ensinamentos de Jesus, são e serão espíritos em prisão, e não serão libertados até à próxima grande mudança cíclica.

As pessoas que foram desobedientes nos dias de Noé, nesse ciclo que precedeu a grande catástrofe glacial — o dilúvio noaquiano — não foram mais desobedientes às leis primordiais de Moisés — à lei de amar o teu próximo como a ti mesmo — do que os cristãos são desobedientes à lei primordial da Regra de Ouro, ou do retribuir o bem pelo mal, que é o ensinamento essencial de Cristo. Não é simplesmente a "Regra de Ouro": "Faze aos outros como quererias que os outros te fizessem", mas "Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros." É o retribuir o bem pelo mal.

O vencer o mal com o bem. Que igreja cristã hoje condena as preparações para a guerra? Muito poucas. Que nação cristã hoje suspende as suas preparações para a guerra? Das onze nações que submeteram as suas reclamações contra a Venezuela à arbitragem, à grande arbitragem internacional, apenas três estavam prontas para ir à guerra por causa das suas reclamações, e essas três que estavam tão prontas para ir à guerra foram as primeiras a receber consideração. Serão as grandes arbitragens internacionais intimidadas por nações belicistas? Devemos, então, considerar que este grande desiderato do século XX — abolir a guerra — é impossível?

Claro que é uma grande coisa ter onze nações dispostas a arbitrar. Mas, se fosse um assunto de grande vulto, arbitrariam?

O Czar da Rússia está ansioso pelo desarmamento das nações. A sua nação desarmou? Toda a Europa cristã e a América cristã estão a preparar-se para a guerra. As nações que não estão realmente empenhadas em guerra estão a preparar-se para a guerra e estas, como dito antes, quando chegar a grande catástrofe que agora se aproxima da Terra, serão os "espíritos em prisão."

Os que são desobedientes nos dias deste Noé, deste ciclo, deste estado de movimento, deste intervalo de repouso entre os grandes períodos cíclicos quando a palavra da verdade foi dita. Muitas almas responderam a essa verdade; recusaram fazer guerra. Muitos dos primeiros cristãos elevaram-se acima do espírito de contendas nacionais ou individuais; muitas pessoas que dissentiram das igrejas cristãs "regulares" objetaram à guerra: George Fox e

os Quacres, Madre Ann Lee e os Shakers, e alguns poucos não-resistentes que têm estado espalhados por toda a Cristandade e que objetam a guerras de agressão ou mesmo a guerras de defesa.

William Lloyd Garrison, na sua agitação anti esclavagista, recomendou nenhuma contenda. O conde Tolstói é um "não-resistente", embora falando e escrevendo palavras que trespassam como uma espada todas as formas de erro que existem no mundo. Tendes um homem na prisão em Ellis Island (à data desta fala John Turner ainda se encontrava preso) neste país "livre" desta nação "livre", que é um não-resistente, mas chama a si mesmo "anarquista". Os cristãos eram anarquistas nos seus primeiros dias; lançaram as sementes da dissensão que se espalharam entre o povo e os separaram da igreja estabelecida na Judeia. Eram os que declaravam os princípios de autogoverno. Jesus enunciou que o espírito em si deve ser puro antes de poder haver pureza de expressão, de ação. Tudo penetrava na vida do indivíduo, e ainda hoje estas nações cristãs falam e ensinam como se o seu tipo de cristianismo fosse o que salvará o mundo.

Como serão salvos quando o "Príncipe da Paz", o grande mestre do Olivete, convocar os que realmente o seguiram? Serão convocados esses reis? Será convocado o Imperador da Rússia, chefe da Igreja Grega? Serão convocados todos os reis e governantes e chefes da Igreja Romana? É certo que algumas luzes fulgurantes têm esperado estabelecer a paz sob a cúpula de São Pedro. É certo que alguns cantaram e ensinaram como Savonarola, que ensinou como outros no seu tempo, trazendo esperança e luz, assim como o fez alguém na igreja que seguiu Garibaldi ("ergo Bassi") e deu grande esperança à humanidade.

(NT: Provavelmente queria dizer Ugo Bassi, que foi um padre católico e fervoroso patriota durante o movimento do Risorgimento — movimento de unificação italiana.)

Estes serão convocados. Mas aqueles que colocaram armas nas mãos de outros cristãos para destruir outros povos, os que fizeram de quase cada palmo do solo da Grã-Bretanha o campo de batalha de duas igrejas cristãs conflituantes, os que devastaram Itália e Espanha e entregaram a França a dissensões indizíveis, os que agora aguardam com olhos como aves de rapina os resultados no longínquo Oriente para ver que bocado lhes será repartido, os que, nesta terra ocidental, não têm a força ou a coragem da grande luz de

liberdade e prosperidade para erguer a voz e as ações ao plano mais elevado do direito moral e de não combatentes.

Cada palmo das costas que se estendem ao longo do oceano Pacífico de um lado e do oceano Atlântico do outro seria guardado por hostes de anjos se ali não houvesse fortalezas, nem canhões. Não há nação no mundo nem combinações de nações que atacariam um país suficientemente forte para dizer: "Não terei parte nem porção nestas guerras de agressão e conquista", mas estes são os filhos desobedientes nos dias do novo Noé, e a grande "Arca da Aliança" que está a formar-se, e o círculo, ou a porção do círculo que está a ser descrita pelo vosso sistema solar, traz-vos ao período de acerto de contas.

O ciclo está cumprido; as nações foram avisadas. A Estrela do Império já não pode dizer-se para ocidente, pois deu a volta ao globo.

Agora, que haveis de fazer com os espíritos em prisão que prenderam a estas guerras, estas ambições, estas desolações, a raça humana? Os espíritos em prisão que, por causa do seu egoísmo e busca de si, clamam por mais guerras; que tomam os mais humildes dos seus súbditos para fazer guerra a outras nações e enviam os seus mais esclarecidos para a Sibéria! Há uma Sibéria em cada nação.

Tudo isto significa que a visita aos espíritos não foi apenas para aquele dia e aquele tempo. Pessoas que estão "quase persuadidas" a serem cristãs; pessoas que estão quase prontas a abandonar a busca de si e todo este esforço egoísta; pessoas que não são vingativas, que entendem que o erro e a prática do erro trazem as suas próprias penas, entendem que, se estes pudessem ser reunidos — os que estão espalhados por toda a terra — seriam apenas um punhado noaquiano; mal haveria mais do que os enumerados como sendo "salvos" na Arca.

Esta Grande Aliança não foi uma coisa literal; esta Arca de Segurança não foi coisa material. Os grandes princípios da vida que foram levados adiante aos pares não eram animais literais, mas a Grande Promessa Sideral de que nada se perderia do que fosse essencial ao ser humano e ao transporte adiante das coisas essenciais à vida. Essa é a "Arca da Aliança", e isso é o que será no próximo período glacial. Mas quantos espíritos haverá? Não só aqueles que são desobedientes ao que intelectualmente compreendem e ao que moralmente professam ensinar, mas aqueles que estultificam as suas convicções repetidas vezes. Esses são os espíritos em prisão hoje.

Se Jesus viesse à Terra neste momento, pregando a Regra de Ouro aos líderes das nações e àqueles que levantam exércitos e aos que fornecem os armamentos da guerra, quantos seguidores teria? Conseguis contá-los? Nós conseguimos. Os "cento e quarenta e quatro mil", esse é o número simbólico nesta dispensação; o registo cabalístico externo dos que estão prontos para o Cristo ou para o período noaquiano, ou qualquer que seja o símbolo do período de tempo em que uma verdade é enunciada. E todos os restantes estão em prisão.

Aqueles criminosos que enviais para a cadeia — muitos deles menos criminosos do que os grandes criminosos que estão livres no que respeita às vossas cadeias e penitenciárias — aqueles que enviais para o outro mundo pelo patíbulo não são o limite dos "espíritos em prisão"; talvez não estejam tão aprisionados quanto aqueles que os enviaram para lá; mas toda a vida humana, cada um sobre a Terra neste momento que nutre ódio ou vingança, ou procura agressão por despojo, ou deseja egoisticamente possuir aquilo cuja posse porá outro em risco; todo o que se envolve num tráfico que, por assim fazer, rouba a outrem; qualquer um que seja vítima do medo, do ódio ou da malícia; quem vive numa casa de prazer egoísta, quem se busca a si mesmo, quem é demasiado justo aos seus próprios olhos, quem procura a salvação egoistamente — está em prisão.

Há quem esteja à beira de uma mudança. Foi um predecessor do atual Czar da Rússia que recebeu uma iluminação que veio sob a forma da liberdade dos servos; veio sob a forma do conhecimento da comunhão com os espíritos; veio sob a forma de uma promessa de maior liberdade, e essa promessa foi cumprida; mas o atual Czar, com todo o seu horror à guerra, é impelido pelo precedente da sua nação e pelos seus generais e conselheiros em lugares de poder, de tal modo que é incapaz de seguir os preceitos da consciência. Mas eles serão seguidos por ele. Entretanto, os espíritos daqueles cujos corpos estão aprisionados na Sibéria hão de cumprir a sua obra. Os seus corpos serão libertados. Uma grande nação do Norte surgirá, como se vinda dos salões de Odin, e libertará essas mentes maravilhosas e prodigiosas, algumas das quais esperam há mais de meio século para ver a luz da aurora.

Como visitareis os espíritos em prisão? Mulheres lamuriosas e sentimentais, que não suportam a mais leve coisa que seja ofensiva, visitam os tribunais para fitar os criminosos e ouvir o depoimento contra eles, que não tocariam numa Madalena nas ruas com a orla da sua veste, nem fariam

algo para visitar os realmente aprisionados na dor e na vergonha. O mundo enlouquece por algum sentimento fictício, enquanto a grande corrente subterrânea da dor humana continuada é negligenciada.

Mil milhões de pessoas morrem espalhadas por toda a terra, e ninguém as chora, exceto os seus amigos mais próximos. Um incêndio provoca luto para a cidade e a nação, mas quem se importa com as mulheres e crianças japonesas, as mulheres e crianças russas, as mulheres e crianças de todo o mundo que são sacrificadas quando os seus filhos, pais e maridos descem à batalha! Estes são os "espíritos em prisão" que o Cristo de toda a verdade e amor está a considerar hoje.

Este é o grande período entre o "movimento" e o "repouso" do dilúvio cíclico, e o mundo é convocado pelos grandes anjos visitantes. Eles não se colocam nas torres dos navios a observar qual couraçado irá ao fundo; não se colocam com os generais na frente dos exércitos para ver qual exército será vitorioso, mas estão onde as grandes asas brancas de misericórdia e amor prevalecem, seguindo com amor na esteira dos exércitos, seguindo com mensagens de consolo aos enlutados, seguindo com o que quer que convoque as nações a um pensamento acerca do que é mais alto e melhor do que a ganância ou o lucro egoísta.

Supondes que o espírito do Cristo estava com o imperador da Alemanha quando ele agradeceu a Deus pelo seu e pelo sucesso de Deus em batalha? Supondes que o espírito do Cristo está com a Rússia ou com o Japão — a Rússia conhecendo o Cristo, o Japão dobrando o joelho ao manso ensinamento de Buda Gautama — ou que quer Cristo quer Buda empunham o estandarte desses exércitos contendores?

A humanidade cresce rapidamente, e o espírito do Cristo está a visitar os que estão em prisão, sussurrando aos que têm sido desobedientes por medo da verdade, ensinando os que estão prontos a ser ensinados; e do redemoinho da guerra e da catástrofe dos elementos surgem os que estão prontos. Nas torres de vigia do tempo, ou descendo às cavernas da dúvida e do medo humanos, esses Anjos do Poderoso Mensageiro visitam hoje a Terra.

Se a vossa nação fosse chamada às armas para defender as suas possessões no Oriente, responderíeis? Alguns de vós dizem "Sim", alguns de vós dizem "Não". Mas quem quer que respondesse é espírito em prisão. Desobediente à lei primordial da existência da vossa nação. Dizemo-lo a vós. Di-lo-íamos ao chefe da nação se tivéssemos oportunidade. Di-lo-íamos a cada

legislador da nação. Dizemos agora que, se Washington, Jefferson ou Lincoln aqui estivessem em forma corporal, diriam: "Mantende-vos fora do Oriente; nada tendes que ver com o Oriente."

Contudo, as correntes e grilhões dos "Espíritos em prisão" estão sobre a nação, e o povo sente, e é levado a crer, que são patriotas quando são apenas escravos.

Daqui a pouco a grande contenda cairá sobre vós; pouco a pouco a guerra alastrará; pouco a pouco procurareis recuar e não podereis, e a grande catástrofe humana será precipitada, assim como a grande catástrofe física está a ser precipitada. Então as "montanhas de segurança" e refúgio estarão ocultas aos vossos olhos. Então chegará o grande período de acerto de contas. Quem estará pronto para a Arca de Segurança? Quem dirá: não matei um destes "pequeninos"! E Cristo, o Grande Espírito de toda a Verdade — Jesus, Buda, Zerdhurst, quem quer e o que quer que ele seja — olhará por sobre as nações da Terra e terá piedade dos "Espíritos em prisão."

Arrastados pelas tempestades da guerra; arrastados pelo egoísmo do esforço humano e arrastados pelas tempestades dos elementos estão muitos, e, sabendo que tais como estão quase prontos podem estar à espera de ouvir a voz, admirais então que o espírito do Cristo tenha visitado os que estavam em prisão? Admirais que os mensageiros dessa Luz Sagrada achem de facto difícil buscar e encontrar as prisões daqueles que estão nas trevas? Admirais que a voz da verdade não seja mais de bom grado recebida? Admirais que a Terra, gemendo e agonizando pelo que não tem, não esteja suficientemente esclarecida para perceber o que procura?

Oh! a grande verdade do Olivete! Se ela pôde descer, através das eras intermediárias, aos desobedientes do passado dilúvio noaquiano, assim possa a luz desse amor perfeito, por fim, alcançar as almas que hoje estão nas trevas: os reis e governantes, os homens poderosos, os chefes de exércitos, os conselheiros de guerra e os criadores de guerra — que eles sejam finalmente alcançados.

Quando o grande ciclo voltar a completar-se e o Oriente for o Ocidente; quando aquilo a que agora chamais o "Novo Mundo" for o velho mundo; quando, do poderoso Oriente, brotar uma nova e forte nação que porá em fuga esses antigos agressores; quando a Nova Alvorada ou Nova Luz surgir ali como aqui; quando os olhos amplos (por muito tempo adormecidos) do Oriente despertarem; quando as marés pulsantes deste grande e maravilhoso

destino humano voltarem a alcançar as suas praias e as novas terras ao longo do mar forem povoadas por uma nova raça que expulsará da face da terra essas nações bárbaras (não) cristãs; então o espírito do Cristo visitará os espíritos em prisão — aqueles que foram desobedientes nos dias da Grande República da Terra, que teve oportunidade de conduzir os povos da Terra por caminhos de paz, mas não o fez.

VINHO NOVO EM ODRES VELHOS

Berkeley Hall, Boston, 22 de Fev. de 1880

Não sou dos que se apegam à forma. A substância de Deus é espírito. A luz revela-se-nos em muitas formas. A sua verdade é eterna, mas o modo da sua expressão à humanidade tem de diferir em cada época, conforme a necessidade humana. Se esperamos que a criança, em anos mais maduros, vista as roupinhas da infância, ou que a avezinha volte à casca de onde saiu, ou que, tendo construído habitações melhores, a geração presente volte à humilde choupana dos antepassados, então poderíamos também esperar que a verdade tomasse as suas formas habituais na Terra, em vez de criar métodos novos e sempre vivos de apresentação.

Cada um de nós teve, a seu tempo, os seus odres velhos, em que desejou colocar o vinho novo do reino espiritual. Esses vasos bastavam para o estado infantil, bastavam para a nossa educação tolhida e estreita. Mas, quando uma nova verdade toma posse da mente, se procurarmos aferi-la pelos antigos marcos, se procurarmos medi-la pelos antigos ajustamentos, descobrimos que falta algo à capacidade dos nossos métodos de pensamento, e ou a mente cresce, ou a verdade sofre.

Nunca ouvi dizer que os seres humanos são moldados para caber nas vestes ou na roupagem que os cobre; nunca ouvi dizer que a cabeça ou o pé humanos se alterem para se adaptarem à cobertura que lhes é destinada; mas muitas vezes me disseram que cada nova ideia deve ser moldada às velhas formas de pensar e que só devemos ter as interpretações que estejam em conformidade com a letra estabelecida da lei. Quando, no tempo em que a educação da igreja me levou, na vida terrena, a apoiar o pé sobre os odres velhos do poder eclesiástico, nesse tempo o vinho novo do espírito acendeu o seu fervor e fogo por todo o mundo protestante, e a voz do dissidente era a voz da inspiração.

Levámos avante esse vinho; povoámos a mente humana com novos pensamentos e pertenças… o amor de Deus e também o seu temor possuindo as nossas mentes; mas, acreditando no que a igreja me ensinara, de modo algum poderia ser fiel a essa convicção sem esforço maior do que o nascido do mero poder eclesiástico. Crendo no inferno, faria o meu máximo para salvar a humanidade dos seus perigos. Chamá-la-ia nas estradas e veredas; suplicaria nas praças públicas e em lugares privados. Diria: "A palavra de Deus e o amor de Cristo são oferecidos para a salvação humana."

Sabendo agora que isso é falso, conclamaria a humanidade a colocar o seu vinho novo num recetáculo adequado; que, tendo o amor em vez do temor, tendo a salvação como crescimento e não como herança concedida por sacrifício inocente, tendo o dom e a inspiração da profecia para fazer e ser tudo o que foi prometido à humanidade, certamente faltaria ao mais premente dever se, nesta hora, deixasse de vos rogar que abandoneis as vossas antigas habitações, deixeis a casca, as vestes já pequenas.

Não confundais a letra com o espírito e lembrai-vos de que cada vindima do Senhor é adequada às suas próprias necessidades. Levando convosco algo para uma peregrinação a uma terra distante, percebeis depressa que os hábitos e costumes do país requerem que vos adapteis às suas pertenças, e deixais para trás os arreios da vossa civilização, trocando-os pelos modos do árabe, ou pelos modos dos habitantes da Kamtchátka, pois, tendo sido testados nesse país, são os mais desejáveis. Mas, ao regressardes, não vos sobrecarregais com esses modos na vossa própria terra. O mesmo é verdadeiro de todos os métodos de expressão humana. A linguagem em si não contém ideia. Uma palavra é destituída de sentido, e toda a religião humana está edificada sobre o pensamento — o pensamento errado — de que palavras são ideias.

Os mestres fariam bem em lembrar-se disto. Em crianças, memorizastes páginas sem que as acompanhasse um pensamento, e o método de memorização era aquele processo mecânico necessário para treinar a mente à facilidade na expressão de ideias quando as ideias chegassem. A igreja cometeu o erro de ensinar métodos e suprimir o crescimento das ideias. Temos uma igreja com corpo perfeito, sem alma; as igrejas dissidentes tiveram alma no princípio, e estavam imbuídas do forte espírito de Lutero, avermelhado pelo pensamento sanguinolento de Calvino, tornado intenso e fervoroso sob a inspiração de Knox — mas a igreja que delas resulta, neste dia, tem corpo sem alma, forma sem espírito, expressão sem significado, e

segue rapidamente na esteira daquela igreja-mãe que pôs o selo do silêncio sobre a inspiração humana, a bem de levar por diante as guerras e contendas políticas do mundo civilizado.

Agora estamos no meio de uma nova dispensação; agora somos coroados com uma nova herança; agora a vida do espírito cresceu até dar fruto, e a vindima de Deus rendeu a púrpura glória de uma nova fé. Diremos que isto tem de se conformar a métodos antigos? Diremos que não o aceitaremos a menos que fale a mesma palavra e expresse a mesma linguagem do passado? Não lembraremos que muitas vezes podem os espíritos nascer na Terra como profetas, como Messias, com novo rosto e semblante, mas tendo sempre essencialmente a mesma alma? E não lembraremos que hoje trabalhamos não para formas, mas para espírito? As formas são os resultados do espírito que as requer, e não devemos confundir a imagem gravada do tempo passado com a alma de adoração que possuía o devoto. Esquecemo-nos de que todo o espírito é ressuscitado; que, após séculos, os antigos templos e altares já não são possuídos por almas vivas.

Tal como o dia do juízo, em sentido literal, é transferido do corpo para o espírito, assim os habitantes das sepulturas já não se levantam em sombria zombaria para assombrar, com visões fantasmagóricas, os que, em horas noturnas, frequentam os lugares do seu suposto domicílio. A ressurreição dos mortos é espiritual. Não buscais os vossos amigos nos sepulcros, mas nos céus. Não os esperais na cova, mas eles vos esperam nos reinos do espírito, e essa vida, nascida do espírito, já não pode ser transferida ao sepulcro escurecido, tal como a verdade não pode ser transferida para as formas antigas que se tornaram exangues e mirraram por falta de expressão.

Isto não é novo, mas é um prefácio à sua aplicação individual. Somos propensos a supor que as instituições têm culpa daquilo que, na verdade, os indivíduos acalentam em segredo. Se cada indivíduo não tem a sua forma de igreja ou credo, um odre velho de fé teológica ou dogma a que se agarrar, cada alma individual tem os seus odres velhos: alguma forma peculiar de mentalidade; algum sofisma intelectual; alguma linha de argumento; algum credo prevalecente em ciência, ao qual um pensamento há de ser ajustado, pertença ali ou não. A teologia está menos em risco de receber a nova verdade nos seus velhos métodos do que a humanidade em risco de colocar a nova verdade nos odres antigos do materialismo — dessa forma de intolerância que hoje ganha mais convertidos do que a Igreja e continua firmemente a ganhar terreno no vosso meio.

Refiro-me, com isto, à falácia da prova científica em matérias espirituais. Essa falácia é um odre velho dos estoicos, dos materialistas, dos escolásticos, que acompanharam a Igreja desde o princípio. Essa falácia não só nasceu por volta do tempo da Igreja, como também avançou ao longo da linha dos chamados filósofos: não Sócrates, não Platão, mas os escolásticos que, não tendo derivado espécie alguma de inspiração da sua associação, perseguiram os mestres da verdade espiritual dentro e fora da Igreja, e expuseram ao escárnio o próprio fundamento do pensamento e da religião.

Aqueles notáveis eruditos alemães, inconscientemente, enfraqueceram a verdade da Reforma procurando moldar o pensamento do mundo dentro do estreito compasso dos seus postulados individuais. Este sofisma anda pelo país. A teologia está quase ultrapassada e o mundo está escaldado com essas formalidades sem fim e com essas meras palavras. O espírito da verdade cristã, neste momento, está alto, livre e claro de preconceito e sectarismo, em comparação com a verdade que, nesta hora, os homens procuram entortar e perverter para os estreitos canais do ajuste materialista.

Filosofia é uma coisa, mas ciência é coisa bem diferente. Exigir que um espírito se dobre e se incline ao mando de uma fórmula externa, que nada pode ter que ver com determinar a natureza de um espírito, não mais do que um telescópio pode ter que ver com decidir as propriedades químicas do solo que pisais, é insistir em algo que não é possível nem mesmo na vida humana: pois nem uma em mil das manifestações da mente, na vida terrena, é passível da prova da ciência humana; nem uma em mil das demonstrações do intelecto humano jamais foi ajuizada pela fórmula de qualquer escola científica.

O mundo continua a pensar, ainda que não no cadinho; o mundo continua a agir, ainda que não nas balanças do laboratório ou do cientista; o mundo continua a escrever, a falar, a amar, a odiar, a guerrear, a avançar na vida, e tudo sem referência à fina balança do sofista ou da escola materialista de pensamento, que procura insinuar-se em todos os canais da investigação humana. Hão de os espíritos fazer aquilo que é impossível à natureza do espírito realizar, e que diminuiria o valor do espírito como parte integral do universo, se o pudesse realizar?

A demonstração de espírito para espírito é a lei natural do desdobramento, e o que quer que seja dado aos sentidos humanos para discernir é apenas para chamar a atenção primeiro; é apenas para mostrar

alguma coisa, mas não para dizer o que essa coisa é, salvo quando o método é revelado de espírito para espírito. Profecia, inspiração, poder espiritual, o amor de Deus pelo homem, a relação fraterna entre almas — tudo isto é demonstrável por métodos espirituais; e quem insiste em provas por métodos materiais pede que os espíritos sejam matéria, que Deus seja barro e que a humanidade seja, afinal, aniquilada.

A palavra viva do Deus vivo é o que testemunhamos, e essa palavra não se limita à voz da inspiração sobre o Sinai ou o Calvário, não se limita à letra da lei revelada a Moisés ou a João, mas mostra o espírito dessa palavra e diz que é preciso preparar uma nova veste para a nova dispensação; como uma noiva adornada para o esposo, sois ordenados e recomendados a receber a verdade. Como alguém com novas vestes sois convidados a aproximar-vos do novo reino espiritual. Como alguém com as lâmpadas bem acesas da inteligência e do pensamento, como virgens de coração puro, como os que estão revestidos da fina veste branca do espírito, sois ordenados a sair ao encontro do Cristo que há de vir.

Depondo as sandálias empoeiradas dos séculos, depondo a túnica gasta do apóstolo ou discípulo, depondo as vestes rasgadas e esfarrapadas do materialismo, depondo aquilo em que a igreja vos envolveu como crianças, quando não podíeis ainda andar — não mais considerando estas coisas — deveis superar a forma e não esquecer o espírito. Deveis lembrar-vos de que o espírito é ressuscitado, como Cristo do sepulcro, como os santos dos seus túmulos, como Moisés e Elias no Monte da Transfiguração, como os anjos que falaram a João em Patmos.

Deveis lembrar-vos de que cada palavra de testemunho que o passado contém foi uma palavra viva quando foi dita; que, como palavra morta, nada vale, a não ser que a inspiração esteja convosco nesta hora. Que! haveis de comer a palha quando o trigo já foi todo colhido? Haveis de alimentar-vos da palha e das cascas, quando buscáveis o grão do espírito? Haveis de contentar-vos com a casca exterior, quando o fruto já foi todo colhido pelos que vos precederam?

A voz do espírito é uma voz viva. Desce pelos séculos e abre novas fontes de verdade de era em era. É totalmente do espírito; sobreviveu à ascensão e queda dos reis; ocupou o seu lugar no ar superior. Está para além da dispensação dos homens; viveu apesar dos ataques de reis e sacerdotes, nem a igreja da pátria, nem a igreja em Inglaterra tiveram poder para deter os seus

sublimes elementos espirituais. Ainda que envelhecida, a antiga igreja-mãe jaz adormecida no seu sepulcro, ostentando a simulação dessa vida que percorre as terras de oriente a ocidente, mas sem atender à voz do espírito; ainda que a igreja-mãe em Inglaterra jaz adormecida, enquanto os seus filhos rastejam sobre e sob ela, e sobre as suas sepulturas gastas pelo tempo erguem as novas estruturas do Materialismo e do Espiritualismo.

Não há meio-termo, só há verdade. Não há lugar de descanso. Hoje é espírito ou matéria; é alma ou corpo; é barro ou Deus. Não é um compromisso entre corpo e alma, o credo emergindo parcialmente para a nova vida e o espírito acorrentado e amarrado à velha linha de fogo. Rompemos os grilhões: estamos livres. Como disse Paulo: "A verdade nos libertou." Nenhum homem pode ser escravizado se tem a verdade; nenhum homem pode ser livre se está escravizado pelo erro.

O corpo acorrenta a alma até que a alma parta; quando parte, já não há cadeia. Rompeis o cativeiro do medo; já não podeis ser assombrados por terrores de cemitério, logo que estejais conscientes de que anjos vos ministram. Não há dúvida do Infinito quando o amor toma posse da mente, e a alma torna-se forte na comunhão com Cristo, quando somos batizados no espírito do seu amor e esquecemos o medo dessa escuridão e desse fogo que vinham sem o amor.

Oh, que nascimento acrescido é este! Fomos reanimados da noite da morte pelo terror do abalo do terramoto. Agora nascemos para o reino celeste pela calma divina da primavera perene, pela glória dessa vida e desse amor que iluminaram o mundo com o fulgor da promessa espiritual: sem coroa ou cetro de poder exterior, sem nada que os reis da terra possam cobiçar, sem nada a que reis e príncipes possam prestar homenagem, sem nada em que cortesãos possam bajular, mas com a voz viva da verdade a falar através das eras — não do Calvário, mas do Olivete; não do Olivete, mas do Monte da Transfiguração; não do Monte da Transfiguração, mas do espírito, do ar supremo e puro, onde o espírito habita independente do pó, e o corpo, preso à terra, dele é separado para sempre.

Dai lugar ao vinho novo! Rompei os grilhões do medo! Afastai o cativeiro do terror, a escuridão da dúvida, a abjeta adoração de formas materiais! Estou aqui para vos proclamar o espírito. Refiro-me a vós, espiritualistas. Refiro-me a vós que tendes o vinho do novo reino a destilar e a trabalhar nas vossas veias. Refiro-me a vós cujas mentes foram iluminadas. Não levaremos

os sepulcros para a vida espiritual connosco. Não carregaremos fardos corporais; o espírito já tem o suficiente para carregar de si mesmo.

Lembremo-nos de que o dia do juízo é no espírito; que está sobre nós agora; que cada coração está a ser sondado e cada vida testada; que é de vós, e não do vosso credo, que se necessita; que é da vossa vida, e não do vosso credo, que há peso; que é do vosso espírito, e não da forma de fé em que fostes criados, nem das escolas de filosofia em que fostes ensinados, que há valor no reino dos céus; que a vossa alma, nesta hora, está a ser convocada para se destacar do meio das suas pertenças e dizer se a imortalidade é verdadeira ou falsa; e, estando só, sem auxílio de voz de Igreja ou de Estado, a capacidade individual, neste momento, está a ser testada quanto à verdade. Não temos números; já somos inumeráveis. Não temos poder calculado, porque temos o poder do espírito.

A Igreja Romana teme o Espiritualismo porque este não tem credo. A Igreja Protestante teme-o porque este não tem números. Ele infiltra-se em toda a parte; penetra todas as comunidades; está vivo em cada coração; é o alimento em cada família e junto a cada lareira. É o vinho novo. Preparai os novos odres para o receber. Não cometais o erro de supor que será enxertado em qualquer forma antiga de pensamento, sobre o terror que acariciastes, sobre a vossa particular fraqueza que vos é tão própria. Sereis descobertos. Haverá uma revelação. Descobrireis que haveis de nascer de novo para a nova verdade; que o antigo nascimento e os antigos pensamentos e pertenças não bastarão.

Um botão não serve para a flor adulta, nem a flor serve para o fruto. Nem o reino do espírito pode ser enganado nisto. Ireis ceder, um a um, esses caprichos individuais. Um a um, os prediletos especiais da vossa fantasia serão dominados e postos de parte. Um a um aprendereis que a verdade exige que sejais totalmente e inteiramente livres. Dai-vos absolutamente à verdade. Ela reclama-o. Não temais; nunca vos enganará. É a única guia.

É a hesitação que faz tropeçar o pé. Quem hesita, ou teme, ou se desvia no meio do mais elevado voo, cai no pó e tem de começar de novo; ao passo que quem, com passo certeiro e inflexível, segue onde a verdade o possa levar, seja à masmorra ou ao cadafalso, seja ao louvor ou à censura — ambos são igualmente irrelevantes: o reconhecimento do espírito é dele. Ele pertence-lhe por inteiro. O espírito permanece com ele. Cria as suas próprias pertenças; cria as suas próprias vias de expressão; manifesta-se nas suas

próprias formas de fala. Será uma voz viva, não uma cerimónia morta. Será um poder vital e sempre consciente, a derramar a sua luz sobre o mundo com o fervor da nova dispensação.

ESPIRITUALIDADE, A LUZ DAS ERAS

Um DISCURSO proferido no Neumeyer Hall, Bloomsbury Mansions, Hart Street, Londres, W.C., pela SRª C. L. V. RICHMOND, sob a influência dos seus guias espirituais, na noite de domingo, 10 de Outubro de 1880.

Há períodos apregoados de civilização humana em que o Intelecto atinge as suas maiores alturas, e em que o homem adora no altar de uma intelectualidade material cujo poder e luz cintilantes quase poderiam levar o mundo inteiro a adorar. Tais períodos foram os do maior esplendor da Grécia e de Roma; cada um deles foi o do auge da civilização egípcia; e, no Oriente remoto, sem dúvida é verdade que houve pontos culminantes de grandeza intelectual de que as frágeis tradições e registos agora existentes não passam dos mais ténues lampejos comparados com a luz maravilhosa.

Se o intelecto for, sozinho, a salvação do mundo, e se, nesta era de aspiração intelectual e poder material, a mente do homem deva ser cultivada unicamente sobre proposições materiais, e a salvação do mundo de toda a sua escuridão, e desejos, e pecados, e lutas, deva assentar apenas no plano exato de uma conquista intelectual cintilante, então há algum valor nas proposições do Secularista, do Positivista, dos perseguidores desse grau de pensamento científico que, em troca da busca do homem, dá apenas átomo por átomo, apenas matéria última por matéria última.

Se for verdade que, em todas as questões relativas à ciência social, em tudo quanto afeta o bem e o mal do homem, há um equilíbrio intelectual exato a estabelecer, e que apenas pode ser determinado pela medição da faculdade humana através da ciência, então, de facto, as eras cintilantes do passado poderão bem parecer repetir-se, e estais de novo para emular a Grécia, Roma, Egipto e outros esplendores intelectuais. Mas foi no seio desses esplendores intelectuais que a ideia da imortalidade nasceu.

O platonismo surgiu de um amontoado de generalidades materiais, e, do culto ao intelecto, as sublimes proposições de Platão e de Sócrates vieram como anjos resplandecentes do meio das trevas que os rodeavam — não intelectualmente, mas espiritualmente inspirados e plenos de sentido divino.

Não o amor das eras helénicas; não as divindades que eram adoradas em altares temporais; não a Diana dos efésios; não os maravilhosos deuses e deusas nos seus templos materiais — mas o divino *Eros*, o Espírito do Amor, a Divindade Absoluta entronizada na natureza imortal do homem — este foi, em última instância, o alvo.

As escolas de pensamento no tempo de Platão encolheram e murcharam em insignificância comparadas com esse sistema que ele prenunciava. Onde estão agora os epicuristas? Espalhados, e os quatro ventos do céu não os podem ressuscitar, salvo no materialismo e nos departamentos mais graves da vida humana. Onde estão agora os estoicos, essa escola de filósofos que se encerrava numa armadura de fino aço — esse aço que era forjado das chamas estrondosas e martelos da vida intelectual, forjado por Vulcano, entretendo o Infinito vindo do céu, e faiscando fogo? Morreram em pó e cinzas, sem deixar nada para trás. Temos uma escola ressuscitada de estoicos nos positivistas da atualidade, mas quão diferente do antigo protótipo, quão sentimental e quase tola comparada com a antiga grandeza desse materialismo que preferia morrer no seu frio pétreo e gelado, a admitir sequer a ponta mais fina do sentimento.

As escolas alemãs de pensamento — quantas vezes trabalharam de novo cada átomo das escolas, até que, através de Kant, de Hegel, da longa linha de sofismas que o transcendentalismo entreteceu, ainda sois compelidos a tocar o fogo do espírito, e a colher de Goethe e Schiller não o materialismo, mas o batismo da inspiração. Quão maravilhosa é esta luz, em Calvário brilhando clara e palpável, iluminando esses campos sombrios da filosofia com o sublime ardor da simples verdade que rasgou ao meio todas as formas de materialismo e correu firme através da corrente da vida humana até ao próprio seio do século XIX.

O dogma cristão pode ter erguido montanhas de generalidade cintilante e de intelectualidade, como a filosofia o fez nos tempos antigos; mas o dogma cristão não é a verdade cristã, e o espírito da religião paira junto ao sublime cenotáfio erguido na Terra, e faz sentir e conhecer a sua presença na humanidade mais elevada da nação, no propósito mais divino do mundo, e nesse anseio infinito por um novo batismo de vida espiritual.

Quem foi Krishna, quem foi Buda, que, inspirados pelo sopro da vida divina, renovaram a força de Brama através do Oriente, e acenderam uma luz paralela à que brilhou no Ocidente? Lado a lado como chamas gémeas

contrárias ao materialismo de cada era. Krishna rasgou as trevas do Oriente, e Jesus culminou essa luz na Palestina. Quem foi Gautama, que, saindo dos salões principescos até ao nível daqueles que sofriam no espírito, para que pudesse aprender a sabedoria de Deus e provar o fervor do Nirvana — não aniquilação, como alguns pretendem, mas a essência divina de todo o repouso incarnado num poder infinito sem paixões, exaltado, divino? Jesus, no Olivete, inspirando consolo ao mundo oprimido pelo pecado e pela dor, derramou o seu sublime sermão que hoje se lê cristalino, apesar de mares de sangue cristão — hoje respira bálsamo de paz e esperança de aspiração e de inspiração para os homens.

Jesus no Monte da Transfiguração revela possibilidades da natureza humana feita divina pela presença glorificada das almas desencarnadas — anjos tornados perfeitos na luz da imortalidade — e revela a verdade de que, além do sentido, há uma compreensão mais alta. Jesus no túmulo, dobrado em repouso, enquanto o seu espírito visitava os que estavam em prisão. Jesus na ressurreição revela o poder do espírito sobre a matéria e a morte; e Jesus, em companhia dos seus amados discípulos, após a ressurreição, revela o poder da vida sobre a morte e a corrupção.

Que luz, então, brilhando mais claramente, elevou o mundo da escuridão? Foi o ceticismo e o sofisma das escolas? Foi o materialismo de um Egipto mergulhado em grandeza e poder intelectuais, derrubando os seus altares sagrados de culto? Foram as escolas da Grécia e de Roma? Não são nomeadas ao lado de Platão e Sócrates. Foram, digamos, as escolas de pensamento que podem ser retiradas dos seus cantos sombrios e lúgubres por algum rato de biblioteca dedicado, para depois voltarem a ser relegadas ao esquecimento original, sob a luz de uma presença iluminadora que é o espírito da verdade manifesto nos corações dos homens?

O intelecto fará muito pelo mundo. Construirá cidades e destrui-las-á. Erigirá instituições, igrejas, escolas de saber, edifícios, monumentos, e em alguma era esses serão demolidos. Circundará a Terra com as asas brancas das velas e com os motores ígneos, com a eletricidade, e com a mão do homem, e com os raios do sol, e com coisas ainda mais prodigiosas que estão para vir. Fará tudo isto, e o mundo será um ponto cintilante de pensamento, de onde as emanações da mente do homem faiscarão no espaço, revelando as possibilidades do intelecto humano. Fará isto sem o espírito? É o intelecto, por si, a vida que anima? Pode o homem fazer algo sem a presença inspiradora? Mas, sem essa presença, não seria tudo destituído de sentido?

E para que fim fará o intelecto isto? Supondo possível que o intelecto trabalhe sobre a matéria desprovida de espírito, vazia de alma, que o homem seja um mero mecanismo, que a formação intelectual seja o cérebro e que a única base do pensamento esteja nas suas várias células: para que fim fará o homem isto? Construirá o templo da Terra para que seja destruído de novo; levantará a grande estrutura da ciência para que se apague, e transmitirá às gerações futuras o cintilante mausoléu do seu próprio poder intelectual.

Sobre os séculos ficará escrito o epitáfio: "Aqui tudo acaba." Poetas aspiram, filósofos visam, profetas preveem, mares declaram, visitantes revelam-se do mundo invisível — pela incomparável fabricação de um esplendor intelectual — e depois estes morrem e são esquecidos! Se este fosse o fim, o materialismo deste tempo, tentando rivalizar com os antigos esplendores do intelecto, edificaria um mundo, nações, sociedades, toda a estrutura, sobre a base cintilante da matéria — mas nada haveria aí. O que o homem aspira é abandonado; a esperança que tem é aniquilada; o que pertence à verdade, e à fé, e ao amor, e à sabedoria, é esquecido.

Poetas respiraram em vão as suas vidas e canções; em vão o Parnaso e o Olimpo produziram os esplendores dos deuses; em vão, no cimo de Píndaro, soprou o vento até à Terra a profecia de reinos divinos; em vão, do *Cosmos* de Platão, foram ditas as palavras da verdade; em vão caminhou Sócrates na cela do cárcere com o veneno mortal a percorrer-lhe as veias para libertar a alma imortal; em vão todos os mártires e santos, e em vão o sopro dessa vida que acende a esperança da imortalidade revelada em nome da religião.

Não há outro desígnio na vida senão no espírito. Ele aspira porque ama; nada esquece na grande eternidade da existência e todas as suas pertenças vêm carregadas das profecias que procedem do sublime reino da vida; e cada mensagem de morte, e cada mensageiro de revelação espiritual, é apenas mais uma promessa ao mundo de que todo o seu intelecto não é vão e de que o esplendor material é apenas um pálido antegosto do espiritual.

Os amores, os ódios, as aspirações e as bondades teriam sido em vão, não fora o espírito acender-se e o coração inflamar-se com o ardor divino dos anseios espirituais. Não depositeis confiança naquilo que ilude o vosso alcance e se esvai na matéria: depositai confiança apenas naquilo que existe em espírito e, sendo eterno, não pode esvanecer, e, ainda que a matéria e o sentido mudem, ele é sempre o mesmo.

A espiritualidade é a única esperança do mundo. É aquilo a que todas as mentes se apegam. É mesmo a esperança do materialista, pois, quer adore Deus no credo ou no dogma, quer adore Deus na lei da natureza, isso é ainda divino, e ele mantém ainda esperança para além do pó, agarra-se à mente para além do barro e crê, de algum modo, que não há perda no grande universo da natureza. Negamos o materialismo absoluto.

Ele não existe; não tem lugar no mundo do pensamento humano. Existe apenas no átomo que é pó, no barro sob os vossos pés. Até a flor respira a sua própria vida e tem um germe de vida que vós não conheceis. Portanto, mesmo aqui há um lampejo daquilo que transparece, e o espírito ilumina até o deserto árido e a charneca sombria por essa mesma lei que a ciência declara.

"Espiritualidade, então, quem a há de duvidar? Nela se demora toda a vida, promessa e esperança. Agindo a partir dela, a vossa vida torna-se luminosa, as vossas mentes transfiguradas; sois adornados com belas promessas e nobres aspirações; sem ela, as vossas vidas são sem rumo; estais a varrer areias para o mar; estais a construir sobre areia; nada fazeis senão contar, vezes sem fim, os seixos da vida que nada significam — sem princípio, sem fim.

Animadas pela espiritualidade, as vossas almas são uma com a Mente Infinita, e a existência terrena enche-se de propósito; há nela um alvo; cumpre-vos inspirar o átomo com vós próprios; cumpre-vos fazer que a forma orgânica respire aquilo que é espiritual; cumpre-vos animar a coisa criada com aquilo que é incriado; cumpre-vos traçar no registo da vida o vosso registo, como guia para os que hão de percorrer o mesmo caminho, e por esse registo eles saberão até onde ides na grande marcha espiritual, e vós podereis saber até onde eles foram.

Os índices estão ao longo das areias do tempo; o rio transborda e deixa ali a sua marca, como ao longo do favorecido Nilo os índices marcam a subida da cheia que há de dar bênção e verdura ao vale. Foi-vos dito para lançardes o vosso pão sobre as águas, como o grão era lançado sobre as águas transbordantes do Nilo, e, quando elas recuavam, rendia a cento por um. Assim é o trigo do espírito — lançado sobre as marés vivas da vida humana e produzindo frutificação, e alegria, e júbilo, e esperança para as nações da Terra."

Cada facto espiritual no universo é uma porção do reino espiritual. Quem quer que sonhe um sonho — tenha uma premonição, um aviso, uma profecia ou um dom do espírito — tem uma porção do reino espiritual no seu organismo. Dai valor a estes pequenos átomos: constituem porções e indicações da grande trama da verdade espiritual.

Como, pela análise de um minúsculo grão de areia, podeis dizer de que são compostos todos os grãos de areia, ou como a gota de água, quando analisada, revela os componentes de todas as outras gotas de água; assim um vislumbre do espírito é uma indicação do que todo o espírito pode ser, e esses vislumbres chegam até vós através da consciência semiaberta da vida exterior, através da névoa baça e sonolenta do ceticismo intelectual, ou da visão clara e inspirada daqueles que têm os dons do espírito plenamente desvelados.

Quão felizes os que veem pela janela aberta, e não pela estreita fenda nas paredes prisionais do tempo. Quão felizes os que por vezes colhem vislumbres desse espírito imortal e sentem que aquilo que está dentro deles pode ter expressão, pode ganhar vida, e fervor, e poder. Sobre nenhum outro fundamento pode o mundo ser incendiado, ou vivificado, ou renovado, ou regenerado.

Em nenhum fundamento de materialidade podem os armamentos ser abolidos e as nações cessarem as suas contendas. A ciência social falhará em descobrir os segredos de todos os males que afligem a humanidade, e o crime percorrerá o mundo até que edifiqueis o céu a partir de dentro, até que o espírito seja vivificado e as suas forças se desdobrem. O medo não extinguirá o crime; a vingança não o fará.

Qualquer forma exterior, ou barreira, ou obstáculo, ou muro, ou cela de prisão apenas serve para encerrar e aumentar o mal. O que tem de ser alcançado é a perceção do imortal no homem. Convencei o condenado na cela de que a sua alma é tão valiosa, à luz de Deus, como a vossa ou como a dos anjos no céu, e logo há uma saída: ele vê o seu caminho claro; compreende, respeita-se a si mesmo. Quem desejaria ser bom se fosse um estranho e um proscrito, se fosse "impossível de salvar"? Quem poderia perceber o caminho da verdade e da virtude através da treva e da opressão? Oh, já tivemos bastante disto!

A matéria experimentou o seu poder por armas, por força, por aprisionamento; por toda a forma de devastação e ruína o mundo tem sido

experimentado. O intelecto ensaiou o seu domínio, a ciência as suas aplicações, o comércio as suas vastas instituições, e tudo isto operou maravilhas; mas não diminuiu a dor do coração, não tornou menor um único pesar nos corações e vidas de seres humanos que não viram a luz e não conheceram o caminho.

Começai, pois, primeiro na alma. Aplicai, não exteriormente, mas interiormente, a palavra de Cristo. Tomai o espírito e não a letra. Não raciocineis mais a regra de ouro nas paredes exteriores das igrejas, mas colocai-a gravada em luz dentro do selo, para que resplandeça no olhar, para que brilhe no semblante, para que se estenda na mão, para que se trace em cada ato. Só o espírito deve falar para que o espírito seja vivificado, e não há ressurreição da morte do pecado, e do crime, e da falta de esperança, sem o espírito. Que é o que dá ao amor materno tão poder potente? É porque ali está o primeiro espírito de amor.

Não a política, não o domínio do sentido exterior, não nada que possa apelar ao intelecto, mas a sensação subtil e o fino fervor de que, algures, numa nascente infalível, há aquilo que não pode ser extinguido, que é sempre fidedigno, para o qual se pode voltar em toda a hora de prova e de aflição, e ele responderá seguramente. Este é o amor de Cristo, o amor de Deus, o amor do espírito, respirado em e através da humanidade e vivificado pelos pulsos das asas dos anjos e dos espíritos ministrantes que são os vossos guardiães. Que vida, ou que esperança, há sem isto? Rastejando nos sentidos, sonhando as vossas vidas, vendo folhas e flores a repetir-se apenas para decair. Se não houver sopro vivificador, nem vida imortal, nem esplendor eterno, então mente não há, e vós não estaríeis aqui esta noite.

Oh, se isto for sonho, sonhai! pois, por certo, se a aniquilação fosse verdadeira, melhor fora ter tido o sonho glorioso e tê-lo traçado para algum companheiro de jornada do que soçobrar à própria ignomínia da morte de que não podeis erguer-vos. Se isto for imaginação, então é tal imaginação que faz a realidade exterior tremer nas asas vibrantes do desespero; porque, desta imaginação, nasce a elevada realidade da alma, e da mente, e do espírito; e toda a ação corajosa, e todo o ato elevado, e todo o pensamento desinteressado na vida humana nasceram disto. Ó divina Imaginação, empluma as tuas asas, para que o mundo possa ser por ti erguido do pântano do desespero, e ouviremos a resposta.

Quando os pulsos dos jovens gérmenes estremecem no seu recôndito e escuro abrigo, a primavera compreende e sabe que o seu sopro os fará florescer em beleza. Quando os tenros botões aguardam florir, e a frutificação espera em embrião no cálice silencioso da flor, os espíritos e os anjos aguardam que este sopro se acenda; que os seus botões e flores apareçam na vida exterior; que a sua esperança dote a humanidade; que o seu amor incendeie todas as vossas vidas com chama e cinja o mundo com um cinto de luz como aquele que nasceu com as eras do mundo, revelando a incomparável verdade do Infinito.

A RÚSSIA RENDER-SE-Á ALGUMA VEZ AO JAPÃO?

Sr. Presidente: — Estes temas foram sugeridos por membros da audiência e a maioria dos que votaram escolheram-nos, por isso falaremos brevemente sobre ambos.

Muitas vezes as pessoas dizem, em reuniões espiritualistas: "Não queremos ouvir-vos falar sobre política."
Ora, não vamos falar sobre política. Felizmente, a política da nação encontra-se num tal estado que não precisamos de falar dela. Parece estar parada. Portanto, deixamos os assuntos políticos nas mãos dos políticos. Os assuntos nacionais, porém, pertencem ao povo.

A primeira questão relativa à Rússia e ao Japão é uma da qual muitas vezes falámos voluntariamente como ilustração da tendência da vida humana e das nações. Já dissemos no passado, e dizemos de novo, que o Japão é a estrela nascente do Oriente, a única nação que irá abrir o grande armazém do conhecimento e da história orientais e trazer ao Oriente a regeneração possível. Que a China, como nação, nunca se reerguerá, porque a China, como nação, está morta e foi sepultada há muitas centenas de anos.

Mas o povo chinês, contudo, não está todo morto. Há um vasto exército deles, milhões e milhões de pessoas, algumas das quais serão absorvidas pela nova civilização, outras desaparecerão em guerras infrutíferas. A maioria será absorvida pelas outras nações que disputam o comércio oriental.

A Rússia tem sido, há muito, a sombra sobre a civilização moderna. O absolutismo imperial, mantendo o seu domínio, fez da Sibéria um cemitério, o cemitério da Liberdade; e o que a Rússia tem sido com a Sibéria, assim o tem sido para a liberdade e para a independência que os russos procuraram.

A Rússia imperial será destruída. A mão do Japão é hábil no conflito, está pronta com invenções modernas e instrumentos de guerra. A Rússia imperial deve ceder ao avanço da civilização do Oriente.

Mas uma nova Rússia vai nascer. A Rússia será uma república antes da Grã-Bretanha, antes da Alemanha, antes de qualquer outra potência europeia. Porque a nova república nascerá da Sibéria. As mãos que foram algemadas, as mentes que foram acorrentadas, os princípios que estiveram adormecidos, ou que apenas despertaram em mentes como a de Tolstói, hão de vir à luz. O Japão dará a oportunidade de libertar os prisioneiros políticos.

A Rússia tem estado atenta a uma saída para o Oriente há muitas décadas, por mais de um século. A intervenção da Grã-Bretanha com as suas possessões indianas, conquistadas em parte pela força e em parte pela fraude; a intervenção de outras nações com saídas próprias para o Oriente, tudo isto atrasou a sua ambição. Mas a Rússia tem tido os olhos postos no comércio do Oriente como uma necessidade há muitos, muitos anos. A construção dessas longas linhas de caminho-de-ferro, a ocupação gradual de território ao longo da fronteira, a penetração na Manchúria e noutros países limítrofes do Extremo Oriente foram em resposta a esse propósito.

Ainda que o Czar da Rússia tenha convocado uma reunião das potências, não há muito tempo, pedindo que cada uma delas desarmasse parcialmente e reduzisse os seus exércitos, não havia nenhuma intenção real de paz. A Rússia tem tido a intenção de fazer o que agora procura fazer há muitos, muitos anos. Mas calculou mal, sem saber quão vasta preparação o Japão tinha feito e ainda fazia; subestimou o Japão, como todas as nações ocidentais o fizeram, embora o Japão tenha vencido tão facilmente o seu formidável inimigo, a China.

Mas o Japão, ciente da situação, foi prosseguindo firmemente nas preparações. Quando, no recente conflito, se pensou que o Japão, nas suas próprias águas, poderia facilmente obter vitórias navais, acreditava-se que, em terra, os soldados russos, melhor treinados e mais hábeis, derrotariam facilmente o exército japonês. Mas isto não é verdade.

Não dizemos que a Rússia se renderá voluntariamente, mas afirmamos que o Japão alcançará vitórias suficientes para justificar a intervenção de outras potências, que insistirão numa rendição parcial. Afirmamos que a Sibéria ganha coragem com as derrotas dos exércitos do Czar no Extremo Oriente. E esse elemento que conheceis como "Niilismo", mas que na

realidade é o republicanismo da Rússia, surgirá em plena atividade. Se vós vivêsseis lá, seríeis inevitavelmente niilistas. Até a paz de Tolstói contempla, mesmo com o seu espírito de "não-resistência", essa possível república que nascerá da Sibéria e da perseguição desses patriotas exilados.

Deveis lembrar-vos de que o imperialismo na Rússia é apenas uma casca. É de ferro, é certo; é forte como poder militar; a sua vigilância é um olho que está em toda a parte; tem sob a sua espionagem todo o povo. Mas as ideias liberais, todavia, têm-se espalhado; o espírito de liberdade tem, todavia, crescido. Predizemos que será essa nova Rússia que surgirá após o presente conflito entre a Rússia e o Japão. Predizemos que será uma república depois de o imperialismo ter feito o melhor ou o pior, e as forças do exército imperial se terem tornado cada vez mais desmoralizadas.

A Rússia é forte, mas não é invencível. A Rússia é determinada, mas não é eterna. O que foi semeado há de ser colhido; porque lembrai-vos, aqueles que foram banidos para a Sibéria, que foram exilados por advogarem a liberdade política, não são as camadas mais baixas dos súbditos russos, não são os que violaram leis justas intencionalmente, não são culpados de crime — isto é, de nenhum outro crime senão o de amar a liberdade. A verdade é que há um elemento melhor transportado para a Sibéria do que o que permanece na Rússia, e esse elemento formará a base da nova nação, da nova república.

Entretanto, o Japão continuará firmemente a recuperar as suas perdas e a reforçar as suas preparações.

Embora tenha havido grande clamor nos países europeus e na América de que os japoneses são realmente "pagãos", de que representam um imperialismo tão forte como o da Rússia, de que têm uma religião "ateísta" e não em harmonia com a religião cristã, e ainda que se tenha afirmado que a Rússia é realmente uma nação cristã, que a Igreja Ortodoxa é a Igreja Apostólica direta, e que, por isso, as simpatias das nações cristãs deveriam estar com a Rússia em vez de com o Japão — a verdade é que o espírito da Rússia não é mais cristão do que o do Japão; nem tanto. Que nenhuma das nações luta por Cristo, mas ambas lutam pelas suas possessões: o Japão porque as suas estão em perigo, a Rússia porque deseja aumentar o seu domínio.

O direito deve estar sempre do lado de quem age em defesa própria. Ninguém, que não seja totalmente favorável ao imperialismo e à latitude total

da conquista pela guerra de agressão, pode por um momento simpatizar com a Rússia, de outro modo que não seja como se simpatiza com qualquer saqueador, qualquer ladrão, que, se continua a saquear, continua a roubar, precisa de certa saída para o fazer. Essa é a posição da Rússia neste momento.

Houve imperadores anteriores da Rússia que vislumbraram um pouco o futuro e tomaram medidas para a emancipação dos servos. Mas isso não foi inteiramente um ato de poder imperial a favor da liberdade, nem a perceção do espírito da liberdade. Esses servos não eram esclarecidos, votariam em conformidade com o decreto imperial e, nesse aspeto, usariam a sua influência contra o pensamento liberal que o imperador temia.

Há também momentos em que até um Czar tem instantes de iluminação. Houve um período, há quarenta anos, em que o então Czar reinante teve acesso a conselhos espirituais, compreendeu o sentido do ministério do outro mundo, e sob esse Czar foram dados passos para a realização daquilo que depois seria proposto no desarmamento das nações. No entanto, o Czar atual não tem qualquer intenção de se desarmar nem de que outras nações o façam. O Czar atual está rodeado, como todos os reis, de homens belicosos; homens que procuram posição e poder sob o imperialismo. E estando assim rodeado, quaisquer que fossem os seus sentimentos ou desejos pessoais, nunca poderiam ser realizados.

Vemos o conflito no Oriente. Ele significa um novo Oriente. Que do Japão surgirá um novo Lírio das nações, que se unirá àquela parte da China liberta para a liberdade, que se estenderá até à Índia e, talvez, o Egipto, como nação restaurada, seja incluído nesta galáxia de nações orientais, mais brilhante, talvez, do que aquelas que cintilam nas terras ocidentais.

Esta é a nossa previsão da consequência última do presente conflito. Enquanto, como já dissemos, uma nova Rússia se levantará das cinzas do imperialismo destruído. Os homens que foram treinados e educados na escola da adversidade, com as grandes dores da opressão sobre eles, erguer-se-ão sob o novo estandarte da liberdade e avançarão ao encontro da voz da nova república; que será, talvez, o início do cumprimento da profecia de Victor Hugo.

Para esta república ocidental, todos os povos oprimidos têm desejado ansiosamente vir. Alguns falharam em vir, foram impedidos em casa. Outros foram impedidos pela vossa própria legislação.

Logo que uma nação tema ter qualquer e todas as nações da Terra a participar no espírito de liberdade, impõe limites ao seu progresso e prosperidade.

Estamos a tratar dos vossos assuntos nacionais, não dos vossos assuntos políticos de hoje.

Se fizerdes aos habitantes das vossas possessões filipinas o que fizestes aos Índios norte-americanos, não tereis muito de que vos vangloriar, pois resta apenas um punhado de índios, e antes de passar outro meio século terão desaparecido todos. Na Exposição de Saint Louis encontrareis uma mostra das escolas de índios dos Estados Unidos, nas quais as crianças são pares de quaisquer das crianças das escolas públicas da vossa terra. E, no entanto, vos foi dito, repetidamente, que o índio não podia ser educado, que o índio não trabalharia.

Mas aqui cada ramo de indústria foi levado por diante, cada oportunidade foi abraçada com entusiasmo por esses índios; as artes, a escultura e a literatura foram encorajadas e executadas por eles, até que ficou claramente provado que, se o governo americano tivesse tomado conta do seu "tutelado", como chamava aos índios, e os tivesse incluído no seu poder protetor; se tivesse enviado as crianças à escola e dado aos "bravos" e "chefes" milho e trigo para semear, em vez de whisky para beber, e sementes de horta em vez dos venenos das drogas que lhes foram enviadas, teríeis hoje uma vasta população de gente vivificante e esclarecida.

O governo não fez isso. Preferiu tratar os índios como nacionalidades separadas. Celebrou com eles uma sucessão de tratados, desde o Cabo Cod até às Montanhas Rochosas, e das Montanhas Rochosas para ocidente, que foram todos concebidos para serem quebrados e foram quebrados. O único vestígio que tendes do Índio norte-americano é a mostra na Feira de Saint Louis.

A única outra herança é a que tendes, vinda do belo "Território de Caça" do mundo espiritual, na lealdade, força, devoção e excelência desses guias e controladores índios que curam os vossos doentes, preparam o caminho para as manifestações nos gabinetes e nas salas de sessão, que tomam posse dos vossos médiuns para os fortalecer e restaurar e, em toda a parte, são mensageiros de amor e paz em vez de guerra. Não tendo sido "cristãos", vêm das pacíficas terras de caça para vos ilustrar a única prova prática da Regra de Ouro que encontramos nos vossos assuntos nacionais.

Se fizerdes aos filipinos o que fizestes aos índios, sabeis o que sucederá às raças capazes, fortes e não mais "selvagens" do que foram os melhores dos Índios norte-americanos. Muitos deles (os filipinos), avançados a um alto estado de civilização, serão caçados sob o espírito agressivo do comércio ianque. Pois é comércio o que os americanos querem. Encontrareis nos relatórios oficiais do governo relativos à retenção dessas ilhas um conjunto temível de factos acerca da produtividade dessas ilhas em produtos agrícolas e riqueza mineral, como razão para serem anexadas. Se fizerdes pelas Filipinas o que fizestes por Cuba, ainda que sob restrição e tutela, fareis aquilo que devíeis ter feito desde o princípio.

Os filipinos, os esclarecidos, queriam autogoverno. Estavam em guerra com a Espanha porque o queriam. Tomastes posse de Cuba para vencer a Espanha a fim de libertar Cuba. Quem tomará posse das Filipinas para as libertar de vós? É apenas possível que o Japão venha a ajudar. É apenas possível que a presença da nova luz nascente no Oriente alcance as Filipinas. Não precisais delas; não as quereis. No mais alto sentido, não as devíeis ter, ainda que tenhais um desejo ávido de as possuir.

Dizemo-lo no mais alto e santíssimo espírito da liberdade americana: colónias sob sujeição não podeis ter. Posse ilimitada de territórios conquistados pela força militar não podeis ter. Governos provisórios não podem durar para sempre. Os filipinos inteligentes têm grande dificuldade em determinar o seu estatuto presente relativamente aos Estados Unidos. Se os vísseis, inteligentes, ágeis, bem-educados, de boas maneiras, como aquele que está diante de vós viu; se com eles conversásseis sobre os seus pensamentos e ideias acerca do seu próprio país, sentir-vos-íeis perfeitamente seguros de que não tendes, como nação, mais direito de governar os seus assuntos do que o vosso vizinho tem de governar os vossos negócios ou a arrumação da vossa casa por ter escorraçado um ladrão da vossa porta. Podeis pensar e fazer o que quiserdes a este respeito, mas não há espírito desde George Washington até Abraham Lincoln, cujos nomes foram sinónimos de patriotismo, que não pense como expressámos.

Quanto aos vossos assuntos internos: Tendo-vos tornado uma "potência mundial", seguindo o exemplo de Roma e dos Césares imperiais, não sabeis o que poderá seguir-se?

Os exércitos dos Estados Unidos deviam ser exércitos de voluntários. Um grande exército e marinha permanentes são uma ameaça em tempo de paz,

assim como uma degradação. A "fronteira" foi devassada desde que foi estabelecida ao longo da linha territorial até ao presente pelo exército permanente. No fecho da Guerra da Rebelião, a guerra continuou ao longo da fronteira para sustentar o exército. Embora as vossas milícias estaduais e nacional se tivessem portado nobremente, os voluntários da Nova Inglaterra, dos Estados do Meio e do Oeste salvaram os estados do Sul para a União.

Mas, após a aparente necessidade, que concedemos, de intervenção no caso de Cuba, o espírito de nova conquista pareceu despertar. Enquanto celebrais em Saint Louis a aquisição do vosso maior território por tratado, por acordos de paz, estais também continuamente a celebrar as vitórias que vos deram outro território pela guerra. Os soldados que foram para as Filipinas, o exército que suportou o peso da batalha e o peso da febre malárica; os filhos, maridos, irmãos que nunca regressaram em corpo, ou, se regressaram, regressaram estropiados física e mentalmente — esses não são culpados, salvo na medida em que cada um formou parte do corpo político desta nação.

Quando, em 1865 ou 1866, o coronel Wynkoop, de um regimento do Colorado, foi instado a ir combater os índios Cheyenne, que eram pacíficos, deitou abaixo a sua comissão e disse: "Não combaterei os aliados desta nação." E não combateu. Isto prova que o espírito de justiça e liberdade é forte no homem que pode estar disposto a ser fuzilado como desertor, mas que decerto não lutará contra as suas convicções.

É grande coisa vangloriar-vos da vossa conquista sobre a Espanha. Mas deveis lembrar que, ao levardes por diante essa conquista até à condição presente, há imitação da Espanha, e não consideração pela liberdade do povo. A nação, hoje, parece ter passado uma certa etapa do seu progresso e chegado a um ponto de paragem. Talvez acrediteis que foi além. Houve um tempo, há poucos anos, em que dissemos, nestes acampamentos, que era a oportunidade da nação para avançar no cumprimento do espírito de Washington, do espírito dos Adams, do espírito de Jefferson, do espírito de Paine, do espírito de Lincoln.

Se vos dissermos que é essa a nossa opinião hoje — que essa grande oportunidade passou, que a vereda deste país hoje não vai na direção da Liberdade Ideal dos fundadores; que todo este êxito físico e prosperidade material é indício de decadência em vez de progresso — podeis não aceitar, podeis não crer, mas, não obstante, é verdade.

Quando Roma se entregou à riqueza e ao poder materiais, Roma foi condenada. Quando o Egipto se entregou ao êxito e poder materiais, depois de um período de paz de mil anos, o Egipto foi condenado. Quando a Grécia preferiu a conquista física às artes, às ciências e à literatura, a Grécia foi condenada.

Como é que a nação mais esclarecida da Terra, posta sobre o miradouro dos séculos, pode olhar para trás, sobre esses impérios que pereceram, e não perceber que a América caminha nas suas pisadas? Como é que o amor do ganho material toma posse não só do próprio governo, mas do povo? Esquecem os seus deveres para com a pátria no afã de buscar riqueza e o lucro do comércio. Os homens notórios, os "melhores cidadãos", como são chamados, retiram-se dos interesses políticos e olham para os bairros degradados para a condução dos negócios da nação, em vez de cada um avançar para cumprir o seu dever público.

Porque é que o ouro ou a riqueza se tornam o ideal da nação, a ponto de venderdes os vossos filhos ou as vossas filhas por ouro e por títulos? O florescimento da vossa civilização é isto; a criação dos "seiscentos" de Nova Iorque é isto; e a riqueza e a "cultura" de Boston são entregues à imitação da realeza e nobreza inglesas. É este o resultado de mais de um século de civilização republicana — que algumas das mais belas filhas da vossa terra prefeririam usar uma coroa ducal, ou mesmo a coroa de uma condessa ou baronesa, a casar com o mais nobre americano vivo? Se é verdade, então aquilo que os chamados líderes da sociedade e do país e os seus servos fazem será imitado por muitos. Então que faríeis no caso de alguém suficientemente forte e arrogante procurar ser "ditador"?

Oh, sabemos que há vozes, de milhões, que se ergueriam contra isso. Mas se a crise fosse iminente? "Um pouco mais de sono, um pouco mais de dormitar, um pouco mais de cruzar as mãos para dormir", e o embalar da consciência sob a influência soporífera da droga da, mal chamada, "Prosperidade" — então, que será?

Há apenas uma esperança. Qual é? O conflito presente entre capital e trabalho e a necessidade de cooperação, que há de seguir-se à arbitragem.

Se a arbitragem for impossível, a nação já está condenada. Se a cooperação não for a esperança do futuro, a nação já está condenada. Vós esperareis apenas, mas os filhos dos vossos filhos viverão para experimentar o que dizemos.

O espírito de despotismo no governo de uma classe é tão desprezível como o imperialismo no Czar da Rússia. Não há escolha.

Dizemo-lo enquanto dormis em segurança sobre os aparentes alicerces das vossas liberdades. Enquanto a Declaração de Independência e a Constituição dos Estados Unidos são escarnecidas por aqueles que as consideram "tradições do passado" e escarnecem delas como relíquias de um tempo pré-histórico.

Consideremos, no espírito da verdade, o que está sobre vós: nada poderá salvar a vossa nação para o espírito de liberdade que foi a sua origem e herança até que voteis com o espírito certo; se não votardes com o espírito certo, os vossos boletins contarão para auxiliar a mundanidade e esta bela nação cairá como caíram as nações do passado, até outro ciclo, e outro Washington e outro Lincoln surgirem para libertar os vossos descendentes.

FORMA REPUBLICANA DE GOVERNO

Banner v8 n21
CORA L. V. HATCH NO DODWORTH'S HALL.
Domingo, 3 de fevereiro de 1801

PALESTRA DA MANHÃ

Sobre as montanhas erguem-se densas nuvens de tristeza, e dos vales e planícies ergue-se uma voz de lamentação, como se o desespero tivesse selado a terra, e por todo o ar assustado ecoasse um clamor por misericórdia. É maravilhoso para o filósofo, o historiador e o metafísico perceber que lutas e provas a Verdade é capaz de suportar sem perder o seu esplendor ou a sua fecundidade, sem deixar de ser o que sempre será: triunfante e gloriosa.

O orador desenvolveu a ideia da indestrutibilidade da Verdade absoluta e da impossibilidade de frustrar o seu êxito final em qualquer direção. Um vil espírito de cego conservadorismo pode empregar em vão todas as suas artes insidiosas, pois temos o testemunho de toda a história da nossa raça de que a Verdade é absoluta, intransigente, nunca cedendo a qualquer encanto, por mais potente que seja. A mente humana debate-se agora entre estas duas forças, o bem e o mal. Alguns procuram interpretar a verdade segundo as suas próprias conceções e preconceitos; mas o bem e o mal são tão claramente e inequivocamente distintos como o glorioso brilho do sol da

manhã em contraste com a escuridão da meia-noite, ou com o clarão inconstante e passageiro dos meteoros.

A Verdade não necessita da interpretação da sabedoria humana e, por mais que seja embaraçada ou pervertida pela arte e pela ciência, permanece em beleza e pureza não sofisticadas, a mais elevada e santa descendência do Céu. E, contudo, é espantoso como o mundo se encontra permeado pela conceção de que o erro pode estar aliado à verdade, e que traiçoeiros subterfúgios se empregam para induzir a mente humana a abdicar do seu desejo inato e privilégio de conhecer a verdade, e a repousar sob o entorpecente feitiço da falsidade e da ilusão!

E o intelecto humano, apesar da sua potência e alcance abrangente, é ainda assim o mais facilmente enganado. Mesmo a evidência dos nossos sentidos é falaciosa — e tão frágil, em geral, é o nosso vangloriado intelecto, que em todas as épocas passadas foi usado para chegar lenta e penosamente a conclusões, apenas para as reconsiderar e derrubar depois. Nunca nenhum princípio foi estabelecido de forma permanente por este intelecto sem o auxílio de um poder absoluto, perante o qual o seu orgulho teve de se curvar. Esta não era a minha teoria — é agora o meu conhecimento. O intelecto é o mais falível governante que o homem pode possuir — conduzindo-o a toda a espécie de falsas aplicações das leis naturais; a toda a espécie de especulações sem fundamento na verdade.

O orador citou, como exemplo, a aplicação da força do vapor à navegação, não como resultado de investigação científica e do estudo de factos e princípios anteriormente estabelecidos, mas como algo que irrompeu de súbito, como o romper do dia, na mente de Fulton, depois de este ter tropeçado e recuado longamente numa busca perplexa e dolorosa.

O estabelecimento da teoria copernicana da astronomia derrubou de imediato todos os resultados da sabedoria grega e romana nessa ciência. A correção dessa teoria mantém-se hoje, não como facto, mas como dedução da razão; e quem sabe se em algum tempo futuro todas estas conceções de proporção geométrica no sistema solar não serão consideradas meras visões de um sistema intelectual presunçoso? As verdadeiras leis fundamentais das coisas correm o risco de ser negligenciadas pela sua própria simplicidade, enquanto nos elevamos em voo para procurar campo ao exercício das nossas faculdades especulativas.

E assim sucede com a aplicação da verdade prática. Há apenas uma expressão — apenas uma prova da simples verdade — e esta encontra-se na marcha contínua do progresso humano e da inteligência. A Verdade é o fogo dos séculos, que consome tudo o que é obscuro, grosseiro e injusto; em todas as condições da humanidade, ela é tão simples como uma gota de água; e exige apenas dos homens a observância de uma regra para os conduzir em segurança através de todas as dificuldades da vida; e essa regra é aderir a toda e qualquer verdade, uma vez estabelecida, e abandonar o erro, logo que conhecido, de imediato e inteiramente.

Existem duas classes de mentes humanas incapazes de fazer isto: as que não ousam levar até ao fim as suas convicções sob a pressão da influência externa, exercida contra elas por homens maus e calculistas ou pelas exigências superficiais da vida; e as que não querem renunciar às suas antigas crenças, embora saibam que são erros, porque temem a ruína das instituições acarinhadas fundadas sobre elas. Diz-se que um homem bom não terá inimigos; mas mostrai-me um homem que não tem inimigos, e eu mostrar-vos-ei ou um tolo ou um cobarde.

Aquele que andou na maior humildade, e a quem a Cristandade diviniza como o melhor dos homens, teve mais inimigos, e pereceu, por fim, vítima deles — e assim sempre acontece com quem conhece a verdade e ousa proclamá-la. Prefiro, ao dar testemunho da verdade, que o escárnio do mundo se derrame sobre a minha cabeça, do que que um monumento mais alto que as Pirâmides seja erigido à minha fama, com a inscrição: "Não teve inimigos"; porque quem combate o erro, a hipocrisia e o engano há de encontrar inimigos entre os que não ousam exprimir a verdade que sentem ou os que se apegam obstinadamente a falsas crenças.

E, tal como com os indivíduos, assim com as nações. As maiores nações foram aquelas que, tendo estabelecido verdadeiros princípios de governo, não tiveram medo de neles permanecer; e que, tendo errado ao afastar-se desses princípios, não temeram corrigir a sua ação; e este governo, a menos que possa e queira manter a verdade, que é o espírito da sua Constituição, não é digno de permanecer; e se não quiser renunciar ao erro em que caiu, morrerá da sua própria corrupção — partilhará o destino dos orgulhosos e ambiciosos impérios do mundo antigo. São hoje mais seguros os governos que não receiam remediar os seus próprios males — que não ousarão sustentar um erro, ainda que o mundo condene a sua precipitada decisão em removê-lo.

Napoleão conhece a sua verdadeira política — sabe que, quando um princípio é reconhecido e sentido como errado, é pior do que loucura e insensatez a ele aderir; e que tal curso de obstinada cegueira acabaria por derrubá-lo, como derrubou um maior do que ele, o seu ilustre tio. Este Governo Federal, de que sempre corámos ao vê-lo ligado ao erro, tem apenas duas hipóteses de salvação, dependendo das regras já enunciadas: ou reconhecer os princípios verdadeiros e justos consagrados na sua Constituição, ou expurgar tudo o que é erróneo na execução das suas disposições.

Se um destes dois caminhos não for seguido, eu, por mim, não me importo que seja demolido quanto antes — pois, se assim não for, interesses maiores do que os seus próprios estão em perigo — os interesses da humanidade. Uma nação, concedo, é algo; e um fogo patriótico nacional é digno de todo o louvor; mas o amor da humanidade é maior do que o amor da pátria. Quem faz de uma única localidade a sua casa corre o risco de se tornar egoísta, avarento e mesquinho; mas quem faz do mundo inteiro a sua casa é como aquele que faz a leal confissão de que toda a humanidade é sua irmã.

É falsa a conceção de que o erro pode ser transformado e feito servir aos propósitos do bem. O erro e o mal trazem sempre o seu próprio castigo — o bem traz sempre pureza, felicidade, segurança e paz.

Conheci homens bem-intencionados e conscienciosos que não tiveram coragem de viver a verdade, porque alguém lhes disse que um pouco de erro misturado com ela seria mais judicioso, e serviria melhor a propósitos mundanos. Mas esse pequeno erro, assim iniciado, aumenta sempre a exigência por mais, até que toda a política se encontra assente nesse fundamento. Apenas cumprirá o destino da humanidade e servirá aos desígnios da Mente Divina aquilo que persistentemente faz o bem, sem atender às consequências.

Fazei o que é justo, e apenas tereis de aceitar as consequências; fazei o que é errado, e tereis de esquivar-vos de um lado para o outro, até que todo o trabalho da vossa vida, erguido sobre engano, hipocrisia e cobardia, desabe no chão em ruína inútil. Este nosso governo tem feito compromissos e remendos para sustentar a lealdade dos seus apoiantes, como se todos estes subterfúgios, compromissos e concessões ao erro não acabassem por se

voltar contra ele e reduzi-lo a átomos, ainda que o dia funesto possa ser adiado indefinidamente.

Não existe tal coisa como lograr finalmente êxito na tentativa de praticar o mal para que do mal surja o bem. Nunca; e agradeço ao Céu que assim seja; e faria até o caminho do transgressor mais árduo do que é. Alegra-me que a política nunca sirva aos propósitos da verdade; alegra-me que a servidão, a ignorância e a opressão nunca sirvam aos propósitos da luz e do conhecimento. Regozijo-me com o castigo do tolo ou do cobarde que não quer ou não ousa dizer a verdade que sente, mais do que quando a forca aguarda o miserável que, talvez, o seu exemplo tenha levado ao caminho do crime.

Não tendes vós, como membros de famílias, como cidadãos, como homens, encontrado sempre maior felicidade, segurança e tranquilidade na adesão ao bem e à verdade, apesar das consequências? O pior que vos pode acontecer é que o vosso caráter seja difamado ou a vossa vida destruída; mas que vale essa vida que só pode ser preservada pela falsidade, talvez para sofrer mais do que as dores da morte, e ser lançada na mais baixa degradação?

O que digo pode soar severo, radical, denunciador. Apoio-me apenas no testemunho de toda a história, em toda a experiência de governo, na voz unida da humanidade; e os registos não escritos do futuro ainda confirmarão as minhas afirmações. Se isto não bastar, tenho a voz de Deus nas vossas próprias almas, mais alta e distinta do que qualquer outro testemunho; pois a distinção entre o bem e o mal é tão clara em cada alma humana como o são as órbitas e funções separadas do sol e da lua nos céus, que nunca se confundem, mas cumprem cada uma os seus propósitos. Assim também, necessariamente, pela sua própria intuição, a mente humana distingue o bem do mal.

PALESTRA DA TARDE

Proponho-me dirigir-vos, nesta ocasião, algumas palavras sobre o tema do Governo Humano. Estou ciente de que, dado o grande número de autores, estadistas, oradores, diplomatas e outros que têm lançado luz sobre este assunto e apresentado ao mundo os frutos dos seus estudos, qualquer coisa que aqui se diga pode parecer emprestada; mas, como qualquer ideia, grande ou pequena, pode já ter sido pensada antes, talvez não seja possível, em nenhum ponto relativo a este tema, ser completamente original; e proponho-

me, de forma condensada, apresentar-vos os melhores resultados da observação, experiência e raciocínio humanos sobre o assunto.

Aplicado à humanidade, o governo é esse poder, seja em teoria, em pessoa ou em lei, que representa os interesses do povo governado, e a palavra nunca pode ser corretamente usada em qualquer outro sentido. Lei arbitrária, autoridade, tirania, podem aplicar-se a diferentes formas de forças dominadoras, mas o governo relaciona-se com os interesses da humanidade no seu mais amplo sentido. Disse-se que o governo humano deve tomar como tipo o Divino, que é o mais arbitrário concebível; mas isto não é correto. É evidente que tudo no governo Divino é claramente e positivamente para benefício dos governados; as suas leis são aplicadas por motivos de puro amor pelo sujeito governado; por conseguinte, não se lhe pode chamar tipo de despotismo; é o seu contrário absoluto. Os mais sábios monarcas procuraram moldar o seu modelo de governo segundo o padrão Divino, e não tiveram êxito, porque, através da perversão, degenerava em regra arbitrária.

O orador descreveu o governo dos antigos Egípcios como, na sua forma primitiva e pura, correspondendo de perto a este tipo.

Tal governo pode ser dito ser a conceção de um poder superior, mais elevado, distinto e positivo, às exigências de formas de ser inferiores e limitadas; e assim é em todas as ramificações da natureza. É verdade que, através dos reinos da natureza, parece prevalecer a lei da força — o mais forte oprime sempre o mais fraco e alimenta-se dele como meio de vida, crescimento e domínio absoluto; mas com que perfeita harmonia e adaptação funciona este sistema!

Através de todas as manifestações inferiores da energia criadora, pode-se traçar um grande esquema geral — um compêndio de tudo pode ser atingido — e isso é realizado na criação e existência do homem: que é feito, por assim dizer, o mais perfeito predador sobre tudo o que está abaixo de si — nenhum ser animado se encontra fora do alcance do seu comparativamente fraco corpo físico, ou da quase invencível superioridade da sua mente, que o coloca, nesta esfera inferior, quase na relação da Onipotência.

Quão belo é que o próprio facto da destruição e opressão mútuas proclame, por fim, a soberania e a imortalidade da mente humana — que, num mundo onde a força bruta e física em todos os departamentos inferiores conquista uma supremacia incontestada, o ser humano, mais frágil do que

todos os outros desde o nascimento, e com menos meios naturais de defesa, consiga ainda assim triunfar sobre todos pela virtude da sua dotação espiritual.

Em épocas passadas, pensava-se suficiente, ao governar, copiar a Natureza; os maiores triunfos entre os homens eram obtidos pela força material; e os governos mais fortes tinham esse fundamento; como, por exemplo, na Grécia, em Roma e nos principais países do nosso tempo, onde a nação mais forte sempre devora a mais fraca, e a repressão é exercida pelo braço forte da força militar, empunhado pela vontade de um, ou de poucos. Contudo, isto não pode sempre prevalecer, pois no coração humano existe um elemento de resistência ao domínio arbitrário, que não pode ser completamente esmagado, e esse elemento manifesta-se na revolução, que é um resultado inerente a todos os governos despóticos.

Pois o governo, na sua forma natural, é apenas o resultado de um pacto livre celebrado para fins de proteção mútua, e nenhum homem se submeterá de bom grado a leis que não ajudou a fazer, nem à imposição opressiva e arbitrária de leis assim feitas, e isto porque a mente humana, pela sua constituição, é um princípio absoluto, e só se sujeitará a leis impostas a partir de uma fonte que reconheça ser de natureza mais elevada do que ela própria.

Daí que apenas um elemento no poder arbitrário se tenha mostrado eficaz em conter a tendência para reação e revolução — e esse elemento é o religioso. Convencei os homens da existência desta garantia para a vossa autoridade, e podereis fazer deles o que quiserdes. Sem ela, não reconhecerão nenhum poder absoluto que não seja criado pela sua própria escolha e vontade. Os governos monárquicos, por conseguinte, revelaram-se fracassos, por terem divergido e degenerado do tipo divino e primitivo, e por terem abusado intoleravelmente dos seus poderes em nome de ambições egoístas e individuais.

Foi citado o caso da monarquia judaica como exemplo de um governo que retirava apenas justos poderes do povo, que o via como vigário e porta-voz do Divino.

A dificuldade do governo monárquico em geral surgiu da ambição egoísta de algum governante eleito que sobrepujou a sua boa-fé; e isto tem sido, até certo ponto, o veneno das Repúblicas também, ajudado pela insuficiência da inteligência do povo em levar a cabo o seu esquema de direitos — estando as suas mentes, de facto, já sujeitas a algum controlo despótico, e encontrando

a sua expressão e condição natural e necessária em governos despóticos. Onde se reconhece a origem humana do poder, é disparate falar de governo que não represente as concessões mútuas do poder que se governa a si mesmo.

Foram aduzidos os exemplos de França e da Grã-Bretanha, como demonstrando diferentes formas de constituições governativas, dependendo daquilo que lhes deu existência e que elas respetivamente representam e corporizam — a vontade do povo.

Passemos agora ao nosso próprio sistema. Consideramos a mais elevada forma de governo, e a mais próxima do divino, a republicana. Esta posição tem sido alvo de escárnio, porque, dizem, o governo de Deus representa a monarquia; mas não é assim. Ele nada pede para si próprio — não tributa criatura alguma para o esplendor e engrandecimento do seu ser; pelo contrário, cada lei, cada ato do seu governo, é uma concessão às necessidades daquilo que é governado. Cada flor, cada árvore, pede e recebe o que necessita para o seu crescimento e máxima expansão, e todas as leis que a afetam parecem ditadas apenas pelas suas exigências.

Ao contrário dos governantes humanos, Deus não procura passatempo nem satisfação de vaidade na obra da criação, mas apenas considera os usos, a multiplicação e os gozos das coisas governadas; e não é este o verdadeiro princípio do republicanismo? Uma República forma-se pelas concessões mútuas de todo o povo. A vossa Constituição não está corporizada num rei, com coroa e cetro; é apenas a formulação de uma teoria acordada pelo povo que a ela se submete, que consente em respeitar essas leis para sua proteção contra hostilidades externas e para a preservação e perpetuação da sua prosperidade interna. Se assim não fosse, um dos próprios elaboradores dessa Constituição poderia, em seu lugar, ter assumido as rédeas do poder; George Washington poderia ter-se sentado coroado e de cetro na vossa presença. Mas Deus proibiu-o, e que o proíba para sempre! Escapámos aos males de um monarca — não tenhamos outro!

Estas ideias, juntamente com todas as autoridades sobre governo, concordam em mostrar que um governo que falha em cumprir os fins das suas instituições, ao usurpar os direitos e interesses dos governados, perde a sua autoridade e, de facto, deixa de ser governo. Apliquemo-las agora à presente crise dos assuntos nos Estados Unidos. A Constituição foi adotada pelo povo dos Estados Unidos como indivíduos — não pelos Estados em

capacidade separada e soberana — por ser a mais adequada a garantir a sua vantagem mútua e progresso comum. Oradores barulhentos e superficiais — demagogos, não estadistas — gostam por vezes de insistir nos direitos soberanos dos Estados.

Nenhum Estado goza, individualmente, de um único direito, senão por concessão, por permissão, da parte de todos os outros Estados. Quão absurdo, pois, falar do direito inerente de um Estado em adotar esta ou aquela forma de governo para si próprio! Não existe tal coisa: todos os seus direitos derivam do pacto e das concessões mútuas acordadas por todos os Estados, segundo as quais cada Estado é considerado soberano apenas na medida em que não interfira com nem procure derrubar as instituições garantidas por todos os Estados em conjunto; e se o fizer, encontra-se imediatamente à mercê do resto da confederação, e não ocupa outra posição senão a de uma parte dependente e, pelo tempo em que assim for, absolutamente inútil dela.

Este princípio é suscetível de aplicação mais ampla. Ouvimos muito, de professores e outras autoridades, sobre os direitos inerentes e inalienáveis pertencentes à humanidade. Com todo o devido respeito às "brilhantes generalidades" da nossa Declaração de Independência, dizemos que nenhum indivíduo pode ter quaisquer direitos senão aqueles que lhe sejam concedidos por todos os outros em comunidade.

Neste contexto, o orador considerou os chamados direitos à vida, à liberdade e à procura da felicidade; e sustentou que, em abstrato, são meras falácias, e levariam, na prática, a um desregramento e violência universais. Os direitos reais do homem são triplos: o direito de resistir a leis cuja feitura não tenha participado; o direito de resistir ao abuso de leis que possam ter sido legitimamente feitas; e o direito de recusar obediência a uma autoridade que revista a forma de tirania.

O orador prosseguiu explicando a verdadeira natureza do direito à propriedade conferido pelas leis, defendendo que ele é, em muitos casos, meramente convencional e em conflito com o direito abstrato; e aplicou esta visão aos direitos do homem sob governos que foram meramente criados por pacto e concessão. Alega-se em alguns setores que este governo, se a rebelião tiver êxito, será um fracasso. Nada disso. Quaisquer formas de má representação que causem a queda da sua forma atual, na sua essência e

princípio há de sobreviver imortalmente, pois cada Estado que se separa adotará as mesmas instituições.

Um Estado não tem mais direito do que um indivíduo a declarar-se livre da obrigação de um pacto em que tenha entrado, pelo qual renunciou a alguns dos seus assim chamados direitos naturais e soberanos em nome do bem-estar social. O seu direito a ser um Estado independente depende, por inteiro, da observância das condições reciprocamente acordadas por todos os Estados. Que são a Luisiana e a Flórida, senão o que foram admitidas por concessão da parte do governo geral? E quando derrubam a autoridade desse governo dentro das suas fronteiras, ficam elas próprias sujeitas a ser capturadas e tornadas servis às que permaneceram fiéis. Devem ser consideradas e tratadas como um indivíduo que renunciasse às suas obrigações perante as leis e passasse a interferir com os direitos e a felicidade dos seus vizinhos.

Todos, sejam indivíduos ou principados, que não tenham o bom senso e a sobriedade de respeitar leis e governos que eles próprios fizeram e sancionaram, devem ser considerados como loucos ou embriagados, e colocados sob a devida disciplina. Nenhuma justa causa de queixa foi dada a qualquer Estado da União, qualquer coisa em contrário relativamente à escravatura. A voz do povo é unânime em favor do nosso governo atual, e em erguer-se contra os que procuram derrubá-lo, por motivos de capricho, fantasia ou loucura, quando floresceu de forma tão gloriosa e por tanto tempo. Nenhum Estado foi forçado a entrar na União, e nenhum pode forçar-se a sair dela.

O orador desenvolveu a insensatez e esterilidade do movimento de secessão, caracterizando-o como mera loucura de embriaguez. Quer a nossa forma de governo prove, na prática, ser um fracasso ou não, é certo que nenhuma outra se aproxima tanto do tipo Divino; nenhuma outra possui tal estabilidade inerente, ou requer tão pouco o recurso das armas para proteção da sua administração, ou serve tão bem aos propósitos da civilização.

Se as atuais divisões aumentarem até cumprirem as suas tendências destrutivas, ficai certos de que, sobre as cinzas e ruínas da nossa grandeza caída, surgirá outro império, que se estenderá não só de oceano a oceano, mas do Círculo Ártico ao Cabo do Sul, e que talvez até venha a incluir os Estados da Europa. Para o bem de tal consumação, quase estaríamos

dispostos a testemunhar a queda da atual Confederação, para que, em seu lugar, surja uma nova, que abrace o mundo no seu seio.

Imploramos aos interessados neste Governo que parem antes de empregarem, para a sua preservação, uma força bruta que não foi usada para o adotar. Não pela força das armas lhe ganhastes fidelidade e lealdade, e o derramamento de sangue nunca poderá ganhar-lhe a consumação em paz, amizade e justiça. O derramamento de sangue, pelo contrário, impedirá para sempre este Governo de recuperar a sua posição, e implicará um regresso aos sentimentos dessas idades em que despotismo e força bruta eram considerados corresponder aos mais altos tipos de humanidade. O espírito da nossa era de civilização fará muito para impedir este último e pior recurso.

Podemos afirmar com segurança que não pode haver luta quando não há ninguém para lutar. Este Governo encontrará a sua melhor segurança na inatividade e no silêncio; e o seu agora tão difamado Executivo é o mais fiel e sábio, e o melhor representante da voz do povo que poderia ter; pois os rebeldes em breve se cansarão de bater no ar — de combater sombras — e, quando o paroxismo da loucura embriagada passar, deporão as armas e regressarão tranquilamente aos seus caminhos ordinários da vida — mais sóbrios, ainda que não mais sábios.

Até que o bom senso do povo tenha tempo de se reafirmar e de se recuperar do exemplo contagioso de loucura e desvario dos seus líderes, é melhor suportar insultos e agravos do que precipitar a nação no vórtice inescapável da revolução. Pois a forma republicana de governo não está destinada a existência transitória. Noutro país, vereis surgirem mais novas Repúblicas do que alguma vez caíram — vereis uma mais completa derrocada de tiranias, um mais perfeito crescimento de paz, amor e harmonia, engendrado por povos livres e esclarecidos, que constituem a voz do Governo.

RESUMO DA SÉRIE SOBRE ESPIRITUALISMO E CIÊNCIA

Uma Oração Inspirada proferida sob Influência Espiritual, pela Sra. Cora L. V. Tappan, nas Lawson's Rooms, Gower Street, Londres, 17 de dezembro de 1873.

Desejamos, esta noite, amigos, apresentar-vos um breve résumé dos vários pontos que procurámos estabelecer durante esta série de palestras. A ligação entre o espírito do homem e as substâncias físicas que o rodeiam, esteja ele incorporado na forma humana ou desencarnado e na forma espiritual, deverá para sempre ser tema de discussão e investigação.

O espírito atua sobre a matéria, controla-a, imprime-lhe a vida que ela possui. As leis pelas quais a Mente Divina controla e governa as formas da terra são igualmente subtis e misteriosas até que sejais conduzidos ao conhecimento passo a passo, e até que, por investigação e escrutínio atentos, encontreis uma causa após outra a produzir certos resultados; pois a Mente Divina, por uma sucessão de leis e forças ocultas, domina as vastas forças da matéria e fá-la submeter-se a essas leis, e assim opera o resultado do átomo ao mundo, do mundo ao sol, do sol ao sistema, e finalmente, através das vastas constelações do ser, advém a imortalidade, todos cumprindo a sua obra em resposta à Sua vida. Por certo, algumas das leis pelas quais Ele faz isto podem ser conhecidas pelo entendimento humano.

Uma dessas leis já foi revelada sob a forma da gravitação. O movimento é o sublime princípio da lei, sendo o resultado deste facto físico patente no firmamento estrelado e no mundo exterior. Sem movimento não pode haver vida, e sem vida, como resultado do movimento, não podem existir as formas organizadas de ser que há no universo. O espírito humano, comparado com o infinito, é como uma gota de água comparada ao oceano. Podeis ver espelhados no oceano o céu e os céus estrelados e toda a vasta extensão do espaço.

Podeis ver espelhada numa gota de água a mesma vasta extensão, mas num grau infinitesimalmente pequeno. A mente humana é finita; Deus é infinito. Contudo, a mente é suficientemente ampla para possuir uma semelhança com o Espírito infinito; e as mesmas leis pelas quais o infinito atua sobre a matéria universal permitem à mente finita atuar sobre a matéria finita. Os vossos espíritos controlam os vossos corpos. A vida que anima os vossos corpos — seja voluntária ou involuntária, como lhe chamais — é, na realidade, resultado da existência dos vossos espíritos.

Cada molécula, cada átomo suscetível, cada substância atraída para os vossos corpos está sob o controlo direto das vossas naturezas espirituais.

Não confundais isto com a vontade; pois não está sob o controlo da vossa volição. Não o confundais com o intelecto. O intelecto é subtil nas suas operações; mas a natureza espiritual é ainda mais subtil, e é ela que, voluntária ou involuntariamente, controla cada átomo da vossa existência física. Ela atrai para vós cada substância necessária à composição dos vossos corpos, rejeitando as que não são compatíveis com a sua forma, e determina em grande medida a natureza dos vossos corpos físicos.

As leis pelas quais os vossos espíritos conseguem agir são subtis e minuciosas. Algumas dessas leis podem ser-vos conhecidas; por exemplo, pela rapidez do movimento chamado circulação do sangue, pelas várias comoções nervosas que fazem o sangue coagular quando sobrevém grande agitação. O medo é um instrumento poderosíssimo no controlo dos vossos corpos físicos; e tereis, sem dúvida, conhecido pessoas, sob a influência do medo, tornarem-se absolutamente frígidas.

O amor, o ciúme, o ódio, a malícia, a inveja — tudo isto produz várias condições físicas que se denunciam no rosto e, muitas vezes, envenenam de tal modo o sangue que, durante dias, não recuperais do seu fogo consumidor. Este é o poder subtil — a influência do espírito.

Esse espírito não o podeis ver — não pode ser analisado. Mas possui, muitas vezes, no campo de batalha, o poder que, apesar do cansaço e esgotamento físicos, impele o soldado à vitória; arrasta-o durante horas quando, sem esse domínio, teria sucumbido. Sabeis quanto a mente pode influenciar e controlar os vossos corpos — quantas doenças imaginárias tendes, e como a imaginação pode produzir a morte. Provavelmente ouvistes falar da pessoa condenada à morte que morreu por efeito da imaginação. Foi entregue a médicos que desejavam experimentar os efeitos da imaginação.

Fizeram-lhe descobrir o braço e então deram um pequeno pisco na pele sem provocar sangue. Depois verteram sobre o braço um fio de água a escorrer, à temperatura do sangue. O homem ficou lívido e pálido e acabou por expirar, puramente pelos efeitos da imaginação, sem ter sido derramada uma gota do seu sangue. Tal é o poder do espírito sobre o corpo.

Por vezes, as pessoas prolongam a vida pelo mero exercício da vontade. Estão determinadas a não morrer, e assim vivem muito para além do

esgotamento dos seus corpos, por vezes sobreviveram aos desejos secretos dos seus amigos. Essa teimosia é a que transmite vida aos vossos corpos. Decerto há causas externas e subtis — causas hereditárias, acidentes (assim chamados), doenças contagiosas — que em si provocam a morte; mas tudo isto resulta também de alguma ação subtil sobre a força vital que liga o espírito ao corpo; e quando ela suspende subitamente a sua influência, a mente não tem poder de agir — todas as forças nervosas são de súbito e efetivamente destruídas e cortadas.

Mas, como já dissemos, esta força íntima é transmitida pelo sistema nervoso, no qual o cérebro participa de facto do estado vital, e a inteligência, o poder da mente, manifesta-se através desse processo de mecanismo, o mais subtil de todos — o cérebro humano.

Esta força é conhecida e compreendida apenas tenuemente; mas constitui não só o elo de ligação entre as vossas mentes e os vossos corpos, como também o elo de ligação entre as vossas mentes e o mundo espiritual. Que é um agente palpável e potente, é evidente; pois sempre que a mão é paralisada, ou a morte abate o corpo físico, a mente não consegue controlar esse membro doente ou morto; e frequentemente levais convosco uma mão ou um membro arruinado porque o cérebro não consegue agir sobre as forças nervosas, tendo estas sido cortadas ou atingidas por doença vital. Quando sobrevém a paralisia, é porque essa aura nervosa foi destruída. A vida de muitas pessoas é assim destruída — vidas que poderiam ser úteis — porque ultrapassaram os limites da natureza.

Os recursos da natureza são muito conservadores. No respirar comum só gastais um terço do poder respiratório dos vossos pulmões. Mas se partis a correr sois obrigados a gastar dois terços, e por vezes mais, o que geralmente resulta em falta de ar. Se estivésseis sempre a correr para o trabalho e de volta, os vossos semelhantes haviam de considerar-vos loucos, porque esgotaríeis as forças de reserva dos pulmões. Contudo, é isto que estais sempre a fazer com o vosso cérebro ou força nervosa. Ides buscar ao capital, o que não é operação própria de boa gestão. Nunca se vê, em ações ou bancos, que os homens recorram aos fundos de reserva; guardam-nos para uma emergência.

Mas vós estais constantemente a recorrer às forças de reserva do vosso sistema — a fazer drenagens nervosas nessa aura vital — consumindo e enfraquecendo, dia após dia, as vossas forças. Há mais pessoas que morrem

por prostração das forças nervosas do que de doença efetiva. É a sede vital de toda a doença. Está ligada a toda a obra da mente. Todo o esgotamento excessivo da mente, portanto, mais tarde ou mais cedo repercute-se na constituição e, claro, a morte acaba por sobrevir.

Sobre estas forças subtis pelas quais o vosso cérebro é controlado pelo vosso espírito, também os espíritos desencarnados conseguem agir; estimulando esses átomos, essas moléculas de fluido nervoso que partem do cérebro para cada porção minúscula do corpo humano, causando assim impressões da mente ou vibrações físicas do corpo, transmitindo inteligência que não provém da vossa própria mente e manifestando a sua presença e poder. É por isso que deveis estar perfeitamente passivos numa sessão espírita.

Sabeis que, em estado de excitação, não pode haver passividade de mente. Se algum impulso forte vos move — qualquer impulso de amor, malícia, ódio, ciúme, ou qualquer outro elemento perturbador — não pode produzir tranquilidade nervosa. Ora, sendo a força nervosa o que os espíritos empregam para alcançar a vossa mente, a calma e a harmonia são sempre invocadas pelos vossos guias espirituais.

A primeira palavra ao saudar-vos é "harmonia", a última palavra é "harmonia" e todas as palavras entre ambas querem dizer harmonia, porque muitas vezes se perde muito tempo a produzir esta calma e harmonia. E aqui reside uma das razões por que tão pouca inteligência pode ser transportada para as vossas mentes. Em primeiro lugar, em todas as sessões compostas de pessoas ambíguas e promiscuas, há sempre alguma excitabilidade — alguém que não está em adequado estado de mente e corpo — e é preciso produzir o solvente geral; há de formar-se uma atmosfera uniforme — uma aura que o espírito possa empregar. Daí ser-vos pedido que canteis, ou participeis em qualquer tipo de conversa inocente, para produzir uma similitude de pensamento sobre a qual o espírito possa agir; porque elementos incongruentes, e aquelas emoções violentas da mente que produzem vibrações de aura nervosa semelhantes ao turbilhão, não são propícias às manifestações espirituais.

Se pudésseis ver a aura espiritual tal como emana das vossas mentes, veríeis esses pequenos redemoinhos a existir por toda a atmosfera; e os espíritos acham muito difícil aproximar-se, sendo apanhados nesses semi-redemoinhos; tentam uma e outra vez, e uma e outra vez falham. Sede, pois,

harmoniosos; sede passivos. Não podemos vir se não o fordes. Se vos sentardes a sós, logo vos sobrevirá esse sentimento de passividade de mente, se desejais comunhão.

Se, porém, a vossa mente se dispersa para negócios, ou fica ocupada por alguma inconcebível absurdidade, isso retira a aura e desvia o poder do espírito. Quando é necessária uma sessão para produzir manifestações físicas, naturalmente as condições hão de ser muito corretas e muito exatas, e a mais pequena variação produzirá uma divergência na forma da manifestação, ou desviá-la-á por completo; às vezes impedindo-a, e às vezes, receamos, tentando pessoas sem escrúpulos a realizar elas mesmas as manifestações.

Estas são condições da vida humana que tendes de aceitar. É no vosso mundo, e tendes de lidar com os homens como os encontrais. Não confiais no homem da bolsa ao tratar de ações. Às vezes é o mesmo nas sessões espirituais; ides ao encontro de espíritos com essa ideia na mente. Não vos libertais dessa atmosfera de desconfiança e engano. Estais tão habituados a usar máscaras durante o dia, que esqueceis que os espíritos não podem ser por elas enganados, e levais para esta atmosfera o mesmo espírito que trazeis entre os vossos semelhantes cada dia e cada hora.

Depois, as condições físicas têm muito a ver com isto. Esta atmosfera, em que várias pessoas emitem emanações magnéticas, elétricas e fosfóricas, influi na forma das manifestações espirituais. Naturalmente, o elemento primordial é nervoso e mental, mas os auxiliares estão na atmosfera, e o médium, a principal fonte das emanações, deve, por certo, estar não só em condição harmoniosa de mente, mas também cada via por onde a força nervosa é expelida do corpo há de estar em condição harmoniosa.

Quando algo ocorre que interrompe esta condição, muitas vezes sobrevém doença, por vezes até morte. Como já dissemos, qualquer violação das leis conhecidas pelas quais estas manifestações são produzidas é extremamente prejudicial e põe em risco a saúde do médium e de toda a pessoa sensível presente.

Esses elementos — magnéticos, elétricos ou fosfóricos — que acompanham cada pessoa, como antes mencionado, auxiliam, mas não produzem as manifestações. A força assim fornecida é transmitida ao médium e aos espíritos que se esforçam por se apresentar; e, no caso da corporização física, isto é por vezes convertido numa forma tão palpável —

tão próxima a simular a forma física — que é quase o mesmo que carne e sangue; mas, se a pudésseis analisar, como às vezes foi feito por clarividentes, veríeis que, em vez de carne e sangue, há apenas os envoltórios externos — a aparência destes — e que o corpo está meramente revestido sobre o corpo espiritual, a fim de auxiliar a forma mais tangível da vossa visão material.

Mas não possui vida vital, funções vitais, nem sangue e poder nervoso vitais; por conseguinte, todo o poder que tem é extraído das pessoas que compõem a sessão e do médium, e só quando as condições impostas são estritamente observadas é que as manifestações atuam conforme a sua pureza e perfeição. Quando assim sucede, tornam-se objeto de acurada investigação e a prova mais completa do poder dos espíritos de se materializarem na atmosfera. Referimos vários estádios de visão — visão espiritual e visão material. Nem todos os espíritos incorporados possuem visão espiritual. A visão do vidente é muito distinta e separada daquela que é observada na materialização de formas espirituais.

A visão do vidente é ou a visão da forma espiritual absoluta, ou o resultado de impressão simbólica produzida na mente do vidente por um espírito guardião. E quando tal vidente presencia a forma espiritual, e outros não a veem com o olho natural, podeis então determinar que se trata de visão espiritual — visão real, mas do espírito. Por vezes, quando figuras grotescas e peculiares surgem perante a visão mental humana, é o resultado de impressão psicológica ou simbólica, pela qual o espírito, atuando sobre os vários órgãos do cérebro, deseja produzir alguma impressão ou transmitir algum pensamento ou análise subtil.

Estas gradações da vista são conhecidas entre os espiritualistas; mas não é a visão espiritual que vos dá o poder de ver a forma espiritual materializada. É simplesmente a visão externa a tomar conhecimento da forma que, embora mais subtil e mais fina do que os vossos corpos, ainda se encontra materializada o suficiente para que os vossos olhos a vejam e tenha o aspeto do corpo material absoluto.

É claro que vapor e ar condensados poderiam produzir tal forma sem o efeito daquelas condições mecânicas a que nos referimos. Basta conhecerdes a atmosfera densa que haveis respirado e a presença efetiva de substâncias minerais nessa atmosfera, para saberdes que uma certa porção dela produziria uma forma muito palpável. O ar decomposto é facilmente

materializado, e, onde assim suceda, o espírito pode, com pouca dificuldade, congregar os átomos e elementos para produzir esse corpo materializado. Nesse caso, não é visão espiritual; é a visão do espírito materializado, denotando sempre a presença do espírito, o seu poder sobre a matéria e a influência que os espíritos exercem sobre as vossas mentes.

Muitas vezes essas visões assumem formas que não representam a condição presente do espírito, mas são dadas para fins de identificação, para os mostrar como apareciam na Terra. São, naturalmente, materializações reais, mas fornecidas com o propósito expresso de identidade: nesse caso não vedes a forma transfigurada do espírito, mas a apresentação que representará o amigo que perdestes. Não é necessário recapitular aqui as substâncias que os espíritos empregam para alcançar os vossos sentidos externos.

Mas foi dito o suficiente para mostrar que as forças da atmosfera, quase impalpáveis para vós, quando separadas e condensadas, são muito palpáveis para os espíritos e estão sob o seu controlo mais imediato; que, com o auxílio desses elementos, dessa aura e da agitação das forças nervosas, os próprios átomos mais materiais são postos em movimento, produzindo assim manifestações físicas.

Há, naturalmente, a sair constantemente de todo o corpo — de todo o corpo organizado — um fluido ou aura, resultado da sua vida atómica. Nos seres humanos, essa aura assume a forma mais elevada ou vitalizada; na verdade, poderíamos quase dizer que essa aura (se a pudésseis perceber) formaria uma atmosfera luminosa condensada, visível à vossa visão espiritual. Cada pessoa possui uma aura mental e física diferente; e o que é puramente físico não é, claro, a aura fina sobre a qual o espírito atua; mas o que é mental e espiritual combina propriedades pelas quais os espíritos produzem impressões mentais e físicas. Essa aura varia em densidade, força, persistência e qualidade absoluta, consoante a condição da pessoa.

O próprio pensamento é uma substância; mas não tendes análise que o descubra. Algumas pessoas têm pensamentos peculiares, não globulares nem arredondados, mas agudos e atómicos, como uma ponta ou lança minúscula. Algumas pessoas têm pensamentos que giram em torno delas como uma espuma espiritual ou aura de nuvem, que existe sem produzir impressão. Outros espíritos têm pensamentos não só pontiagudos, mas

sondando e produzindo laceração geral. Por vezes essa laceração está longe de ser gentil.

Algumas pessoas têm pensamentos cheios e arrojados, e são como uma bala de canhão, ou alguma substância que vos afeta como o choque de uma pilha. Os pensamentos de outros são filiformes e delgados e extremamente agudos, e penetram nas vossas mentes sem sentirdes logo os seus plenos efeitos; mas, uma vez lá, começam a contorcer-se e a torcer-se, e, como serpentes, produzem os seus efeitos. Outros, ainda, têm pensamentos volumosos, que não exercem poder especial; mas esses pensamentos impõem-se com grande efeito à maioria, e causam a impressão de que o original tem uma mente vasta; mas é simplesmente por causa do vapor.

Depois há outras pessoas cujos pensamentos são tão intensos e cristalizados que não podeis chegar a eles senão pelo processo de martelar e bater; e, em sociedade, tendes a maior dificuldade em descobrir o que realmente pensam. O cérebro e os corpos físicos fornecem um invólucro exterior às suas mentes; mas os seus pensamentos são cristalizados e finos, se lhes pudésseis chegar, embora muito difíceis de encontrar.

Essa gente, por vezes, por necessidade, desperdiçam os seus poderes em sociedade; mas grandes acontecimentos fazem emergir os tesouros ocultos das suas mentes e espantam o mundo como um diamante que foi desenterrado. Por vezes as pessoas têm pensamentos como cometas, e são regidas, ocasionalmente, por leis das mais difíceis, de modo que são as menos compreendidas. São aqueles que estão eternamente a cavalgar novas manias. Essas manias acometem-nos em alguma direção religiosa, ética ou científica, e, por algum tempo, absorvem-nos, até que outra coisa surge e os toma, e ao cometa também, consigo.

Isto ilustra suficientemente a variedade de mentes que são palpáveis à visão espiritual; e, embora cada um de vós possa não possuir exatamente nenhum dos tipos que apresentámos, possuís uma aproximação desses tipos, e essas variedades de pensamento afetam a atmosfera de modo muito peculiar; e, se pudésseis permitir que a luz do sol da visão espiritual brilhasse sobre eles, apareceriam muito semelhantes à condição do ar que surge no vosso quarto quando admitis um raio de luz. Veríeis uma multidão de moléculas infinitesimais que assumem várias formas — lanças, dardos, pontas e formas serpentinas.

Assim, deixar entrar o sol espiritual sobre os vossos seres algo materiais, espiritualmente, mostraria muitas vezes essas formas serpentinas e a variedade de maravilhosas vibrações que os vossos pensamentos tomam no espaço mesmo de um instante. Sendo isto assim, quão maravilhosa é a filosofia que pode resolver tudo isto em harmonia, e mostrar as causas pelas quais estes pensamentos subtis emitem o seu fim e propósito designados, mediante os quais cada natureza designada espiritualmente pode, por si, revolver no grande firmamento de almas atómicas, governadas pela mesma lei, controladas pela mesma mente, cumprindo o mesmo destino e resolvendo para sempre o mesmo problema da existência!

Tendo então a conferencista convidado perguntas, foram apresentadas as seguintes questões e respostas:
Em resposta ao desejo de mais informação, disse a Sra. Tappan.

P: Se o cavalheiro entendeu que dissemos que o espírito toma substância, ou se torna materializado, está enganado. O que afirmámos é que, quando as pessoas veem essas formas materializadas, veem a forma criada a partir da atmosfera para a ocasião.

É claro que o termo "espírito materializado" é muito conveniente, e é usado por todos os espíritos como distinto do espírito que não está materializado. Todos vós sois espíritos materializados enquanto ocupais a forma material; assim, durante uma sessão, o espírito que assume uma forma materializada é, por esse período, um espírito materializado; e esperamos que nenhuma confusão tenha surgido na mente do cavalheiro a este respeito.

P: Um homem que seguia pelo caminho viu e falou com quem julgou ser o seu primo, mas, ao ir a sua casa, a alguns quilómetros de distância, soube que ele fora morto por essa altura numa mina onde trabalhava. Gostaria de conhecer o modus operandi pelo qual isto se produziu?

R: Dissemos que há vários tipos de visões espirituais. Esta é a visão do espírito produzida por influência psicológica, e a outra é a visão da forma espiritual. Não há prova de que o corpo que ele viu fosse realmente uma forma materializada. Pode ter-lhe assim parecido à visão, mas não havia outra testemunha. Ele pode ter suposto que era uma forma física. Na realidade, tratava-se da forma espiritual, ou do poder do primo desencarnado de produzir esse efeito no seu cérebro psicologicamente. Nem todas estas visões são a materialização das suas formas, mas, mais verdadeiramente, a

simpatia ou visão dos seus parentes que os viram, sobre a qual podem produzir esta visão espiritual.

P: A Sra. Tappan, ao responder à pergunta sobre se era a forma espiritualizada, creio que disse que era apenas o espírito desencarnado do mineiro visto através da visão espiritual do primo. Todos nós podemos compreender a forma material de carne e sangue; mas como é quando o reconhecimento abrange a roupa tanto quanto a forma do indivíduo?

R: Um espírito suficientemente poderoso para produzir a aparência física psicologicamente não teria grande dificuldade em reproduzir a roupa. Poderia também revestir a mente com as vestes que usava. O magnetizador faz o seu sujeito ver o que quiser, de uma estrela a um macaco na selva, por causa do poder da sua mente sobre ele. Faz-lhe beber água e pensar que é vinho, comer pão seco e pensar que é o mais rico manjar.

Assim, um espírito suficientemente poderoso para produzir uma visão real da sua presença poderia certamente fazer alguém ver a sua roupa para o reconhecer. Limitamo-nos a dizer que esse é um dos modos. Talvez o mineiro que viu o primo fosse médium; por vezes o efeito é produzido de um modo e por vezes de outro. Não há prova de que tal manifestação fosse material, a menos que outra pessoa visse o corpo do primo falecido.

P: Agradecia quaisquer outras sugestões relativas ao uso de luz violeta em sessões.

R: Se prevalecer a influência fosfórica, e o médium emitir apenas emanações fosforescentes, então, claro, nada podem ter senão escuridão. Se forem elétricas, outras luzes são vantajosas. Mas, na maioria das manifestações em que há atómicas assim como elétricas, o violeta é favorável por impedir a desagregação dos átomos usados pelos espíritos. Porém, estas só poderiam ser dirigidas por alguns espíritos que compreendam quais são os requisitos peculiares.

Nenhuma instrução geral servirá, exceto que, como regra geral, o violeta será o mais propício não só à passividade nervosa da mente do assistente, como também às próprias manifestações. Deverão, naturalmente, consultar os espíritos que dirigem as manifestações do médium em questão quanto à luz que preferem, pois são eles que melhor podem julgar em que luz as suas manifestações individuais podem ser produzidas.

P: Os espíritos vivem apenas no espaço em torno dos nossos planetas, ou estão por toda a parte no universo inteiro?

R: Os espíritos do vosso planeta habitam a região imediatamente fora da atmosfera física efetiva da Terra, onde existe uma aura mais fina. Os espíritos de outros planetas ocupam posição semelhante em relação a esses planetas. Depois há espaços interestelares onde a aura é ainda mais fina e as almas ainda mais avançadas, e aí os espíritos mais elevados de cada planeta se reúnem e estabelecem moradas. Os espíritos não podem permanecer permanentemente na vossa atmosfera terrena, porque isso prejudicaria o seu progresso espiritual. O próprio espaço é um termo relativo.

P: Tem-se escrito muito, por espiritualistas avançados, sobre uma condição espiritual a que chamam "o sopro interior" ou "respiração interna". Não consigo perceber se isto pode ser definido, ou se deve ser entendido espiritualmente, ou se a influência controladora pode explicar a diferença entre sopro interior e respiração interna.

R: Há um estado de respiração que é puramente físico, análogo às diferentes fases do transe mediúnico. É um velho dito das amas que uma criança só está profundamente adormecida ao terceiro suspiro. Isso denota que certas fases de ação nervosa ocorreram e, se pudésseis observar suficientemente, também noutros, veríeis que nunca estão em sono profundo até que essa respiração profunda tenha ocorrido. Isto é a respiração interna. É o esforço dos pulmões para expelir o ácido carbónico que não é necessário durante o sono.

Alguns nunca têm esta terceira respiração e, por isso, não alcançam o máximo repouso que o sono profundo pode dar. Isto é, contudo, algo bem diferente do respirar do espírito. Se uma pessoa se colocar por cima da vossa cabeça e vos soprar, sai-lhe da boca um vapor quente; se mudar de posição, sai vapor frio: cada um depende da posição da pessoa. Ora, o sopro interior do espírito refere-se ao calor que se espalha pela mente; à iluminação consciente das faculdades espirituais, pela qual a mente é capacitada a ver as coisas espirituais. Assim, os dois não são termos sinónimos.

P: Os guias espirituais da Sra. Tappan parecem separar mente de pensamento. Ela usou as palavras: "Os pensamentos esgueiram-se para dentro da mente." Para mim, pensamento e mente são termos sinónimos.

R: Mente é um termo geral para pensamentos combinados. Um pensamento é um dos átomos particulares extraído da mente e lançado para fora. Podeis ter um pensamento; mas isso não vos tira toda a mente. A totalidade do pensamento é a mente.

P: As formas espirituais não são vitalizadas? Devo entender que, quando vejo uma forma espiritual — digamos a de "John King" ou "Katey" —, essa forma particular está, nesse momento, vitalizada?

R: O que entendeis por vida vital é estrutura orgânica e as funções que pertencem ao corpo físico, que "John King" e "Katey" certamente não têm. Têm simplesmente átomos galvanizados para a ocasião, mas não vitalizados. Não possuem a vitalidade que vós tendes, mas sim a vida galvanizada, que é apenas uma condição produzida para o momento.

P: A música tem algum efeito sobre os espíritos desencarnados e, em caso afirmativo, de que modo?

R: Em geral, os sons musicais afetam os espíritos desencarnados pela simpatia que têm com as vossas mentes, pela harmonia que produzem na vossa mente. A música das esferas é simplesmente o ritmo musical, o pensamento perfeito, pois o pensamento é mais harmonioso do que qualquer possível som ou vibração da atmosfera exterior.

ESPIRITUALISMO E CIÊNCIA

Na quarta-feira passada à noite realizou-se uma reunião pública nas Lawson's Rooms, Gower Street, sob a presidência do Sr. J. C. Luxmoore, para ouvir uma palestra sobre "Espiritualismo e Ciência", proferida pela Sra. Cora L. V. Tappan, médium de transe. O Presidente declarou que lhe fora pedido que ocupasse a cadeira na primeira reunião, mas recusara, por considerar que o Sr. Slater o deveria fazer; porém, na presente ocasião, ocupava o cargo com muito prazer, conforme os desejos e vontade do Sr. Slater.

Após mais algumas palavras, durante as quais exortou os espiritualistas mais jovens a manter sempre a própria individualidade, a usar o próprio juízo e a não obedecer aos ditames dos espíritos, a menos que o conselho parecesse razoável, apresentou a Sra. Tappan à assembleia. A Sra. Tappan entrou então em estado de transe e disse que um círculo de mentes científicas desejava falar nessa noite sobre as manifestações e a ciência

mental ligada ao Espiritualismo, bem como explicar como mentes fora do corpo e no corpo se influenciam mutuamente e controlam a matéria sólida.

Disse que a psicologia ainda estava na infância, mas que os métodos pelos quais uma mente controla outra podiam ser determinados com precisão. Prosseguiu explicando que a eletricidade nada tinha que ver com os fenómenos espirituais; acrescentou que a eletricidade é uma substância palpável, cujas vibrações ocorrem sob condições conhecidas. A substância invisível que envolve os médiuns e é usada pelos espíritos na produção de manifestações não é de natureza elétrica. O magnetismo animal era uma força que emanava de um corpo humano e exercia a sua influência sobre outro corpo humano.

Era uma força puramente física, e o controlo mesmérico era regido por leis físicas absolutas sob a influência da mente. Esse poder mesmérico nunca era exercido sem consciência por parte do operador, e podia atuar a distâncias consideráveis. Muitas pessoas viviam anos sob o controlo biológico de outra mente de vontade superior. Outro fenómeno ligado ao Espiritualismo era o desenvolvimento de clarividência na pessoa mesmerizada, casos em que o mesmerizador constata que o sujeito é controlado por uma mente para além do alcance do seu poder de vontade, e que só consegue manter controlo sobre o corpo do sensitivo.

Havia pessoas conhecidas como clarividentes independentes, que entravam no estado mesmérico, como supunham, sem qualquer operador; mas não existe tal coisa como uma pessoa auto-mesmerizar-se. Se não for mesmerizada por um operador humano, um espírito atua em seu lugar. Uma pessoa não pode ser, ao mesmo tempo, o poder controlador de si própria e não o poder controlador de si própria — seria uma contradição nos termos. A psicometria era uma forma diferente de clarividência da desenvolvida pelo mesmerismo; era um estado de simpatia mental, em que cada objeto que entrava em contacto com o sensitivo lhe transmitia toda a sua história à mente.

Outras circunstâncias pelas quais aquele objeto em particular tinha passado tornaram-se evidentes à mente da sensitiva, em consequência, acreditava-se, de todas as vibrações da natureza deixarem uma impressão em algum lugar. Nesses casos a sensitiva podia rastrear uma carta de volta pelo correio até ao escritor, e ler os pensamentos e intenções da pessoa que redigira o documento. Houve um caso bem autenticado em que uma senhora

sensitiva colocou a mão sobre uma mesa, e teve a visão de um naufrágio; viu algo a flutuar e colocado num barco.

Era a mesa. Viu-a ainda mais atrás junto de alguém num calabouço, e disse que o prisioneiro, que tentava escrever sobre ela, fora condenado por um delito político. A afirmação era toda verdadeira: a mesa fora poupada da Revolução Francesa, depois foi usada a bordo de um navio, e a embarcação naufragou. A senhora nunca tinha visto a mesa, nem estivera antes naquela casa. Tudo isto eram fenómenos do mesmerismo.

Nas manifestações espirituais, os espíritos desencarnados eram obrigados, quando desejavam produzir efeitos físicos, a usar matéria emanada do corpo do médium, que estava sujeita à vontade do espírito. O espírito tem maior elasticidade de vontade e mais controlo sobre os elementos mais subtis da matéria do que um mortal. Nos círculos espíritas os espíritos atuam sobre as partículas de matéria em torno dos corpos dos assistentes, e as emanações concentradas formam, nas suas mãos, um elemento tão palpável quanto alguém poderia desejar. Os mortais não conseguiam ver como as moléculas de matéria se puxavam e repeliam mutuamente cada vez que moviam a mão em obediência à sua própria vontade.

Os espíritos não só viam esses movimentos, mas também as vibrações mais rápidas do pensamento, e quando em simpatia mental com um mortal, não era necessário que o mortal falasse para o espírito conhecer o seu pensamento. A mente desenvolvida podia também, em contrapartida, receber impressões do mundo espiritual. Dizia-se frequentemente que os médiuns eram sensíveis aos pensamentos dos investigadores, e era verdade. A intensidade do pensamento, em qualquer direção, dirigida a um espírito, assegurava mais seguramente a sua presença do que qualquer outro método. Mas tudo dependia da intensidade e não da qualidade dos pensamentos.

Os mortais podiam atuar uns sobre os outros à distância pelo pensamento, e quando estas coisas fossem melhor compreendidas, a telegrafia mental poderia substituir a telegrafia comum. Os materialistas tinham a ideia de que nada podia ser alcançado pela oração, mas a oração, devidamente orientada, podia conseguir quase tudo o que não contrariasse a lei natural, pois a intensidade dos pensamentos alcançava os espíritos guardiães, que tentariam realizar os desejos dos suplicantes. A verdadeira

oração podia fazer bem aos pacientes numa enfermaria de hospital, se os materialistas apenas deixassem os espiritualistas orar à sua maneira.

Os pensamentos dos suplicantes influenciariam um conjunto de espíritos, e estes produziriam algum resultado absoluto. A oração do materialista não podia fazer isto; só podia ser feita pelo desejo sincero de uma pessoa que nunca questionasse a capacidade da inteligência. A própria condição da oração perde-se e extingue-se quando o homem diz ao Todo-Poderoso ou aos espíritos: "tentem se conseguirem fazer isto". Os físicos exigiam certas condições para as suas próprias experiências, e os espiritualistas exigiam o mesmo.

Após afirmar que certas vibrações ligadas ao pensamento eram infinitamente mais rápidas do que as vibrações ligadas à luz e às partículas de matéria, disse que a rapidez dessas vibrações mentais era a causa de muitas dificuldades que afligiam os espíritos nas suas tentativas de produzir manifestações, pelo que necessitavam de tempo para aperfeiçoar as suas experiências. O facto de terem alcançado certo grau de precisão nos seus resultados era demonstrado pelo vasto conjunto de factos reunidos em ligação com o Espiritualismo moderno.

Mas este assunto encontrava-se fora do alcance da ciência estabelecida e da religião estabelecida, e, portanto, tinha de abrir caminho por si, no meio dessas forças em contenda. As pessoas que desejassem investigar o Espiritualismo deveriam começar sem opiniões preconcebidas e possuir mentes puras, abertas à receção da verdade em qualquer direção.

O Sr. Crisp colocou uma questão, à qual a Sra. Tappan respondeu que a verdadeira oração produzia efeitos no mundo espiritual tão seguramente como o fogo sob uma caldeira transformava água em vapor. Outro cavalheiro levantou-se e perguntou se os espíritos tinham sido conhecidos por beber cerveja em sessões. A Sra. Tappan respondeu que, como manifestação espiritual, poderiam ter feito com que a cerveja ou outros líquidos fossem absorvidos na atmosfera, tal como se registara que a água fora transformada em vinho nos tempos antigos, mas nunca realmente beberam cerveja. Em resposta a outra questão, a Sra. Tappan disse que havia muitos casos bem autenticados em que o mesmerista conseguira controlar o seu sujeito a grande distância, até centenas de milhas, mas não podia ser feito em todos os momentos, em todos os lugares e sob todas as condições.

O Sr. Burns disse que frequentemente lhe vinham pessoas a afirmar que ouviam vozes nos ouvidos, e que o encaravam como perseguição. Poderia a Sra. Tappan explicar o fenómeno? A Sra. Tappan disse que, quando os sons não resultavam de doença — o que por vezes acontecia, especialmente quando ruídos externos se transformavam na semelhança de vozes —, havia casos em que os sons eram causados por simpatia mental entre duas pessoas na Terra. Por vezes eram causados inadvertidamente por espíritos. Outro orador perguntou —

Recomendaria o estudo do Espiritualismo como religião, ou como entretenimento?

A Sra. Tappan disse que, como entretenimento, aconselhava toda a gente a afastar-se dele. Era uma ciência e um sistema de ética espiritual; a religião só podia existir no indivíduo, mas o Espiritualismo podia fornecer os meios de dar forma exterior à sua religião. Em resposta a outra pergunta, disse que o facto de os médiuns receberem, por vezes, comunicações de pessoas ainda vivas na carne, com quem depois se encontravam pela primeira vez, resultava de uma simpatia peculiar entre a pessoa vista e o médium.

Foi então perguntado como é que os espíritos produziam a voz direta nas sessões.

A Sra. Tappan disse que fabricavam uma caixa torácica e outros órgãos de som a partir das emanações do médium. A voz não era nem a voz do médium nem a voz de um espírito, mas resultava de sons produzidos por um aparelho temporariamente fabricado pelos espíritos.

Uma senhora disse que, quando via espíritos, via figuras humanas muito pequenas a andar entre ela e o rosto de cada espírito. Poderia a Sra. Tappan explicar isso?

A Sra. Tappan disse que, por vezes, visões eram impressas na mente do médium por espíritos acompanhantes, e as pequenas figuras podiam ser incorporações de pensamentos intermédios dos quais os espíritos desejavam que a senhora tomasse conhecimento. As figuras eram visões simbólicas e não realidades.

Outro orador disse — Há alguma compensação para os animais que foram cruelmente tratados em troca de bom serviço e fidelidade?

A Sra. Tappan respondeu que havia compensação em todas as coisas na natureza, mas que às vezes a compensação cabia a outra pessoa; contudo, o equilíbrio mantinha-se. A crueldade encontra a sua reação, pois a natureza prevê sempre que as pessoas que causam sofrimento hão de sofrer elas próprias em algum momento. Se os homens pudessem olhar para a mente dos animais que sofrem, veriam que, de muitas formas, eles eram compensados pelas leis da natureza pelas crueldades.

O Sr. T. Slater perguntou o que deveríamos fazer para nos tornarmos melhores e mais felizes do que somos atualmente.

A Sra. Tappan respondeu que a Terra tinha vários milhares de anos, e desde o início que essa fora uma grande questão. Primeiro, o indivíduo deveria cumprir o seu dever, e deixar a felicidade tratar de si própria (Aplausos).

Cada dia e cada hora o dever individual mais próximo da consciência devia ser bem cumprido; não deviam perseguir a felicidade como objetivo individual, mas deviam conceder o máximo possível dela aos outros, e então ela voltaria aos seus próprios corações.

O Presidente exortou os presentes a trazerem os seus amigos às reuniões futuras, para obter boas audiências e aliviar os promotores da despesa da publicidade, após o que a sessão encerrou com os habituais votos de agradecimento.

VIDA ESPIRITUAL

O Espiritualista aboliu um Reino dos Céus literal — as suas muralhas de bronze, as suas ruas de ouro, as suas portas de pérola, o seu trono de alabastro — e declara ao teólogo que esses termos são simbólicos e não literais, e de modo algum expressam o reino espiritual. O Espiritualista aboliu o reino literal do fogo do inferno, o seu lago de enxofre, a Geena literal, e substitui-o por um estado ou condição da mente que afirma ser o verdadeiro inferno.

Se isto foi conseguido à luz do ensinamento espiritual, não haverá ainda tanto perigo de os Espiritualistas derivarem para um céu literal ou um inferno literal como o teólogo que criticaram com o seu primeiro ensinamento?

Se o reino do espírito é um reino de vida orgânica, então deve estar sujeito ao calor e ao frio, à influência dos raios solares, à lei da gravitação, e a tudo o que afeta as substâncias da Terra e dos planetas. Se assim for, é mais material, se possível, do que o Reino dos Céus que o teólogo idealizou.

Quando um homem vem até si em completa miséria, não vê essa miséria nas suas roupas, a menos que seja a miséria da pobreza que não pode proporcionar melhores vestes. Nem sempre a vê estampada no seu semblante, mas quando entra no seu pensamento, quando ele lhe confia a sua intimidade, diz: «Estou no inferno». Que inferno é esse? É um estado de infelicidade que, se ele estivesse amanhã na vida espiritual, provavelmente o acompanharia e constituiria, na existência espiritual, o seu estado.

Se um homem vem até si rodeado de condições precárias na vida terrena, com apenas o suficiente para que o corpo se alimente de dia para dia, e ainda assim lhe diz: «Estou perfeitamente feliz, estou no céu», certamente não atribui isso às suas circunstâncias físicas, nem isso faz parte da sua estrutura orgânica física. Se ele passar para a vida espiritual amanhã, leva esse céu consigo, e ele constitui o reino de vida em que aí vive.

O Espiritualista tende, ao apresentar o mundo espiritual de modo a que pareça real para a humanidade, a confundir substância e vida material, vida orgânica e literal, com realidade. De longe a maior e única porção da sua vida real hoje, neste instante, não é o ambiente, não é esta assembleia, nem as suas roupas, nem os assentos que ocupa, nem os corpos que são visíveis uns aos outros, mas o pensamento que se oculta nos seus corações e mentes, que compõe o mundo ou entidade que habita; e contempla estas cenas envolventes, não apenas em referência à sua existência, mas em referência à sua compreensão delas. O homem de vistas estreitas e ideias limitadas, deficiente em pensamento e cultura, em combinação de cor e tamanho, vê tudo deturpado por essa falta de compreensão; enquanto aquele que tem clareza de ideias vê o mundo da matéria em referência à sua conceção e não em referência ao mundo material em si.

A existência do homem na Terra é uma existência ideal; é o resultado do pensamento que o precede. O homem é mais do que um composto químico que come, bebe, dorme e se reproduz, e depois desaparece.

Aquilo que constitui a humanidade na Terra é o vasto reino ideal que embeleza o que toca, molda a matéria em formas adaptadas ao seu ideal, treina os elementos que rodeiam o homem e trá-los para a sujeição ao seu

pensamento e razão, criando um reino de existência sobrenatural ou real interior, no meio deste mundo material.

Foram proferidos vários discursos ilustrando o facto de que a matéria não é contínua na sua organização, que não pode ser confiável na sua aparência aos sentidos; que pode ser tornada invisível e visível igualmente, sem a agência ou auxílio da lei material, e que, se se basear a existência na esfera da vida material interior, a existência do homem deve encolher até ao estreito espaço ocupado pelo átomo, em vez do reino infinito ocupado pela alma.

Não conheço razão alguma para que os Espiritualistas tornem os padrões de vida materiais. Não conheço razão alguma para que o Espiritualista se confine a este culto da matéria que constitui expressão orgânica, em vez do reino do espírito que constitui a fonte da vida.

É aceitável que o Materialista, que supõe não haver reino do espírito, se esforce por explicar todos os fenómenos da vida humana pelos padrões da chamada ciência material. Mas é certamente um trabalho supérfluo para o Espiritualista que acredita num padrão espiritual de existência, que compreende que o espírito é a fonte da vida e que, se existe uma existência para além da vida material, deve saber que essa existência é superior à vida material e, portanto, não dependente dela — dizemos que é supérfluo que ele faça os padrões de existência materiais em vez de espirituais.

A grande questão subjacente a tudo isto é: será necessário que algo seja material para ser real? E respondemos enfaticamente, conclusiva e definitivamente, não! Realidade não é materialidade. Se assim fosse, não haveria nada real na vida; nada na aspiração; nada em qualquer parte da vida ou história humanas. Se a matéria fosse a única realidade, então aquilo que não é pensamento, que não é criação, que não é lei, nem vida, nem inteligência, teria de ser a única coisa duradoura e real no universo. Para ser real, uma coisa deve estar relacionada e fazer parte daquilo que é eterno. Para ser real, qualquer coisa deve existir em referência à fonte do ser. Para ser real, tem de haver indestrutibilidade, e isto não se aplica a nenhuma forma, combinação ou lei de existência material.

A própria palavra «substância», que se aplica ao que constitui a Terra e que é um termo usado para expressar uma condição inferior, é aquilo que está por baixo, aquilo que é menos do que algo que está acima e para além disso; para ser real, algo não deve ser substância, mas sim o superior, a fonte,

o mais elevado, aquilo que está além, aquilo que está acima, aquilo que é mais íntimo do que a vida material.

Quando estiver, portanto, na vida espiritual separado do corpo orgânico, está no mesmo reino de realidade que ocupa agora nos seus pensamentos, sentimentos, afetos, aspirações, esperanças, profecias e tudo o que constitui o verdadeiro homem e a verdadeira mulher aqui em baixo. Quando estiver na vida espiritual separado do manto de argila que o envolve, e que forma o instrumento imperfeito da expressão humana, os poderes do espírito ficam libertos para se exprimirem no seu reino natural. Como a ave para o ar, como o peixe para a água, assim o espírito adere ao reino do espírito.

Não vai para a vida espiritual quando morre; não parte para um reino distante. A sua vida espiritual torna-se então o centro da sua ação consciente, como a vida física é aparentemente o centro da sua ação consciente aqui, e afasta-se das limitações do tempo para a condição ilimitada da existência espiritual. Precisamente isto ocorreria esta manhã; apressa-se, na sua consciência corporal, para chegar aqui a tempo, mas uma vez aqui, se ocupado com o pensamento que perpassa o discurso, está inconsciente da passagem do tempo, porque o pensamento não toma consciência do tempo a menos que esteja associado aos sentidos e a alguma condição do seu estado corporal.

Agora, os seus amigos espirituais — que aqui estão tanto quanto você — que não dependem do tempo nem do sentido físico, mas apenas da condição espiritual de atração e adaptação, aqui estão porque atraídos aqui — não limitados pelos obstáculos físicos do corpo para virem aqui, e não tendo de experimentar essa pressa e fadiga e toda essa resistência que experimenta ao vir aqui corporalmente, porque se o seu desejo permeasse o corpo tão plenamente como o desejo deles governa o espírito, então estaria aqui quando pensasse em estar aqui.

Alguém disse, em resposta ou tentativa de resposta à nossa posição sobre este assunto: «Sabemos que isto é uma flor, mas não é um pensamento». Peço desculpa, seja quem for que o tenha dito. Como poderia saber que é uma flor sem o pensamento?

Se pensa e, assim, sabe que é uma flor, sabe que um pensamento deve tê-la criado, mesmo que não seja o seu. Porque não a criou não é prova de que não houve pensamento na sua criação, pois ninguém no universo da vida humana pode supor-se fonte de todos os pensamentos do universo.

Há um relógio; se entra nesta sala e não há meio de saber quem é o fabricante desse relógio, ainda assim sabe com absoluta certeza que foi feito por alguém, e que esse alguém tinha o conhecimento do tempo; que adaptou a sua construção às leis conhecidas e aos movimentos da Terra sobre o seu eixo e em torno do Sol.

Agora, temos a mesma chave para a inteligência do universo que tem para a expressão dos objetos materiais à sua volta.

Ao desenterrar uma cidade antiga, ninguém diz: «Isto foi resultado da lei; ninguém jamais fez isto.» Mas diz: «Vejo aqui evidências de vida humana»; e presume, com base nisso, que seres humanos ocuparam essa cidade antiga, e julga pelas leis que regem a vida humana, pelo pensamento que se manifesta, pela inteligência e propósito que ali estão.

Na estrutura do universo há geometria, há forma, há a lei da matemática, há a lei da unidade, há tudo o que indica inteligência; e embora ninguém jamais tenha visto o pensamento humano ou a inteligência Divina, sabemos que estão lá, e que o pensamento criou tudo no universo. Se não, plante uma pedra e veja se se tornará num lírio. Nunca! Nem por qualquer processo poderá transformá-la num lírio, exceto pelo pensamento ou germe original que causa o efeito, isto é, o lírio que vê.

Na vida espiritual está um grau mais próximo do pensamento; está um passo mais próximo da fonte das coisas. Hoje, na vida humana, há uma invenção; talvez uma máquina elétrica, talvez uma máquina a vapor ou uma nova força motriz. Se estivesse na vida espiritual há cem anos, ou cinquenta anos, ou vinte e cinco anos, esse pensamento da máquina a vapor seria aí mais real do que é hoje na Terra, porque mais próximo da fonte da invenção.

Todos os segredos das forças mecânicas, tudo o que é inferior à mente, é mais facilmente descoberto na vida espiritual, uma vez que o homem não depende da experiência, dos sentidos físicos, mas da perceção para descobrir os princípios que regem o universo material. Está colocado, portanto, na vida espiritual em referência a si próprio em vez do mundo objetivo à sua volta, e aquilo a que chama objetivo enquanto na vida terrena, torna-se aí o subjetivo. É por isso que os espíritos podem superar a lei da gravitação. É por isso que podem mover substâncias, aparentemente através de paredes sólidas; a matéria da Terra é subjetiva para eles.

Mas aquilo que não é dócil, aquilo que não é vencido, e aquilo que nunca pode ser conquistado, salvo pelos adequados poderes espirituais, são as falhas e imperfeições de cada ser humano. Estes são os obstáculos do crescimento espiritual, de modo que aquilo que aqui lhe parecia subjetivo — o pensamento, a emoção, o ódio, o amor — torna-se objetivo na vida espiritual; e é por isso que dizemos que o homem, no espírito, está rodeado de si mesmo e da sua própria criação.

Parece suficientemente claro, e, no entanto, os Espiritualistas precisam dos fragmentos partidos da semelhança material para pensar que a vida espiritual é uma realidade. Parece suficientemente distinto que habita o reino das suas próprias afeições e atributos.

Mesmo aqui, as casas em que habita e as terras que cobiça não fazem parte da sua verdadeira existência; e, quando for retirado da condição orgânica que o liga à vida material, porque não entrar no reino que torna essa vida uma realidade, em vez de arrastar consigo a aparência da vida? Aqui em baixo, um homem que viaja para os trópicos não leva consigo as peles que veste quando viaja para o Pólo Norte. Se o faz, descobre que são incómodas; e quem viaja para os Polos não leva consigo as roupas leves que veste nos trópicos.

Assim, pode conceber uma existência onde não há frio nem calor, em que não haveria necessidade do vestuário orgânico da Terra. Porque não estar rodeado daquilo que constitui a realidade da existência na qual entra? Porque não considerar que a substância do pensamento é muito mais real na vida espiritual do que na forma material que pode conceber, mesmo que fosse o átomo último?

Há quem diga: «Não é existência espiritual, mas matéria refinada?»

Porque há de ser matéria refinada, se lhe dissemos que o padrão da realidade na vida espiritual não é material, mas espiritual? E dado que, se fosse matéria refinada, não lhe seria de mais utilidade do que a névoa que se eleva gradualmente em torno da montanha e se dissipa em vapor, e ao entrar num reino que é toda realidade, não formaria parte dessa existência. Então porque há de o espírito e a vida espiritual ser matéria refinada?

Mas se há casas, e terras, e paisagens, e quadros, e estátuas, e templos, não têm de ser materiais?

Porque hão de ser materiais, se seriam menos tangíveis para o espírito do que o pensamento de que realmente são compostos?

Não pode compreender que, nas relações do espírito com a matéria, aquilo que é material é menos tangível para o espírito, na sua existência espiritual, do que o espírito o é para o homem na sua existência material?

Se tivesse tecidos materiais na vida espiritual, não os perceberia de todo. Porque levar os pesados trajes das condições materiais quando o espírito não os pode usar? E se o pensamento está lá — que constitui a única expressão na vida material, e que é tangível e real para o espírito — de onde vem a necessidade da matéria de que considera que as formas devem ser feitas?

O erro está apenas em que, quando os espíritos conversam com os mortais e lhes ensinam acerca da sua condição, devem usar-se ilustrações que se conformem com a sua compreensão. Tal como se usam os blocos sobre os quais as letras impressas são colocadas para formar palavras que a criança possa ler — blocos que não fazem parte e que ela não pode levar consigo para o livro impresso ou para os clássicos — assim, na linguagem divina do espírito e nas conceções da existência espiritual, ainda precisa de ter os blocos de madeira sobre os quais o alfabeto da vida material está impresso.

De que valor são, para o homem de saber, sentado no seu gabinete, os blocos sobre os quais a criança aprende a ler, só porque apelam ao seu espírito literal? Assim também, na vida espiritual, quando deixa de depender dos sentidos físicos para os seus padrões, pode compreender que realidade difere de materialidade, tal como o pensamento, o sentimento, a aspiração e a afeição diferem da roupa que veste, que é insensível e sem vida.

Neste verdadeiro reino do espírito, todos os estados e condições são representados como realmente são; a exata imagem projetada da sua condição de espírito encontra-se lá, pois não é necessário o lento processo do tempo e da mudança material para os expressar.

Conhecemos um caso de um espírito que recentemente partiu, como lhe chamam, para a vida espiritual; isto é, tendo recentemente abandonado as condições materiais e tornado consciente do estado espiritual, um sentimento de dúvida apoderou-se do espírito quanto a se a mudança chamada morte tinha realmente ocorrido.

Com esse sentimento de dúvida, toda a forma espiritual foi envolvida em sombra e o espírito ficou alarmado. Assim que a dúvida foi afastada pela

perceção do espírito de que a mudança chamada morte tinha realmente ocorrido, e ele reconheceu os amigos espirituais em seu redor, toda a forma espiritual se tornou radiante e translúcida. Assim, cada pensamento é instantaneamente projetado ou expresso sobre a forma espiritual.

Quão diferente isto é do corpo material. É verdade que o amigo muito amado pode ler no seu semblante mutável a tristeza ou a alegria que enche o seu coração; e é verdade que longos anos de vício e crime deixam as suas linhas indeléveis no rosto humano. Mas não é menos verdade que os anos podem passar e o rosto pode ser uma máscara por detrás da qual o motivo mesquinho e o pensamento egoísta se ocultam, apenas gradualmente fazendo incursões na forma física.

Não assim no espírito; instantaneamente, os objetos que são resultado do seu estado apinham-se em seu redor e formam a expressão das suas ideias, e são envolvidos na luz ou na sombra que está na sua mente. Instantaneamente, cada pensamento encontra expressão na forma ou no modo que melhor se exige para tipificar a sua condição e alcançar aqueles que deseja alcançar.

Na vida espiritual, os pensamentos são simplesmente projetados nos seus arredores em exata correspondência à sua perfeição ou imperfeição, e o reino que habita, portanto, deve ainda ser declarado como o reino das suas próprias ideias.

Se pensa em algum amigo, ou se deseja alcançar algum amigo, esse pensamento toma a forma que melhor se adapta para o alcançar. Se for linguagem que ele possa compreender, toma a forma de palavras. Se estiverem na vida terrena, a linguagem corresponde às palavras que estão habituados a ouvir. Se necessitarem de expressão simbólica, então o pensamento toma a forma do símbolo que melhor compreendem.

Tal como nos tempos antigos o símbolo da paz era a pomba, assim em todos os registos antigos lê acerca do símbolo da pomba que foi vista a voar da Arca, e do símbolo da pomba que desceu do céu, que é a exata expressão daquilo que pode representar um pensamento espiritual ou angélico. Muitos clarividentes ou médiuns veem em seu redor símbolos que são dados como resultado de mensagens espirituais; flores entrelaçadas à sua volta, símbolos de pombas, ou aves, ou arco-íris, ou estrelas, todos eles expressão do pensamento que os seus amigos espirituais desejam que lhe chegue.

Quando fala de flores trazidas do mundo espiritual — porque todo o reino do pensamento é um jardim de flores, e a alma em si é a fonte dessa vida simbolizada em flores. Quando fala de estrelas trazidas do Céu como expressão de brilho espiritual, cada espírito é uma estrela que brilha na escuridão do tempo, alcançando-o pelo símbolo que melhor exprima o pensamento e a condição da vida espiritual para si. E quando ouve falar de casas e cabanas aninhadas na floresta silenciosa, e de ribeiros que correm pelos vales, de colinas cobertas de verdura, não deve pensar que são imóveis, imutáveis como as colinas que o homem escalou durante eras aqui.

São, sim, os pensamentos sempre mutáveis do espírito que lhes dá expressão; e aquele que é artista pinta para os seus amigos o reino da sua existência em cenas transcendentais de formosura e beleza das quais a Terra não tem protótipo; vistas dissolventes que revelam as sempre mutáveis aspirações da alma, e quadros que se desfazem e se fundem na grande harmonia da existência — visão, som, sensação, tudo fundido na perceção divina da alma; e quando nos diz que isto não é realidade, vou à alma do meu amigo que fez estas imagens para mim e digo: «Faz-me de novo a imagem viva que vi»; e ali está, projetada diante de mim, tão bela, tão verdadeira como sempre.

A máquina a vapor, que uma colisão demolirá, e que em todas as suas partes pode ser completamente destruída, é muito diferente da máquina na mente do inventor ou construtor que faz uma sobre a qual modelar uma nova sombra material; e se dependesse, para todos os instrumentos da invenção humana, dos modelos feitos em barro ou substância material, não teria ciência mecânica de um dia para o outro, pois o mais ligeiro acidente material destruiria o seu modelo.

Mas a alma do inventor felizmente não pode ser destruída por colisões ou decadência terrena; e, no mundo dos espíritos, onde todo o seu génio tem pleno exercício, os seus modelos revelam-se com tal perfeição que o mecanismo rude da Terra pareceria apenas um carro de mão desajeitado comparado ao carro de fogo do Sol.

Não fale de realidade quando vinte e cinco, cinquenta anos não bastaram para trazer à expressão perfeita, na vida material, a ideia do motor a vapor, que é perfeita no espírito. Não fale de padrões materiais, quando Edison e os seus colaboradores estão a sondar através dos sentidos para dar expressão àquela luz perfeita da eletricidade que durante um século brilhou no reino do

espírito como uma chama transcendente. Não fale dos grandes poderes da mente humana submersa nos sentidos, quando mesmo agora, no reino da invenção espiritual, uma nova força motriz está à espera das suas cérebros tardios — a grande força motriz do futuro, que há de pôr de lado a eletricidade e o vapor, e trazê-lo frente a frente com o grande motor dos séculos — os raios do Sol, que, como o vasto coração do Infinito, pulsam através de todos os planetas e mundos, mantendo-os nos seus lugares.

E o homem, até agora, não conseguiu captar a inspiração da sua luz. Terramotos, moldados por eles, planetas lançados nos seus lugares pela lei da luz e do calor solares; e, ainda assim, o homem diz que os sentidos externos são os padrões da vida, enquanto este grande pulso vivo tem batido durante eras, e os espíritos aguardam o nascimento do homem que terá inteligência suficiente para receber a invenção.

Certamente está a aproximar-se da verdadeira vida, e na sucessão de discursos que se seguirão, procuraremos pintar-lhe esses estados e condições na vida espiritual que cada vez mais plenamente exprimirão a realidade daquilo que não é material.

QUÍMICA ESPIRITUAL E ÉTERES ESPIRITUAIS

Um Discurso Proferido a 17 de Novembro de 1907
Pelos lábios de Mrs. Gora L. V. Richmond, por um "Químico Atenuado"

A razão por que se usa a palavra atenuado é que os ultra-materialistas e alguns dos ultra-espiritualistas dizem que "o espírito é apenas matéria atenuada". Se o espírito é matéria atenuada, um homem que foi químico na vida terrena deve, naturalmente, ser um químico atenuado na vida espiritual.

Contudo, a qualidade de um átomo não é alterada quando há uma agregação de átomos, e, se o espírito, ou a mente, ou a alma é matéria atenuada, então, naturalmente, deve haver menos alma do que corpo e do que espírito enquanto permeia o corpo. Depois, muita gente diz que os fenómenos físicos do Espiritualismo, ou as obras dos iogues e dos magos do Oriente, "são simplesmente uma questão de química".

Entre a química moderna e a alquimia antiga há esta diferença: a química moderna lida com a substância; a alquimia antiga lida com a substância e com o espírito. Por conseguinte, no alambique ou cadinho do antigo alquimista

considerava-se que outros princípios tomavam parte nos resultados para além da mera transposição ou transmutação da chamada substância.

Os teosofistas e os espiritualistas têm, ultimamente, visto a sua atenção chamada, pela série de artigos de Sir Oliver Lodge, aos diferentes "éteres". Ele não inventou estas teorias, mas chama e concentra atenção sobre elas, e sobre o facto de que os "éteres" e as "forças psíquicas" são mais substanciais ou sólidas, no sentido real, do que a matéria. O objetivo, claro está, é repetir o que muitos outros têm dito há anos: que a verdadeira fonte de força, de real poder, está mais no espírito do que no que se chama matéria organizada.

Temos dito repetidamente, como disse Benjamin Franklin e outros homens de ciência, ainda há um século, que, se a substância da Terra fosse realmente condensada até formar uma massa sólida, talvez não fosse maior do que uma boa noz-hickory; contudo, falam destas paredes, destes objetos em seu redor, como sendo os únicos reais, como sendo de substância sólida; e diz-se que o "paraíso" de Maomé, o "Mundo dos Espíritos" dos espiritualistas e o "Céu" dos cristãos é composto de substância orgânica semelhante à da Terra, apenas, segundo pensam, mais refinada, mais "atenuada".

Ora, "matéria refinada" é simplesmente matéria; não é mais real nem mais duradoura. Antigamente, os quatro elementos — terra, ar, fogo e água — eram tudo o que o alquimista manuseava. É tudo o que o químico realmente manuseia agora, embora tenha "primárias", como lhes chama, contadas às centenas; "primária" sendo suposta substância original que não está combinada com nenhuma outra substância, portanto, não solúvel. É, porém, absurdo supor que algum químico tenha encontrado uma primária última; é absurdo supor que, quer na alquimia antiga, quer na química moderna, tenham sido encontradas verdadeiras primárias. O facto de a substância não poder ser resolvida no cadinho moderno não é prova de que sejam primárias. Todas as "substâncias originais", como são chamadas, simplesmente empurraram a questão um pouco mais para longe.

Tendes menos processos de controlo da substância do que os antigos tinham. Não haveis resolvido o seu poder de têmpera do cobre e de alguns outros metais. Não haveis decifrado grande parte da mecânica ou do labor que entrou na construção do templo do rei Salomão. Não conheceis os

segredos da antiga Maçonaria. Não sabeis aquilo que Hiram, que era o artífice dos metais, sabia, ele que foi chamado para embelezar e adornar o templo.

Não sabeis que segredos entraram na produção dos tesouros guardados pelos antigos magos. Não conseguistes, com a ciência moderna, introduzir o poder da alquimia antiga com que os Rosacruzes controlavam e moldavam a substância. De tempos a tempos sois surpreendidos por alguém que anuncia poder fabricar ouro; contudo, nenhum ouro é fabricado. Naturalmente, se fosse fabricado, o processo da sua fabricação seria comprado por um sindicato ou truste, e não teríeis ouro em excesso. Pode ser que não fabriqueis ouro, e ainda assim tendes imitações que se aproximam muito dele na aparência.

Ainda não conheceis o poder direto da mente sobre a matéria. Conhecei-lo apenas através de formas orgânicas e por métodos orgânicos. Queremos dizer: seguir os métodos dinâmicos da natureza por meio do mecanismo ou da ciência humanos, ou através do organismo humano. Com efeito, não sabeis, em última análise, como é que a vontade humana levanta a mão humana. É um processo invisível. Embora a ciência vos tenha transmitido o conhecimento do sistema nervoso e (ultimamente) das forças nervosas, o ponto exato em que a vontade toma posse dessas forças nervosas e vos permite controlar a própria voz, as próprias mãos, o próprio caminhar e a execução das tarefas e deveres quotidianos, a ciência não vo-lo disse.

Depois, quando entrais no reino da mente e do espírito, sabeis, pelo estudo do assunto, que ficou demonstrado pelo que era conhecido como Mesmerismo há cem anos — e que hoje se chama hipnotismo — que uma mente pode influenciar outra pelo que agora se chama "sugestão"; isto é, se dizeis ao sujeito hipnotizado para ver certas coisas e tendes o poder de vontade para controlar a sua mente, podeis fazê-lo vê-las. Mas, muitas vezes, essa influência é exercida sem sugestão material. O espírito do homem, por detrás da vontade humana, não só usa o seu próprio organismo, como a forma de outro, embora não vos seja conhecido como essa influência é exercida.

Vivekananda, o Sr. Gandhi e outros orientais, quando estiveram neste país, deram explicações elaboradas dos diferentes éteres aceites na filosofia hindu relativamente a estes poderes do espírito; mas não foi dado conhecimento definido por duas razões: a principal sendo que as mentes das gentes das terras ocidentais, na Europa e na América, não conseguem

apreender as proposições orientais. Os orientais abordam estes assuntos de um ponto de vista diferente; abordam-nos a partir do que os vossos homens intelectuais chamam o ponto de vista subjetivo; vós abordais do ponto de vista objetivo. A menos que possam ser medidos pelas vossas ideias gerais de comprimento, largura e espessura — geralmente a espessura da substância cinzenta nos vossos cérebros — não tendes qualquer conceção deles.

Os orientais habituaram-se, durante séculos, a abordar estes assuntos a partir do ponto de introspeção espiritual. Quando a mente ocidental se concentra nestes assuntos, é uma concentração tão positiva que, se houvesse forças espirituais a um milhão de milhas, não conseguiria alcançá-las. Isto não é o que os mestres orientais entendem por concentração. Eles querem afastar-se do mundo, afastar-se das coisas e pensamentos externos, afastar-se da substância, para se tornarem recetores dessas forças maiores, seja do Infinito, seja de algumas das divindades sagradas ou espíritos, que sabem intervir em tais assuntos.

Ora, o mestre ou investigador oriental não recorre à ciência para que o espírito se manifeste aos seus sentidos exteriores ou para saber que os espíritos existem; ele entra NO SILÊNCIO do seu espírito, no retiro da sua própria alma, para encontrar quaisquer poderes existentes, a fim de que o possam servir ali. Se a um deles é dado poder sobre a substância, é buscando esse poder no reino a que pertence. Aqueles que estudaram Teosofia, para obter qualquer demonstração semelhante à que existia no Oriente, foram obrigados a procurá-la numa sessão espiritualista nas terras ocidentais, não no Oriente, por causa dos métodos introspetivos ali, por causa da necessidade de entrar no reino da realidade espiritual.

Quando Sir Oliver Lodge expôs, na sua grande obra, esses éteres, provou que tinha estudado assuntos espirituais por métodos espirituais. Vós estudais-nos do ponto de vista dos sentidos. Não quereis nada que não possa ser demonstrado aos vossos sentidos humanos, por mais imperfeitos que sejam. No entanto, todo o reino do intelecto é um reino que não é material. A matemática é uma operação puramente mental.

Tudo quanto sabeis acerca dos assuntos mais interessantes do universo sabei-lo mentalmente e não fisicamente. Temos-vos dito muitas vezes que um mero facto é, frequentemente, a maior falsidade; porque um facto, para vós, não é simplesmente o que ocorre, mas o que ocorre segundo a vossa observação. Se quiserdes conhecer a diferença na observação, ide aos

tribunais da chamada justiça e ouvi o que diferentes testemunhas dirão acerca da mesma coisa, todas igualmente honestas e sinceras.

É o ponto de observação, é o grau de inteligência para ver uma coisa com exatidão. Precisais de saber tudo sobre ela, ou não podeis dizer tudo sobre ela, mesmo que seja simplesmente um acontecimento na rua. A verdade é que a mente entra de tal modo na vossa observação por meio dos sentidos que não vedes cores com que não estejais mentalmente familiarizados. Requer-se uma mente educada para discernir as cores corretas.

Todos vereis vermelho, amarelo e azul, e o bebé também, mas todas aquelas muitas tonalidades — centenas e milhares — que o artista consegue ver nesta paisagem de outono, aquelas ele conhece: as nuances ao pôr-do-sol e no maravilhoso fulgor da manhã — vós não as vedes de todo. Dizeis que é um dia fumoso, um dia enevoado, mas os belos matizes e tons que enchem de arrebatamento a mente do artista vós não os vedes de todo.

Agora, entre esta forma material grosseira e os movimentos que os espíritos são obrigados a fazer sobre a substância para alcançar a sua consciência, se vive nesta casa de barro, se a ocupa exteriormente e não a vivifica pelo espírito, existem milhares de gradações invisíveis de força. Pense no que é — todo o reino que lhe é tão valioso no qual a sua mente realmente existe, no qual o seu espírito realmente existe, esse reino com o qual é tão pouco familiar, a respeito do qual é tão obtuso que os seus amigos espirituais são obrigados a produzir fenómenos tão materiais como o mover de cadeiras e mesas, e a materialização de formas que pode ver e tocar, para alcançar a sua consciência!

Só depois de cinquenta ou sessenta anos de manifestações desse tipo é que os homens de ciência voltaram a sua atenção para os fenómenos e foram obrigados a concordar com o Dr. Alfred Russel Wallace e Sir William Crookes, que investigaram o assunto há trinta e cinco e quarenta anos, e ambos disseram: "não há nada no domínio da ciência material que explique o que vimos". E, no entanto, a Society for Psychical Research põe-se a investigá-lo tudo de novo, ignorando (o que não é científico nem habitual) os registos do Sr. Wallace e do Sr. Crookes, e ainda assim é obrigada a chegar às mesmas conclusões, não deixando de lado a obra póstuma de Frederic W. H. Myers, que é uma exposição magnífica das manifestações e da filosofia do Espiritualismo.

A Teosofia não é uma representação justa do Orientalismo. Pois o Sr. Gandhi, Vivekananda, Dharmapala e todos os que vieram do Oriente ao Parlamento das Religiões em Chicago, em 1893, disseram que vieram a este país esperando conseguir dar à mente do Ocidente alguma perceção do que a mente oriental percebia e ensinaram os seus "éteres".

Ora, o termo éteres abrange todas as forças invisíveis entre a vida física, orgânica, e o espírito ou alma. Suponhamos agora que lhe dizemos que há sete milhões de éteres; que entre a substância mais refinada de que tem conhecimento, ou a manifestação de substância que é, talvez, o fenómeno elétrico — entre isso, que não é substância mas apenas ação, e a substância ou força que o espírito emprega — há um milhão de gradações.

Achamos que, por conveniência, "força psíquica" tem sido usada como termo para ilustrar aquilo que os espíritos empregam no seu contacto com a matéria e que envolve o médium; ou o que o pessoal da Investigação Psíquica chama o "sensitivo" — ambos significam a mesma coisa — aquilo que envolve o psíquico ou médium; os espíritos usam isso para alcançar a substância. Através do organismo que está diante de si, o espírito do Dr. Benjamin Bush, na sua obra sobre "Psycopathy", descreve o que chama o "Psychic Globule" como sendo o ponto direto de contacto entre o espírito e o seu próprio organismo. Que o "psychic globule" gera essas forças e permite ao espírito manter esta ação, mas que é coincidente com a vida, com a génese da vida.

Agora, entre a substância física que envolve ou está no organismo físico e o espírito que deseja atuar sobre esse organismo ou essa substância, como dissemos antes, pode haver um milhão, mais de um milhão, sete milhões de gradações intervenientes de substância ou ação. Chamaria a isso, talvez, "matéria atenuada". Mas quanto mais se afasta dos organismos grosseiros da Terra, entrando nos diferentes graus desses chamados éteres, mais e mais encontra invariabilidade, mais e mais permanência, mais e mais endurance, mais e mais daquilo que é semelhante a Deus: imutável.

Ora, a razão por que os antigos nomearam Deus como imutável no universo é que, enquanto toda a substância sofre constante transmutação e mudança, geração, crescimento e decadência — e esta é a lei da natureza — a causa desta lei de transmutação e mudança da substância tem de ser, e é, imutável. Portanto, a natureza do Infinito é imutável, não apenas nas suas

verdades morais, que se aplicam aos seres menores, mas naquilo que é absoluto; sendo a alma semelhante a Deus, é imutável.

Mas quando em contacto com a matéria e com o organismo físico, é sujeita a mudança. O cérebro que emprega está sujeito a mudança, e muito frequentemente chega um tempo em que o cérebro não responde, e as forças nervosas não respondem, quando a aura nervosa não responde. Chega um tempo em que o "psychic globule" e todas essas substâncias intermédias sujeitas ao organismo se esgotam e, portanto, ficam impotentes para os usos da alma.

Quando ouve as pessoas dizerem, na idade madura da vida: "A avó já não é como era." Mas ela é como era. Ora, isso é como o velho piano no canto da sua sala, que conservou durante anos, mas que não faz música tão boa como este piano novo; mas não é descrédito para o músico que nele toca se o piano é velho e está desafinado. Assim, não é descrédito para quem ocupa uma forma se essa forma vier a decair. Mas, claro, com conhecimento adequado, até chegar a hora de a estrutura orgânica cessar, supõe-se que o organismo será mantido em tão boa ordem quanto o organismo pode estar enquanto pervagado pelo espírito. Isso significa que deve ser mantido saudável e limpo, e com o melhor aspeto possível, para que não seja ofensivo para os vizinhos e amigos; e supõe-se que a mente governará o organismo para cumprir a sua finalidade tanto quanto possível.

Quando as mãos e os pés não conseguem fazer bem o seu trabalho, o homem descobre métodos novos e úteis — não é algo que a natureza produza independentemente do homem, mas é o desdobramento do poder criador do homem, que é semelhante ao do Infinito, PARA DOBRAR A MATÉRIA À SUA VONTADE, para tornar esta SUBSTÂNCIA obediente à ESSÊNCIA da vida, para fazer a manifestação obedecer à vontade que controla a manifestação. Agora, quando vai a Nova Iorque ou Chicago ou Boston num desses comboios ferroviários muito rápidos e chega ao destino a tempo, diz: "Bem, isso é assombroso, gostava de saber como é feito!" e sai para entrevistar o maquinista e pergunta-lhe como conseguiram aniquilar a distância tão depressa!

Se nada entende de vapor ou de mecânica, ele só lhe poderá dizer que usaram maior potência para chegar a Boston a horas. Se quiser saber como foi produzida essa grande potência, ele dir-lhe-á para ir estudar engenharia e então falará consigo. Mas é isso que as pessoas esperam quando

testemunham uma manifestação de poder espiritual numa sala de sessão, quando há o controlo da mão de um homem para escrever, ou uma voz é feita falar do ar vazio, ou uma forma é materializada para a sua visão mortal; dizem:

"Como é que os espíritos fazem isso." Sabe como é que um espírito controla o seu próprio organismo? Sabe como controlar o seu próprio organismo para falar? Se não, em nome de tudo o que é sensato, como espera que um espírito lhe explique — a si, que não conhece nenhuma dessas milhões de forças intermédias — quando nem sequer as reconhece, mas pensa que as perceções mais elevadas são as físicas! Deixa de acreditar no facto de que o comboio chega a Boston porque o maquinista não lhe pode dizer em um minuto como é feito?

Certamente que não deixará de acreditar que cheguei a Boston porque o maquinista não me quer explicar como lá cheguei! Mas podia fazer isso tão bem como desacreditar a manifestação porque os espíritos não podem dizer como é produzida. Ora, quando uma criança lhe faz uma pergunta cuja resposta ela não poderia possivelmente entender, você diz: "Espera, espera até cresceres e eu digo-te." Provavelmente a criança não fica mais satisfeita do que você quando não consegue compreender.

Quando crescer em espírito até à idade de homem e de mulher, grande e límpida o suficiente em perceção para compreender que cada passo que dá para longe do corpo, para longe dos sentidos físicos grosseiros, é um passo em direção a uma realidade maior; cada passo que dá em direção à mente é em direção a uma força que é maior do que qualquer força do corpo. Se não acredita, tente mover uma destas estruturas apenas com força física. A mente do homem inventou processos para as mover. Se não acredita, tente fazer o que o comboio ferroviário pode fazer, só com as suas mãos. A mente do homem inventou mecanismos para isso.

Por detrás de todas essas forças da natureza que parecem desenfreadas — esses terramotos, esses tornados, essas erupções vulcânicas — há uma grande força mecânica. Não é apenas em resposta à natureza da substância, mas é da natureza de uma ciência definida e distinta de ajustamento — o ajustamento da Terra segundo o seu próprio equilíbrio, o ajustamento dos átomos segundo a polaridade dos átomos, o ajustamento da Terra com referência ao polo magnético, e o ajustamento do sistema solar com referência ao sistema solar maior; e tudo isso está no reino daquele elemento

essencial grande, maravilhoso e permanente da vida, no reino onde mente e espírito são as forças potenciais e o único poder.

E, no entanto, chama-lhes "acidentes" e "cataclismos", algo que a natureza não quer, e pensa que não há objetivo nem propósito na sua ocorrência. Mas lembre-se de que, por detrás destas coisas físicas que parecem tão destruidoras, está a Grande Força que é indestrutível, a Grande Lei e Poder permanentes do universo que não podem ser destruídos.

Por detrás dessas manifestações que testemunha, e acerca das quais tanto se interroga se são genuínas ou não, está, naturalmente, a essência permanente da vida, que torna possível que tais manifestações sejam apresentadas, até mesmo aos seus sentidos materiais. Os Magos do Oriente, que operavam maravilhas diante dos olhos do povo, não o faziam para gratificar os curiosos, não o faziam para satisfazer meros buscadores de assombro. Foi por isso que, nos templos sagrados, muitas vezes esses segredos eram preservados com mais sacralidade do que se fossem trazidos aos olhos e ouvidos de pessoas que não têm perceção alguma do espírito; que nem sequer pensam que as suas mentes são independentes dos seus organismos, e cujo conhecimento e pensamentos do reino espiritual são tão remotos que, quando lhes é levado aos sentidos materiais, não o conseguem aceitar.

Porque haveriam de fazê-lo? Não creio que exista erro maior do que levar uma mente inculta — isto é, uma não despertada pela intuição — ou sem experiência, a um desejo de iluminação espiritual para testemunhar qualquer dos fenómenos físicos do Espiritualismo. É necessária uma mente preparada para testemunhar qualquer fenómeno ou experiência. Entra-se no laboratório de um químico: quantas coisas permitirá ele que toque? Ele diz: "aqui está a experiência" e esforçar-se-á por mostrá-la, mas não se deterá para lhe dar as lições primárias de química. A lição primária do espírito encontra-se no domínio da intuição, nesse domínio que trata das forças absolutas do universo.

Ora, quando Paulo definiu a fé sabia perfeitamente bem do que falava, ainda que os materialistas, os descrentes, os céticos de todo o mundo tenham escarnecido mais da fé do que de quase qualquer outra palavra da vossa língua; mas "a substância das coisas que se esperam; a evidência das coisas não vistas" é a maior definição alguma vez dada em linguagem humana. Trata-se destas coisas que não conhece (através dos sentidos), que

não tem o sentido de compreender, mas que são reveladas pela intuição e pela inspiração; vêm a profetas e videntes, e dons espirituais acompanham-nas para que possam ser demonstradas àqueles que de nenhuma outra forma as poderiam obter.

"A evidência das coisas não vistas." Pois bem! Se pudessem ser vistas não seriam realidades. Mas estas "aparições" aparecem, e estas "manifestações" surgem para o estado infantil que precisa de VER tudo. Mas, quando sabe que estão lá, quando chegam com maior conhecimento e demonstração mais perfeita, quando vêm com uma mensagem que apela à sua mente e inteligência, quão perfeito é esse conhecimento.

Quando estes médiuns lhe dizem que os seus amigos estão aqui, eles vêem-nos, mas você não os vê, não os ouve, mas as perceções mais subtis do médium, sensibilizadas para o fim, sabem que eles aqui estão e esse conhecimento, vindo dos seus amigos, apela à sua inteligência. Depois, além disso, no reino mais profundo e mais absoluto, estão as REALIDADES: o irreal é este mundo material, chamado substância. Substância é algo que está por baixo, algo inferior, algo que a essência espiritual controla.

Falávamos uma vez a uma audiência de filósofos nesta cidade — isto é, chamavam-se assim, eram juristas proeminentes, médicos, ministros liberais e comerciantes — quando um juiz, um crítico nomeado, disse: "O orador falou muito de essência. Gostaria de ver uma essência." O orador respondeu: "Quando o cavalheiro me mostrar um átomo, mostrar-lhe-ei uma essência." Assim, a matéria na sua forma orgânica e em todas as formas é chamada substância, porque é menor, porque é inferior.

Quando os antigos falavam do "mundo superior" e do "mundo inferior" não se referiam a acima e abaixo em termos de espaço, mas ao facto de que a vida orgânica começa no átomo e é menos do que aquilo que não é, menos do que os grandes éteres inorgânicos, menos do que esses estados maravilhosos que intervêm entre um facto físico, assim chamado, e a grande verdade do universo. Veja o que a verdade perde: começa como verdade; quando chega aqui, onde a substância a obscurece, em que se transforma? Quase sempre em falsidade.

Agora, o grande e maravilhoso princípio pelo qual a Terra se move sobre o seu eixo e revolve em torno do Sol, em algumas das idades intermédias de trevas, não era acreditado. Se recorre aos seus sentidos para o FACTO, o Sol põe-se todas as tardes e nasce todas as manhãs. Não faz tal coisa; o facto é

assim, é a verdade, mas, no entanto, não o é. É mais ou menos essa a relação de tudo o que chama factos no universo. São simplesmente aparências, são simplesmente adaptações aos sentidos humanos. São simplesmente condições, e essas condições mudam.

Ora, surge a "linha de elétrico" e emprega-se o raio encadeado para fazer correr os carros, transportar fardos, levar comboios através do continente; mas se tivesse tentado prová-lo há menos de cem anos, todo o mundo teria dito que estava em liga com Sua Majestade Satânica e provavelmente tê-lo-iam condenado à morte e destruído a sua linha. Mas hoje não se pensa nisso, é uma coisa natural, e, no entanto, essa força, esse poder que adormecera em redor até este ciclo, é gerado num pequeno ponto de contacto quase impercetível à visão!

Creio que o sistema de telegrafia de Marconi muito tem feito para esclarecer muitas pessoas acerca de possíveis métodos espirituais. Porque se dá um passo mais longe quando não há fio a transmitir a mensagem que é enviada, mas as vibrações prosseguem, e se houver outro instrumento em concordância, alcançá-lo-ão. Assim neste outro reino, que é milhões de vezes, muitos milhões de vezes mais subtil, onde o pensamento permanece, onde as afeições são eternamente verdadeiras, onde tudo é real e, portanto, não muda, onde há concordância, a mente e os espíritos podem compreender-se. Ali habita a verdade perfeita. E quanto mais próximo dela se chega, mais consciente se está da imutabilidade das verdades últimas do universo.

Os homens falam em resolver o espírito no cadinho da química, ou em vê-lo tomar o seu voo da expressão terrena porque uma pequena substância magnética vibra da forma de um coelho morto, e, portanto, o homem vai demonstrar a alma. Se usar as faculdades da alma, o espírito mais e mais permeia o corpo, e dará resposta como deu um dos vossos maiores estadistas quando alguém lhe perguntou: "Então, como está hoje?" — "Estou muito bem, mas este instrumento que tenho usado durante tantos anos está em condição bastante dilapidada." Isso é tudo. O seu "instrumento" está em condição imperfeita, ou não está. Mas quando está no seu melhor, não se destina a tomar o lugar das suas faculdades de mente ou de espírito; e se deseja perceber coisas espirituais, perceba-as com o espírito, não com o corpo.

A demonstração que chega aos seus sentidos é simplesmente uma condescendência. É algo que é dado segundo a sua necessidade. Não anda

normalmente de joelhos, mas provavelmente terá de o fazer se o bebé da sua casa assim o quiser. Mas os avôs e avós espirituais fazem-no mais do que os pais terrenos, porque o Espiritualismo fenomenal é a grande adaptação à infância da raça. Mas os videntes, os sábios, os magos e aqueles que têm acesso direto às forças do universo não precisam disso.

Assim, quando o "Químico Atenuado" lhe diz que ele não é "substância" de modo algum, mas espírito, e que tudo quanto sabia de química na Terra não valia um vintém como iluminação acerca de processos espirituais, e que, de novo, teve de começar no outro extremo da linha e trabalhar o seu caminho de fora para dentro, rumo à substância, em vez de começar na substância e trabalhar o seu caminho para o espírito.

Essa história maravilhosa que é contada sobre aqueles dois que, como anjos, foram colocados em planetas diferentes, e depois, quando tudo o mais falhou, começaram a trabalhar um para o outro. Terão eles transposto os espaços divididos pela construção de arcos e pontes? Terão sequer feito isso com os raios de luz? Não, mas começaram por AMAR; para fora e para fora e para fora foi, até que, por fim, esse amor transpôs os espaços e ficaram juntos de novo. Assim, se pensa que algo menos do que o Amor Infinito pode transpor este maravilhoso universo, está enganado.

COMUNICAÇÕES ESPIRITUAIS

PROFERIDO NO STUYVESANT INSTITUTE, NOVA IORQUE, 20 DE JANEIRO DE 1858.

"Porque são as comunicações dos espíritos tão vagas, e transmitidas de maneira tão misteriosa que deixam dúvidas na mente quanto à sua autenticidade?"

O assunto apresentado esta noite é tão vago na sua natureza, tão indistinto, que, muito provavelmente, a nossa resposta será vaga. Quando Galileu foi chamado perante os tribunais para demonstrar os princípios sobre os quais baseava o fundamento da sua teoria de que a Terra era redonda e girava sobre um eixo, falhou em dar a prova tangível que era necessária para produzir convicção nas mentes daqueles que não possuíam conhecimento algum sobre o assunto, e que eram governados apenas pelo seu preconceito e ignorância; mas ainda assim o mundo continuou a mover-se. Nenhum

tribunal podia alterá-lo, nenhum tribunal legal ou eclesiástico podia detê-lo no seu movimento diurno. Ele sabia que a Terra girava.

A ciência — pois assim lhe chamamos — do Espiritualismo está num estágio de infância semelhante ao da teoria do movimento do mundo, quando Galileu concebeu o seu pensamento; está na mesma condição em que se encontrava a teoria do vapor, quando Fulton construiu pela primeira vez o que acreditava ser um motor perfeito; em estado semelhante ao da eletricidade, quando Franklin fez as suas primeiras experiências; na mesma condição em que estiveram o magnetismo, a psicologia, a geologia e a química nos seus primeiros desenvolvimentos. E, ao ler a história do vosso país, deve perceber-se que nenhuma ciência nova foi, ou pode ser, demonstrada e aperfeiçoada numa hora. Nenhuma teoria de religião, nenhuma forma de culto, nem sequer os monumentos da arte, surgiram num dia ou num século. Atingir plenamente a sua esperança foi sempre gradual. Assim as coisas avançam lentamente, mas com certeza.

Nenhuma mente inteligente presente ousará duvidar das manifestações denominadas "Espiritualismo moderno"; e, no entanto, não existem espiritualistas, por mais versados que sejam nesta ciência ou religião que lhes exige atenção, que possam explicar, ou que pudessem, em qualquer tribunal de justiça, responder satisfatoriamente às perguntas que lhes fossem feitas. Provavelmente, se algum espiritualista fosse examinado perante um dos vossos tribunais legais, não conseguiria demonstrar os princípios em que se funda a sua fé. Porquê? Porque não compreendem a ciência do Espiritualismo, e o tribunal não está em condição recetiva para estas verdades e para as provas sobre as quais assenta o fundamento da sua crença. Tomam o testemunho dos seus sentidos.

"Mas", diz o professor de direito, "os vossos sentidos podem falhar." Juram que viram uma mesa mover-se, mas o professor de direito responde: "Podeis ter sido psicologizados." Não podem jurar que não o foram, e portanto, pode ser que tenham sido enganados. Assim, poderia demonstrar-se, por raciocínio analógico, que absolutamente não existem tais manifestações. O Espiritualismo moderno baseia-se na crença da comunicação com espíritos desencarnados.

Nada que possam explicar satisfatoriamente mostrará o modo como são feitas as comunicações. Consequentemente, dizem que o Espiritualismo não existe. Houve recentemente uma tentativa feita por algum trocista que supôs

poder impor-se à credulidade pública, ou por alguma pessoa que acreditava realmente ser verdade o que dizia, para provar que Napoleão não era Napoleão. Ora, ninguém vivo pode jurar que o atual imperador do império francês seja o herdeiro legítimo do trono de França. E, no entanto, todos acreditam que o é.

Não existe ninguém vivo, que não tenha visto Napoleão, o Grande, que pudesse jurar que ele viveu e fez o que dele se diz. Sob as leis da psicologia, e segundo as regras de um exame legal rigoroso, não poderíamos provar que alguma vez existiu tal pessoa, mas todos acreditam nisso, porque o tempo o santificou, e confiamos no testemunho humano.

Se nos voltarmos para a história de Roma e de Atenas, os filósofos gregos e romanos erguem-se diante de nós, em majestade e poder, em contraste com os seus contemporâneos. No entanto, não pode provar-se que existiram senão na imaginação; mas as eras santificaram-nos, e templos foram dedicados à sua fama. O mundo estaria edificado sobre uma fabricação, se não tivessem existido. Mas, no presente, os homens duvidam até dos seus próprios sentidos, e ainda assim não duvidam da autoridade dos escritores bíblicos, embora não possam saber se são verídicos ou não. Mas as afirmações dos escritores antigos são a própria plataforma, religiosamente, sobre a qual a sociedade existe.

Os homens aceitam o testemunho dos escritos religiosos sem questionar; mas se algum dos seus amigos lhes disser que viu uma mesa mover-se, que ouviu sons produzidos sem causa visível, que ouviu música suave produzida num instrumento sem mãos humanas, ou que viu até um médium em estado de transe, dizem: "Deveis ter sido psicologizados; não pode ser; os vossos sentidos enganaram-vos." E, no entanto, edificastes o próprio fundamento da vossa sociedade sobre o testemunho humano.

O Espiritualismo, na sua presente fase moderna, é, com toda a certeza, uma nova ciência. Os princípios não são mais novos do que os do vapor, ou da astronomia, ou da eletricidade, ou da geologia, mas simplesmente uma manifestação mais recente deles. Assim como a poesia e a melodia sempre existiram, também os princípios da comunicação espiritual. Se duvidais do testemunho dos vossos sentidos, basta recorrer a algo ainda mais tangível, pertencente mais verdadeiramente aos vossos pensamentos e intuições.

À parte disso, o homem não possui conhecimento positivo. O testemunho humano pode falhar; os historiadores podem divergir. Pode não

ter datas ou nomes que lhe permitam estabelecer qualquer facto, mas princípios vivos habitam nas almas de todos os homens igualmente, e brilharão igualmente em todas as eras, quando as histórias e os monumentos já tiverem desaparecido. Com efeito, a menos que haja algum princípio, algum pensamento intuitivo na mente que diga aos homens da vida espiritual, comunicações por pancadas ou inclinações, ou por discursos eloquentíssimos através de oradores em transe, não os convencerão. Porquê? Porque, para eles, a alma estaria morta.

Tal como o idiota não pode compreender a filosofia, também o homem puramente material não pode entender o intercâmbio espiritual. Pode testemunhar os factos, e estar convencido do fenómeno, mas para ele é uma tolice, uma perda de tempo, pois tem tão pouca vida espiritual que não reconhece o seu valor. Se o intelecto julgasse sozinho, diria logo: "Meus amigos, estais psicologizados"; ainda que não pretendam afirmar o que seja a psicologia. Psicologia é uma palavra que usam sempre para provar que algo que não compreendem exatamente é verdadeiro ou falso.

Se os homens devem aceitar o testemunho dos seus sentidos, que são denominados visão, audição, gosto, olfato e tato, então o Espiritualismo moderno é verdadeiro. Porquê? Os homens viram objetos físicos moverem-se sem qualquer agência humana, sem aplicação de correntes elétricas, sem sequer aplicação de dedos humanos. Os homens ouviram sons sem qualquer mecanismo para os produzir. Esses sons transmitem inteligência, expressam pensamentos e sentimentos, formam palavras em frases e frases em parágrafos, até que se tornam volumes.

Homens que se arrogam científicos dir-lhes-ão que estas manifestações são causadas pela "força ódica", ou pela eletricidade, ou por alguma ação inconsciente do cérebro posterior, ou por algum esforço involuntário de poder mesmérico. Mas, se estiver sentado à mesa, mesmo que esse frio homem de ciência esteja a observá-lo, e passar um lápis pelo alfabeto, e esses sons soletrarem o nome do seu filho falecido, as lágrimas virão aos seus olhos, o peito varonil arfar-se-á; há algo ali que lhe diz: "Pai, mãe, eu estou aqui."

Nenhum filósofo, nenhum raciocinador externo pode provar-lhe que essa criança não está presente. É um sentir da alma; não é o sentido da audição, nem da visão, mas um testemunho intuitivo, positivo e tremendo, que toca

cada coração e que, à parte das manifestações do Espiritualismo moderno, poderia não ser produzido.

A questão é colocada: "Porque são as comunicações dos espíritos tão vagas, e transmitidas de modo tão misterioso que deixam dúvidas na mente quanto à sua autenticidade?" Primeiro, se o Espiritualismo moderno é verdadeiro, e se existe um princípio pelo qual os que estão no mundo espiritual podem comunicar-se com pessoas na Terra, esse princípio é controlado por uma lei fixa e positiva; essa lei é tão certa, quando aplicada corretamente, e tão incerta, quando aplicada incorretamente, como a comunicação telegráfica entre Nova Iorque e Washington.

Se um homem cortar o fio em qualquer ponto da linha, a mensagem telegráfica parar-se-á nesse ponto; ou, se houver alguma falha no operador, a mensagem será enviada incorretamente. O mesmo se passa nas comunicações entre este e o mundo espiritual. Existem linhas de pensamento e sentimento; mentes, mesas e cadeiras não são mais do que os fios que utilizam para transmitir os seus pensamentos. Você está numa ponta dessa cadeia telegráfica, o seu amigo espiritual na outra.

Se não houver influência interveniente, a mensagem será transmitida; se, de qualquer modo, a linha de comunicação for perturbada, a mensagem será incorretamente dada. Chama-lhe uma mentira e abandona o Espiritualismo. Mas existem comunicações suficientes que chegam corretas, para provar, a qualquer mente honesta, que esta comunicação espiritual é uma ciência absoluta; e nenhum homem de razão ou julgamento, se em cem casos houvesse um que fosse correto, ou um em cada dez, ousaria dizer que os outros nove provam que não é ciência.

É da ordem natural de uma ciência nova cometer erros; isto é verdade na infância de todas as ciências. Mas, se, na décima tentativa, tiver sucesso, o princípio fica demonstrado, e dez mil falhas não podem refutá-lo. E, se nove em cada dez médiuns lhe dão comunicações falsas, e o décimo lhe dá uma correta, isso prova o princípio. Se nove em cada dez espíritos lhe mentem, isso apenas prova que aqueles que partem da Terra retêm algo do seu carácter terreno.

Há duas condições essenciais para que as comunicações sejam corretas, quer entre mente e mente no corpo, quer entre mente e mente fora do corpo. Uma é que o pensamento do indivíduo que comunica esteja

claramente fixado no que deseja transmitir. A outra é que disponha de um meio adequado de transmitir essa comunicação.

Por exemplo: pode estar sentado aqui junto de alguém e, a menos que fixe a mente no que deseja transmitir aos seus amigos — a menos que a mente transmita pensamento ao cérebro, e o cérebro atue sobre os nervos, e os nervos influenciem os órgãos da fala — não pode dar uma comunicação ao seu amigo, embora esteja mesmo ao lado dele. E, se está distante, pode pensar nele; mas a lei da mente não está suficientemente desenvolvida para lhe permitir aperceber-se disso ou saber qual a natureza dos seus pensamentos. Precisa de pegar em pena, tinta e papel, ou de ir ao telégrafo, ou enviar-lhe um jornal, para lhe dizer que ainda está vivo. Esse é o meio de comunicação.

O terceiro, e mais essencial de todos os pontos, é que o vosso amigo receba a vossa comunicação. Se, por qualquer hipótese, o correio for assaltado por um ladrão de correio, ou o paquete arder, ou o fio telegráfico for cortado, a vossa comunicação não lhe chega. Consequentemente, ele pode dizer que estais morto, ou que a vossa amizade morreu, ou que o tendes negligenciado — não porque as vossas comunicações não foram dadas, mas porque os meios de comunicação são falíveis.

Assim também com os espíritos. Podem estar sentados junto de vós agora — o vosso pai, mãe, marido, esposa ou filho podem estar muito perto de vós, as suas almas quase palpitar com a vossa. No entanto, não há cadeia, não há médium, não há telégrafo. As portas dos vossos sentidos exteriores excluem-nos. Podem bater às portas da vossa mente; vós não os recebeis. Gritais: «Patranha! psicologia! mesmerismo!»

O vosso amigo permanece em silêncio. De novo: o vosso amigo espiritual pode até tentar comunicar-se com a vossa mente, sem usar quaisquer meios externos, num pensamento ou sentimento belo. Mas a forma física pode ser um obstáculo à transmissão correta da comunicação, no presente estado imperfeito da ciência.

De todos os espíritos acusados de mentir, provavelmente não um em cada cem o faz intencionalmente. Chama-se mentira a tudo o que não resiste, em todos os seus pontos, à crítica dos que investigam. O que chamamos mentira é aquilo que é dado com intenção de enganar. Algo dito por ignorância não é realmente mentira. Por exemplo: um homem pode afirmar, com toda a sinceridade, que a Lua é verde. Ora, provavelmente há algo que

faz esse homem ver a Lua nessa cor. Vós todos dizeis que ele se engana; chamais-lhe mentira, falsidade, logro; é real para ele.

Pois os espíritos, empregando médiuns cujo cérebro não está totalmente sob o seu controlo, estão sujeitos a dizer-vos que coisas brancas são verdes, que algo ocorreu quando sabeis que não ocorreu; mas isso não prova que não seja um espírito; nem sequer prova que não seja o vosso amigo espiritual que se propõe comunicar; apenas prova que não têm perfeito controlo do médium.

Além disso, a vossa própria mente pode não estar preparada para receber a comunicação. Requer-se tanta habilidade na outra ponta da cadeia telegráfica como nesta, para registar corretamente a mensagem enviada; e requer-se tanto intelecto como no que a envia. E, provavelmente, aqueles de vós que investigam o Espiritualismo em qualquer das suas formas, e o fazem com a intenção de detetar alguma impostura, de provar que são embustes, acabarão embustes por vós mesmos.

A mente humana tem, na sua própria constituição, tal modo de devolver aquilo que lê nas mentes dos outros. Por exemplo: pessoas que não são estritamente honestas nos negócios estão muito propensas a falar muito da desonestidade e do engano dos outros. Os homens de negócios consideram coisa comum quando alguém lhes mente, e volta a mentir para encobrir a sua falsidade. Provavelmente eles próprios hão de falsear de volta. E estas falsidades são tão comuns no mundo dos negócios que nenhum homem é tido por hábil se não souber contar o seu rol de falsidades — não grandes mentiras, mas pequenas deturpações que, somadas, equivalem a uma perversão geral da verdade — dobrando aquilo que devia ser direito e vertical até se tornar, por fim, um círculo, tão gradualmente que não o percebeis. Mas, quando o ides percorrer, descobris que, em vez de uma linha reta de negócios, seguistes uma curva.

Mais: como dissemos, o Espiritualismo, enquanto ciência, é novo. Os seus meios de comunicação são imperfeitos. Não há médium, nem poder, nem princípio existente na Terra que possa dar, correta e positivamente, comunicações de todos os espíritos. Cada médium influenciado tem uma classe e um carácter próprios de influências espirituais. Quando se atrevem a sair do seu próprio terreno, falham em satisfazer. Consequentemente, declara-se que o Espiritualismo é uma impostura.

Mas, se o considerásseis como uma ciência religiosa — não tal como se revela nestas formas de manifestação através de outros, mas ao vosso próprio espírito — descobriríeis que a comunhão mais santa e mais pura é a que as vossas próprias almas podem manter com essas presenças invisíveis. Não há mente, por mais depravada, nem alma, por mais ignorante, que não tenha, em algum período da sua existência terrena, sentido a presença desses seres; a voz da mãe, a lágrima da irmã, o aviso do pai — quem não os teve num sonho, numa premonição, num pressentimento? Quem dentre vós não teve assim prova suficiente para o convencer de uma influência distinta da sua própria existência consciente?

Não vai longe o tempo em que pancadas, inclinações, escritas e mesmo a fala em transe, ou quaisquer manifestações extraordinárias, hão de desaparecer; e o homem, na imagem exterior da sua própria divindade, verá, ouvirá e sentirá a presença do mundo angélico à sua volta, e as vossas próprias almas já não necessitarão da visão exterior, nem do tato exterior, nem de quaisquer sentidos externos para vos provar que espíritos e anjos estão realmente aqui. Virão até vós no silêncio da noite, com vozes suaves e agradáveis. Cantar-vos-ão as canções do amor e da paz perfeitos; e ninguém terá dúvidas.

Esta é a nossa profecia. Como se há de cumprir? Por um crescimento gradual e quase impercetível para uma condição mais espiritual; e, à medida que atinge o seu ponto culminante, o tempo pode não estar tão distante como muitos imaginam. A espiritualidade cresce muito mais rapidamente entre os habitantes da Terra do que em qualquer outro período da história humana. Os passos lentos de um mundo — sempre lento em reconhecer a verdade — hão de realizar mais nos próximos cinquenta anos do que nos últimos mil.

Ainda assim, será lento, pois tem de vir passo a passo, como as rodas de um majestoso carro; quanto mais majestoso e grandioso, mais lenta e solene será a sua aproximação. Não vos virá de súbito, com um poder avassalador, como o dia de Pentecostes, ou como a avalancha poderosa que de uma vez sepulta todos os obstáculos; mas suavemente, docemente, gradualmente, como a chegada de um ameno verão após um inverno triste, quando, dia a dia, brotam os rebentos e as flores, e, não tarda, colheis os frutos da seara dourada; ou, como o repouso tranquilo do sono, quando adormeceis sem saber como chegastes a dormir.

Não supomos que exista ciência material ou externa alguma que possa demonstrar o Espiritualismo moderno. A química e a geologia falham. O mesmerismo, a psicologia e a clarividência são, em si, tão misteriosos que não os podemos usar para explicar outro mistério. Perguntai a qualquer homem que pretenda acreditar no mesmerismo, que seja professor dessa ciência, se o pode demonstrar. Não o pode; nem a psicologia nem a clarividência podem ser explicadas.

Todas pertencem à mente; são daquelas coisas misteriosas que cabem à ciência da mente; e nenhum sistema de filosofia mental vo-las pode explicar. Os filósofos da mente tratam dos factos quando deviam explicar os princípios. Aqueles que tratam da vida de um homem tratam simplesmente do que ele fez, quanto comeu e bebeu, e do que disse — e nunca do que pensou. Nenhum biógrafo vos pode dizer o que o homem pensou — o pensamento de Washington, de Napoleão, de Webster, ou de qualquer grande estadista ou guerreiro que tenha vivido. Ninguém sabe o que pensaram; apenas registais as suas ações, os seus feitos, as suas manifestações físicas externas, que muitas vezes estão tão em desacordo com os verdadeiros pensamentos da pessoa quanto a noite com a luz da manhã.

Os espíritos não vos podem comunicar de modo positivo e para além do poder de contradição. Não há tal coisa como possuir algo para além do poder de contradição — sobretudo se esse algo for novo e não santificado pela Igreja e pelo Estado, se o mundo inteiro guerreia contra ele, especialmente se interfere com credos e preconceitos religiosos, com algo que destrua velhas instituições.

Sabeis que a humanidade tem grande afeição pelas instituições antigas; é natural a todos nós. Reverenciamos os anciãos, não tanto pelo que são — conquanto possam ser grandes mesmo na sua segunda infância — mas lembramo-nos do que foram: continuam amáveis, continuam gentis, e em breve passarão. É uma reverência pela grandeza passada e pela fragilidade.

Assim também com as instituições. Os homens sustentam-nas e acarinham-nas quanto podem, até que, por fim, são obrigados a abandoná-las. Pode não haver padrão positivo de pensamento ou demonstração por meio do qual toda e qualquer pessoa possa averiguar se o Espiritualismo é verdadeiro. Os escritos de Andrew Jackson Davis, do Professor Hare e do Juiz

Edmonds, estando entre as obras espirituais mais destacadas, dizem-se obras-padrão entre os espiritualistas. Não o são.

O Espiritualismo não tem obras-padrão. Davis, Edmonds e Hare relatam a sua própria experiência. Mas dois espiritualistas não podem ter exatamente a mesma experiência; ela é tão variada quanto a sua existência. As vossas comunicações espirituais não são como as do Professor Hare; o vosso amigo, por cujo intermédio recebestes a demonstração, pode não ser como o dele.

Consequentemente, podeis não conseguir demonstrá-lo como ele o fez. Só podeis investigar o Espiritualismo à vossa maneira e chegar às conclusões que a vossa própria razão e juízo ditarem, e resolver o que é misterioso apenas por uma cadeia de pensamento gradual e sucessiva, tal como quaisquer princípios científicos são deduzidos, tal como quaisquer proposições em matemática, em química, em geologia são demonstradas; tem de ser por um processo lento de educação, de investigação, de intuição, incorporado numa expressão de formas externas.

Não passaram dez anos desde as primeiras manifestações do mundo espiritual, nas pequenas pancadas numa «casa assombrada» perto de Rochester. E, ainda assim, esse tempo deu a essas pancadas uma reverberação maior do que os trovejantes canhões do mundo. Vibram mais ou menos pelas cordas da lira de todos os corações. Homens, mulheres e crianças ouvem-nas, mesmo nos picos das montanhas e nos vales, nos seus lares tranquilos, onde não poderia ser praticado logro. Não só em Rochester, não só nos Estados Unidos, mas na Europa, na América do Sul, na Ásia e em África se ouvem esses sons.

Não vêm como um tornado destruidor; não como o terramoto, que não requer demonstração para provar a sua existência; mas como o tênue sopro do crepúsculo, como a hora de partida do dia. Ninguém pode dizer quando a noite passa e o dia começa, e, no entanto, a alvorada chega. Ninguém pode dizer quando o Espiritualismo começou pela primeira vez, ou quando atingirá a perfeição do seu poder e beleza; mas está a insinuar-se sobre vós como a aurora da manhã — gradual e lentamente, mas com certeza.

Vedes apenas um raio, um raio débil de luz; mas cedo outro e outro se hão de ver; e admirais-vos de por que razão a plenitude do seu esplendor não irrompe logo sobre vós; por que a janela aberta não revela de pronto os sopros dessa vida espiritual; por que a cortina não é logo descida para que possais estar face a face com aqueles que amastes e perdestes. Se, à meia-

noite, o Sol surgisse de súbito, a resplandecer com toda a sua radiância, o seu fulgor ofuscaria a vossa visão. Ele espera que a aurora nos prepare para o esplendor da luz do dia, pois, de outro modo, os sentidos não o suportariam.

A manhã da luz espiritual está a despontar, e o seu esplendor perfeito há de, em breve, brilhar sobre vós em toda a sua glória e beleza meridianas. Está a irromper sobre vós tão depressa quanto podeis receber e compreender, e apenas relativamente poucos estão ainda preparados para receber as suas verdades presentes; a sua visão mental fica deslumbrada e confundida pelo brilho das suas manifestações, e tropeçam em toda a sorte de hipóteses absurdas, crendo ter encontrado a explicação do que não compreendem. Mas, não tardará, verão a loucura da sua sabedoria, o absurdo do seu preconceito, e então admirar-se-ão de que pudessem suportar tão pouca luz. Mas a ordem da Natureza é primeiro a infância, depois a juventude e, após isso, a idade madura.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Mrs. Tappan, oradora e médium. [Do Medium and Daybreak, Ing.]

Q1 — Há alguma diferença entre alma e espírito?

R. Houve, no passado, quem fizesse essa diferença. Supunha-se que a alma fosse a mente incorporada do espírito e que o espírito fosse a substância. Na ciência espiritual moderna faz-se uma distinção: a alma é o mais interior; o espírito é a manifestação dessa alma na vida espiritual ou exterior; e a mente é a mais externa de todas — ou, antes, a estrutura — por meio da qual a alma se exprime. Por mim, não faço distinção; considero alma e espírito termos sinónimos.

Q2 — O que quer dizer ao afirmar que só há um elemento na Natureza — o espírito? Quer dizer que matéria e espírito são sinónimos?

R. Não. Quero dizer que há um elemento primordial — um elemento que não é composto, que não resulta da combinação de dois ou mais elementos. Verifico que o espírito é indivisível — é o princípio primeiro. Verifico que a matéria é passível de análise — resolúvel noutros princípios. Não se consegue fazer a matéria recuar até ao nada, ou até ao espírito; ela é antes uma expressão ou crescimento dele, enquanto o próprio espírito permanece não combinado.

Q3 — Quando um espírito vem ao mundo, como no caso de um bebé, esse espírito é novo, ou de onde é ele derivado?

R. Não é novo; deriva da fonte do espírito. Já vos disse que todo o universo está repleto de espírito. Não há nova criação de espírito; mas o espírito é atraído à Terra e então se organiza o germe da existência física. Contudo, não é aí que ele é criado.

Q4 — É, então, a primeira vez que o espírito assume a forma viva, tal como o espírito num átomo; entra no átomo e torna-se substância?

R. Bem, vós não sabeis, porque os átomos não começam a sua vida no momento em que começais a investigá-los. Os átomos sempre existiram em alguma forma de vida. Assim também Deus, o Espírito, sempre existiu, e o espírito que vem à forma humana sempre existiu — e cremos que sempre existiu em alguma forma de vida, diferente da vossa vida, mas ainda assim uma forma de vida, porque o espírito tem de trabalhar para sempre, tal como os átomos trabalham, e Deus exprime-Se em todos os mundos e em todas as esferas; de modo que o espírito pode não ter habitado antes a organização humana, mas ainda assim tem avançado, ou talvez descido da Mente Infinita, preparando-se para a habitação da Terra.

Q5 — O espírito humano existiu em alguma outra forma organizada antes de entrar no corpo humano, como, por exemplo, numa flor, num grão de trigo, etc.?

R. O espírito humano não poderia ocupar uma flor ou um grão de trigo; sempre terá sido da mesma natureza que é agora. Se tivesse sido anteriormente uma flor ou um grão de trigo, teria de voltar a ser uma flor ou um grão de trigo, e não espírito. O espírito que está na flor ou no grão de trigo sempre esteve numa flor ou num grão de trigo, ou em alguma forma correspondente. O espírito do homem não pode ter estado aí; caso contrário, seria diferente do que é — seria uma combinação e, portanto, destrutível.

Q6 — Devo entender que a matéria é simplesmente espírito organizado?

R. Deveis entender apenas que os elementos da matéria não foram encontrados, mas que, nas minhas investigações, encontrei um elemento — e esse é o espírito. Não digo, portanto, que a matéria seja espírito, mas que os elementos primordiais da matéria não foram descobertos.

Q7 — A matéria é essencial à expressão do espírito? Pode o espírito exprimir-se ao espírito?

R. É certamente essencial à expressão do espírito na forma material. Nenhum espírito pode exprimir-se para vós sem a mediação da matéria. Enquanto estiverdes incorporados, há necessidade da matéria.

Q8 — Pode existir um espírito individualizado sem matéria?

R. Muito seguramente: isto é, conforme entendeis "matéria".

Q9 — Não é a organização material que envolve o espírito e se desenvolve a partir do corpo material aquilo que torna o espírito individualizado?

R. De modo nenhum. Nesse caso, quando o corpo morresse não haveria individualização. Essa era a minha crença na Terra; mas agora vejo que é o contrário que é verdadeiro: o espiritual não é uma emanação do corpo externo que faz o indivíduo; é uma entidade desde a eternidade, mas exprime a sua individualidade na forma humana.

Q10 — Ouvi outros médiuns dizer que o corpo humano é de organização tríplice; que, ao deixar esta Terra, é de forma dupla, e que é o corpo de que se despe que o torna individualizado e por meio do qual se exprime.

R. Quando vai para outra esfera, como o corpo espiritual não é de utilidade enquanto permanece na atmosfera que envolve a Terra, tem de assumir uma forma a ela adaptada; mas essa forma não é imortal. Só o espírito, na sua identidade, é imortal.

Q11 — Pode dizer qual é o objetivo da vida?

R. Podeis vós dizer qual é o objetivo de toda a criação? Não nos cabe a nós declarar o objetivo da existência. Encontramo-lo — e é tudo.

Q12 — Pelo que foi dito, parece-me que há vários graus de espíritos no Mundo Espiritual — os que são algo materiais e os que são espirituais.

R. Isso é bem verdade; e assim deveis considerar que, quando os espíritos vêm até aqui, à vossa atmosfera, assumem, em certa medida, a forma material. Não digo agora aqueles que se tornam palpáveis em sentido físico; mas, em todo o tempo, quando o espírito entra na vossa atmosfera, toma o suficiente das emanações da Terra para se tornar um tanto semelhante a vós; e os espíritos que habitam o mundo espiritual imediato que rodeia a vossa

Terra têm um corpo espiritual permanente que corresponde ao vosso, apenas de estrutura mais subtil. Os espíritos mais elevados não possuem esse mesmo corpo, mas outro corpo elemental, composto da natureza da esfera que habitam; e assim por diante, até chegardes ao reino do puro espírito, que não requer corpo para a sua manifestação.

Q13 — Podeis visitar os outros planetas do sistema solar. Podeis dizer-me se os habitantes desses planetas transcendem os da Terra?

R. Os habitantes de alguns planetas transcendem os vossos. Entre os que estão ao alcance do meu conhecimento, especialmente Vénus, possuem inteligência e espiritualidade que ultrapassam de muito qualquer coisa existente na vossa Terra; tanto que, se fôsseis apresentados aos habitantes, tomar-vos-iam por formas inferiores de seres. Se tivésseis um instrumento suficientemente poderoso, poderíeis descobrir que eles já têm conhecimento da aproximada passagem de Vénus e ergueram fortes torres de luz para atrair a atenção dos homens de ciência da Terra; e, se dispusésseis de um telescópio bastante potente, essas luzes ser-vos-iam visíveis e poderia estabelecer-se um sistema de troca de luzes e sinais entre vós e esse planeta. Isto pode parecer vago, como sombra de um sonho, mas acabará por se revelar correto. Fazei um telescópio suficientemente poderoso para discernir um objeto como uma cidade e encontrareis essas torres e luzes elementares já preparadas para serdes vós a vê-las, pois sabem que ainda lutais numa espécie de treva egípcia.

Q14 — Como distinguis entre espíritos bons e maus?

R. Na vossa Terra eu confiava sempre na intuição da minha esposa. Eu não tinha intuição e não sabia; mas agora essa faculdade desenvolveu-se e confio nela, e é um guia infalível. Porque, tal como objetos escuros impressionam o olho com escuridão e os claros com luz; tal como certas ordens peculiares de seres têm cerdas e por esses traços são determinados; assim os espíritos individuais têm a sua própria atmosfera de luz ou treva, e quando ela vos alcança a vossa intuição dá-se por ciente. Mas, para minha total surpresa, não encontrei espíritos tão maus como supunha, nem a mim próprio tão bom como julgava. É um facto estranho da natureza humana que não haja maneira de traçar a linha, porque não há ninguém totalmente mau nem totalmente bom; e, no Mundo Espiritual, não achei que fosse muito diferente. Os verdadeiramente desafortunados podem vir até vós por vezes, mas é mais para seu aprimoramento do que para vos fazer mal.

Q15 — A inteligência dos habitantes dos planetas é de algum modo regida pela sua distância relativa ao centro?

R. Não; depende da idade do planeta, embora a proximidade do Sol e o movimento acelerado auxiliem o desenvolvimento do planeta. A vossa Terra está a passar por uma mudança que dará lugar a uma ordem superior de seres; não que sejais destruídos, mas que, gradualmente, se eliminarão organismos mais elevados; e os espíritos que habitarem esses corpos serão muito mais afortunados do que vós sois, assim como vós sois mais afortunados do que os cefalópodes que vieram há milhares de anos.

Q16 — Creio que dissestes que todo o organismo mantém para sempre o mesmo organismo?

R. Não dissemos que todo o organismo retém o seu organismo. O organismo muda, mas o espírito é o mesmo. O vosso espírito pode não ser como o vosso corpo, porque o vosso corpo é coisa bem diferente. É a expressão do espírito. Num estado mais elevado, desenvolveis-vos em algo bastante diferente; porém, à medida que avançais, ainda conservais uma semelhança, e há o mesmo íntimo espírito inerente que nunca muda.

Q17 — Há diferentes tipos de animais e de plantas, e assim também pode haver diferentes tipos de seres vivos. Por exemplo, este é um planeta inferior e pode haver outros que lhe são superiores; e, ainda assim, dizeis que nunca sairemos da esfera particular em que estamos.

R. Não dissemos que nunca sairíeis de uma esfera particular. Esqueceis-vos de que levais este planeta convosco. Pensais que este planeta é o único lugar. A alma, essa, permanece aqui apenas por um pouco, mas o planeta fica. A alma é sempre absoluta — da mesma natureza e elemento —, mas a sua organização varia. Há igualdade de hipótese para todo o espírito vivente.

Q18 — Existe um sol central, como diz Andrew Jackson Davis?

R. Existem muitos sóis centrais. Há um sol central para este e para outros sistemas solares girando na mesma direção e dentro do mesmo raio. Existem no espaço centenas de sóis centrais; pois as nebulosas distantes, que em tempos se supôs serem partículas infinitesimais de estrelas, são em si mesmas sistemas de estrelas, e o vosso sistema solar é apenas um grão no vasto universo de sistemas, cada um pertencente a um sistema maior, cada um tendo um sol central. Não conhecemos nenhum sol central que ocupe um

centro particular do universo; se o conhecêssemos, poderíamos conhecer a circunferência.

O intelecto é absolutamente sem valor no estado seguinte?
Não; é muito valioso. Disse que o meu intelecto se interpôs no caminho da minha intuição; mas depois achei-o muito útil. É útil sem intuição, mas é como um corpo sem alma. O intelecto é apenas o mecanismo do Espírito, e a dificuldade está em termos tentado fazê-lo servir em seu lugar, e isso nunca resultará.

A distância dos planetas ao Sol tem alguma coisa que ver com a inteligência dos seus habitantes?
Dissemos que tem algo que ver, na medida em que a rapidez da revolução e os raios de luz atuam sobre o organismo. Mas essa não é a razão capital, que é a idade do planeta — o tempo desde que foi lançado para fora do Sol. O planeta não é formado como antes se supunha. Cada Sol eliminou ou evoluiu de si os planetas que o rodeiam, e o mais antigo é o mais avançado. Mas isto entra num campo demasiado vasto para uma só noite. Noutra noite, quando o círculo de inteligência for favorável, terei prazer em que façais mais perguntas.

IRÁ O ESPÍRITO CONTROLADOR EXPLICAR COMO É POSSÍVEL AOS ESPÍRITOS PENETRAR ATRAVÉS DE MASSAS PONDERÁVEIS DE MATÉRIA, COMO AS PAREDES DE UM QUARTO?

O segredo desta explicação reside no facto de os termos empregues pela ciência serem apenas termos relativos. As substâncias ponderáveis não são substâncias sólidas; as substâncias imponderáveis não são imateriais; mas, ao mesmo tempo, uma substância menos densa do que a que forma a parede de um quarto pode penetrar facilmente essa substância porosa. Até as rochas são porosas, e o poder ou a substância espiritual é tão subtil que não desintegra as partículas para atravessar as paredes porosas de um quarto; pelo contrário, tal como o fumo, que se adapta a qualquer abertura de escape, o corpo espiritual pode alongar-se, dividir-se e subdividir-se sem, de modo algum, ser desintegrado; e, portanto, isto explicará a passagem, através de substâncias aparentemente sólidas, dos elementos que constituem o corpo espiritual.

O corpo espiritual é material, mas é, naturalmente, de substância mais fina do que qualquer das que tendes na Terra, é regido por leis de atração e tem uma organização que pode ser desintegrada à vontade e novamente

reunida sem destruir a fibra. As substâncias das vossas roupas materiais ou dos vossos corpos materiais são tão grosseiras que, se assim divididas, ficariam, naturalmente, separadas para sempre. Não assim com o espírito, que absorve o seu corpo a partir dos elementos da atmosfera, o rejeita, muda-o, adapta-se às condições em que se encontra e pode entrar ou sair de um aposento sem qualquer abertura visível aos sentidos do homem.

Depois, os espíritos podem estar presentes e, ainda assim, estar a mil milhas de distância. O que queremos dizer com isto é que não há espaço na vida espiritual; e, quando falais de uma pessoa estar numa sala, referis-vos naturalmente ao seu corpo físico; a sua mente pode estar noutro lugar. O espírito está sempre presente onde o pensamento se ocupa, e a atmosfera intermediária não oferece barreira a essa presença, mesmo que exista a distância referida. Podeis compreender isto facilmente permanecendo nos vossos lugares e pensando nas vossas casas. O pensamento pode atravessar não só instantaneamente o espaço, como também podeis, em retrospeção, percorrer a rua, passar por todas as mudanças necessárias para chegar a casa, na vossa mente, sem uma única vez transpor o limiar desta sala.

Portanto, agindo em conjunto a mente e o espírito, a ação simultânea do espírito sobre o corpo espiritual pode projetar essa presença na vossa mente ou, permanecendo na vida espiritual, pode influenciar-vos dessa altura, tal como os raios do sol, através de milhões de milhas de distância, afetam as flores aos vossos pés.

A NATUREZA NO MUNDO ESPIRITUAL E AS LEIS DO SEU FUNCIONAMENTO

Por "natureza" supomos que o consulente entende aquilo a que estais habituados a chamar aqui natureza externa ou material. Não há natureza no mundo espiritual separada da vida espiritual. Ao contrário da Terra e de outros corpos materiais, as substâncias da existência espiritual são todas empregues, todas regidas pelo pensamento, todas influenciadas pelo poder da mente que as possui. Assim, um lar, envolventes externos, paisagens, coisas que correspondem à vida externa da Terra têm de ser tomadas na ordem inversa da existência aqui. Aqui chamais-lhes objetivas; então, se aqui são objetivas, na vida espiritual são subjetivas. Se aqui são subjetivas — como sustentamos —, então na vida espiritual são objetivas.

O espírito comanda as substâncias por que se vê rodeado. Aqui o homem é comandado pelas substâncias. O espírito atua sobre, cria, destrói, produz

efeitos, tudo em resposta ao estado mental ou espiritual. Aqui, são precisos séculos para produzir uma impressão na matéria e, depois, na maior parte das vezes, a impressão é varrida pela primeira tormenta que passa. Aqueles antigos elementos — a terra, o ar e o céu —, as várias divindades que pareciam presidir ao universo externo, pareciam mover o homem ao seu mando; embora vencidos pelo homem em detalhe, no resultado geral ele produziu muito pouco efeito sobre eles.

Tudo isto se inverte na vida espiritual. A mente mais material é a que tem menos poder na vida espiritual. A que foi mais dominada na Terra por influências materiais é a que, entrando na vida espiritual, menos sabe o que fazer. Não tem poder para moldar as imagens, os pensamentos, os elementos que a rodeiam; está curvada e acorrentada pela recordação dos seus sentidos terrenos e dos métodos da vida terrena e, se prosseguir na vida espiritual à maneira da vida terrena, falhará em tudo; tudo se desvanece e lhe foge ao toque; as rochas não farão casas, a árvore não dará fruto, o jardim não tem flores.

Se inverter o método, se começar por dentro, se aí estiver o motor e o princípio da vida, se não procurar envolventes externas mas trabalhar o seu pensamento e mente, verá que o que a rodeia a seguirá; crescerá sob a sua mão; parecerá exatamente aquilo que é. Ele/ela molda-se a si e configura a sua morada sem amontoar uma massa de entulho e sem talhar paredes de pedra para erguer um templo. Mas, se pensar bons pensamentos e se ocupar constantemente na direção dos dons espirituais e da vida espiritual, o seu templo ergue-se em seu redor e os átomos em que se move e sobre os quais trabalha transformam-se e transfiguram-se, e ele/ela é, em embrião, um criador.

Isto é, em resumo, a resposta. Naturalmente, para responder devidamente à pergunta, seria necessário um discurso completo.

A EXISTÊNCIA INDIVIDUAL DOS ANIMAIS CONTINUA PARA ALÉM DA VIDA TERRESTRE?

Tudo no universo tem uma dupla existência: a visível e a invisível. Cada átomo, cada flor, cada árvore tem uma individualidade, por assim dizer, que nunca se perde, mas permanece sempre um indivíduo na direção da sua existência. Por exemplo, acreditam os Swedenborgianos que cada flor, cada pássaro e cada animal têm um protótipo espiritual na vida espiritual. Aproximadamente, isto é verdadeiro; mas há uma vida espiritual para eles.

Queremos dizer que a atmosfera que envolve a Terra e as flores da Terra é povoada pelo espírito das flores; que os animais que habitam sobre a Terra existem num estado espiritual em torno do reino animal; e que há uma perpetuação — não da imortalidade individual, pois essa pertence a uma volição e consciência que são completas na sua natureza e formam o círculo da existência —, mas uma vida espiritual tão bem adaptada a cães e cavalos como a vida espiritual dos seres humanos o é para eles; e, onde as linhas muito se confundem na Terra, geralmente confundem-se na vida espiritual, visto que o homem devotado a cães e cavalos, ao passar da Terra, geralmente não se eleva muito acima da atmosfera terrestre — pelo menos não imediatamente.

Assim, é bem verdade que podem ver cães e cavalos na vida espiritual, como aqui, porque não sobem acima da atmosfera que os contém; e essa vida nunca se perde, nunca se funde noutra vida, mas constitui para sempre a subtil cadeia da vida em criações semelhantes neste ou noutros planetas, tal como as substâncias do corpo constituem os elos subtis que formam as criações externas do homem e da mulher.

Isto, tal como a outra questão, contudo, exigiria uma elaboração mais extensa.

ESPIRITUALISMO — O QUE SIGNIFICA? II

O que é e que vantagens se podem daí obter?

Uma palestra de Mrs. Cora L. V. Richmond* proferida na Igreja Espiritualista de Roseland no Domingo de Páscoa, 27 de março de 1910 — reportada pelo Sr. Lamble.

O que é e que vantagens se podem daí obter?
(Publicado na íntegra no Calumet Weekly Index.)

Para aqueles que estão familiarizados com o que tecnicamente se chama Espiritualismo, este não é um tema novo. Faz amanhã sessenta e dois anos desde o acontecimento a partir do qual se data o Espiritualismo moderno (incorretamente, pensamos nós), isto é, desde as «batidas» ou «pancadas» em Hydesville, Nova Iorque, na casa da família Fox, na presença de duas meninas, duas das irmãs Fox. Não pensamos que o Espiritualismo tenha começado aí, mas esse foi um manifesto palpável ou tangível de um poder

tão antigo quanto a humanidade, que existiu desde que a humanidade existe, e que se manifestou em várias épocas e intervalos da história humana sob o nome de «profecia», sob o nome de «revelação» e sob o nome de «espíritos ou anjos ministrantes», ou como quer que chamemos ao que abre o domínio do imortal.

O Espiritualismo não é uma coisa nova, mas simplesmente um novo nome que foi adaptado às condições modernas e que surge numa época do mundo em que os dotados de «dons espirituais» já não são muito perseguidos, embora existam algumas perseguições; ainda assim, não são condenados à morte, nem são chamados «bruxas» e vários outros nomes injuriosos, mas compreendemos que mesmo hoje há aquilo a que se chama impopular no Espiritualismo, meramente porque é um novo nome para o velho pensamento da imortalidade, para a velha ideia do anseio pelo conhecimento do que está para além da mudança chamada morte, e pelos mistérios que têm surgido entre os dois mundos, que hoje, pela falta de perseguição, são mais gerais e disseminados.

O facto de o Espiritualismo estar no mundo, tecnicamente, há sessenta e dois anos, e não ser tão universal e geralmente adotado como o vapor, a eletricidade e alguns outros dispositivos científicos do mundo, deve-se a que colide com preconceitos religiosos já existentes; porque as pessoas não compreendem que faz parte da sua religião; porque não se apercebem de que é outro grande despertar do impulso espiritual vindo do reino invisível e do Altíssimo. Quando Jesus caminhou sobre a Terra ministrando e ensinando e concedendo dons espirituais, e quando, consciente de que seria morto, disse: «Se eu for, enviar-vos-ei o Consolador, o Espírito da Verdade, que vos revelará todas as coisas.» «Muitas coisas não vos posso dizer agora porque não as podeis receber.»

Ele prometeu-lhes esse Consolador. Apareceu depois aos seus discípulos em forma, no tempo em que estavam no «pequeno cenáculo», sem abrir as portas fechadas; também a Paulo no caminho de Damasco e, notavelmente, primeiro às três Marias no sepulcro; mas isso não foi o Grande Cumprimento. O Grande Cumprimento haveria de ser quando o povo estivesse preparado para receber o Espírito da Verdade; assim, parece-me que sempre que e onde quer que esse Espírito da Verdade encontre oportunidade de expressão e de manifestação, aí está esse Consolador.

É certo que, em todos os dois mil anos desde que o «Cristianismo» chegou, muitos desses dons espirituais que Paulo enumera no seu admirável capítulo sobre «dons espirituais» desapareceram. Gradualmente, foram esquecidos na Igreja Católica Romana. Pessoas foram mortas por os possuírem, e depois foram canonizadas como Santos, e uma das canonizações mais recentes foi a de Joana d'Arc, que, sob dotação espiritual, conduziu os exércitos de França à vitória e depois foi condenada à morte, e então, tardiamente, a reclamaram. A Igreja em geral reconhece os dons, mas continua ansiosa por que não sejam reclamados fora da Igreja como dons espirituais.

Se seguirem a história da Igreja relativamente a esses dons, verão que não houve, durante o predomínio da Igreja Católica Romana, e no início da Reforma, e após a Reforma, durante a agitação dissidente de Wesley e Whitefield, na realidade, nunca houve um tempo em que não estivessem abertas as portas a tais comunicações entre o estado humano e o estado espiritual. E desde o tempo, no Livro Antigo, em que os anjos andavam e falavam com Lot e Job (e, se lerem cuidadosamente nas entrelinhas, verão que a orientação era por um poder invisível), até ao momento em que o anjo anunciou a vinda da nova mensagem de Jesus, e até ao tempo em que esses dons espirituais foram incentivados entre os discípulos e apóstolos, e ao longo da história da Igreja Romana, até ao momento em que Lutero, o pálido monge agostiniano, procurou encontrar o grande segredo da verdadeira religião e não o encontrou na Igreja Romana, mas quando lhe apareceu a visão espiritual; e quando a família Wesley, no seu pequeno círculo familiar, recebeu manifestações que se correspondiam umas com as outras, João e Carlos Wesley e outros membros da família, sobre as estranhas manifestações que ocorriam no seu meio. Leiam a história da família Wesley e encontrarão, nas edições mais antigas, o relato completo dessas manifestações que ocorreram.

Ou tomem George Fox, dos Quakers, ou «Mãe Ann Lee», dos Shakers, que, sem credo inflamado, conduziu o povo a uma grandiosa receção interior da causa espiritual. Ao longo de todo o tempo houve as mensagens abertas, e verão também que muito disso se perdeu na história externa da Igreja e do mundo. Várias denominações que formularam credos, julgando que estavam mais de acordo com os ensinamentos de Jesus, esqueceram o espírito essencial e esqueceram o poder, em todo o lado, dos grandes dons espirituais.

Respondendo à grande necessidade que existia no século XIX, surgiu este novo impulso. Quando considerarem o estado da vida pública, há cinquenta ou sessenta anos, aperceber-se-ão de que, quando Darwin desintegrava a teologia estabelecida do dia com a teoria da evolução, entrava na grande Igreja Cristã uma grande inquietação acerca do pensamento religioso; a Igreja de Inglaterra estava dividida em duas grandes secções — a Broad Church e a Igreja Estabelecida. A Broad Church era liderada pelo deão Stanley e pelo bispo Colenso, e eles conduziram o povo da Igreja a perspetivas mais amplas. Chegou então à então Rainha de Inglaterra (Vitória), por mensagens escritas através da mão da sua filha mais nova, e através do seu fiel assistente, John Brown, a crença na comunhão dos espíritos e na receção de mensagens do príncipe Alberto no mundo espiritual.

Perguntaram ao deão Stanley se não achava que as pessoas estavam loucas na sua crença, e ele disse: «Porquê?» Disseram-lhe que acreditavam em comunicações espirituais e em mensagens de amigos falecidos. Ele disse: «Se acreditar em espíritos ministrantes e comungar com eles é prova de loucura, então toda a Igreja de Inglaterra deveria ser declarada louca, pois nós afirmamos distintamente todos os domingos: "Creio na comunhão dos santos", etc., etc.» Assim, essa questão ficou resolvida. E quando, mais tarde, muitos dos homens proeminentes da Grã-Bretanha e da América aceitaram este pensamento, as pessoas disseram que eles também estavam loucos. Muitos dos nossos homens mais brilhantemente instruídos aceitaram-no após investigação e convenceram-se com a fenomenologia, a filosofia e a inspiração, e creram que eram resultado de inteligências que tinham vivido em vida humana.

Quando o Professor Crookes, um dos mais eminentes cientistas, e o Dr. Alfred Russel Wallace, o maior naturalista do mundo, proclamaram esta doutrina e aceitaram os fenómenos, então o mundo científico não os pôde ridicularizar, e hoje há mais de meia centena dos mais proeminentes homens de ciência neste país e no velho mundo que dizem «não há nada em todo o leque da ciência material que explique os fenómenos do Espiritualismo»; quando a Society for Psychical Research foi organizada para levar a cabo esta investigação, as pessoas disseram: «Agora a questão desse desconhecido lei da natureza ficará resolvida.»

É algo que não compreendiam, e esses homens de ciência empreenderam a investigação com inteligência e com o propósito de encontrar alguma fonte que não aquela que reivindicava ser a fonte da mensagem do mundo

espiritual. Um a um, foram obrigados a aceitar a evidência que lhes chegava. O Professor Wallace, o Professor Crookes, o Professor Flammarion, o Professor Zöllner e todos esses homens nos círculos científicos. Depois a American Society for Psychical Research pegou no assunto, e temos o Professor James, o Dr. Hodgson, o Rev. Heber Newton e, de facto, todos esses eminentes homens, que dizem: «Não conseguimos explicar isto sob quaisquer ideias correntes da ciência.» Mas os homens fogem sempre para algo diferente da causa real, e assim tem acontecido. O clero pegou na ideia, e pessoas eminentes de todas as denominações disseram: «Precisamos que este assunto seja investigado. Precisamos disso. Se esta questão for verdadeira, ajudará na proclamação da nossa religião.»

Há trinta e cinco anos, quando a pessoa que está diante de vós se encontrava em Inglaterra, houve uma convocação dos bispos da Igreja Episcopal de Inglaterra, em Newcastle-upon-Tyne, e este assunto foi apresentado perante eles nessa conferência, e foi dito por um entre eles: «Precisamos mais do Espiritualismo do que o Espiritualismo precisa da Igreja, porque, se é verdadeiro, então estabelece, para além de qualquer dúvida, os registos que temos sustentado daquilo que ocorreu em tempos antigos na presença de videntes e profetas e do Messias», e desde então o arcediago Colley, que então era cura, anunciou a sua aceitação do método moderno, o Espiritualismo, tal como o deão Stanley antes da sua partida.

Deste lado do Atlântico, numerosos homens dentro e fora da Igreja aceitaram a ideia da intercomunhão e, mais tarde, um homem nada menos que o bispo Fallows, de Chicago, sob o nome de «Imortalismo», aceitou as comunicações do espírito, praticou a cura espiritual e disse que é inútil negar as pretensões do Espiritualismo moderno no estabelecimento da intercomunhão entre os dois mundos.

O Rev. Heber Newton, de Nova Iorque, disse há mais de quinze anos, num sermão de Páscoa na cidade de Nova Iorque: «Os espiritualistas são os únicos leitores inteligentes da Bíblia quanto ao verdadeiro significado da Ressurreição; dessa vida que está para além da Morte, daquilo que supera o medo do túmulo.»

Ora, o Espiritualismo é simplesmente o conhecimento inteligente da mensagem entre os dois mundos; do facto da comunhão entre os que estão na Terra e os que passaram para além da mudança chamada morte. Os «médiuns» são simplesmente portadores de mensagens, os instrumentos,

alguns mais perfeitos do que outros, alguns menos perfeitos. São todos seres humanos, sujeitos a sentimentos humanos. Mas um mensageiro que traga a qualquer ser humano o conhecimento da existência de amigos que se supunha estarem mortos vale mais do que todas as teorias, e esse conhecimento está para além de qualquer questão de crença. Sei que esse é o testemunho dos que têm a evidência, e este conhecimento estando no mundo há sessenta e dois anos.

Dizemos às pessoas que nos perguntam e que dizem que gostariam de acreditar: «É culpa vossa se não acreditam ou não sabem.» Suponham que alguém ao vosso lado diz: «Gostaria de enviar uma mensagem por telefone ou telégrafo.» Vocês dizem: «Tem telefone em casa?» «Não.» «Então tudo o que tem a fazer é ir onde há telefones ou aparelhos telegráficos e enviar a sua mensagem.» Portanto, se querem mensagens do reino invisível, sentem-se na quietude da vossa própria casa e, se não houver instrumentos ou médiuns aí para estabelecer a intercomunhão, então procurem entrevistas com aqueles que podem levar as vossas mensagens, e o conhecimento chegar-vos-á como chegou a milhares de outras pessoas.

Claro que a evidência pode chegar e vocês podem não estar prontos para a receber, mas isso deve-se à vossa própria condição; porém, quando ela chega, quando esse conhecimento toma o lugar do luto anterior, quando a alegria do conhecimento da existência dos vossos amigos, dos que amais, toma o lugar da tristeza, é de facto uma verdadeira manhã de Ressurreição.

Podem imaginar o que foi no tempo de Jesus, quando Aquele que se acreditava ser todo-poderoso e todo-potente foi crucificado, morto, sepultado no sepulcro, tal como um mortal comum, e quando os seus discípulos se voltaram e o deixaram, com receio de tomar partido por Ele, todos desapareceram no meio da grande perseguição, e ao terceiro dia as três Marias foram as únicas suficientemente corajosas para ir ao túmulo realizar os ritos sagrados habitualmente cumpridos. Fizeram essa visita triste ao sepulcro, e Ele não estava lá.

Os «Anjos tinham removido a pedra» e disseram: «Ele ressuscitou.» E então, quando a voz do Amado Mestre foi ouvida, a sua admiração aumentou ao ouvirem essa voz, e reconheceram-na. Conseguem imaginar que alegria, que júbilo, foram os delas; e mesmo então, os temerosos, os duvidosos permaneceram sempre em segundo plano e temiam a lei romana e a perseguição judaica. Mas hoje não há tal lei a amedrontar-vos, nem

perseguições, exceto as de vizinhos mesquinhos ou de pessoas que possam ter preconceitos.

Esta "pedra foi removida do sepulcro." Esta luz chegou, e o Anjo diz: "Eles não estão lá; ressuscitaram", e vós, que tendes este conhecimento, conseguis recordar alguma alegria tão grande como a alegria que experimentastes quando, na privacidade da vossa própria casa, porventura através da instrumentalidade de um dos vossos próprios filhinhos, como as irmãs Fox, ou como a que está diante de vós, que começou a falar quando tinha onze anos; conseguis imaginar alegria maior do que a que vos veio quando o mensageiro chegou e disse: "Não estou morto, mas vivo. Continuo a viver e a amar-te"?

Então todos os anos de tristeza se desvaneceram, e o terror da morte desapareceu, e entendestes que fazia parte da grande economia do Amor Infinito que esses mensageiros aparecessem e que recebêsseis uma mensagem. Então recordastes esses textos que talvez tivésseis lido muitas vezes: "Não são todos eles espíritos ministrantes, enviados para servir a favor daqueles que hão de herdar a salvação?" "Na casa de meu Pai há muitas moradas. Vou preparar-vos lugar", e "Se eu for, virei outra vez e vos receberei para mim, para que, onde eu estiver, estejais vós também." Então podeis recordar tudo o que alguma vez cantastes sobre o ministério dos anjos e sobre a sua presença no vosso lar e, oh, que deleite houve. Foi como passar das trevas para a luz.

Ora, enquanto tendes Fé, isso é muito. A Fé é muito melhor do que a Crença. É bom crer, mas o Conhecimento é muito maior. É infinitamente maior possuir conhecimento, e pensamos que a mais elevada interpretação da definição de Paulo sobre a Fé é Conhecimento. A Fé é a prova, a substância, a realidade das coisas que se esperam, a evidência das coisas que não se veem.

Quando não vedes estas coisas, geralmente a vossa visão espiritual está cega. Normalmente os sentidos humanos não estão afinados para escutar o poder vivificador e ver a iluminação. Ela vem muitas vezes àqueles que se elevam e se exaltam na sua inspiração espiritual; mas aqui está um conhecimento que tem de vos chegar na câmara da sombra, no silêncio do vosso lar, ou onde quer que possam ser vistos os mensageiros deste grande reino do espírito. É um reino muito interessante. Pensai nele não como no antigo pensamento — lá para além das nuvens, para além das estrelas —,

mas apenas para além desta pequena barreira dos sentidos, apenas para lá desta ligeira nuvem de terrenalidade; e esse reino está ali, tanto como o oxigénio está ali, apesar de não o virdes; tal como a eletricidade está ali, que não vedes até ser chamada à demonstração.

Este reino espiritual é uma grande câmara interior. Sir Oliver Lodge, um dos maiores homens de ciência da atualidade, disse: "Estou convencido de que quanto mais nos afastamos desta chamada 'matéria', tanto mais perto estamos das realidades sublimes do universo." Ele quer dizer: quanto mais vos afastais desta substância grosseira, desta forma externa. Não são os vossos pensamentos maiores do que o vosso corpo? Não são eles maiores do que o cérebro, fisiologicamente? Não são maiores do que as forças materiais do mundo?

E, ainda assim, pouco a pouco, quando os poderes subtis da ciência forem postos em requisição, será possível aos cientistas entrarem nesta câmara e fotografarem aquilo em que estais a pensar; e então tereis cuidado com o que pensais, quando souberdes que as pessoas verão os vossos pensamentos e saberão o que pensais; e chegará o tempo em que as pessoas, em vez de serem cegas e surdas a estas mensagens, lhes darão ouvidos, e os vossos sentidos de perceção serão espiritualmente abertos, e ser-vos-á tão fácil falar com a mãe ou o pai, ou a irmã, ou o marido, ou a esposa que estão no reino do espírito como falar com os amigos ao vosso lado.

Ora vede o que os vossos filhos sabem, os que estão nas escolas secundárias. Ensinam-se agora disciplinas que eram conhecidas apenas pelos filósofos e reclusos dos tempos antigos; problemas matemáticos são hoje compreendidos pelos meninos, que dantes eram conhecidos apenas pelos homens mais eruditos de outros tempos. Hoje ides ganhando familiaridade com todas as forças subtis dos elementos à vossa volta.

A alegria de conhecer o outro mundo está em saberdes para o que vos estais a preparar. É uma questão de crescimento. Disseram-vos para "ajuntar tesouros no céu", mas não sabíeis exatamente o que eram; não sabíeis que são boas ações, pensamentos amorosos e o grande espírito do amor de Deus que há de estar vivo nos vossos corações; e todo esse tempo vos disseram que tínheis de fazer preparação para o outro mundo, mas não sabíeis o que fazer. Enviais os vossos filhinhos à escola; esperais que passem pelo ensino primário, pelos diferentes graus e pelo liceu, e possivelmente pela universidade, e pensais que assim estarão aptos para os deveres desta vida.

Ora, se estais a construir apenas para o tempo, se vos educais apenas para este mundo, basta um só tipo de educação; mas, se o espírito há de viver para além da mudança chamada morte e há de ser uma entidade inteligente, atuante e viva, então o tipo de preparação que fazeis tem de visar riquezas espirituais e tesouros espirituais. Não apenas toda a inteligência que possais possuir; não apenas todo o conhecimento necessário aqui e agora, mas aquilo que vos habilitará a pôr de parte o corpo material e a assumir com êxito a existência espiritual que se seguirá.

Se fôsseis para a Europa, ou para o Egito, ou para qualquer lugar; mesmo que fôsseis para África numa expedição de caça, procuraríeis informar-vos de tudo o que pudésseis sobre o país antes de partir. Passaríeis por um certo tipo de educação; passaríeis por um certo tipo de disciplina, e passaríeis por um certo tipo de preparação; e, se é positivamente certo que a mudança chamada morte introduz todo o ser humano no passo seguinte da vida, então é importante que saibais o que será aí exigido.

Estes bebés podem ir — alguns deles saem do vosso próprio lar. Continuam bebés ou crescem e assumem outras linhas de trabalho? E, enquanto vos interrogais, chega-vos uma mensagem trazida por esses espíritos ministrantes: "Temos guardiões e mestres que nos estão a ensinar a crescer segundo linhas espirituais; temos mestres maravilhosos"; e assim estes pequeninos tornam-se os vossos mestres ministrantes.

Assumi grandes ramos do saber espiritual e tornai-vos possuidores de uma mais ampla esfera de conhecimento e, mesmo nesta vida, o vosso céu está aqui.

Aqueles rapazes e raparigas que não podeis dispensar na vossa vida quotidiana assumem lá os grandes empreendimentos da vida e veem os mundos que se movem no espaço, e passam a compreender as leis da mais alta química muito melhor do que vós, e, penetrando para além da matéria, conseguem ver as grandes forças que estão prontas a cumprir o vosso desejo. E esses videntes de cabelos grisalhos, os que se graduaram nas escolas humanas, também eles podem assumir este louvor mais alto e mais perfeito no reino além.

Os vossos astrónomos, em vez de espreitarem através das sombras da atmosfera terrestre, podem fixar a lente — não de um instrumento, mas da mente — num mundo distante, ou num sistema de mundos, e podem inspirar

os astrónomos humanos a descobertas maiores e mais maravilhosas, e conduzi-los passo a passo a altitudes superiores de conhecimento.

Não há descoberta da ciência humana que não tenha sido conhecida pelas mentes do reino espiritual há séculos, e esses seres esperam que vós cresçais, esperam que os seres humanos se tornem mais inteligentes, esperam até que haja alguém na Terra preparado — como Edison esteve —, ou, na verdade, como todos os grandes inventores, para dar esse conhecimento ao mundo. Edison disse uma vez à que está diante de vós: "Eu não invento estas coisas; na sua maioria são-me dadas em sonhos."

E esse conhecimento advém no reino onde todas essas coisas são dadas. Assim também a ideia aguarda cada ser humano; há uma oficina divina, um lugar divino onde todas essas coisas são conhecidas. Por vezes passais por lá no vosso sono; às vezes sonhais sonhos que são desse reino; às vezes, nas horas de vigília, um pensamento súbito vos vem à mente, elevando-vos, fortalecendo-vos e inspirando-vos. O espírito ministrante passa, o ministro da luz aproxima-se, e vós não o sabeis, mas sentis-vos fortalecidos, consolados e elevados, e possuís maior conhecimento.

"Que vantagem ou benefício traz?", pergunta o inquiridor. Que vantagem não traz? Então conheceis o propósito da vossa vida. Em vez da morte, sabeis que existe algum fundamento para a fé que há no mundo. Sabeis que estes que ministram são tanto parte da existência como vós, e ides crescendo até terdes conhecimento dos que se interessam por vós. Quando o Rev. Dr. Thomas, de Chicago, falava sobre este assunto, disse: "Ora, não há outra vida; há simplesmente vida: isto é vida, e essa vida superior é apenas a continuação da vida."

Quanto ao conhecimento que traz, e, acima de tudo, ao consolo que traz. Conhecemos muitos corações de mãe que estiveram quase a partir-se; muitas mentes de mãe que estiveram quase a desequilibrar-se porque o seu tesouro, o seu filho, passara para fora do seu olhar, e ela não sabia; pensava que cria, pensava que tinha consolo, pensava que havia o conhecimento de Jesus Cristo e da vida futura, mas, quando se tratou de estar junto ao túmulo, ela não sabia; e, quando este conhecimento chegou, e a luz e o amor belos do seu tesouro lhe vieram, foi para ela, de facto, uma manhã de ressurreição.

Assim, a vantagem e o benefício é que é verdade. A vantagem é que é consolo. A vantagem é que não apaga qualquer outra verdade no universo; é parte de toda a verdade no universo. Não pede dádivas de preço. Não

procura impor crença, não vem fazer proselitismo; limita-se a dizer que este conhecimento é vosso, podeis tê-lo, se o desejardes; podeis ser abençoados por ele, se o quiserdes, e podeis encontrar a chave deste outro reino. A porta foi-vos destrancada, os mensageiros estão em redor e à vossa volta, e só é necessário que façais o esforço e ele será a vossa vida.

Mas por que razão havemos de falar sempre da vantagem disto e da vantagem daquilo? As pessoas parecem encarar a vida futura, e a religião, e a verdade como se fossem uma espécie de investimento em ações e obrigações e prémios, e dizem: "Pois bem, se eu acreditar nisto, que vantagem vou obter?"

O Reino dos Céus, o reino do espírito, não é uma bolsa de valores; não estais a investir em algo que vos retribuirá de algum modo pecuniário. A "vantagem" de saber que o sol brilha é que ele brilha; e a vantagem de ter ar fresco é que respirais, e respirais melhor; e a vantagem de saber que a vida seguinte é a continuação desta é que não estais o tempo todo com medo da morte. E a vantagem de saber que a verdade é verdade é que nenhum erro vos poderá assustar ou alarmar. Ninguém vos poderá vir com papões para vos meter medo.

Alguns de nós fomos convidados, numa das grandes reuniões de verão, a dizer se havia tal coisa como um diabo no Espiritualismo. "Oh, sim", dissemos, "todas as vezes que um homem mau ou uma mulher má olha para o espelho, vê a imagem de Sua Satânica Majestade; e esse diabo está aqui mais do que qualquer outro no outro mundo."

Sabeis que se diz que, durante o tempo em que o corpo de Jesus esteve no sepulcro, "Ele foi visitar os espíritos em prisão", e isso não prova também que os espíritos o podem fazer? E, quando vier este grande despertar, dar-vos-á conhecimento daquilo a que se chama obsessão, que é sempre temida; por isso digo que não tendes de temer. Há uma lei do espírito segundo a qual "o semelhante atrai o semelhante", e aqueles que convidardes virão até vós; se sois bons, nenhum espírito mau se pode aproximar de vós, a não ser para ser ajudado.

O mundo está melhor, a humanidade está melhor, a vida do espírito está mais próxima de Deus, e o mundo angélico está em toda a parte, e toda a questão da vida humana, e da morte humana, e da imortalidade humana está a ser resolvida pelas vozes que vêm do alto.

Caros amigos, o nosso tempo é limitado hoje, e o nosso tema é inesgotável. Esperamos ter-vos dado um pequeno vislumbre deste assunto e, para terminar, pedirei ao repórter que mencione um tema sobre o qual eu possa improvisar um pequeno poema.

O repórter: "Imortalidade."

Não há prova, no chão do prado,
De a semente durar sem fim;
Mas, quando floresce ao Dado,
Ano após ano verte assim.
Seu perfume alastra ao ar,
No tépido estio a ondular;
A flor lampeja como um luar,
Tão bela, tão viva, a brilhar.
Mas chega a hora em que há de ir:
Será esse o nosso porvir?

Não há prova de que o arvoredo,
Gigante de séculos de ser,
Permaneça árvore sem medo
Da lei do tempo a desfazer.
Relutantes, custa aceitar
Que a terra a venha a reclamar—
Esse ilustre e nobre rebento
Que o solo um dia há de abraçar.

Mas na alma humana a interpelar
Erguem-se anseios de ardor profundo;
Pensar na vida além do ar,
"Acender de um fogo oculto ao mundo."
Chama que, qual Prometeu, há de arder
Até à sua origem volver.

Foi Platão quem veio afirmar:
"Há de ser assim", disse o saber;
"Donde este anseio por ficar,
Por vida divina conhecer,
Se nesta casa de barro, enfim,
Só por um instante fosse o fim?"

Na pena de profeta e sábio ancião,
De santo e de poeta em sua idade,
Ficou na história a firme lição:
Que o homem guarda a Imortalidade.

E a luz que vem do além-velado
Afasta as sombras deste chão,
Até que, onde houver humano passo,
Se saiba desse alto clarão.

Diz Emerson: "Vê dentro de ti;
A alma a quem Deus tal sede dá
Há de essa Imortalidade fruir—
No fogo vivo a meta está."
E Morte e Medo hão de passar
À luz do Dia imortal sem par.

ESPIRITUALISMO E TEOSOFIA

CONSIDERADOS DO PONTO DE VISTA DO ESPIRITUALISMO

Washington D.C., 2 de novembro de 1897

«Nada há de novo debaixo do sol.» «E vi um novo céu e uma nova terra.» Ambas estas proposições são verdadeiras; uma de um ponto de vista, e a outra de outro.

No que respeita ao tema desta exposição, o nosso propósito será apresentar cada assunto com verdade e justiça. A teosofia moderna, segundo os seus aderentes, tem especial significado quanto ao sentido das palavras

SABEDORIA DIVINA

Esta interpretação, embora conste da definição dos lexicógrafos, aplica-se a uma aceção antiga do termo, que nós definiríamos como um tratado ou filosofia da Divindade; não como reivindicam os Teosofistas, sabedoria divina nos indivíduos tal como aplicada no culto ou seita dos Teosofistas. Não obstante, se reclamam essa definição — ainda que não seja oriental — concedemos-lhes o benefício da sua própria interpretação. Decerto nada há de novo debaixo do sol.

ESPIRITUALISMO SIGNIFICA, PROPRIAMENTE,

tudo o que respeita ao espírito, quer nesta vida, quer na vida passada, quer na vida por vir. A sua definição específica é que se refere à existência dos espíritos para além da mudança chamada morte, ao seu progresso e modo de existência nesse estado, à intercomunicação entre os dois estados. Até aqui, nas definições destas duas palavras, certamente não pode haver conflito; não parecem tocar o mesmo domínio. Mas se a Teosofia inclui o que respeita ao espírito e o Espiritualismo, na sua apresentação, o que respeita à sabedoria divina, então ambos se encontram no mesmo âmbito de altura.

Decorreram quase cinquenta anos desde que a palavra Espiritualismo entrou no uso comum; nem metade desse tempo está a palavra «Teosofia» em uso corrente. O Espiritualismo abriu a via entre os dois estados de existência; o estado humano e aquele que sucede ao estado humano após a mudança chamada morte, por meio de uma série de manifestações e de um corpo muito inclusivo (…) de filosofia.

Aqueles que apenas testemunharam as manifestações e não conheceram a filosofia estudaram apenas um fragmento deste assunto; e os que aceitaram a filosofia e não presenciaram as manifestações não conhecem a evidência em que a filosofia assenta no que toca à vida humana. Mas há outra apresentação do assunto na literatura do Espiritualismo ao longo dos últimos cinquenta anos: houve todo o tema e todas as fases dos temas discutidos ligados ao espírito humano; o espírito humano na vida terrena e nos estados espirituais.

Estes assuntos não só foram discutidos, e todas as suas fases, por mentes inteligentes e filosóficas na vida terrena, como também foram apresentados por mentes inteligentes e filosóficas na vida espiritual, e basta recorrer aos volumes e periódicos da literatura espiritualista para saber que não houve limite nessa discussão: que não se limitou meramente à intercomunicação entre os dois estados, que toda a teoria concebível e uma grande quantidade de ensino avançaram acerca do espírito do ser humano, a priori, acerca da pré-existência ou da possibilidade de estados pré-existentes, e acerca do destino do espírito ou da vida futura; e que, de tudo isto, evoluiu

UM SISTEMA DE FILOSOFIA

tão distinto quanto o sistema platónico, os sistemas baconianos, ou qualquer outro sistema que tem nome na história do pensamento humano.

Há cerca de trinta ou trinta e cinco anos, Allan Kardec, em França, anunciou, como parte das mensagens recebidas da vida espiritual, um sistema de ensinamentos que era bastante novo para a maioria dos espiritualistas, o qual incluía reencarnação, pré-existência e temas dessa ordem. Esses ensinamentos foram aceites em toda a Europa continental, mas foram rejeitados pela maior parte dos espiritualistas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos.

Um pouco antes disso o vosso orador atual proferiu discursos e, subsequentemente, na cidade de Washington, deu ensinamentos privados sobre a «Alma em Sucessivas Encarnações», significando o que é geralmente entendido por reencarnação. Isto foi anterior ou simultâneo ao sistema kardecista em França, que ainda não havia chegado a estas margens.

Esta linha de ensinamentos foi suplementada através da mediunidade de Fannie Conant, médium do departamento de mensagens do Banner of Light. Os que liam o Banner of Light nessa época lembrar-se-ão de que a falange espiritual que controlava essa médium anunciou distintamente a reencarnação ou sucessivas existências humanas para o espírito humano individual.

Este não tem sido um tema favorecido pela maioria dos espiritualistas, mas não houve assunto demasiado vasto, teoria demasiado especulativa, nem nenhuma demasiado afirmativa para que os espiritualistas nela se empenhassem. Menos do que todos, os espiritualistas, como corpo, limitam a possível abrangência relativa ao espírito humano. Julgou-se aconselhável, porém, não só pelos instrutores espirituais no estado humano, mas também no estado espiritual, demonstrar primeiro a existência do espírito após a mudança chamada morte; pôr fim ao grande terror e papão da morte; provar que a vida é imortal. Ao provar isto, talvez se prove demasiado para a mente média apreender aquilo que torna possível avançar para maior luz; ao demonstrar esta proposição, o intelecto comum não deseja ir além, nem para trás, nem para antes. Habitualmente, as pessoas ficam satisfeitas com o conhecimento de que

A MORTE NÃO PÕE TERMO À VIDA;

não parecem tão ansiosas por saber se o nascimento inicia a vida. Isto é natural no estado em que a maioria dos seres humanos se encontra; o de que o nascimento os introduz numa existência aparentemente consciente, aparentemente a única existência consciente de que têm noção; de que a

morte os priva, quanto ao seu conhecimento humano, da consciência de onde estão os seus amigos.
A vida continua para além da mudança chamada morte?

Esta é a questão importante que interessa aos seres humanos. Todo o assunto relativo à Vida da Alma, aquilo que temos ensinado, como dito antes, nos últimos trinta ou trinta e cinco anos, não tem sido avidamente procurado pela maioria dos espiritualistas. Nem é avidamente procurado pela maioria dos seres humanos. Com efeito,

TODO O CONHECIMENTO ESPIRITUAL,

tudo quanto respeita ao outro mundo, tem ocupado um lugar secundário; há uma espécie de indiferença em relação a isso. Se aquilo que as pessoas professam fosse realmente verdade, se fizessem mais e fossem mais além para conhecer a verdade do que qualquer outra coisa, e especialmente a verdade relativa ao outro mundo, a existência humana estaria inundada de luz acerca deste assunto.

Foi dada evidência suficiente acerca do facto da existência futura para fundamentar todas as ciências do mundo. Mas as pessoas não estão interessadas. Porquê? Porque lhes disseram que, quando os seus amigos morrem, ou estão muito mortos ou muito fora do alcance de comunhão com os seres humanos, e que devem esperar até chegarem à vida espiritual, ou ao céu, para saber onde estão.

Disseram-lhes que eles tinham ido para um lugar de tormento eterno — se lá vão, seríeis muito relutantes em sabê-lo — ou para um estado de felicidade, onde o número é tão extremamente limitado que desesperais de alguma vez os alcançar; e, voltando-se para a vida humana, as coisas humanas curam rapidamente a dor do coração. O facto de as pessoas poderem esquecer a sua dor humana e terem uma espécie de pano de fundo difuso e luminoso de crença ou fé torna o conhecimento absoluto algo de que ou têm receio ou acerca do qual são céticas.

QUANDO A NAÇÃO ESTAVA EM GUERRA

e toda a fronteira ardia em batalha e milhares eram mortos, o pensamento era obter uma mensagem de um soldado amado, de algum rapaz que pudesse estar numa prisão do Sul, ou vagueando a tentar escapar do país inimigo, e toda a mente se concentrava nesse conhecimento, para saber se ainda viviam na vida terrena. Nesse tempo o mundo espiritual

derramou uma torrente de conhecimento sobre as mentes do povo acerca da existência após a morte. A fileira quebrada do exército reuniu-se numa grande nuvem de testemunhas acima das terras dos que aqui viviam e derramou sobre eles o testemunho para sarar os corações que choravam.

Muitas mães, em lares distantes, receberam essas mensagens; muitas foram consoladas ao pé do lume; muitas palpitações do coração tornaram-se mais serenas por causa desta comunhão aberta. Foi a única coisa que restaurou, mais do que qualquer outra, o equilíbrio da grande estrutura social da nação — este conhecimento da comunhão com aqueles tão subitamente arrebatados à vista humana.

Mas as pessoas esquecem as suas dores e as suas alegrias espirituais na busca desenfreada das coisas humanas, e a grande maré de prosperidade que se levantou ao fechar da guerra da rebelião excluiu, como que irrespondivelmente, este conhecimento, mas deixou uma grande percentagem do povo de algum modo inundada com a sua luz. É desnecessário dar a história do Espiritualismo; o que ele

FEZ PELA HUMANIDADE

nós repetimos vezes sem conta; vós o sabeis, se tendes seguido a corrente da literatura dos últimos trinta anos. Sabeis que ela foi tingida, impregnada e mudada de todo pela presença do Espiritualismo no mundo. Que, desde o tempo em que Tennyson escreveu «In Memoriam», quando Bulwer Lytton publicou «A Strange Story», até à presente hora, a literatura do último meio século, sobretudo dos últimos vinte e cinco anos, tem sido perpassada por este conhecimento.

Ele varreu e atravessou as obras de arte: pintou anjos com vestiduras fluentes em vez de asas; deu aos artistas novos pensamentos quanto à tutela dos espíritos ministrantes; aliviou o mundo, em grande medida, do denso véu e peso de trevas relativo à sepultura; abriu as vias para a especulação psíquica; abriu caminho e espaço para a Ciência Cristã, que surgiu sob o nome de Cura pelo Espírito; abriu caminho e espaço para a Investigação Psíquica.

Não poderia haver desculpa para a Investigação Psíquica se não houvesse manifestações psíquicas, e o Espiritualismo tem sido a base destas. Um médium é selecionado; uma vez dentro da sala de investigação da Sociedade de Investigação Psíquica, o médium torna-se um «sensitivo». Essa é a única diferença — a diferença de nome. Os fenómenos que ocorrem e são

testemunhados pela Sociedade de Investigação Psíquica são exatamente tais fenómenos como aqueles com que os espiritualistas estão familiarizados há meio século.

TANTO NUM NOME

O hipnotismo, como sabes, é simplesmente uma renomeação do mesmerismo, este tendo existido antes dos fenómenos do Espiritualismo. Anton Mesmer, há mais de cem anos, descobriu esta lei da influência de uma mente sobre outra. Agora o mundo da ciência curva a cabeça e dobra o joelho perante a nova descoberta do Hipnotismo! O mesmo é verdade com todas estas coisas.

Aquilo que surgiu no mundo sem reconhecimento; aquilo que foi perseguido e ridicularizado; aquilo que teve de enfrentar o inimigo teológico de um lado e o inimigo materialista do outro; aquilo que lutou a batalha com sucesso e obteve a vitória, abriu caminho para uma dúzia ou mais de nomes diferentes; mas, se lhe derem uma nova designação todos os dias do ano, continuará a ser Espiritualismo. Todas estas coisas aconteceram, como narrámos.

Há não mais de vinte e cinco anos formou-se uma sociedade na casa de Henry J. Newton, em Nova Iorque, um dos mais proeminentes espiritualistas de então e desde essa época nessa cidade. Esta sociedade foi organizada com o único objetivo de ouvir uma série de palestras que se propunha dar um certo Professor Felt, um homem de letras dessa cidade, que, sendo um tanto "boémio" nos hábitos e tendo pendor literário, possuía um grande cabedal de ideias e muito pouco dinheiro.

O Professor Felt declarou ter adquirido, através de estudo, certos conhecimentos relativos ao pensamento e à prática orientais, e acreditava que havia muito mais poderes na mente e no espírito humanos do que a maioria das pessoas então supunha, o que se propunha ilustrar na sua série de palestras.

MADAME BLAVATSKY,

um tanto literata, de modo nenhum psíquica, de modo nenhum teosofista, juntou-se a esta sociedade; o coronel Olcott, cremos, também se juntou. O sr. Judge, Emma Hardinge Britten e vários espiritualistas além do sr. Newton aderiram a esta sociedade. O Professor Felt deu uma palestra. Recebeu pagamento pela série inteira e desapareceu.

A sociedade, no entanto, manteve a organização com o propósito de prosseguir esta linha de estudo e tentou encontrar alguns dados em que basear as suas investigações em filosofia oriental, mas não se encontrou entre esse grupo de brilhantes intelectos ninguém que soubesse o suficiente de filosofia ou ensinamento oriental para os instruir e, após alguns esforços infrutíferos, a sociedade foi dissolvida. Morreu de inanição.

Isso foi há cerca de vinte e cinco anos.

Um relato completo da organização e história desta sociedade, com um fac-símile das assinaturas dos membros originais, foi publicado no New York World ou Herald há alguns anos. Pouco depois, ou por essa altura, Madame Blavatsky foi com o coronel Olcott ver os irmãos Eddy, no New Hampshire. Ali recebeu prova da genuinidade dos fenómenos espirituais e tornou-se ela própria uma grande médium. Os nossos amigos da Investigação Psíquica chamariam a isso "sensitiva", mas ela era uma médium.

Depois disto, com o seu intelecto indubitavelmente brilhante, coligiu o que se ensinava acerca do Espiritualismo e, ligando-se a um cavalheiro oriental residente em Washington, que era membro de alguma legação estrangeira, obteve muito conhecimento sobre filosofia e ensinamento orientais. Esse foi o início daquela carreira notável que subsequentemente levou ao que é conhecido como Sociedade Teosófica.

Nenhuma nova "loja" foi formada até depois de Madame Blavatsky ter estado no estrangeiro e regressado a este país, algures nos anos 70. Então o coronel Olcott e ela formaram a primeira Loja Teosófica em Nova Iorque. Não havia então grande sociedade: a sociedade original, como dissemos, tinha sido dissolvida. Não havia linha particular de ensinamento.

Os símbolos do Oriente e partes dos ensinamentos recolhidos de vários autores em todas as línguas modernas, como ficou claramente demonstrado, estavam a começar a ser revelados. O "Isis Desvelada", de Madame Blavatsky, era simplesmente uma coletânea de diferentes escritos de autores de várias nacionalidades, principalmente modernos, que tinham interpretado ou traduzido alguma porção do misticismo oriental a partir de línguas antigas.

Mas se a própria Madame Blavatsky entendia essas línguas antigas, ninguém o sabia claramente. Certo era que ela era extremamente "esperta", no sentido inglês do termo, possuindo uma mente muito brilhante, muito ampla e versátil; embora com adquiridos superficiais, adaptando-se com

facilidade à companhia em que estava, adotando com facilidade os pensamentos das pessoas que conhecia.

BLAVATSKY, UMA MÉDIUM

Quando por fim o movimento teosófico foi iniciado, não com grande adesão, não com grande promessa de sucesso, ela e o coronel Olcott visitaram a Índia. Ela afirmava lá ter estado antes; se esteve ou não, não ficou claramente estabelecido, não havendo registo autêntico desse facto. Ela própria declarou que sim; mas ninguém na Índia, que falasse a língua inglesa, o soube, se assim foi. Madame foi hospedada em casa de um cavalheiro inglês residente em Calcutá, ligado ao exército britânico.

Quando a Madame Blavatsky e o coronel Olcott visitaram esse cavalheiro na sua residência na Índia, fizeram sessões quase todas as noites. Esse senhor informou o vosso orador de que considerava Madame Blavatsky uma muito boa médium; que as mesas se moviam na sua presença e havia mensagens e comunicações através dela, mas ela nada disse acerca dessa outra doutrina que depois promulgou.

Disse ele que, quando o seu livro foi publicado, ficou muito surpreendido por verificar que grande parte do que nele constava acerca da localidade com que ele estava familiarizado estava incorreto; que muitíssimas afirmações sobre sociedades locais também estavam incorretas, e as afirmações relativas aos "adeptos" também estavam incorretas.

Acrescentou ainda esse cavalheiro que não tinha predisposição ou preconceito pessoal, nem a favor nem contra a pretensão de Madame Blavatsky; mas as afirmações de factos externos quanto ao que ocorreu na altura em que ela estava a visitar a sua casa não eram corretas. Madame Blavatsky fez certas alegações sobre manifestações ocorridas na sua presença nessa época que muito o chocaram e surpreenderam.

OS MAHATMAS

Depois desse tempo, porém, as alegações de Madame Blavatsky eram de outra ordem. Abandonou a mediunidade e entrou no que afirmava ser comunicação com uma ordem mais elevada de inteligências neste mundo, os "Mahatmas". Os seus poderes mediúnicos passaram a ser inteiramente atribuídos a essa fonte. Os Mahatmas davam-lhe poder sempre que objetos se moviam na sua presença. Por esse poder, conferido pelos Mahatmas, ela própria afirmava ter-se tornado um "adepto". Foi essa alegação que acabou

por reunir um bom número de seguidores em Londres. O vosso orador tem conhecimento de muitos cavalheiros ingleses que deixaram as suas casas e foram à Índia, por instrução de Madame Blavatsky, à procura dos "adeptos" e dos "Mahatmas".

Com toda a informação que ela lhes podia dar, falharam invariavelmente em encontrá-los; perdendo a fé, denunciaram a Teosofia. O dr. Wild, de Londres, regressou da Índia dizendo: "Fui à Índia teosofista; volto achando o Espiritualismo bastante suficiente para mim."

Isto, contudo, não invalida de modo algum seja que pretensão for, que seja consistente, dos ensinamentos do que se chama Teosofia. Quer Madame Blavatsky fosse médium ou adepta, ou ambas as coisas, isso nada tem que ver com o assunto inteiro. Mas é um facto bastante notável, e um que as pessoas fariam bem em ter em mente, que as suas afirmações sobre factos são aceites como verdade evangélica pelos seus seguidores, quando os factos do Espiritualismo que ocorrem às suas próprias portas são negados.

Quando tudo isto ocorria, de que falamos, há cerca de vinte anos, a sra. Besant defendia o materialismo e dava apoio a Charles Bradlaugh na sua guerra à teologia, e sustentava o braço secular dessas pessoas que desejavam separar Igreja e Estado, e fê-lo corajosamente durante muitos anos, até após o falecimento do sr. Bradlaugh. A sra. Besant teve oportunidade de conhecer este espírito, que tem existência antes e depois do corpo humano, mas então não quis.

Desde essa altura, sem outra prova a não ser a que veio do testemunho dessa mulher, com quem não poderia ter tido um convívio muito prolongado, aceita os fenómenos, aceita a declaração dos "adeptos", aceita o pensamento dos "mahatmas" pela fé. É credulidade, frequentemente, quando o espiritualista acredita naquilo que diz testemunhar e compreender. O que é quando alguém acredita no que não viu, que provém de uma fonte humana duvidosa e para o qual não tem prova de que exista realmente?

ESSENCIALMENTE A VERDADE

Não negamos que o grande pano de fundo da filosofia hindu contém essencialmente a verdade; isso temos ensinado ao longo de anos. Não negamos o que todos podem ler e muitos leram; na época em que Edwin Arnold publicou a sua "Light of Asia", um arrepio percorreu todo o mundo ocidental. A Europa e a América ficaram imbuídas de uma nova sensação com

a revelação que veio do Oriente, de uma filosofia velha como o tempo e nova como o fulgor de uma manhã nova. Foi com grande avidez, com fome intelectual e poética, com algo que participava de uma inspiração real, que as pessoas leram.

Tudo isto, irrompendo, como ocorreu por essa altura, em que estes novos pensamentos estavam a imbuir as mentes das pessoas, levou-as a receber, aceitar e procurar compreender o que estava a ser dado do Oriente por Madame Blavatsky e pelos seus seguidores. Não recordaremos os métodos duvidosos de introdução e os cismas que surgiram nas fileiras dos teosofistas.

À morte de Madame Blavatsky, supôs-se por muitos dos crentes devotos que um verdadeiro "adepto", possivelmente um verdadeiro "Mahatma", tinha partido da terra; um dos escolhidos, um dos sábios partira. Muitos assim creem hoje. Brotaram dois ramos dentro deste movimento que parecem opor-se um ao outro por motivos puramente pessoais, talvez um mais pessoal do que o outro. Mas tendes oportunidade de ouvir o que têm a dizer, de ler o que têm a escrever e de saber tudo o que pode ser conhecido acerca deste movimento.

A BASE PRIMORDIAL

Se, porém, os ensinamentos antagonizam uma coisa que o Espiritualismo comprova — queremos dizer a entidade individual, o ego (o ego essencial) da alma humana. É verdade que vos dizem nos escritos de Sinnett, nos escritos de Madame Blavatsky, que esta centelha de vida provém do Infinito, ou é insuflada na existência, e então necessariamente prossegue a sua carreira através do tempo e dos sentidos; depois, com o seu resultado de Karma, que é a "consequência" do mal ou do bem, tem de talhar o seu destino através de várias reencarnações até que a vitória seja alcançada. Mas deixa-se na mente a sugestão, e ela é defendida distintamente, de que é possível que esta centelha divina seja totalmente

DESTRUÍDA PELO CARMA MAU.

Ora, a aniquilação do materialista ou o fogo do inferno do cristão — do cristão ortodoxo teológico — não são mais terríveis do que a aniquilação pelo Karma. Reduz-se ao mesmo; deixa o bem ser engolido pelo mal.

Não existe tal ensinamento no Espiritualismo, nem no Ensinamento da Alma tal como o temos apresentado; não existe tal ensinamento primariamente no Budismo. Ele desceu até nós, ou por falsas interpretações, ou por um desses mal-entendidos que se insinuam nos ensinamentos místicos através de traduções veladas de uma interpretação correta. Mas, seja qual for, apaga a entidade tão eficazmente quanto a aniquilação, e mais eficazmente do que a perdição eterna, porque tem de haver consciência na perdição eterna ou não se poderia sofrer.

Esta única coisa traça uma linha distinta que separa, por ora, os defensores da Teosofia e os defensores do Espiritualismo; e conduz a uma divisão ainda mais séria quando considerais que ambos os processos de conquista são semelhantes nos ensinamentos do Teosofista e nos ensinamentos dos Espiritualistas, ou daqueles que acreditam em encarnações sucessivas como anunciado no Ensinamento da Alma; mas há a possibilidade de a entidade ser destruída, por um lado, e nenhuma tal possibilidade, pelo outro.

Então os Teosofistas não são claros quanto à entidade; não parecem saber se essa centelha, ou essa vida, ou sopro do Infinito, que apenas passa por várias expressões, é absorvida no Infinito, ou se tem, ou pode ter, uma entidade distinta. Na verdade, o seu ensinamento inclina-se para a primeira proposição. Assim, a comunhão dos espíritos ministrantes, e a entidade distinta que está dentro, não são temas de que se fale muito no seu ensinamento ou filosofia.

Haveis ouvido, talvez, por alguns defensores hábeis, eloquentes e bondosos, nesta mesma cidade, que não é melhor trazer os espíritos daqueles que passaram para a etapa seguinte da existência de volta à terra, ou para baixo à terra, para comunicar. Ora, a verdade é que qualquer pessoa que saiba algo de Espiritualismo sabe bem que a intercomunicação entre os dois estados é de tão grande valor para o espírito que comunica como para o mortal que está neste mundo.

Com efeito, transmitir conhecimento, ou fazer o bem, ministrar aos outros, não retarda o progresso espiritual de ninguém. Se as pessoas se detêm demasiado em si mesmas, ou vivem com a ideia de que, para serem espirituais, devem separar-se dos seus semelhantes, tornam-se cada vez mais egoístas.

da vida terrena dá-se na vida espiritual; essa é a abundância do tempo da ceifa; aquilo que foi recolhido na encarnação precedente deve ter a sua plena frutificação. Ministrar às pessoas na vida terrena não altera nem modifica essa frutificação; não rouba ao espírito qualquer experiência necessária, ou qualquer estado necessário de repouso, ou qualquer preparação necessária para o que há de seguir-se; é uma das expressões legítimas que as condições da ministração exigem.

É bem verdade que, quando os seres humanos se tornam mais livres, podem não precisar das manifestações dadas aos sentidos; mas, se é permitido aos "adeptos" ou aos "mahatmas" fazer coisas maravilhosas para encorajar e fortalecer os seus discípulos e seguidores, é certamente permitido aos espíritos manifestarem a sua presença e de um modo que mostrará claramente que estão presentes àqueles que olham através dos sentidos e apenas percebem por métodos físicos. Uma é tão justificável quanto a outra.

Enquanto os Teosofistas não defendem estes

estas manifestações na vida quotidiana, e não dizem que lhes é permitido recebê-las constantemente ou transmiti-las a outros, excetuando aqueles que estão a ser instruídos nestas linhas, continua a ser verdade que os adeptos, tal como vistos e estudados pelos Espiritualistas, que são viajantes na Índia, dão o mesmo género de manifestações que os nossos médiuns dão, e atribuem o fenómeno às mesmas fontes a que os médiuns o atribuem, e não há nisso mistério algum, embora muitos tenham passado a julgar que é uma espécie de mistério.

Demos mais um passo: a fascinação da Teosofia esteve parcialmente no seu mistério. Os mahatmas não estão aqui; diz-se que estão nos Himalaias, longe do alcance de viajantes e de outros seres humanos, e é tanto mais fascinante acreditar que estão lá do que acreditar que estão no vosso meio. Os adeptos não estão aqui: podeis empreender muitas jornadas e não os encontrar; podeis ir em expedições de exploração à Índia e eles hão de vos iludir. Um viajante comum desejando ver as curiosidades da Índia, se tiver boa

cultura e boa educação, pode ver aqueles que são peritos em fenómenos ocultos, tanto a imitação como o real. Esta é toda a proposição.

Enquanto falamos neste assunto, cumpre expô-lo por inteiro. Há uma proposição que cativa o Teosofista ou o estudante de Teosofia: pode ter lido literatura espiritualista durante anos; pode ter investigado os fenómenos do Espiritualismo durante anos; pode ter-lhe sido dito as mesmas coisas vezes sem conta, mas agora diz-se-lhe que deve desdobrar os seus próprios poderes; que não deve confiar nos espíritos; que é capaz, se plenamente desdobrado, de fazer tudo o que os espíritos fazem.

Em nome dos nossos Edmonds, dos nossos Brittens, dos nossos Hare, das nossas hostes de escritores e mestres espirituais e daqueles que há cinquenta anos têm recebido mensagens espirituais! que mais é que o Espiritualismo ensina? Mas nenhum Teosofista vos pode dizer com verdade que os espíritos não vos auxiliam todas as vezes que procurais auxiliar-vos a vós mesmos; nenhum Teosofista vos pode dizer com verdade que algum ser humano alguma vez conseguiu mover um átomo de matéria por métodos supramundanos sem o auxílio de forças espirituais, e essa força de um espírito identificado para além da vida humana. Os Teosofistas afirmam-no, não o provaram.

POR QUE RAZÃO DEVERIA IMPORTAR?

Se sois médium, ainda sois espírito. Se sois instrumento, ainda sois força vital, entidade inteligente. Não diminui nem retira um iota à vossa individualidade o facto de contardes com a ajuda de mil ou de um milhão de espíritos. Aqueles que fazem a maior obra têm o maior auxílio; quer venha de dentro, quer de cima, ou de ambos. Ninguém pode realizar a obra de Deus e dos Seus anjos e espíritos ministrantes sem ter todos os anjos e espíritos ministrantes a ajudar.

Vós percutis um instrumento que está perfeitamente afinado, não o podeis evitar se lá em cima, na galeria, puder haver uma dúzia de instrumentos a vibrar em harmonia. Vós atingis a nota fundamental da felicidade humana, não o podeis evitar, e não o desejais, se mil vozes no alto ecoarem essa nota e disserem: "Ámen."

Vós atingis a nota que remove a morte, e a dor, e o sofrimento humanos, quer seja debaixo da árvore de Buda, quer no Monte das Oliveiras, quer seja na sessão, mantendo comunhão com os vossos amados e lançando ponte

sobre o medonho abismo da morte pelo conhecimento da vida imortal, e há aclamação triunfante por todas as fileiras de espíritos e anjos ministrantes.

Não sejamos demasiado exclusivos na nossa posse da verdade. Nenhum génio alguma vez desprezou a ajuda de um anjo. Só o pequeno egotista procura edificar a sua própria magnitude e grandeza à custa dos poderes assistentes da terra e do ar. Todas as coisas fluem para aquele que está

A ESFORÇAR-SE POR FAZER O SEU MELHOR

com a luz que está dentro e acima dele. Mesmo o instrumento que não tem alma recebe muito mais alma por ser tocado por alguém que a tem. Depois, quando tomais um instrumento que tem alma e tem espírito, e permitis que esse instrumento seja tocado por aqueles que entendem a sua natureza e os seus alcances, todos os poderes de dentro e de cima acorrem para ajudar no desdobramento.

OS ERROS.

É um erro dos Teosofistas rejeitar aquilo que constitui uma das partes integrantes do sistema relativo à alma. É um erro dos Espiritualistas rejeitar aquilo que ensina acerca da alma antes, bem como depois, da mudança chamada morte. Temos vindo a advertir os Espiritualistas de que os Teosofistas fugiriam com a sua filosofia, assim como a Sociedade de Investigação Psíquica com os seus factos, se não fossem cuidadosos. Advertimos os Teosofistas de que esse egotismo, erguido à custa da inspiração exaltada, estreitará a sua utilidade e travará os seus pensamentos, a menos que abram a porta da inspiração a quaisquer e a todos os mundos e mentes de onde a inspiração venha.

Compreendamos que a verdade é

TÃO ANTIGA COMO A ETERNIDADE:

que aquilo que respeita à alma humana não pode ser alterado pela nossa crença ou pelas nossas limitações; que toda a alma é eterna e tem sido eterna no passado, como no futuro; que, se vós, Espiritualistas, apenas agora fostes mostrados um portal aberto para a etapa seguinte da existência, isso não impediu Platão, Sócrates, Pitágoras, Jesus e Buda de saberem que a alma existe e tem existido para sempre; que, se vós, Teosofistas, apenas agora descobristes que a alma é a fonte donde procedem a vida e todas as suas

manifestações, que a conquista é apenas do tempo e do sentido e não diz respeito à alma, não há aí nada de novo.

«Aquele que vencer», eis a grande afirmação. Não foi Jesus um adepto divino? Não ensinam todas as filosofias que são verdadeiras essa vitória que é a conquista final sobre toda a tentação terrena? Não é a filosofia mais alta e mais nobre, em ligação com o Espiritual, o ensinamento de que é a vitória que ganhais que constitui a realização final e que ninguém a pode ganhar por vós?

Aceitemos, então, o que é verdadeiro; não nos limitemos a terreno estreito; saibamos que, em todas as eras, os filósofos ensinaram os princípios essenciais da Teosofia e do Espiritualismo; mas que o Espiritualismo é a porta aberta. O Espiritualismo é a luz que resplandece hoje; reconhece a luz do passado. Sabe a verdade que brilhou no Egito.

Tem conhecimento do desvelamento místico da religião bramânica. Sabe que Buda e Jesus, e os seus seguidores, foram inspirados. Mas o Espiritualismo é a inspiração viva. É aquilo que veio para hoje. Abre o portal do reino do espírito para diante e para trás. Não se limita à intercomunicação entre os dois estados da existência, aquele que se segue e aquele que imediatamente precede a mudança chamada morte. É tão ilimitado quanto o espírito. É tão eterno quanto a alma. Não tem começo nem fim para as suas explorações e investigações. Não vos estreita a nenhuma casa de barro. Não vos limitará a nenhuma posse única.

ALGUNS SÃO TACANHOS.

Alguns Espiritualistas são tacanhos; alguns Teosofistas são tacanhos; há limitações sobre todos. Não é o que credes que vos torna grandes. É o que sois. Uma crença não vos pode dar o vosso estado de conhecimento, o vosso estado de desdobramento. Dois batistas podem acreditar exatamente na mesma coisa e um será filantropo e o outro sectário. Não é o batismo que decide: é o estado do indivíduo. Dois Espiritualistas podem estar lado a lado; um pode ser muito estreito e apenas ver a porta que conduz ao outro mundo que lhe permite comunicar com os seus amigos.

Não se importa com a filosofia, com os grandes ensinamentos do sistema da vida que inclui todas as almas. Já superou o pavor do fogo do inferno; nada mais quer. O outro Espiritualista sabe que os seus amigos existem e alegra-se por receber mensagens deles, mas sabe também que Platão, Sócrates e todos os ressurgidos estão ali, no meio desse cumprimento

glorioso; e deseja saber tudo o que pode ser sabido acerca do espírito do homem e da alma do homem, não simplesmente no além, mas aqui e agora, dos seus poderes excelsos, que até ao momento são desconhecidos e insuspeitados, da vida espiritual que pode ser vivida enquanto ainda em existência humana.

Ah! Independentemente de nomes, apertamos as mãos através das grandes cadeias dos séculos, através de todas as diferenças de opiniões, e dizemos que A VERDADE É VERDADE onde quer que seja encontrada, e, se a Teosofia ou o Espiritualismo vierem a representar outra coisa, então nenhum deles é digno do nome! E será regenerado ou encontrar-se-á um novo nome no vocabulário inigualável dos céus. Mas o Espiritualismo é o portal aberto.

Quando o professor Elliott Cones era presidente da Sociedade Teosófica, falou em Chicago, numa igreja evangélica ortodoxa; pensaram que ele ia falar sobre Teosofia. Falou durante uma hora e meia sobre Espiritualismo, chamando-lhe por esse nome e dizendo o que os Espiritualistas tinham feito para abrir os portais do conhecimento espiritual neste século. Ou considerou este tema o mais necessário, ou então, não obstante a sua erudição, estava (…) inspirado.

Esta luz, esta verdade excelsa que revela que o espírito vive sem o organismo humano, a luz que revela o conhecimento de que a vida está para além e acima da morte, surgiu no meio desta era, e estais a permanecer no limiar dessas poderosas revelações que hão de, por fim, provar à ciência que as suas teses estão erradas a menos que incluam o governo espiritual do universo.

Estais no limiar dessas poderosas descobertas que hão de mostrar que o fator mais potente no universo não é a «lei», tal como geralmente é entendida, mas a inteligência — inteligência consciente, viva, identificada. Aquilo que vos faz saber que vós sois vós.

As pessoas falam da consciência do reino animal: há apenas uma definição do que é o ego: não é sensação; não é sofrimento; está em sabê-lo; é saber que o sabeis, saber que sofreis, saber que podeis chamar o organismo à responsabilidade, saber que podeis criticar cada órgão do corpo, analisar cada átomo de que o corpo é composto; que vós, o ego, podeis ajuizar de cada faculdade do corpo e da mente; que esse ego, à semelhança do Infinito, tem atributos semelhantes aos do Infinito; é imperecível, a sua consciência permanece, vive em muitos estados, imbui-se de muitas formas e é dotado da

consciência suprema e absoluta da sua existência para sempre; aliado a todas as outras almas, aparentado com elas no tempo e na eternidade, e trazendo a grande mensagem de vida àqueles que estão na sombra, encerrados nos sentidos, que estendem as mãos para a grande mensagem de vida daqueles que estão libertos: uma cadeia incomparável de luz, uma chama inextinguível que permanece, e a alma vive para sempre.

A IGREJA ROMANA

CORA L. V. HATCH No Dodworth's Hall, Nova Iorque, domingo de manhã, 30 de junho de 1860.

(O nono de uma série de dez discursos da Sra. Hatol sobre "AS CIÊNCIAS E A SUA FILOSOFIA." Reportado para o Banner of Light por E. Underhill e A. Bowman.)

Há uma semana chamámos a vossa atenção para a religião dos Maometanos, na qual apontámos de forma concisa a nossa conceção da ascensão e progresso da religião maometana. Anunciámos como tema, nesta ocasião, o que se denomina a Igreja Católica Romana, e, mais propriamente, a Igreja Romana, pois nenhuma religião é católica se não puder abranger, nos seus princípios, o mundo inteiro da humanidade. Mas, como a palavra católica significa uma religião universal ou a única religião, não pode, evidentemente, aplicar-se à Igreja Romana, que é, acima de todas as outras, a mais isolada. Portanto, é a Igreja Romana, ou Igreja Católica Romana. Se preferirem: a sua Origem, a sua Influência e os seus prováveis Efeitos.

A história moderna, com a qual todos vós estais mais ou menos familiarizados, não é o que tencionamos repetir. Todos estais cientes do estado atual da Igreja Romana, da sua influência, do seu poder, das suas dinastias eclesiásticas e do seu controlo. Todos compreendeis os recursos do seu mecanismo. A sua estrutura perfeita e inamovível é do vosso conhecimento, assim como a extensão do seu poder no presente.

Não é isso que pretendemos dizer-vos. A sua origem, talvez, muito poucos a entendem, exceto aqueles que estudaram história antiga — especialmente a história da Igreja Cristã. Que foi a primeira religião eclesiástica especial conhecida como cristã, todos sabeis. Que o seu emblema é a cruz, também compreendeis. Mas de onde foi ela derivada — qual é a sua organização peculiar essencial — como e de que modo a cruz foi introduzida como o seu estandarte fundamental — talvez não o saibais.

Nos primeiros tempos da religião cristã, sobretudo depois de Jesus e dos seus discípulos terem partido, muito pouco zelo, organização ou harmonia existia entre eles. Estavam divididos em secções e diferentes partidos, cada um com um apóstolo respeitado, que consideravam ser o intérprete mais perfeito dos ensinamentos de Cristo. Mas todos os apóstolos escolhidos por Jesus tinham cada qual uma versão diferente da religião cristã, e isto estendeu-se de tal maneira que cada pessoa que se tornava discípula da religião cristã também se tornava seu próprio intérprete, até que livros em grande abundância, e manuscritos bastantes para encher este edifício inteiro, foram escritos como intérpretes da doutrina cristã e da história e vida de Cristo.

Supõe-se que Paulo foi o primeiro apóstolo a introduzir em Roma a religião cristã, e a versão de Paulo da religião cristã é, certamente, a mais perfeita como tal, e também a mais lógica, e incorpora na sua teoria todos os princípios fundamentais, não só de Cristo, mas também das antigas organizações judaicas, evitando, porém, os erros da religião judaica e introduzindo, em seu lugar, toda a perfeição e harmonia dos ensinamentos de Cristo, embelezando a sua vida e caráter com beleza, perfeição e glória. E o próprio Paulo, embora em pessoa diminuto e de aparência modesta, foi ainda assim o mais poderoso defensor da religião cristã. Ele visitou Roma primeiro — do seu tratamento estais bem cientes — e organizou secretamente o que eram conhecidos como bispados, diferentes seitas, correspondendo às atuais sociedades secretas que existem na nossa própria cidade, se quiserdes.

Estas eram secretas, e não conhecidas do governo geral, nem das massas que eram adoradoras da religião pagã. Primeiro foram assim organizadas e, nos diferentes departamentos da religião cristã, foram concebidas para ter influência não só sobre o bem-estar espiritual, mas também sobre os departamentos materiais da vida.

Entretanto, formaram-se concílios; e nesses concílios fizeram-se diferentes seleções de chefes e líderes, que deveriam representar o corpo dos cristãos e organizar tais leis e restrições quanto fossem necessárias para levar a cabo, com mais êxito, os seus propósitos. Por fim, o governo permitiu-lhes escolher um lugar ou posição que os tornasse uma parcela do governo; e o objetivo disto foi estritamente egoísta da parte dos governantes de então em Roma; pois, para além da ambição política, o engrandecimento pessoal era um objetivo especial dos governantes de então. Para lograr isto,

precisavam ter algum poder misterioso à parte da religião conhecida, que, pela sua natureza, não poderia ser introduzido no plano de governo.

Assim, pela mais estrita política, Constantino, um dos monarcas mais ousados que jamais governaram na Itália ou noutro lugar, assumiu a religião cristã no Concílio de Niceia, simplesmente para servir os seus próprios propósitos; e por essa assunção ela tornou-se uma parte do governo sob o seu reinado; e, pelo seu voto de desempate, a Bíblia atual, embora se tenha modificado desde então, foi adotada. O modo ou maneira como isto foi feito é o seguinte: embora muitos concílios tivessem existido desde o início da religião cristã, os de Trento e Niceia foram os mais importantes. Era desejável selecionar aqueles escritos que melhor servissem aos propósitos da religião, da ambição, do bem-estar social e físico.

Portanto, para satisfazer as massas, todos os escritos dos diferentes apóstolos foram lançados em conjunto, e os devotos, ou bispos, da religião cristã reuniram-se em redor para orar a fim de que o Pai, ou Cristo, descesse e fizesse selecionar tais partes ou tais escritos quanto fossem mais aceitáveis. As massas acreditaram nisto; mas, entretanto, um corpo secreto foi enviado pelos vários bispados para selecionar, absoluta e pessoalmente, do conjunto dos diversos escritos apostólicos, aqueles que eram necessários para formar a Bíblia. Estes foram especialmente instruídos sobre que partes selecionar e que doutrinas seriam mais aceitáveis para o governo e a política da igreja.

E assim se organizou aquilo que é hoje a grande alavanca da civilização e da sociedade esclarecida, pela simples capricho de um monarca, ou de alguns bispados. Assim se compilou o que agora se crê ser a sagrada Bíblia dos cristãos, enquanto manuscritos, em quantidade suficiente para encher todo este edifício, foram postos de lado e considerados apócrifos.

Ora, não compreendemos, entre parênteses, por que razão deveria ser dado ao poder de alguns homens, que se supunham ter mais inspiração do que os homens comuns, o encargo de selecionar um livro que, de todos os tempos para todos os tempos, deveria ser o padrão das ações dos homens, enquanto escritos cuja autenticidade ou inspiração não é mais duvidosa do que a daqueles que tendes foram postos de lado e declarados indignos ou apócrifos. E não entendemos por que o Novo Testamento, com os seus vários capítulos e epístolas, deveria ser tomado como o padrão mais perfeito da religião cristã, quando milhares e milhares de epístolas foram escritas e

postas de lado ou destruídas e declaradas indignas da consideração dos cristãos.

De novo — deixando este tema — não tencionamos seguir as fases governamentais, nem entrar nos pormenores ou na origem da igreja romana. O Concílio de Niceia, sozinho, exigiria uma semana para ser explicado, e limitamo-nos a usá-lo como ilustração do nosso tema geral. Como dissemos antes, a Bíblia foi adotada pelo voto de desempate de Constantino, que, por um propósito muitíssimo egoísta e sanguinário, fez com que a religião cristã fosse adotada.

Depois vieram as organizações eclesiásticas; e só trezentos anos após a morte de Cristo foi adotado o símbolo da cruz; e acredita-se que tenha sido adotado em consequência da suposta crucifixão de Jesus de Nazaré; mas pensamos poder provar, da forma mais positiva, a toda a mente inteligente, que eles nem tinham isso em vista, e que a própria crucifixão é matéria de grande incerteza.

Primeiro: não era costume dos Judeus, dos Egípcios nem dos Romanos punir pela cruz. Os Romanos tinham o azorrague. Os Judeus tinham outros processos de punição, diversos e tortuosos, mas não o da crucifixão. Os Egípcios nunca tiveram tal processo de punição. Estamos mais inclinados a pensar que o emblema da cruz teve a sua origem em causas físicas, pois é positivamente sabido pelos astrónomos que era crença na astronomia antiga que uma constelação semelhante à forma da cruz aparecia durante vários meses do ano e, à época da morte de Cristo, desaparecia durante cerca de três meses.

Supõe-se que a história — pois temos de lhe chamar assim, sem transgredir os vossos preconceitos religiosos — teve origem, não na crucifixão de Cristo, mas neste símbolo da constelação, e que foi introduzida na Igreja Católica para estabelecer mais plenamente o fundamento da sua religião, e que os bispos e antigos organizadores da igreja fabricaram a história da crucifixão; pois não temos prova dela na história, exceto na história bíblica; e, como a própria Bíblia foi compilada por eles e através deles, e como não tendes prova possível de que os seus intérpretes e interpretações não tenham estado estritamente em conformidade com os objetivos e desejos do governo de então, não nos podeis, de modo algum, censurar por não acreditarmos na crucifixão — embora de modo nenhum denunciemos Jesus, a sua vida ou o seu exemplo, nem ainda a divindade da

sua missão, a perfeição do seu poder e das suas maravilhas. Tudo quanto negamos é a simples história da crucifixão, à qual se atribui tanto mérito, mas que concebemos carecer de fundamento, pelas razões que expusemos.

A Igreja Católica assim foi chamada, como dissemos antes, por abarcar, ou significar, a única religião ou a religião universal, visto não existir outra organização cristã, e visto a religião cristã ter suplantado, no governo de Roma ou da Itália, todas as religiões pagãs, e visto supor-se em Roma que se estenderia por todo o mundo civilizado e esclarecido. Podemos compreender facilmente como foi chamada religião católica e como, nessa forma de cristianismo, tudo quanto tendes se supõe ter sido nela incorporado.

A Igreja Católica incorpora, na sua organização, o mecanismo mais perfeito de religião no mundo. Possui todos os rituais e cerimónias do paganismo combinados com os mistérios e o fervor religioso do cristianismo. Possui todo o assombro do paganismo: deuses e deusas, os espíritos e os emblemas que viviam na madeira e na pedra, e eram esculpidos para representar os poderes dominantes do paganismo, modificados para servir aos propósitos da religião cristã. Na Igreja, ou catedral, de São Pedro, em Roma, até as estátuas se conservam que representavam os deuses pagãos; e a estátua de São Pedro, de quem se diz ter as chaves do céu à sua guarda, é a própria estátua de Júpiter preservada e agora transformada para representar um dos santos da Igreja Católica.

Assim com toda a longa linha de santos que adornam as paredes; eram outrora os deuses dos pagãos, agora os santos dos católicos. É muito maravilhoso que, com todo este poder de zombaria, com esta cerimónia de religião, o verdadeiro espírito de inspiração seja esquecido; pois, embora Cristo seja deificado, e a Virgem Maria adorada, e todos os santos tenham os seus respetivos lugares na cadeia divina que une o homem, ou a igreja, a Deus, não há um único elemento primitivo da religião cristã preservado que não tivesse existência nas cerimónias dos pagãos; e, embora a contagem das contas seja acompanhada de uma oração, antigamente era usada no Egito antigo como símbolo da sua religião, agora introduzida na Igreja Católica simplesmente como emblema do cristianismo.

É realmente notável seguir, através da Igreja Católica até à cristã — o que não temos tempo de fazer agora —, os símbolos, os emblemas, as tradições das imagens pagãs que foram transmitidas e introduzidas como elementos fundamentais da igreja cristã. Primeiro, analisemos o que Cristo ensinou, tal

como está incorporado de modo absoluto na Bíblia cristã, que é aceita como fundamento de toda a religião. Ele não ensinou organização eclesiástica, não ensinou governo da igreja e não ensinou qualquer lei que, nos seus princípios fundamentais, incorporasse tanto a religião cristã como a pagã; não ensinou a construção de catedrais, nem a incorporação, num só homem, de todo o poder das nações e dos homens; não ensinou que qualquer homem o devesse representar.

Mas a Igreja Católica, na seleção dos seus papas ou pontífices, proclama que esse papa ou pontífice, ou esse corpo sagrado, há de representar a pessoa e o poder de Jesus. Escolhidos principalmente de entre o povo, os bispos, os cardeais; escolhidos principalmente de entre aqueles que foram pagãos, talvez; escolhidos de entre aqueles cuja educação e conhecimento de Jesus são limitados; escolhidos principalmente de entre aqueles que não têm poder de conceção da veracidade da religião que tem origem na alma — estes dizem representar a imagem divina de Jesus, o Cristo, perante quem toda a Igreja, e todo o povo, e todos os governos, devem prestar homenagem — pois tal era a pretensão da religião católica.

Outrora, não apenas as massas, mas os governantes e os monarcas deviam obedecer ao capricho do homem sem princípio, talvez, e isso em apoio da religião. Tem sido frequentemente sabido que os monarcas mais instruídos e os melhores da Europa foram convocados a beijar os pés do Papa, por alguma violação suposta ou real da lei. Supõe-se que Napoleão I seja, e é, ou foi, o primeiro monarca que ousou abertamente violar uma ordem do Papa, para colocar os seus batalhões contra o próprio fundamento do governo romano da Igreja. Desafiou o seu poder e recebeu, em consequência, a denúncia do Papa. Mas outros monarcas, antes e depois do seu tempo, na Inglaterra, em França, em Espanha, curvaram-se perante o capricho, o governo e o controlo da igreja.

A Igreja Romana não só incorpora todos os sentimentos de religião e os cerimoniais que são necessários à adoção da religião romana, como também se aplica a todos os departamentos da vida humana. A Igreja Romana não só entende o que é essencial para o bem-estar espiritual dos seus devotos, mas tudo quanto se liga à sua vida material, social e doméstica é exposto diante da Igreja e preservado sagrado no confessionário — e, por isso, o grande poder dessa organização, que é a roda secreta do grande mecanismo da Igreja Romana, é positivamente a alavanca com que movem o mundo.

Eles não só compreendem as experiências da vida religiosa de uma pessoa, como todo o pensamento e sentimento da alma, todo o ato da vida doméstica, toda a ideia, todo o pensamento, toda a conceção, devem ser apresentados à Igreja, e a Igreja deve sentar-se em juízo sobre isso, enquanto, nas suas próprias conferências secretas, mantêm tudo como o mais secreto, nunca violando um encargo ou uma confiança. Daí origina a maravilha e o poder que por vezes se concebem como um mistério existente na Igreja Romana. Daí a Igreja Romana opor-se a todo o progresso, a menos que esse progresso acrescente algo à Igreja; qualquer coisa de governo, qualquer coisa de intelecto, qualquer coisa de coração, qualquer coisa de religião fora da Igreja Romana é condenada e proibida. Dentro dessa Igreja, tudo o que acrescente ao seu poder, tudo o que acrescente ao seu mistério, tudo o que acrescente à sua grandeza ou à sua prosperidade, é aceite e até deificado.

Este é o processo de fazer santos. Sempre que um relato maravilhoso era referido como pertencendo à experiência espiritual de qualquer devoto da Igreja Católica, os antigos bispos nomeavam uma comissão cuja obrigação seria investigar esse assunto e, se achassem que tinha uma sombra de fundamento, registá-lo como um dos milagres da Igreja. Assim se originou toda a linha de santos, do primeiro ao mais recente, que, assentando o fundamento da Igreja Romana, construiu o poder espiritual dessa organização.

Ora, pensem bem! Quando entrais numa Igreja Romana, no seu pleno esplendor e beleza de arquitetura, rodeada de imagens de arte e poder, quase sois impelidos a tornar-vos devotos. Seja qual for o caráter da vossa inclinação, essa é satisfeita. Se sois amantes da música, a mais sublime e perfeita que se pode obter encontra-se ali. Se sois amantes da arte, estatuária e pintura da mais perfeita execução encontram-se ali. Se sois amantes da ordem e da cerimónia, isso encontra-se no mais alto grau. Tudo é feito por ordem, tudo é matemático, tudo é rigorosamente mecânico; e, para a mente que tem como fundamento uma conceção de ordem na religião, aí está o que a satisfaz. Se sois amantes da eloquência, ela encontra-se ali. Se sois amantes de tudo o que apela ao intelecto, aos sentidos ou ao amor do belo, tudo existe na Igreja Romana.

Daí a vastidão do seu poder, o número dos seus devotos e, ainda hoje, o número dos seus convertidos. Pois, à parte das pretensões do cristianismo protestante e do seu absoluto avanço, a Igreja Romana, até hoje, possui a

maior influência e avança rapidamente, positivamente, não com os governos, mas em oposição a eles; não com a ciência, mas em oposição a ela; não com qualquer teoria ou doutrina progressista da presente época, mas absolutamente em oposição a ela. Daí todos os que são conservadores, e testemunham o progresso comum da religião, da arte e da ciência fora da Igreja, ficarem desgostosos e juntarem-se à Igreja Romana. Muito raramente tereis visto um católico romano convertido ao protestantismo. É um acontecimento quotidiano que protestantes se tornem católicos. Porquê? Nós vo-lo diremos.

Há tanto radicalismo na atual Igreja Cristã Protestante, tão pouco conservadorismo, e a Igreja Episcopal aproxima-se tanto da Católica, que os que não escolhem tornar-se radicais preferem o extremo conservador àquilo que está a meio caminho, e entram para a Igreja Romana. Sempre que as pessoas ficam insatisfeitas mesmo com a religião mais liberal que tendes, então começam pelo extremo oposto e tornam-se católicas. Ouvem frequentemente falar de universalistas que se juntam à Igreja Católica. Ouvem frequentemente falar de aqueles que foram além do universalismo, para um "ismo" que ninguém sabe o que é, tornarem-se católicos. Porquê? Porque um extremo segue outro. Chegaram ao fim da linha e chegaram ao ponto de salto; portanto, têm de voltar e começar de novo.

Tal é o poder e tais são as pretensões da Igreja Católica. O próprio "ismo", a própria doutrina, a própria teoria, a própria experiência que ajude a fortalecer o seu poder — isso é proclamado sagrado pela Igreja, isso é brasonado como um dos seus milagres, isso é proclamado um dos seus resultados mais sagrados. Pio VII foi aprisionado durante vários anos por Napoleão, e desde então a retirada da religião católica nos países monárquicos tornou-se muito aparente.

Sob o reinado de Henrique XIII, em Inglaterra, foi dado outro passo para derrubar o poder da Igreja Romana. E embora o protestantismo seja agora a religião aceite de Inglaterra; embora a França mal possa ser chamada protestante ou católica; embora não tenha por base nem o poder do Papa nem a liberdade da Igreja Protestante, encontra-se ainda numa posição tal que pode desafiar, se necessário, o poder e as pretensões da Igreja Católica.

Portanto, o catolicismo tem de fazer o seu progresso, não pelo que merece, mas através do génio secreto e subtil dos meios que tem na sua

posse. Tem primeiro de atuar sobre os sentidos; segundo, sobre o intelecto; e, por último, sobre o zelo religioso dos seus devotos.

E não há religião no mundo cujos seguidores sejam tão inteiramente e estritamente zelosos como a dos católicos. Tudo o que se relaciona com as cerimónias e rituais da Igreja tende a consolidá-los. O temor, primeiro, do Papa; segundo, da organização da Igreja; e, por último, do Purgatório, levará qualquer católico a confessar os seus pecados. O poder monetário da Igreja Católica é também um grande fator; pois, quando as pessoas são levadas a acreditar que, se querem ser salvas, têm de pagar pela sua salvação, consideram-na de muito maior importância do que se lhes é dada gratuitamente.

Os católicos não podem chegar ao céu de graça, nem podem comprar um bilhete no começo que os leve até ao fim. Têm de fazer pagamentos pelo caminho todos os dias, e o favor é concedido pela Divindade, por Cristo, pela Igreja. Os que pedem o favor têm de dar algum trabalho por ele. A razão é óbvia: porque é tão valioso, dão-lhe maior apreço; os pecados que cometem são-lhes mais terríveis, e a conversão mais facilmente obtida.

Garantimos que, se as massas de protestantes pensantes não pudessem ler por si, não pudessem entender porquê ou para quê eram protestantes, mas fossem obrigadas não só a ter um tradutor, como também um confessor, a quem deviam prestar obediência e dinheiro pela salvação das suas almas, haveria muito mais sinceridade do que a que existe agora. Pois foram ensinados pela religião protestante que, ao entrar na Igreja, podem comprar um bilhete direto para o céu, sem qualquer esforço posterior para obter a salvação.

Por muito que a Igreja Romana possa aprisionar a alma, impedir as aspirações de alcançar o seu mais alto desenvolvimento, proibir a possibilidade de acolher verdades superiores ou conceções de verdades na religião, todos devem reconhecer, intelectualmente, que o mecanismo é maravilhosamente perfeito, e que, se tendes uma religião de formas, uma religião que exige cerimónias como evidências positivas de existência, a Igreja Romana é a Igreja; a religião católica, assim chamada, é a religião. Pois, se a alma tem de ter imagens para representar a sua conceção da Divindade, se cada conceção de religião tem de ser corporizada numa forma, e cada ideia de culto tem de corresponder a algum símbolo positivo, e cada ideia de céu tem de ser corporizada nos emblemas da Igreja, a Igreja Romana é a igreja

dos símbolos, a igreja dos emblemas, a igreja das representações positivas da religião.

Os devotos da Igreja Romana não têm religião: têm os símbolos da religião; não têm ideia de Deus senão o Papa; não têm conceção da Trindade senão as várias imagens, e formas, e símbolos, e altares incensados, e templos dourados onde entram, perante os quais se inclinam; não têm ideia de purgatório senão a excomunhão da Igreja. Daí origina o grande poder. A Igreja é o governo; a Igreja é a controladora de todo o ato, todo o pensamento, todo o sentimento, toda a posição na vida. Lamentamos, mas é assim, que qualquer religião, ou qualquer conceção de religião, seja tornada subserviente e absolutamente suplantada por formas de religião sem vida.

A Igreja Romana é como um templo dourado de gelo — perfeito na sua arquitetura, brilhante quando sobre ele incidem os raios do sol, transparente na sua beleza, perfeito na sua simetria, porém sem vida, frio e imóvel — nem ainda pode ser comparada ao gelo, pois os raios do sol hão de derretê-lo; mas à mais fria e mais rude das rochas de granito, que, feita templo, não pode ser destruída — ainda assim, até que homens e mulheres façam o seu próprio pensar, até que os governos republicanos e a religião protestante sejam feitos para se unir, até que a religião do país e as suas conceções políticas sejam feitas para corresponder, até que Igreja e Estado sejam absolutamente um, diminuirá o poder da Igreja Romana.

Quando os homens fizerem o seu próprio pensar, em vez de o contratar feito; quando os homens traçarem o seu próprio caminho até à confissão, em vez de pagar por uma passagem até lá; quando os homens compreenderem que, pelos seus próprios pensamentos, e não pelos pensamentos de outros, podem obter a salvação; quando compreenderem que pelos seus próprios atos são responsáveis, e mais ninguém, perante Deus; quando compreenderem que nenhum sacrifício expiatório — nenhum poder de expiação — pode lavar os efeitos dos pecados pelos quais devem ser responsáveis; mas quando, através da sua conceção da religião cristã, Cristo for tornado perfeito, belo, como foi, o seu exemplo de humildade seguido e os seus ensinamentos acreditados e praticados, então, e só então, a Igreja Protestante se tornará a igreja do mundo, e a religião cristã será estabelecida sobre o seu verdadeiro fundamento.

Até lá, o paganismo cristianizado, na formação da Igreja Romana, exercerá o seu poder e, embora não abertamente, desafiará os governos do mundo no seu controlo secreto.

Embora os americanos professem ser livres; embora a Inglaterra professe ser protestante; embora a França reivindique ser independente, a Igreja Romana tem ainda mais influência, em todos esses países, do que a Igreja Protestante, no poder de governo sobre os indivíduos, fundido numa só coisa. Hoje, a vossa cidade, o vosso governo, o vosso país, é secretamente controlado pela Igreja Romana. A sua influência é grande, o seu poder maior. Está absolutamente em vigor, em governo, em controlo — não como uma instituição política, não como uma parcela do vosso governo professado, mas pela sua influência secreta sobre os homens e influência sobre as circunstâncias que hão de controlar o vosso destino futuro.

Isto a Igreja Romana compreende, pelo seu génio mais subtil; e o que ela não pode sondar não vale a pena conhecer; o que ela não tem poder para cumprir, a partir do seu conhecimento secreto e dos seus meios de obter conhecimento, não vale a pena conhecer. Organização positiva, mecânica, matemática é essencial à prosperidade de toda a instituição política ou religiosa. Tal é necessário na Igreja Protestante, tal é absolutamente preciso, e tal haverá; e uma religião que satisfaça não só as vastas massas de buscadores da verdade e mentes progressistas, mas também aqueles que atingiram um elevado padrão de perfeição moral, e, no entanto, não têm religião correspondente.

Até que o protestantismo desenvolva tal religião, a Igreja Romana manterá o seu domínio e poder. Não falamos disto para diminuir o vosso governo, pois é o mais perfeito do mundo; para diminuir a vossa religião, pois é melhor ter uma religião que é viva, ainda que não perfeita, do que uma que está morta; melhor ter uma alma sem corpo do que um corpo sem alma.

Dissemos o suficiente. Tudo quanto incorporámos neste discurso presente é a ideia de que o poder de governo que tem existido deve existir enquanto a Igreja Católica Romana permanecer uma organização, uma instituição. Qual será o resultado das revoluções e mudanças que agora estão a ocorrer, ninguém pretende prever ou profetizar. Não somos profetas, embora possamos imaginar-nos, por momentos, a erguer-nos sobre o pedestal da profecia e proclamar que nem o poder da Igreja Romana, nem a

ambição de monarcas egoístas, ou governantes, ou imperadores, jamais poderão frustrar os propósitos do avanço universal.

Toda a guerra deve agora ser breve, todas as combinações políticas devem ser divididas, e toda a tirania absoluta deve, pela própria necessidade da sua existência, deixar de existir. Embora a ambição possa tomar o lugar da virtude e da justiça, e embora a especulação e o engrandecimento do amor-próprio, do amor ao poder, da prosperidade, possam animar os peitos daqueles que agora contendem por nada, o resultado será justamente a conquista de nada; enquanto a liberdade, e a justiça, e o cristianismo, com os seus fins mais altos e mais sagrados, hão de subir a encosta do tempo, levando todas as nações no seu cortejo, e ordenando-lhes que olhem para cima, e mais alto, sempre mais alto, pela liberdade universal, religião e salvação.

EXPERIÊNCIAS PSÍQUICAS OU SUPRAMUNDANAS

Desde os dez até aos onze anos de idade, fui dotada de dons e favorecida com experiências que, estou bem certa, são muito excecionais e que, até muito recentemente, não foram admitidas no domínio da investigação psíquica, da discussão filosófica, ou sequer da crença humana. Ultimamente, porém, encontraram-se factos suficientemente bem autenticados em linhas de experiência semelhantes para justificar a sua investigação e classificação (se possível) sob um nome moderno, "Investigação Psíquica", e sob um outro bem estabelecido e não tão recente, Espiritualismo.

Não tenciono discutir esses assuntos per se, nem procurar classificar ou explicar as experiências que estou prestes a relatar. São experiências tão reais como quaisquer outras da minha existência humana ou mundana; na verdade, se me pedissem que decidisse qual é real e qual é ilusão, diria sem hesitação que estas, e outras semelhantes ao longo da minha vida, são as reais, e as experiências mundanas correntes as irreais.

Na idade acima referida, sem qualquer procura e sem circunstâncias envolventes que "sugerissem" tal estado, fui tomada (em transe) por inteligências, personalidades distintas em pensamento, palavra e ação, que falaram através do meu organismo, desdobraram e educaram a minha mente, de facto tornaram-se as minhas instrutoras mentais e espirituais. As palestras

públicas e os ensinamentos dados nessas condições são bem conhecidos de muitos leitores da THE ARENA, pois esses trabalhos são a obra de uma vida.

Não é sobre esse labor público que sou impelida a escrever; mas cumpre dizer aqui que não tive outros mestres, outros instrutores, nem segui qualquer curso de estudo ou leitura de livros humanos; aqueles a quem chamo os meus guias e guardiões têm sido os meus professores. Durante o tempo em que essas inteligências exteriores controlam e falam através do meu organismo, estou totalmente inconsciente do que se passa na vida humana e totalmente alheia ao que está a ser proferido pelos meus lábios. Também não tenho noção da passagem do tempo.

Talvez seja melhor declarar aqui que não sou, no sentido habitual, peculiar, nem fui diferente, na infância, de outras crianças, salvo como cada uma difere das demais. Era muito tímida e, não usando a palavra no sentido psíquico, sensível. Não me entregava a estados mórbidos nem ao "sonhar sonhos". Talvez fosse imaginativa; a maioria das crianças é; e gostava de contos de fadas, mas não em excesso. Isto serve simplesmente para mostrar que não havia qualquer condição anómala de mente ou corpo que produzisse os resultados supranormais a que me referi.

Devo também dizer que nunca fiz a mais pequena preparação para as palestras e poemas proferidos pelos meus lábios, muitos dos quais, como o leitor poderá saber, foram escutados por mentes capazes e ponderadas, e deles receberam os mais altos elogios. Digo-o, não com jactância, mas com humilde gratidão por ter sido feita instrumento de levar ao mundo a mensagem da imortalidade.

As minhas próprias experiências durante este período de transe, ou enquanto no estado supranormal, podem ser de particular interesse para o leitor, por parecerem quase únicas. Ao entrar nesse estado não experimento sensações físicas que sejam descritíveis: um sentir-me liberta, a passar a um domínio mais amplo — não de ser transportada ou de ir a algum lugar — é tudo o que consigo recordar como sensação. Antes de ter tempo ou oportunidade de pensar como me sinto, já estou no outro estado. Então vejo, mas hoje sei que é mais perceção do que visão; às vezes experimento aquilo a que chamamos audição no estado humano, mas tenho plena consciência de que a perceção suplanta os sentidos.

Aqueles que encontro são individualidades; muitos são amigos que conheci na forma antes de passarem do estado mortal; muitos são pessoas

que eu não conhecia pessoalmente, apenas de nome e fama; e muitos nunca os conheci até se revelarem a mim neste domínio interior, "superior", outro. Ao regressar à consciência exterior, muitas vezes vejo, ou recordo como visão, quadros de beleza insuperável que nenhuma linguagem, nenhum dom artístico, mesmo com retrato de génio, poderia descrever ou pintar. Essas cenas e visões estão associadas a indivíduos que existem nesse estado e, aparentemente, são objetivas; contudo, tenho plena consciência de que ilustram ou representam os estados e gostos dos indivíduos com quem são vistas, e não são formas físicas orgânicas, mas projeções psíquicas dos espíritos individuais. Essas formas e cenas passam e mudam facilmente de acordo com o estado de quem as vê, ou de acordo com o estado do indivíduo com quem estão associadas. A "esfera" de um espírito, ou de espíritos, é o estado ou condição, não o ambiente.

Em tenra idade, antes de a minha mente ter refletido sobre os significados "objetivo" e "subjetivo" de pensamentos e coisas, julgava que essas cenas eram "objetivas" no sentido humano, mundano. Agora tenho perfeita consciência de que toda a faculdade sensorial — ver, ouvir, etc. — é suplantada por essa "perceção" a que antes me referi; de facto, que os sentidos corporais bem como as faculdades mentais — expressão cerebral — são apenas diferentes vias de perceber e transmitir a inteligência do espírito individual enquanto associado à forma material, sendo essa perceção, ou consciência desperta, o estado supremo do espírito.

Ainda assim, foram-me mostradas séries e mais séries de cenas belas — jardins, paisagens, visões de arte, quadros transcendentais de tom, cor e forma que nenhuma linguagem pode retratar; e estou certa de que subsistem para todos os que as desejem ou delas necessitem, e são as ilustrações dos estados espirituais daqueles com quem alguém entra em contacto espiritual — rapport. Contudo, quanto maior o grau de perceção, menos importantes se tornam essas ilustrações de estados; não só vemos "face a face", como percebemos alma a alma. Quase me envergonhei do estado de espírito que requeria essas ilustrações ou quaisquer apresentações semelhantes. Encontrei, porém, conhecimento em todos os métodos usados pelos meus mestres, pois eles conheciam as minhas necessidades.

A conversação, nesse estado, não se faz por meio de fala ou sequer de linguagem; por vezes, antes de o pensamento ser formulado, chega a resposta. Tão rara é a simpatia existente entre mestre e discípulo nesse estado que o guia sabe antes de a pergunta ser formada. Ainda assim, tem de

existir o desejo consciente de conhecimento, ou conhecimento nenhum pode ser recebido; lembrando o "Buscai e achareis" do antigo Dizedor da Verdade.

Quando nesse estado, passo facilmente a um conhecimento do que amigos íntimos na vida terrena estão a fazer e a pensar. Chego mesmo a entrar num tal rapport que me apercebo do seu meio material, dos seus estados de espírito e da sua saúde corporal, obtendo tudo isto das suas mentes, não da consciência ou sensação físicas. Muitas vezes, eles também estiveram conscientes da minha presença, e depois verificámos essas experiências por correspondência exterior, sobretudo para satisfazer os nossos amigos. Um ou dois casos bastarão para ilustrar esta classe de experiências.

Quando ainda era criança, com doze anos, o meu pai acompanhou-me numa das minhas peregrinações de trabalho espiritual ao oeste de Nova Iorque, a nossa antiga casa. Durante essa visita ou digressão, formou-se um círculo de investigação e experiência em Dunkirk, N.Y. Depois de termos regressado ao nosso então lar no Wisconsin, certa noite entrei em transe, como era habitual, e, nesse estado, tive consciência nítida de estar em Dunkirk, de ver todos os membros do círculo, com todos os quais eu estava familiarizada, exceto uma senhora. Ela revelou-se a vidente da noite.

Viu-me e descreveu-me com tanta exatidão que todos no círculo me reconheceram e, claro, pensaram que eu estava morta. Isso perturbou tanto o seu estado mental ou psíquico que não consegui imprimir na sua mente que o meu corpo estava em transe e que aquilo era apenas uma das minhas habituais peregrinações espirituais. Ao regressar ao meu estado mundano, narrei o que tinha vivido e pedi a meu pai que escrevesse de imediato ao círculo de Dunkirk para tranquilizar as suas mentes. Assim fez, mas, como naturalmente aconteceria, eles também tinham escrito; as cartas cruzaram-se no caminho, e a deles confirmou em todos os particulares o que eu tinha contado.

Mais tarde, tive uma amiga a quem visitei e consolei repetidamente, pois estava em grande tristeza. Uma vez, fiz com que visse o meu corpo, ou a sua aparição, tão claramente que distinguiu o vestido de que estava trajado — precisamente o que eu desejara, pois era a cor que ela mais gostava de me ver usar. Outra amiga, na Califórnia, tornou-se tão suscetível à minha presença que escreveu longas cartas minhas — automaticamente — que eu,

nesse estado, lhe ditava, tornando assim quase supérflua a correspondência entre nós, salvo para verificação dos nossos sentidos exteriores.

A minha própria mãe tinha consciência da minha presença quase diariamente; e era curioso o facto de o meu espírito denunciante ir ter com ela e revelar-lhe exatamente as coisas que eu queria manter em segredo, quaisquer pequenas surpresas ou presentes, ou a hora da minha chegada a casa em visita. Por mais tardia que fosse a hora, encontrava-a sempre pronta, com um jantar quente, para me receber. Ao chegar do caminho para casa, ela dizia: "Vieste ter comigo, em espírito, na noite passada e disseste-me que vinhas em corpo." Todas as coisas importantes ligadas ao meu bem-estar ela as soube de modo semelhante.

Dois amigos, o Sr. e a Sra. B., eram viajantes assíduos. A certa altura estiveram ausentes três anos, fazendo uma viagem ao Oriente. Não mantivemos correspondência regular, pois o nosso tempo estava mutuamente demasiado tomado pelos respetivos deveres ou prazeres, mas eu conseguia sempre localizá-los quando estava neste estado "interior".

Certa vez vi-os rodeados por algo que mais parecia uma cena do estado espiritual do que da vida terrena. Estavam numa ilha, cercados de nenúfares; os céus estavam cheios de luz dourada, e eles achavam-se entre pavilhões, grutas e altares de desenho singular e único. Não consegui situá-los, mas, ao regressar ao meu estado mundano, relatei à família o que vira e anotei a data. Cerca de três ou quatro semanas depois, recebi uma carta datada de Tóquio, com uma descrição dessa mesma ilha que eu vira; estavam lá no exato dia em que os vi, e a ilha era tal como eu a tinha visto. Veio a ser uma das ilhas sagradas do Japão.

Essa consciência de visitar amigos da Terra é, contudo, apenas a menor parte dessas experiências interiores; e costuma ocorrer quando vou entrando ou saindo dos estados mais profundos ou mais espirituais. Embora pudesse encher volumes com essas experiências interessantes, verificadas por terem sido partilhadas com outros na vida humana, julgo devido ao leitor narrar as minhas experiências mais interiores; pelo menos em grau suficiente para que fiquem registadas e para que haja alguma perceção, por mais inadequadamente expressa, do que é possível neste domínio insuperável.

Não posso, porém, deixar este assunto das minhas visitas a amigos humanos sem registar aqui outra vertente desta linha de experiências de muitos fios. Enquanto nesse domínio do espírito, encontro-me e converso

livremente, ou comungo, com amigos que ainda estão em formas humanas, mas que aparecem como espíritos e parecem possuir todas as atividades do estado espiritual. Encontram-se e misturam-se livremente com os que "morreram" para a vida humana, e, no entanto, estou perfeitamente certa de que nada recordam disso quando no seu estado humano. Porque é que eu havia de recordar, ou de levar comigo, essas experiências que os outros que vi dentro desse domínio não podiam recordar, não o consegui adivinhar até que me foi explicado pelo meu guia.

A explicação é esta: no sono, os mortais passam a este domínio para descanso e mudança espirituais, pois é o domínio normal do espírito; mas não passam pelo despertar espiritual das faculdades como passam aqueles que são dotados de "dons espirituais", portanto as experiências não podem ser lembradas como experiências; ainda assim, por vezes têm vagas reminiscências ou vislumbres de "sonhos" não recordados que os ajudam ao longo de todo o dia, muitas vezes por dias; e assim a vida exterior é sustentada e alimentada a partir deste domínio. Mais tarde, a raça terá crescimento espiritual para conhecer e recordar as experiências do espírito como agora conhece as da vida humana."

Com frequência encontrei, nesse estado, pessoas que me eram estranhas aqui e que ainda estavam na vida humana; e, anos depois, encontrei-as frente a frente em forma exterior, muitas vezes perguntando-me se teriam pensado que já me tinham visto antes, pois eu tinha a certeza de as ter visto. Quando todo este outro lado da experiência humana for dado a conhecer, quantas coisas hoje veladas ficarão reveladas! De longe, o maior número de volumes poderia ser preenchido com aquelas experiências transcendentes referidas mais atrás, com amigos em estados espirituais, com mestres e guias no seu próprio domínio.

A minha mãe, sempre intuitiva, simpática, religiosa e muito dedicada aos doentes e aos que sofriam, enquanto na vida terrena, eu costumava vê-la numa esfera ou estado próprio, perto da "Esfera de Cura" de um dos meus mestres. Estava rodeada das suas flores prediletas — malvas-rosa antigas, cravos-barbados e fragrantes ervas de cura. O meu guia explicou que, no seu estado mental ou espiritual, ela precisa dessas coisas para a ajudarem a curar ou a ministrar aos da Terra.

Sempre que visitava o seu estado, parecia ser no meio de cenários como os que amara na Terra, e sob uma latada coberta de glória-da-manhã, onde se

sentava numa cadeira baixa como uma que eu a vira usar na vida terrena. Embora não limitada a esse estado, era assim que sempre se me revelava; e eu regressava ao meu estado terreno com um sentido de saudade de casa e com o odor de tomilho e alecrim a prender-se ao meu olfato psíquico.

O meu pai interessava-se por todas as reformas da época; era um verdadeiro cristão prático, embora não confessional. Procurava aquele estado social ideal que todos esperamos que chegue um dia, de "paz na terra e amor para todos". O seu estado espiritual revelou-se-me como estando entre aqueles trabalhadores e reformadores elevados, cujo labor pela humanidade ele amou e partilhou na Terra, e, aprendendo com os sábios, numa vasta e maravilhosa esfera de individualidades que continuam a trabalhar pelo bem da humanidade.

Quis saber do meu pai, que deixou a forma mortal quando eu tinha treze anos de idade, e que foi muitas vezes meu mestre espiritual no princípio da vida, por que razão, depois de a minha mãe ter partido, ele não estava sempre com ela como na vida terrena. Respondeu, com um raro sorriso: "Estamos juntos; o nosso trabalho é diferente, mas quando precisamos um do outro não podemos estar separados."

Individualmente ou em grupo, ou conforme as minhas necessidades pareciam exigir, eu tinha consciência de cada parente e amigo que passara da vida mortal, a quem o nosso desejo ou necessidade mútuos atraíam para mim. Estou certa de que podem existir aqueles ligados por laços de consanguinidade a quem não vi, e muitos ligados apenas por simpatia e afinidade espirituais a quem conheci e amei nesse estado.

O meu bebé, agora uma bela jovem mulher no estado espiritual, é a minha companheira quase constante nessas visitas e experiências. "Vi-a crescer", para usar a nossa linguagem mortal; observei o seu desabrochar espiritual, e muitas vezes fui sua aluna, de tão sábios que são "estes pequeninos" no amor dos anjos, de tão doce e simples que ela é no seu ensinamento.

Quão poucos conhecem o verdadeiro significado de "proximidade" quando aplicado àqueles que amam! Alguém pensa no amigo cuja presença corporal é afastada por montanhas, rios e oceanos como estando longe; e, no entanto, Londres, a China e a Índia estão tão perto no pensamento como a cadeira ao lado, e duplamente perto daquele cujo corpo possa estar a ali permanecer. É esta mesma proximidade de simpatia que impede qualquer

separação. Se as pessoas se voltassem para os verdadeiros indícios — simpatia, intuição —, sempre que desejado, o amigo está perto. Isto é duplamente verdadeiro para os que passaram a barreira da morte e se revelam ao coração do amor.

Não morreram, não se foram; estão tão perto que não podem ser vistos ou sentidos pelo sentido mais grosseiro que governa o estado físico de reconhecimento; tão perto que até os pensamentos do amigo ainda encerrado na forma terrena são partilhados por eles, respondendo-se às mais íntimas ânsias. Contudo, as pessoas, não habituadas a procurá-los no domínio interior, em vez do exterior da existência, não os conseguem encontrar e dizem: "Foram-se." Com o espaço e o tempo aniquilados, que impedirá os amados de estarem sempre perto?

Mestres e guias mantêm um relacionamento mais próximo do que aqueles em estados humanos e ensinam pela lei mágica da adaptação e do amor. Não consigo nomear, em linguagem terrena, o vínculo que me liga aos que me conduziram através destes muitos domínios, que ensinaram por visão, ilustração e pensamento, até que a perceção despertada soube, o conhecimento a priori chegou.

Tenho muitas vezes consciência de visitar, ao desejar, um domínio da música que conduzia pelo mundo do tom, pelas esferas de harmonia incomparável em que habitam os grandes mestres da música — Beethoven, Mendelssohn, Mozart — e até ao reino divino de Wagner.

O domínio da arte, conduzindo através da cor e da forma às imagens da vida perfeita, até que forma, tom e cor se fundem na suprema alma da beleza, e a imagem esculpida ou a grandeza arquitetónica se perdem na eterna, tudo-formadora, tudo-mutante imutabilidade da Alma da Arte.

O domínio da natureza (o universo material), visto pelo lado inverso, parece ser o efeito de causas que estão nesse domínio da consciência; leis que são a operação da Vontade Suprema, o Logos. Aí, a ciência é reconstruída e tornada clara, e assegurada pelo conhecimento desses princípios fundamentais.

O domínio da filosofia, rastreado até às suas fontes primordiais, revela as verdades relativas ao conhecimento universal, muitas vezes percecionadas pelos grandes mestres, mas enunciadas de forma difusa por mentes envoltas pelos condicionalismos da Terra.

O domínio da religião, o significado inefável do Amor-e-Sabedoria Absolutos; a proximidade, a perfeição, o absoluto do Divino; a afinidade das almas, a fraternidade dos espíritos — jamais, em todo esse domínio, houve um pensamento, ou ensinamento de pensamento, separado de uma entidade individual consciente.

Verifico que não há Tempo nem Espaço neste domínio interior; a entidade não é governada pelas limitações da pessoa, por isso os termos e usos da existência terrena devem cair em desuso. Não se fica embaraçado por uma junta de bois enquanto se voa através das planícies num coche palaciano movido a vapor, e não se precisam de roupas de inverno e peles nos trópicos. O estado do espírito não precisa do dia e da noite terrenais; tudo isso é apenas incidente à Terra física e à existência física. O espírito está livre destas limitações — tempo, espaço e ambiente sensorial.

Será interessante para o leitor saber que a minha saúde física não sofre com estas experiências, nem com os deveres ativos inerentes ao meu trabalho espiritual na vida humana. Entro neste domínio do espírito tão natural e facilmente como se entra no domínio do sono; ainda que não seja sono. O corpo e o cérebro são ativamente usados por outra inteligência, emprestados como o seria um instrumento, enquanto a consciência individual, a "idade" do ser humano, é libertada para visitar estes ilimitados domínios ou estados do "interior", da vida mais vasta.

Quando a consciência mundana regressa, é instantâneo; mas as sensações mentais e físicas variam conforme as experiências tenham estado "perto" ou "longe" do estado humano, referindo-se não à distância, mas à semelhança ou similitude de qualidade. Quando as experiências têm estado mais afastadas das habituais na consciência humana, são necessários muitos minutos, e por vezes horas, para me ajustar às condições.

Este estado interior é muito mais intenso, embora não diferente daquele que se experimenta quando alguém esteve totalmente recolhido e isolado do mundo exterior ao ler um autor preferido — vivendo e experimentando as cenas descritas; ou quando alguém escutou durante horas as cadências absorventes da música nas grandes criações operáticas de Wagner. Ao regressar ao estado mundano, muitas vezes a comida tinha para mim o sabor de lascas ou de palha; o tecido do meu vestido parecia-me áspero ao toque, como se fosse tecido de cordas ou cabos; e cada som soava duro ou

demasiado alto. Gradualmente estas condições de hipersensibilidade iam desaparecendo, deixando o estado habitual de mente e corpo.

Disse que é fácil passar a esse estado; não é tão fácil o regresso ao ambiente humano; mas é preciso regressar. Como a criança chamada à tarefa, relutante em deixar o jardim de flores e a liberdade do mundo exterior, ainda assim, constrangida pelo amor e pelo dever, consente em voltar. Suspeito que as sensações que experimento, no regresso ao estado humano, são algo semelhantes às da reanimação depois de alguém ter estado quase a afogar-se.

O afogamento é fácil, porque se vai para a vida; a restauração é dolorosa, porque se volta, se não à morte, à mera existência. O trabalho, o dever, os amados que aqui estão corporificados devem atrair-nos de volta à forma que foi emprestada; mas o espírito, por vezes, parece relutante em deixar aquela liberdade e conhecimento para as estreitas paredes de barro, a prisão do sentido. A única forma verdadeira é trazer esse domínio connosco para a vida diária. Aprende-se, com o tempo, a fazê-lo: a vestir os cenários terrenos com o fulgor interior, e as tarefas humanas com a aura espiritual de amor e sabedoria.

Não posso julgar se as cenas da Terra me parecem mais belas do que à maioria dos mortais; se há mais doçura arrebatadora na primavera, mais glória no verão, mais riqueza e beleza no outono, mais repouso e alvura no inverno, mais esplendor transcendente no céu do ocaso e glória no firmamento estrelado. Mas é certo que, ao ser admitida a este domínio interior, a escritora não perdeu qualquer bênção da Terra — do amor, do lar, dos amigos, do conhecimento prático e do interesse pelos deveres e trabalhos diários da vida; nem, creio, alguém pode ser privado de qualquer experiência necessária, por mais amarga que seja.

Esses ensinamentos, visões e experiências de vida da alma deram à Terra uma beleza exímia; ao labor da vida, um sentido e um impulso; às provações, uma lição e uma interpretação; à mudança chamada morte, uma glória e uma radiação; aos estados do espírito, uma proximidade; e à alma, uma realidade. Nem estas experiências roubam a individualidade de cada um; a mesquinha personalidade a que os mortais se apegam é, felizmente, esquecida ou posta de parte, mas a individualidade não se pode perder, dissolver noutra, ou ser governada, salvo para seu bem. Quando o pessoal é posto de lado, fica-se grato pela impessoalidade do individual.

Arrastando nuvens de glória, acompanho-me através e para além das barreiras do tempo e do sentido, e, quando termina o contraste agudo — que o guia sempre impede de ser demasiado repentino —, dou-me conta da grande doçura dos jardins do paraíso pelo perfume que enche a morada terrena, e sei que estar consciente das visitas dos anjos e de algo da luz que é deles não impede, antes ajuda, o esforço e a realização humanos.

O QUE TEM O ESPIRITUALISMO PARA NOS OFERECER, EM AVANÇO SOBRE OUTRAS RELIGIÕES?

Marshalltown, Iowa, 24 de junho de 1901

O predicado principal deste discurso será que o Espiritualismo é valioso como luz viva e presente. Não se afirma, por parte dos espiritistas, que o Espiritualismo, nas suas verdades essenciais, seja novo. "Nada há de novo debaixo do sol", e nada há de novo, tal como se apresenta à mente e ao espírito do ser humano, acerca do futuro e da Imortalidade; mas o Espiritualismo é a prova mais recente; é a luz presente do mundo. Não negamos que, lá no Egito, onde brilhava a luz de Osíris e a velada Ísis, Mãe Terra, deu o seu filho Hórus para ser a representação da luz, ali se conhecia a inspiração do Altíssimo; e que presenças e poderes ministrantes se revelaram àqueles que adoravam nas margens do Nilo.

Não negamos que, na longínqua Índia, aqueles que adoravam no santuário de Brahm, o Bem Infinito e Eterno, e que acreditavam na manifestação de Brahm na apresentação tríplice de Brahma, Vishnu, Siva, o criador, preservador e destruidor, também, na conceção e pensamento primordiais da sua religião, receberam a inspiração e as ministrações do Altíssimo e de mensageiros angélicos. Não negamos que, na Índia, uma certa classe de homens foi chamada a receber dons espirituais; que os iogues e outros, separando-se dos seus semelhantes, receberam o conhecimento desses dons e puderam ministrar aos outros.

Não negamos que, na China, os seguidores de Confúcio e, mais tarde, os que adotaram o Budismo foram realmente conduzidos pela aspiração — consideramos que as ministrações de poderes espirituais vieram à Terra em todos os períodos da história humana; que tem havido algo que corresponde ao derramamento do espírito hoje entre todas as nações e religiões. Não negamos que Moisés recebeu o sinal e o penhor na "sarça ardente" e na

"coluna de fogo", e nas tábuas em que foi inscrita a antiga lei; nem negamos que os profetas viram, em visões e revelações, os vários testemunhos que estão registados no Antigo Testamento. Não negamos o poder e a presença manifestos dos anjos que predisseram a luz que havia de vir à Judeia quando a inspiração e as profecias tinham sido esquecidas, quando o templo tinha sido profanado, quando os altares e santuários tinham sido entregues ao culto do mamom e a formas e cerimoniais exteriores.

Não negamos que, no Monte da Transfiguração, Moisés e Elias apareceram e mantiveram diálogo com Jesus enquanto os três discípulos se prostravam em espanto e admiração. Não negamos que, em vários tempos e lugares, foram vistos e ouvidos aqueles dotados de dons do espírito, e realizaram as maravilhas que estão registadas. Pediríamos a todo o espiritista, bem como a todo o membro de igreja, que recorresse às epístolas de Paulo sobre os "Dons Espirituais", pois nelas acharão o mais instrutivo, mesmo para hoje. Não há manifestação ali referida, nenhum dom ali mencionado que não encontre paralelo no presente, nas manifestações espiritualistas.

Quando José desceu ao Egito, como está registado, e, pelos seus poderes maravilhosos, se tornou o favorito do rei e pela sua sabedoria arrecadou o trigo que haveria de servir no tempo de grande fome, foi a voz do espírito que o conduziu. Ele foi inspirado a falar e a agir de tal modo que o rei acreditou nele. "Mas não há hoje quem possa ser alimentado com o trigo que José então armazenou no Egito; não há hoje quem possa ser impedido de passar fome por ler essa história. E, no entanto, pedem-vos os clérigos que recebais sustento espiritual lendo o que os profetas, videntes e antigos mestres deram. O sol que brilhou no Egito não pode agora amadurecer os vossos campos; mas é aquele que brilhará amanhã. O grão semeado por todo este belo Estado tem de depender do sol deste verão para amadurecer. Embora seja o mesmo esplendor antigo, a mesma luz que iluminou o povo do Egito, contudo, a luz solar, ou a sua manifestação, tem de ser para hoje. A verdade espiritual é como a luz do sol e como o alimento: os homens precisam dela continuamente. De nada serve lê-la.

Temos isto de um dos homens mais eloquentes que alguma vez pregou de um púlpito cristão, que disse, pousando a mão sobre a Bíblia: "Este livro não é inspiração; não há inspiração entre as capas deste livro. Esta é a obra do tipógrafo, do encadernador, do compilador e do tradutor; os manuscritos

originais foram possivelmente escritos sob inspiração. Se encontro inspiração aí, devo eu próprio estar inspirado."

A inspiração é algo vivo, não uma coisa morta do passado, e uma das razões pelas quais o Espiritualismo está em avanço sobre qualquer outra religião de hoje é que não disputa nem rejeita os dons espirituais. Não há igreja, salvo casos isolados, excetuando a Igreja Católica Romana, que tenha mantido viva, constante e persistentemente, a ideia dos dons espirituais em todos estes dois mil anos; e a Igreja Romana cercou-os de tais dificuldades, tais penas, que muito poucas pessoas podem praticar os dons espirituais com o sancionamento da Igreja Romana.

Não obstante, nos últimos cinquenta anos, desde que o Espiritualismo está no mundo, a Igreja Romana concedeu dispensas especiais a muitos padres para praticarem a cura e vários outros dons espirituais, para que o povo não fosse desviado da igreja pelas manifestações do Espiritualismo. Há mais de trinta e cinco anos, quando o Dr. J. B. Newton praticava a cura na cidade de Nova Iorque, um dos principais padres daquela diocese recebeu do arcebispo Hughes e do Papa permissão para curar em público, porque tantos católicos romanos iam ao Dr. Newton para serem curados, sendo ele também curador.

Assim, percebereis que uma proposição essencial é que o Espiritualismo é um testemunho vivo; o cumprimento daquilo de que ledes em tempos antigos. Requerem-vos ou pedem-vos que acrediteis que estas coisas não ocorrem. Não há prova citada em todas as páginas do Livro que é reivindicado como autoridade sobre este assunto que mostre que não podeis ter hoje a evidência. Muitos clérigos cristãos chegaram ao pleno conhecimento do Espiritualismo lendo nas suas Bíblias a inspiração que lhes foi dada no tempo presente. Deste modo, puderam conduzir o povo.

O Espiritualismo suplanta outras religiões, não onde elas se fundam na verdade como filosofia, mas unicamente com base no facto de apresentar, no tempo presente, aquilo de que o mundo precisa para satisfazer a mente indagadora acerca da continuidade da existência; acerca da imortalidade da alma. Muitos que eram materialistas ou agnósticos encontraram, no Espiritualismo, a evidência que não conseguiram encontrar na igreja. Muitos que estavam na igreja e não tinham achado aquilo que os consolasse na hora do luto e da dor vieram ao Espiritualismo para achar uma interpretação mais ampla do amor de Deus e do poder manifestador do espírito e das presenças

angélicas. O Espiritualismo, provavelmente, fez mais para derrubar as barreiras entre as diferentes denominações e credos do que qualquer outro fator no mundo. A Igreja Liberal nem sequer é excecionada; mas, por meio do Espiritualismo, o Universalismo, o Unitarianismo e igrejas independentes por todo o país foram mais e mais perpetuados, alargados e aumentados.

Enquanto, nas igrejas Congregacional e em várias outras igrejas e denominações, o Espiritualismo ofereceu a única iluminação que tiveram acerca da vida futura. O clérigo que prega mais Espiritualismo no seu púlpito é hoje o mais popular. O Rev. Heber Newton, de Nova Iorque, o Rev. Minot J. Savage e o Rev. Dr. Bartol, já falecido, antigamente de Boston, o Rev. Dr. Thomas, de Chicago, e dezenas de outros espalhados por toda a terra absorveram do Espiritualismo a prova viva acerca da vida futura.

Ora! não há classe de homens no mundo que precisem tanto do Espiritualismo como o clero; precisam dele para dar uma chama vivificadora ao seu ensino sobre a imortalidade; precisam dele para restaurar os antigos altares dos dons espirituais, que foram por tanto tempo negligenciados e negados; precisam dele para transmitir, no momento da morte — assim chamada — a mensagem de vida eterna; não apenas pela fé, mas pelo conhecimento, pela convicção e pelo poder manifestador do espírito.

Mas a própria fé, tal como definida por Paulo na nova versão da Bíblia, é a evidência das coisas espirituais. Qualquer evidência, portanto, que possa vir a alguém de dentro e de cima, essa é o único fundamento da fé. A fé é conhecimento alicerçado em proposições superiores a credos e dogmas externos; assenta na luz viva, no testemunho dentro da alma, naquilo que pertence ao espírito, e é direito de cada espírito humano conhecer.

É curioso, considerando o facto de o Cristianismo se ter dividido constantemente em seitas e denominações e guerreado entre si, que alguém se apresente e nos pergunte o que tem o Espiritualismo de superior a essas religiões. Qual delas quereis dizer? Uma ou todas?

Quereis dizer a Igreja Romana, em cujo nome se derramaram mares de sangue; entre a qual e a Igreja Protestante houve guerra perpétua? Quereis dizer a Igreja Protestante Episcopal, Igreja do Estado? Cada palmo de solo inglês tem sido campo de batalha entre duas dessas potências do Cristianismo. Quereis dizer as várias denominações que, em diferentes tempos, estiveram prontas a condenar-se à morte umas às outras por

heresia, por violarem leis moldadas pelos homens e credos feitos por homens?

O Sermão da Montanha é o único credo; a Regra de Ouro é o único preceito. E, no entanto, todas as seitas, por causa do credo e do dogma destas várias denominações cristãs, têm estado em guerra umas com as outras há dois mil anos. O Príncipe da Paz trouxe amor e bondade na sua mensagem; contudo, guerreiam contra ele; guerreiam em seu nome hoje. O rei da Alemanha, um imperador cristão, louva a Deus por ele e Deus terem sido vitoriosos contra a França. Também o imperador cristão da Rússia parte para invadir a China, e todas as nações cristãs procuram unir-se e fazer com metralhadoras o que os missionários não foram capazes de fazer. Diz-se que isto é seguir a luz do Príncipe da Paz.

O Espiritualismo diz: as armas do espírito são as do amor, e repete e reitera o Sermão da Montanha; declara de novo a Regra de Ouro. Se estivésseis na China, consideraríeis que nenhuma nação ou povo teria o direito de vos impor a sua religião. Se missionários chineses viessem aqui e se esforçassem por fazer de vós convertidos e insistísseis em ser protegidos à ponta de baioneta, quando era contra a vossa vontade que eles ministrassem na vossa presença, consideraríeis isso justo?

E, no entanto, o Cristianismo, na sua forma e enunciado originais, não é mais responsável pelos abusos praticados em seu nome do que o Espiritualismo o é pelas falsidades perpetradas em seu nome; nem a Liberdade é responsável pelas muitas opressões perpetradas sob o seu nome. Toda a verdade sofre esta grande perversão: que, no momento em que é anunciada, têm de se anexar à verdade as fraquezas, falhas e paixões dos homens.

Acautelai-vos de qualquer religião quando os reis a apropriam para fins de império: acautelai-vos de qualquer religião no momento em que ela se torna arma para poder e engrandecimento políticos ou pessoais, pois então deixa de beber nas fontes da inspiração e torna-se meio formulado de opressão e tirania. Quando o de Mãos Sangrentas Constantino se converteu ao Cristianismo, o poder do Cristianismo ficou selado. Quando o ímpio rei de Inglaterra se converteu ao Protestantismo, este deixou de ser o grande espírito de reforma que Martinho Lutero pretendia levar avante e tornou-se meio de dissensões políticas e, finalmente, de guerras como nunca se ouviram.

Hoje, o Espiritualismo, nos humildes santuários dos seus lugares modestos, levando avante a mensagem de amor e de vida imortal, é algo a ser valorizado, algo a ser prezado mais do que templos elevados com órgãos trovejantes, com vastas naves e arcarias, e janelas que vedam a luz do céu com vidros de muitas cores. Oh! temos a simplicidade de uma religião primordial, a simplicidade daquilo que traz à humanidade, uma vez mais, a inspiração da verdade.

Como a que veio a George Fox e aos Quacres; como a que veio a Mãe Ann Lee e aos Shakers; como a que veio a John Wesley, ensinando uma forma mais branda de Protestantismo do que a que fora ensinada antes; e assim, por todo este mundo ocidental, quando ele formou pequenos "círculos" de comunhão, o poder do espírito veio entre os metodistas primitivos.

Tornado agora popular e mundano, esse poder do espírito está quase esmagado; ou transformou-se numa influência hipnótica de medo, para empurrar as pessoas, quer queiram quer não, para o reino dos céus através do terror. Lembrais-vos da religião dos vossos dias de infância. Porventura alguns de vós recordareis com que medo e terror fecháveis os olhos à noite, não fosseis acordar de manhã no lugar do tormento eterno. Aquilo que faz as crianças recearem encontrar a morte, recearem encontrar os mensageiros do mundo imortal, não pode ser salutar, não pode ser verídico, não pode estar em consonância com o amor do Infinito.

O Espiritualismo é superior porque enfatiza o amor de Deus, não a sua ira; o seu cuidado, não o seu ódio; enfatiza a presença manifestadora do amor infinito em todas as obras da natureza; a nuvem de trovoada não é indicação da sua cólera; o redemoinho e o ciclone não são provas da sua vingança; são apenas agências purificadoras da vida.

O Espiritualismo salienta o facto de que, embora o corpo morra em alguns desses cataclismos da natureza, o espírito é provido e amparado na hora do perigo, na hora da sua separação do corpo.

"O Espiritualismo", disse Theodore Parker, "é a religião natural do homem; embora eu não tenha tido tempo de investigar os seus fenómenos, sei que há de ser a religião do futuro."

"Os Espiritualistas", diz Heber Newton, "é a única religião que ensina ao homem a verdade acerca da ressurreição." "O Espiritualismo", diz o rabino

Well, destacado rabino judeu, "há de tornar-se a religião do futuro porque traz ao homem a verdade mais perfeita acerca do estado do espírito."

O Espiritualismo é superior às outras religiões, não só porque é uma luz viva, porque brilha sobre vós hoje, porque os seus altares de inspiração são varridos, adornados e acesos de novo todos os dias e a todas as horas, mas porque ensina a perfeita igualdade das almas: não há "eleitos" entre os Espiritualistas, não há condenados entre os Espiritualistas.

O Espiritualismo ensina que toda a vida deve crescer e avançar de dentro para fora para ir ao encontro da luz do espírito. Que ninguém pode crescer por vós; que ninguém pode ter conhecimento por vós; que ninguém pode ter bondade por vós. Seria absurdo dizer a uma criança: "Não precisas de ser homem tu mesmo, o teu pai pode ser homem por ti." Ficaria a criança satisfeita? Impedi-la-íeis de crescer, de estudar e de desabrochar porque o pai tinha conhecimento? O Espiritualismo ensina que todo o espírito tem direito à sua herança imortal.

O Espiritualismo ensina que todo o espírito tem igual direito ao amor do Infinito e que, havendo crescimento, conhecimento e desenvolvimento, todo o espírito entrará nesse direito. Mas por nenhum subterfúgio se pode escalar tal altura, ou obter entrada falsamente no estado de felicidade; cada um tem de avançar com base no desdobramento e progresso espirituais. O Espiritualismo é um grande nivelador; não só é um grande nivelador como robustece todas as coisas de luz e bondade, pois, se alguém possui esta luz, ela é guia, não apenas para esse alguém, mas para outros.

Depois, o Espiritualismo resolve a questão: "Onde estão os nossos amigos falecidos?" Resolve-a, não por linhas estreitas ou limites, mas pelas amplas linhas do universo. O reino do espírito não é uma cidade murada, não é um território limitado. A expressão cabalística e figurativa da Bíblia, a "Nova Jerusalém", sob a interpretação do Espiritualismo, torna-se uma cidade de beleza com o seu belo templo de vida, pois cada pedra preciosa daquelas paredes sagradas há de ser interpretada como significando uma virtude cardeal, um princípio de bondade, uma vida de probidade. Assim, em vez de ser um reino dos céus estreito e limitado, onde apenas alguns dos filhos de Deus podem habitar, os muros expandem-se à medida que as qualidades do espírito se alargam e se agigantam.

O céu é luminoso com mundos e sistemas povoados de almas como a vossa. A eternidade e a Imortalidade são a herança legítima de todos. O

Espiritualismo alarga as perspetivas dos seres humanos; torna a mente, o espírito e o coração mais recetivos e suscetíveis à verdade; dá a cada um a liberdade de encontrar todo o conhecimento que é possível encontrar em cada reino da vida.

Não só na química, na geologia, na astronomia, na matemática, mas também naquilo que diz respeito à alma. Podeis saber tudo quanto puderdes e, ainda assim, o universo estará cheio daquilo que não sabeis.

É tão surpreendente que, em todas as outras coisas, o homem considere que o mundo deve avançar, e não se permita que avance na manifestação da verdade espiritual. Lembrai-vos: a verdade primordial é sempre a mesma. Não temos matemática diferente da que Pitágoras conhecia. As pirâmides do Egito foram construídas segundo linhas geométricas exatas; mas não havemos de construir pirâmides sempre, só porque os egípcios delas necessitavam para proteger os seus registos das inundações do Nilo, porque nessa forma se podia melhor preservar o caráter sagrado dos registos do passado.

Esses templos e monumentos sagrados foram erguidos segundo linhas geométricas; mas não sois obrigados a construir as vossas cidades à maneira das cidades do antigo Egito, embora também tenhais de construir segundo a matemática. Assim, o Espiritualismo, conquanto apresente uma nova manifestação de uma verdade antiga, tem de estar em conformidade com essa verdade antiga.

Qual é essa verdade antiga? Um, na Índia, disse: "Há apenas uma verdade, e é o Bem Eterno." Outro, na Arábia, disse: "Há apenas uma verdade, e é o Amor Eterno." Assim, por todo o mundo, com os tomos e volumes de inspiração, com os Shastras, Zend-Avesta, o Corão e a Bíblia, há apenas uma verdade: a luz do bem eterno, a luz do amor eterno, a Imortalidade da alma e a fraternidade do homem. Toda a verdade é esta, mas pode ser apresentada de modos múltiplos; pode ser dada a retalhos, pode ser elaborada e ampliada, o modo como há de manifestar-se pode ser novo até para a alma imortal — a comunhão entre os dois mundos, todo o conhecimento da vida imortal. É isto que o Espiritualismo oferece em lugar de rituais, formas, cerimónias e credos.

Não travamos guerra com a religião de ninguém, mas, se alguém tem sido alimentado com bolotas e prefere grão; se a alguém foi dada uma pedra em vez de pão, dizemos: o pão é para vós, vinde e servi-vos abundantemente à

mesa que está posta. O amor do Infinito é para todos, o poder manifestador do espírito é para todos, e a luz que brilha para e através de e que impregna o Espiritualismo é para todos.

Não vos pedimos que vos convertais ou que estejais perdidos; não dizemos que, se não sois Espiritualistas, não vivereis no além. Vós vivereis, todo ser humano viverá, todo filho da Terra viverá em espírito. Um conhecimento de Espiritualistas — mero conhecimento técnico — não vos ajudará grandemente, nem o "conhecimento científico", como alguns dos nossos amigos insistem em tê-lo, vos ajudará espiritualmente. O que ajuda cada vida é que o espírito se manifeste por igual aqui e no além. A substância do tesouro espiritual não está no conhecimento técnico, mas na bondade, na caridade, na amável benevolência.

Vimos um materialista entrar na vida espiritual e estava cego. Era grande no conhecimento terreno, tinha todo o amor científico, mas não possuía perceção espiritual. Vimos um homem humilde de labuta, como qualquer de vós que aqui estais sentados pode ser, entrar na vida espiritual luminoso, consciente, desperto, vivo — não porque tivesse o conhecimento e a instrução científicos da Terra, mas porque tinha o conhecimento da bondade no coração. O grande poder iluminador do mundo do espírito é a simpatia e o amor. Ide àquela sala de sessão e que poder se manifesta ali? Mandam-vos ler uma fórmula? Mandam-vos trazer um livro de química, ou de astronomia, ou de matemática?

Pedem-vos que canteis para harmonizar os vossos espíritos, para que possais, de comum acordo, estar nesse lugar recetivos às manifestações espirituais. É o químico perito que produz as manifestações a partir do gabinete? ou o matemático perito? Ah! é um poder maior do que esse, é o poder do amor que pode dissolver a substância e tornar a mais espessa parede de diamantino como se fosse vapor quando procura manifestar-se àquele a quem ama. Mesmo o amor humano pode transpor todos os obstáculos e barreiras, pode atravessar montanhas, escalar muros e nadar rios e torrentes para chegar ao objeto da sua afeição.

Há uma bela história contada no Oriente, de duas vidas colocadas em planetas separados, muito distantes no firmamento. Recordavam-se uma da outra, e contudo, não podiam alcançar-se. Tinham grande amor e grande anseio uma pela outra. Cada uma resolveu enviar ondas de amor, até que, por fim, onda após onda, círculo após círculo, venceram os espaços que as

separavam e ficaram reunidas. O que não fará a mãe espiritual para saudar o seu filho?

O que não fará o companheiro falecido para saudar o amado, seja irmão, irmã ou amigo? As barreiras da ignorância humana, da paixão humana e das lutas humanas — são essas que vos mantêm afastados dos vossos amados. Os olhos cegos que não querem ver, os ouvidos surdos que não querem ouvir, as mentes que não querem compreender esta mensagem que está mesmo ao vosso lado.

Caros amigos, o Espiritualismo oferece aquilo que espiritualizará as vossas vidas, tornará os vossos corpos menos e os vossos espíritos mais importantes, fará das vossas casas de barro meros lugares de habitação, dos vossos corpos meros instrumentos a usar para cumprir a grande obra do espírito. Quando, luminoso e cheio de luz, o mundo finalmente se erguer da sua letargia espiritual e sacudir estas trevas que sobre ele têm estado, quão maravilhoso será despertar nesse reino, que não está longe, e encontrar os olhos amorosos voltados para vós e as vozes amorosas que estiveram aqui todo o tempo. Sois apenas vós que estivestes ausentes, ausentes na vossa terrenidade, nas vossas sombras, na vossa escuridão e luto.

Que vá quem quiser a Jerusalém, a Meca ou a Medina em busca do profeta ou do Cristo; que vá quem quiser a São Pedro, em Roma, ou a São Paulo ou a Westminster, em Londres, ou siga onde a multidão adora; mas a luz do espírito não está aí. Não haverá libertação da sombra e do terror da morte, e a sepultura não terá perdido a sua vitória até que este esplendor luminoso da verdade espiritual liberte o homem!

UM DISCURSO REPLETO DE RARAS PÉROLAS DE PENSAMENTO

Palavras de Sábio Conselho a todos os médiuns e espiritualistas
Igreja da Alma em Chicago, 19 de Fevereiro de 1899

UM DISCURSO QUE ANALISA CRITICAMENTE A CONDIÇÃO PRESENTE DO ESPIRITUALISMO E APONTA O CAMINHO PARA CORRIGIR ERROS, RECOMENDANDO O CÍRCULO DOMÉSTICO E O MÉTODO A ADOTAR PARA SUSTENTAR A CAUSA E ELEVÁ-LA A UM PLANO MAIS ALTO E GRANDIOSO

Amados colaboradores, muito amados! Congregação da Igreja da Alma e amigos todos: — Em hora como esta, quando o poder do espírito atingiu o seu auge e coração encontra coração e alma encontra alma, após um tempo de grande júbilo e intercâmbio de pensamento, regressar ao que é seu, estar no seu próprio lar e sentir que tudo lhe pertence, e que a luz da verdade e do amor não se extinguiu, nem foi deixada adormecer, é uma das alegrias até da existência mortal.

Esta manhã, entre os poucos que se reuniram na escola dominical, tivemos o batismo do amor e todos nos encontrámos num altar comum, perante um santuário comum de verdade, com uma mensagem e um propósito comuns que são um só e uma imortalidade inegável. Nessas condições e circunstâncias quase pareceria não haver necessidade de qualquer mensagem exceto aquele silencioso intercâmbio de

PENSAMENTO E AFETO ESPIRITUAL

que flui entre mentes afins. Na criação do céu, na assembleia dos firmamentos, nunca há necessidade da palavra falada, mas de pensamento para pensamento, de espírito para espírito, de alma para alma, trocam as grandes experiências do tempo e da eternidade, experiências que na condição terrena estão sombreadas pela materialidade, mas que se tornam menos sombreadas à medida que o espírito rompe as barreiras do tempo e dos sentidos, tornando-se claro e resplandecente no luminoso e maravilhoso reino da alma.

Diz-se que o persa, ao viajar para fora da sua terra natal, levava consigo uma porção daquele fogo sagrado aceso por Zaratustra, e que nunca, nem na Índia, nem na China, nem vagando pelas partes mais escuras da Terra, permitiu que esse fogo sagrado se extinguisse, mas que pelos poderes conhecidos do Migi conseguiu preservar através dos séculos essa chama sagrada, símbolo da vida e do amor imortais.

Diz-se na Escócia que o fogo do altar nunca foi permitido extinguir-se e que nunca, desde que os fogos de sinal foram acesos, houve uma sombra sobre a chama sagrada da liberdade.

Assim, caros amigos, verificamos que, embora tenhamos levado a tocha da verdade e a luz desta chama sagrada a muitos lugares desde que aqui estivemos, e tenhamos procurado fortalecer e elevar os que trabalham nesta direção na capital nacional, ainda assim

A CHAMA VESTAL DO ALTAR

está aqui e mantivestes viva a vossa sagrada incumbência e muitos de vós trouxestes adiante a força, a luz e a verdade deste amor, especialmente aquela a quem consagrámos para essa obra na ausência do vosso pastor escolhido. Mas a verdade não pertence a nenhuma nação, nenhum clima e nenhuma era, e se quisermos acompanhar o seu avanço no mundo devemos não só conhecer o que foi no tempo e no sentido, mas também escutar a voz que se declara no íntimo da alma.

Os espiritualistas de Chicago e de todo o Noroeste reuniram-se aqui há um ano neste salão e daqui organizaram a associação estadual que recentemente realizou a sua convenção anual de massas nesta cidade. Os espiritualistas de Chicago falaram de modo inequívoco sobre o testemunho que possuem da vida imortal e muitos de vós, que sois da nossa congregação, acrescentastes o vosso testemunho de várias maneiras.

Mas amigos, as eras avançam, o tempo está maduro para plena frutificação em muitas coisas e, no fecho deste século XIX, é melhor que compreendais que as grandes

MARÉS DE VERDADE ESPIRITUAL

avançam mais rapidamente nos anos culminantes do que nos anos passados, e que daqui a cinquenta anos não só conhecimento acrescido, mas também responsabilidade virá sobre todos os que creem na vida imortal, como demonstrado na hora presente, e sobre todos os que aceitam o conhecimento da imortalidade revelado no íntimo da alma.

Se vós, como espiritualistas, não quiserdes que este grande tema da Imortalidade vos seja retirado; se não quiserdes vê-lo disperso sob mil outros nomes (a verdade sendo em si uma bênção sob qualquer nome); se não

quiserdes que a luz acesa como fogo de altar neste século vos seja tomada por aqueles que

A DESPREZARAM E REJEITARAM,

não só deveis estar despertos, alertas, vivos e reunir-vos em torno das grandes verdades que vos foram dadas, mas deveis apresentá-las ao mundo de modo que se veja que estais conscientes das culminações e dos resultados que foram dados ao mundo.

O espiritualismo não é uma experiência. O espiritualismo não é uma incerteza que as pessoas têm de demonstrar na hora presente. É apenas experiência e incerteza para quem não investigou e não recebeu a sua luz; mas para os espiritualistas esperarem em casa que o último que duvida se converta, e o último que nega seja vencido pela evidência, é manter os que conheceram a verdade por muitos anos no seu estado primário, na dúvida; e não há sistema de pensamento, de ensino ou de educação no mundo que possa avançar desse modo.

Por toda a natureza fundam-se escolas primárias. O primeiro facto da vida é a vida, mas o germe não é sempre o germe, o botão não é sempre o botão, a flor não é sempre a flor, o relâmpago não é sempre a espada, mas a semente é o resultado da frutificação que leva a luz às gerações seguintes. Felizes os que compreendem isto; os que têm consciência de que a luz desta verdade deve espalhar-se por meios e modos que foram declarados e revelados e por meios e modos que estão no vosso meio.

O nosso amigo falou deste testemunho. Falou também um pouco da sua frutificação. Ele leva adiante esta mensagem em ambas as suas relações com os filhos da Terra, como nós o fazemos, mas após meio século de revelação espiritual nos tempos modernos, após vinte e cinco anos de demonstrações de certos géneros no vosso meio, é tempo de os espiritualistas como corpo crescerem para além das suas faixas de bebé, da infância crua daquilo que esperam que desapareça. Há um tempo e um lugar e uma adequação para todas as coisas.

A IMPORTÂNCIA DO CÍRCULO DOMÉSTICO

A maioria dos espiritualistas tornou-se tal, especialmente no primeiro quarto do século do espiritualismo há cinquenta anos, no círculo doméstico; a maioria tornou-se espiritualista porque a criança, a irmã, o irmão, o pai, a mãe tiveram manifestações e revelações pela mediunidade que convenceram o

lar. Certos foram feitos porta-vozes ou instrumentos para a manifestação a um número maior de pessoas, mas quando negligenciamos o círculo doméstico e o altar do lar por qualquer outra coisa interrompemos as

quase no ponto em que chegam à vida humana. Os espiritualistas fariam bem em recordar que cada manifestação é uma atestação da presença de um espírito ministrante e que o facto de o espírito sobreviver à mudança chamada morte é valioso, mas nem toda manifestação é valiosa em todos os tempos e lugares, e é porque os espiritualistas como corpo talvez não tenham discriminado quanto ao tempo e lugar adequados que tanta confusão cresceu nas fileiras e tanto descrédito surgiu acerca de certas classes de manifestação.

Os espiritualistas como corpo não são demasiado crédulos; não são inclinados a seguir cegamente o que vem da voz do espírito ou da autoridade espiritual. Mas perdoai-nos, caros amigos cujos rostos nos olham com tanta amabilidade, os espiritualistas em geral são

MUITO APRECIADORES DE MENSAGENS

em todos os tempos e lugares e muito apreciadores de testes.

Ora, não pode haver novo teste acrescentado ao que já vos convenceu da vida imortal como teste; tudo o mais que se siga deve ser na natureza de mensagem desejada e intercâmbio entre vós e os vossos amados, e assim deve ser considerado. E os espiritualistas em geral

NÃO DEVEM PROCURAR TESTES

em lugares públicos onde os médiuns apresentam os factos aos que não os conhecem. Devem antes procurar que esses que não sabem recebam a evidência e os céticos e duvidosos recebam o testemunho. Estas coisas, claro, não podem ser reguladas totalmente do lado humano, mas cada desejo compõe grande parte da atmosfera de onde a mensagem vem e, infelizmente, muitas vezes vem a vós aquilo que algum coração ansioso que nunca recebeu uma mensagem desejou e não pode obter. Muito do tempo e da força do médium verdadeiramente dotado é muitas vezes ocupado em mensagens para espiritualistas. Não nos opomos a que procureis essas mensagens sempre e onde houver oportunidade, desde que isso não exclua outros que delas necessitam mais.

Neste contexto pedimos que, em qualquer tempo e lugar onde mensagens sejam oferecidas ou leituras propostas, retenhais os vossos objetos pessoais e não os envieis, vós espiritualistas, mas deixeis que

OUTROS ENVIEM OS OBJETOS

para serem examinados ou lidos e que esses recebam as mensagens. É o cético e o coração ansioso que é desejável alcançar. E isto leva-nos a outro ponto e cremos que o nosso amigo honrado e respeitado, o nosso estimado colaborador, o presidente da Associação Nacional dos Espiritualistas, nos apoiará nesta afirmação: Que um facto bem atestado de comunhão espiritual vale um milhão que possa, de algum modo, ser duvidado. Se não sobrecarregardes os vossos médiuns, eles poderão dar um teste ao duvidoso; se insistirdes em ter todas as mensagens para vós mesmos, o médium poderá praticar o sistema que, lamentamos dizer, por vezes está em voga, de informações recebidas de fontes humanas em vez de espirituais.

Grande parte da responsabilidade pode talvez ser atribuída a este desejo excessivo.
Um médium diz numa audiência: "Deixe uma pessoa levantar a mão"; de imediato cem ou mais mãos se levantam. Um médium diz: "Deixe um indivíduo apresentar um objeto": de imediato cinquenta avançam simultaneamente dos seus lugares e os objetos são todos amontoados na plataforma. A psicometria é um dom sensível. Se os objetos transmitem algum significado…

TRANSMITEM A AURA

daquele que foi o último a tocá-lo. Se essas coisas são amontoadas no chão, poderá o psicometrista sensível traçar uma linha distinta de outra? Falais muito destes estados e condições sensíveis. Quanto os respeitais; quanto os considerais?

Disseram alguns médiuns que eram tão pressionados continuamente para dar provas do regresso do espírito, mesmo àqueles que as tinham recebido repetidas vezes, que se tornavam cansados e exaustos, e depois eram-lhes oferecidos estimulantes superficiais e artificiais, acrescentando: "Tome isto, sentir-se-á melhor", e após anos esse resultado tornou-se claramente conhecido. Vós, talvez muitos de vós, ou aqueles como vós, incitastes isto, certos do resultado que agora se produziu.

Estes médiuns são extremamente sensíveis às influências de ambos os lados da vida e é perfeitamente verdade que, se quereis ter manifestações claras, verdadeiras e corretas, deveis limitar o seu número e assegurar-vos de que as condições são tais que estão absolutamente livres da tentação de aumentar esse número superficial ou falsamente. É perfeitamente verdade que os médiuns não estão acima das tentações habituais da vida em muitos casos e que, sendo sensíveis como o instrumento ou agulha magnética, desviam-se sob um forte poder de vontade que esteja próximo.

Um capitão contou-nos que a sua embarcação se desviou trezentas milhas do seu rumo pela

ATRAÇÃO DE UMA SENHORA

que se sentava junto à bússola. Claro que muitos cavalheiros se desviaram mais milhas do que isso sob influências semelhantes, mas não era tanto o encanto da senhora como das agulhas de tricô que ela segurava nas mãos de tempos a tempos, e aquela pequena agulha da bússola não era de todo responsável pelo seu comportamento; era atraída para o lado onde as agulhas de tricô jogavam continuamente: não havia nada a censurar. E assim, caros amigos, estas pequenas influências, estas condições na vida humana, esta grande exigência por manifestações contínuas, perpétuas, invulgares e

MARAVILHOSAS

criam uma atmosfera que desvia o médium da linha de responsabilidade direta e distinta das presenças espirituais. Vamos dissipar estas nuvens. Aceitemos o que vem sob tais condições em que sabeis que não pode haver influências poderosas ou subtis, e, acima de tudo, deixemos que os próprios médiuns ajudem nesta direção. Caros médiuns, temos sustentado que a vossa causa é a mais elevada e a melhor que jamais foi concedida ao mundo.

Sabemos não só o que sofreis pela perseguição de fora, mas muitas vezes pela traição dentro das fileiras dos chamados espiritualistas, e sabemos também que exigências são feitas sobre os vossos poderes pelos que procuram muitas vezes coisas externas ou que, sem pensar, vos sobrecarregam para além da vossa força. Que os próprios médiuns ajudem a tornar as condições corretas. Mas, médiuns, chegastes àquele período na história deste movimento em que cada facto bem atestado é conhecido em todo o mundo. O testemunho de um indivíduo, como o de Sir William Crookes, que teve o médium na sua própria família e rodeado de

durante os três anos da sua investigação, deve ser de mais valor para o mundo do que milhares de testemunhos não sob as mesmas condições; não que o testemunho do Sr. Crookes sobre os factos seja mais valioso do que o nosso, mas porque ele estava em posição de saber e soube que o facto não era suplementado por qualquer conhecimento humano ou condição humana da parte do médium.
Agora chegou o momento em que os médiuns nada têm a temer, mas também chegou o momento em que os que imitam estas influências sagradas, os que são descobertos a suplementar as manifestações, os que são demasiado fracos para apresentar a verdade e só a verdade, sofrerão, e os espiritualistas decidiram que assim será.

Há vinte e dois anos defendemos na nossa própria igreja um médium honesto, íntegro, sincero e fiel contra um ataque malicioso vindo das fileiras do espiritualismo. Temos estado desde esse tempo até ao presente e estamos ainda aí, e sempre que um médium é assaltado, sempre que é duvidado ou questionado, sempre que algo lhe é imputado falsamente, somos firmes como o diamante; mas para os

para os que assumem ser médiuns ou adivinhos e para os infelizes que levam uma vida dupla e que numa altura exercem o dom da mediunidade e noutra o do charlatanismo, dizemos: removam o vosso charlatanismo ou removam a vossa presença de entre as fileiras dos médiuns. Dizemos que não faremos nada para vos prejudicar; não vos perseguiremos; tratar-vos-emos com bondade; instar-vos-emos a exercer os vossos dons verdadeiros e legítimos; dar-vos-emos o encorajamento e a força não só da Associação dos Espiritualistas, não só da Associação Nacional que o nosso amigo Sr. Barrett representa, mas a Igreja da Alma também se mantém clara e firmemente sobre a base destas manifestações do mundo espiritual e, enquanto não condenamos, enquanto temos pena, dizemos que não chamaremos genuíno ao que não o é.

Agora, tudo o que precisais, e mesmo que não saibais que precisais, de simpatia ou encorajamento é vosso. Médiuns, se assumirdes esta posição, como indubitavelmente deveis fazer, não tendes medo. Não vos sentis sensíveis a nada do que é dito ou escrito. Não pensais que significa para vós mais do que a nossa médium pensou que o Dr. Ravlin queria dizer-lhe quando

falava da má educação dos médiuns ignorantes. Tudo o que é dito no sentido de uma apreciação verdadeira e correta dos dons e poderes da mediunidade é uma vantagem para cada médium vivo. Tudo o que é feito para clarificar e pôr à luz da investigação espiritual aquilo que é verdadeiro, eleva e fortalece cada médium que vive.

Não somos dos que andam à caça de fraudes, mas quando sabemos, pelo nosso próprio conhecimento pessoal, que alguém tentou enganar sob o disfarce de mediunidade, dizemos-lhe: "Sabemos isto e não podemos apresentar-te como médium." Temos sido censurados por muitos nas manifestações públicas por não convidarmos alguns. Temos sido censurados porque certos não foram convidados.

Assim que o Sr. Barrett ou qualquer dos seus colaboradores saiba que algum médium impôs sobre qualquer ser humano, a partir desse momento é simplesmente eliminado.

Agora, tudo o que há é que o tempo está a chegar em que as manifestações espontâneas da mediunidade junto ao

serão cada vez mais procuradas como o foram no início do espiritualismo; em que a filosofia e o ensino serão dados da forma mais pública e em que círculos, reuniões e encontros de médiuns, onde possa ser dado encorajamento e força aos que precisam, serão planeados, até que finalmente teremos uma escola — não para ensinar mediunidade (isso não pode ser ensinado), mas um lugar para encorajar, fortalecer, elevar e sustentar aqueles que são médiuns. A este altar de luz e ensino espirituais milhares e milhares foram conduzidos, e muitos médiuns foram chamados dos seus lares e dos seus deveres domésticos sob o poder impelente desta luz para demonstrar a verdade ao mundo. Fiéis a essa luz, ainda que seja apenas o menor clarão, continuam e outra luz lhes será acrescentada.

Agora a próxima parte da nossa mensagem. Tão verdadeiro como o sol que brilha, tão verdadeiro como as estrelas acima das vossas cabeças, tão verdadeiro como os princípios fundamentais de toda a ciência são os fenómenos do espiritualismo moderno. Tão verdadeiro como o sistema que modela a matemática dos céus e vos faz saber a posição dos planetas é a

FILOSOFIA DO ESPIRITUALISMO;

mas é também tão verdadeiro e tão inegável como isto que nem fenómenos nem filosofia podem subsistir se não houver vida espiritual além.

Espiritualistas, fazei a vossa escolha. O grande clamor da verdade espiritual que entrou no mundo demonstrou-se e operou a sua obra no mundo, e enquanto vós, muitos de vós, estivestes habitando no que era agradável e interessante, no que era confortante e verdadeiro, a mensagem que veio dos vossos queridos amigos e o ensino que vem deles, o grande curso da verdade espiritual abriu caminho no mundo e outros estão a levá-lo de vós. Há vinte e cinco anos uma vintena de mentes falava destas verdades que vinham e vós deixastes que passassem das vossas mentes e mãos para as vidas de outros que não dirão que a sua primeira inspiração foi neste altar e que a sua primeira evidência veio em mensagens de espíritos partilhados.

Admiramos um homem como Heber Newton que pode erguer-se e declarar o seu conhecimento e crença na comunhão dos céus, mas admirá-lo-íamos muito mais se dissesse que recebeu a instrução e o impulso para essa declaração em mensagens escritas pela

MÃO DE UMA MÉDIUM

na sua própria família. Admiramos os que difundem o ensino e a filosofia do espiritualismo desde o púlpito e a tribuna, agora que é perfeitamente seguro fazê-lo; mas admirá-lo-íamos muito mais se vos dissessem que visitaram médiuns durante os últimos vinte e cinco ou trinta anos e sabiam que as manifestações espirituais eram verdadeiras o tempo todo. Admiramos o teosofista

QUE ROMPE AS BARREIRAS…

de credo ou de materialismo e tenta explorar no Oriente o ensinamento de Buda e a luz que há de vir do divino, mas admiraríamos muito mais os Teosofistas se vos explicassem que os seus primeiros ensinamentos do oculto e as suas primeiras ministrações vieram através de algum médium; ou se o Coronel Olcott vos dissesse que encontrou a maior parte do oculto nas salas de sessões dos médiuns.

Admiramos os que prosseguem a investigação da pesquisa psíquica e dos fenómenos científicos que temos descoberto, e por vezes até às fontes desses fenómenos; mas admiraríamos muito mais o Sr. Hodgson na sua

grande declaração se vos dissesse que sabia tão bem há três, quatro e cinco anos como sabe hoje que as manifestações provinham de fontes espirituais.

Olhai para os vossos factos, espiritualistas. Tornai a vossa ciência tão segura e certa como o laboratório do químico, como o observatório do astrónomo, como o princípio em que assenta qualquer experiência científica; não do mesmo modo, mas segundo as leis que o espiritualismo vos ensinou, mantendo as vossas

EXPERIÊNCIAS CLARAS E PURAS

e bem guardadas e protegidas. Que supõem que Edison faria se uma multidão de pessoas entrasse e saísse da sua sala de experiências o tempo todo? Exatamente o que faz quando estuda ciência, quando diz às pessoas as coisas que fez e vai fazer e lhes mostra o que está a fazer. Mas não deixa ninguém entrar nessa sala até estar pronto para a sua manifestação.

Médiuns, espiritualistas, permitis que o instrumento mais sensível do mundo — o organismo humano e o sistema sensível de uma senhora — esteja sujeito

AOS CHOQUES VIOLENTOS,

não só de estranhos, mas, ai, de aqueles que, embora envergando a forma humana, dificilmente chamaríamos humanos; e depois esperais os melhores resultados, esperais factos que serão acreditados pela ciência ou pela filosofia. Não: seja qual for a manifestação que venha, que seja espontânea do reino do espírito; não tenteis ajudar isso, e, quando vier, tornai as condições o mais perfeitas possível para que, através do médium, surjam os melhores e mais elevados resultados.

Atentai na vossa filosofia, espiritualistas, que haveis estado ocupados a demonstrar que o espírito é imortal para além da mudança chamada morte, enquanto os teosofistas e todos esses, silenciosamente, por detrás das câmaras

DE ILUMINAÇÃO ESPIRITUAL,

têm tomado as próprias verdades da vossa filosofia que foram publicadas há trinta a quarenta anos e que negligenciastes ler ou conhecer, e apresentam-nas como uma descoberta nova, quando, há muitos e muitos anos, vós o sabíeis — ou poderíeis ter sabido. O mundo avança ao encontro destas coisas e vós também haveis de avançar e, se habitardes apenas no que

vos é agradável pela afeição humana, encontrareis que o pensamento mais alto e divino vos escapará.

Este movimento moderno é

UMA SÓ COISA NO REINO INVISÍVEL

e, no universo espiritual, tem apenas um sentido e um propósito — a alma e a sua existência imortal! Através das ministrações de seres espirituais, através de poderes e potências de ordem superior, através de influências que alcançam a lareira do lar, através daquilo que traz as sombras, o luto ou a dor da perda pessoal, através de todas as revelações da mediunidade, qual é a mensagem? Vida imortal e amor eterno! Alma que não tem princípio nem fim, certa de que essa é a única condição da Imortalidade; uma vida que salta de degrau em degrau e de estágio em estágio, até encher todo o reino da consciência com amor eterno.

Espiritualistas, não percais nenhuma parte disto. Não permitais que vos escape por mão destruidora, por aqueles que vo-la quereriam arrebatar. Tornai a vossa estrutura tão ampla como o vosso alicerce, tão profunda quanto as verdades que vos temos dado e tão alta quanto o universo de vida e de alma que vos interpela.

Não estreiteis a habitação da vossa alma à vossa pequena expressão do que apenas virá no vosso próximo passo para lá da mudança chamada morte, mas abraçai o grande tema imortal; esse absorverá o menor pelo maior e aquilo que é mais inclusivo prevalecerá por fim. Se permitirdes que qualquer sistema de filosofia ou ensino seja mais inclusivo do que o vosso, esse prevalecerá por fim.
Sempre dissemos aos Cientistas Cristãos: "Sim, nós

ACEITAMOS A CIÊNCIA CRISTÃ,

e há espaço suficiente no espiritualismo para o que se chama Cura Mental, pois espíritos e mortais sabem que é verdade. Vós rejeitais a cura espiritual pela intervenção de espíritos individuais, portanto a nossa filosofia é maior do que a vossa e inclui-a." Sempre dissemos ao Teosofista: "Sim, todo o espiritualista aceita a imortalidade da alma, e temos aquilo que não só inclui a Teosofia, mas também ultrapassa o que a Teosofia não explica até ser compelida a fazê-lo pelos espiritualistas."

Tendes ouvido muito ultimamente entre os teosofistas acerca do que

ELES FAZEM NO "ASTRAL".

Não ouvistes isso há poucos anos. A razão por que não ouvistes foi porque pensavam introduzir o seu sistema de ensino sem a intervenção e o reconhecimento da vida espiritual que está para além desta vida. Muitas vezes significa que têm demonstrado e explicado o que os espíritos fazem no estado para além da mudança chamada morte; do mesmo modo que o Sr. Talmage foi compelido pelo avanço do tempo a falar da ocupação dos espíritos no céu. Só o Céu sabe como o descobriu, pois fechou a porta do Céu e abriu a porta do Hades diante dos espiritualistas há muitos anos, e, se não o soube através do espiritualismo, deve tê-lo sabido pela mediunidade.

Pois então, à luz destes ensinamentos e de tudo o que vos chegou, quão vasto, quão luminoso, quão perfeito é o caminho diante de vós. Factos e demonstrações para aqueles na vida material que não sabem o que está além e dentro, e filosofia que inclui todos esses factos e a base da verdade, que é a imortalidade, sobre a qual repousam.

Ó, amados amigos, vós que apreendestes os ensinamentos, vós que ousastes proclamar a verdade e chamá-la

A IGREJA DA ALMA,

supondes que esse nome significaria algo se não incluísse todo este alcance de que falámos? E supondes que o próprio espiritualismo seria luz para o mundo se aquele que está na plataforma nada dissesse sobre o estado seguinte de existência e nada vos contasse de além ou de aquém disso? Não; mesmo então teríeis ainda de receber revelações e saber da imortalidade da alma.

Pela luz desta verdade; pelo amor que vos temos, nossa amada congregação; pelas verdades que estão a ser espalhadas por todo o mundo, sede coerentes, sede verdadeiros, sede firmes e fazei com que o alicerce seja profundo, alto e largo, e deixai que a vida da alma se ilumine a si mesma até que, como a doce

MÚSICA DE APOLO

que veio dos céus, encante até os anjos, e os que estão na tristeza e na dúvida sobre a Terra encontrem, na melodia da vida imortal, algo que ajuste

toda a vida humana e todo o coração humano à sinfonia divina da imortalidade.

AS PROFECIAS DO PERIÉLIO

E O SEU CUMPRIMENTO ADICIONAL

(A Sra. Cora L. V. Richmond — ou uma inteligência que afirma ser um antigo Astrólogo — proferiu ontem à noite, no Fairbank Hall, um discurso intitulado "Profecias do Periélio: o Seu Cumprimento Adicional", perante uma plateia numerosa.)

"Não sabeis discernir os sinais dos tempos?" — Mateus 16:3

O nosso tema para esta noite é "Profecias do Periélio: o Seu Cumprimento Adicional". Estarão sem dúvida nesta assistência muitas pessoas que se recordam de que, há três anos e há dois anos, em dezembro, proferimos nesta cidade, através desta médium, palestras sobre a aproximação do periélio dos planetas e sobre os prováveis resultados físicos e espirituais que daí adviriam para a Terra. Muitos de vós possuem esses discursos em formato impresso, e seria proveitoso que voltassem a eles, caso ainda não o tenham feito, para refrescar a memória sobre o que foi então afirmado. Muitas das declarações aí contidas cumpriram-se, não só num sentido geral, mas também num sentido literal e específico.

Muitos, fora do âmbito estrito da ciência, anteciparam que o periélio dos quatro maiores planetas do sistema solar, agora em curso, afetaria em algum grau todos os planetas do sistema. A Astrologia declara, mais especificamente, que quando um ou mais planetas estão no periélio, existe uma relação específica e distinta — a conjunção ou o periélio — que afeta todos os outros planetas e os seus povos. A Terra é o único planeta onde vós podeis tomar conhecimento desse efeito.

Existe uma teoria na ciência segundo a qual, se um único átomo fosse apagado do sistema solar, todos os outros átomos seriam afetados por isso; e também que, se um planeta fosse perturbado e fosse possível aniquilá-lo, isso pressagiaria a aniquilação do todo.

Embora seja verdade que a ausência de qualquer planeta em determinado lugar do sistema solar ou estelar não seria descoberta — no que toca aos raios de luz em falta — até que passasse o tempo necessário para

que a ausência dessa luz fosse notada (visto que a luz viaja a uma velocidade limitada), e que passaria um longo período até que a luz de qualquer um dos planetas no periélio pudesse afetar visivelmente a vossa Terra, é contudo verdade que em todas as formas de vida orgânica existe uma espécie de simpatia que transcende a causada pelo tempo e pelo espaço.

Por exemplo, no organismo humano existe uma pulsação simultânea em todo o corpo, que não ocorre apenas porque os glóbulos de sangue passam rapidamente de uma parte para outra, mas porque essa pulsação simultânea denota que a corrente vital é igualmente ativa em certos pontos proeminentes do corpo físico. Existe na vida de todos os animais, e até em certas espécies de vegetais, este tipo singular de pulsação de simpatia; e é perfeitamente verdade que, se uma substância venenosa tocar a membrana inerte exposta de qualquer parte do corpo físico, a morte ocorre instantaneamente. Tal não é causado pela absorção do veneno pelo sangue, nem pela entrada do veneno no organismo físico, mas sim por essa simpatia particular a que nos referimos. A ação de endosmose e exosmose de substâncias orgânicas, nomeadamente corpos que possuem sensações, é uma expressão desta simpatia.

Ora, em todo o universo visível, para além da atração e pulsação da luz, existe uma pulsação mais fina que é elétrica, e uma pulsação ainda mais fina que não tem nome, mas à qual chamaremos espiritual; de tal modo que, se o sol fosse neste momento apagado, embora intervenham milhares de milhas e não notásseis de imediato a ausência dos raios de luz, haveria ainda assim um efeito instantâneo em todo o sistema solar. Não seria necessário um longo período de tempo, nem a duração de anos ou ciclos, para que o efeito chegasse à Terra ou ao planeta mais remoto do sistema solar. É isto que queremos dizer.

Assim, pelo efeito do periélio, nenhum raio de luz pertencente aos planetas em periélio alcançará a vossa Terra durante um longo período, mas outra pulsação, que não é luz e não requer tempo para a sua transmissão, está a chegar-vos agora, chega-vos continuamente e exprime, melhor do que qualquer outra coisa, a pulsação do espírito do sistema solar. Sob o domínio, portanto, dessa lei espiritual que a astronomia não reconhece, mas que a ciência antiga e a filosofia moderna reconhecem, existe uma lei que afeta a vossa Terra em referência aos planetas agora em periélio, e essa lei é o inverso do que afeta esses planetas.

Ao receberem mais do que a sua força e luz habituais do sol, estando numa posição de absorver magnética e eletricamente uma maior proporção de vitalidade e força vivificante, a Terra sofre uma depleção correspondente; vós estais na maré baixa de algo de que esses planetas estão agora a receber a maré alta — tanto de luz espiritual como material. Queremos dizer com isto que as mudanças meteorológicas que ocorrem no presente ano — que ocorreram notavelmente e que foram notadas como sendo invulgares e quase sem paralelo na história do homem — são causadas pelos planetas no periélio.

Mudanças físicas de natureza mais acentuada ocorrerão durante o próximo verão, e estas estarão em contraste com as experiências do inverno o suficiente para chamar a atenção para o facto. A atmosfera física não perturba a atmosfera moral da Terra, como supõem alguns filósofos; antes, as atmosferas moral e física são igualmente perturbadas pelas mesmas causas que são remotas, talvez, mas que, pela própria natureza das coisas, pertencem à alma e ao corpo do universo. As perturbações morais que ocorrem nos altos lugares da Terra, e tipos invulgares de crimes e excessos, são resultados das mesmas causas que produzem a perturbação física e meteorológica.

No aspeto atual da vida humana, embora o bem-estar espiritual e moral médio da Terra nunca tenha sido maior, sois continuamente sobressaltados pelo desenvolvimento de tendências nas pessoas para fazerem coisas que nunca suspeitastes que fariam; o desenvolvimento de pensamentos, sentimentos e desejos mórbidos e, particularmente, um desejo de terminar com violência a sua própria vida ou a de outrem.

Considerando o grau de civilização e cultura moral no mundo, o crime violento nos últimos dois ou três anos tem sido sem precedentes na história mundial; e, considerando não só as maiores facilidades para reprimir o crime, mas o facto de se supor que a educação seja uma influência contrária direta às tendências do mal moral, é um facto singular que os suicídios e muitos assassínios violentos neste ano tenham ocorrido entre pessoas do mais alto estatuto moral e intelectual — aqueles que nomearíeis como os vossos melhores cidadãos, os vossos homens de negócios mais promissores, bem-sucedidos e prósperos.

Contudo, tal é a tendência dos efeitos deste periélio, tanto espiritual como fisicamente, que tudo o que está adormecido será revelado; quaisquer

que sejam as tendências, estas serão exageradas e agravadas; e, se existir doença física, esta também terá uma aceleração — muitos recuperarão subitamente de enfermidades de uma vida inteira, enquanto outros desaparecerão subitamente da Terra sem qualquer causa física aparentemente adequada.

Se estas coisas não estivessem a ocorrer ao vosso redor continuamente, e se a vossa atenção não fosse diariamente chamada pela imprensa para alguma condição invulgar de crime na mente pública, não agravaríamos a vossa consciência referindo o assunto; mas é necessário, não só para vossa informação, mas possivelmente também para vossa proteção. Aqueles que têm conhecimento das leis espirituais do universo, tal como os que conhecem as leis físicas, podem compreender melhor a sua própria condição e a daqueles que os rodeiam, não julgando severa nem apressadamente o que impele a qualquer ação, dado que as causas são profundas e estais todos igualmente sob alguma forma de incapacidade, física, mental ou moral.

Chamamos a atenção para o facto do desaparecimento da Europa do único monarca imperial absoluto. Notavelmente, o assassinato do czar foi previsto num dos discursos anteriormente referidos, o de 1879. Notavelmente, esse assassinato — por mais deploráveis que sejam os assassinatos, embora, quando políticos, resultem sempre de crimes políticos precedentes — põe fim ao imperialismo na Europa e, pela primeira vez, todos os povos da Europa podem ansiar por um dia de liberdade. Quando qualquer tipo de governo constitucional se interpõe entre o monarca e os súbditos, há um fim ao despotismo absoluto. Assim, o despotismo absoluto não existe agora em nenhuma nação da Europa. O que isto pressagia antes do final do ano depende do grau de imperialismo que se liga a outras monarquias e, quando Bismarck morrer, a Alemanha também estará mais próxima de ser uma república do que qualquer outra nação, exceto a Rússia.

Quando o poder dos exércitos, que em si é um poder do pior tipo de despotismo, cessar; quando a Alemanha já não sentir a necessidade de roubar aos seus cidadãos a melhor parte da sua vida para servir o despotismo militar; e quando uma Alemanha unida tiver perdido a sua novidade e finalidade, e não houver mais o desejo, mesmo sob essa unidade, de servir os propósitos da tirania e da ambição, o rei protestante Guilherme — que agradeceu a Deus pela sua vitória sobre uma França cristã e reza a esse mesmo Deus pelo triunfo do seu império — aprenderá também a lição de

que, para ser devidamente grato pela vitória dos exércitos, deve haver uma liberdade adequada a acompanhá-la.

Este é um dos sinais portentosos dos tempos: que não só agora, mas no fim deste ano, e notavelmente entre agora e 1885, todo o tabuleiro de xadrez da política e dos governos europeus terá provavelmente mudado. Gradualmente, na Inglaterra — visto que ela aprendeu há muito a lição de fazer por força moral aquilo que inevitavelmente teria de ser feito por força física, ou seja, conceder os direitos do povo quando não o podia evitar — a Inglaterra, embora caminhe lentamente, acabará por se unir às premissas e proposições do seu maior estadista — o maior que possui atualmente — e banirá e dissolverá os exércitos vergonhosos que estão a espezinhar os direitos de pessoas inocentes em terras distantes. Notavelmente, ela fará isto, e esperamos que antes que o seu Gladstone seja chamado à terra do silêncio.

Notavelmente, também, ocorrerão mudanças que despertarão os sonhos há muito adormecidos da plena liberdade da Itália e da completa emancipação do jugo daquilo que não pode deixar de ser um fardo sobre ela: o atual poder papal. E enquanto a Irlanda se prepara firmemente para impor o reconhecimento dos seus agravos, se não para manter os seus direitos, existem outros países, pequenos em território e número, que não são esquecidos. Quem não se lembra de Kossuth? Quem esqueceu a Polónia? Quem, com o espírito de liberdade, não se emociona ao recordar que, em breve, chegará a oportunidade destas pequenas nações há muito sofredoras, e que a grande hora da liberdade e do triunfo — que vem através de árdua disciplina, tribulação, mágoa e longo sofrimento — será finalmente conquistada? Este é um ano de terror para os tiranos; este é um ano de demolição total para muitas formas de servidão e também para os cobardes morais que se esquivam de declarar princípios e que se esforçam por ocultar as suas opiniões reais sob o véu da conveniência política — tudo será rasgado ao meio, pois novos mártires se juntam aos que se ergueram em nome da liberdade.

Em casa, podereis pensar que há pouco a temer. A América não está sob nenhuma forma de imperialismo, exceto o de Mammon. Digais e façais o que quiserdes, esta é uma forma de tirania que, na atualidade, é de facto muito exasperante. Mas a hora ainda não chegou; ainda não preencheu a medida total dos seus erros. O povo é ainda seu aliado; consequentemente, o

monarca não será derrubado até que o povo se aperceba de que ele é seu inimigo. Isto exigirá talvez mais um século ou dois.

Mas estes são tempos de culminação rápida, e não seria surpreendente se os cidadãos mais inteligentes desta república se erguessem um dia e declarassem, através da legislação ou de outros meios diretos, a sua liberdade do jugo dos monopólios, que são em si mesmos poderes organizados do crescimento de Mammon. Não falamos disto para vos alarmar. Muitos de vós sois capitalistas; todos vós desejaríeis sê-lo; mas está a chegar o tempo em que desejareis não o ser. A forma de uma república é amplamente favorável à humanidade; e quando a terra não for desprezada a menos que valha literalmente o seu peso em ouro, e quando o solo não for considerado desonroso se entrar em contacto com mãos humanas, e quando o grão dourado for valorizado em proporção igual ao minério de ouro, e quando o trabalho for o padrão de avaliação, tereis recuperado da vossa tirania.

Até lá, a incerteza nas finanças, a perturbação e a agitação política, as ameaças de renovação de conquistas e disputas de tempos passados serão a ordem do dia. Não há outro domínio para a política entrar agora, exceto aquele que diz respeito aos interesses vitais do povo. A escravatura foi abolida e já não é uma questão de especulação; infelizmente, o facto de assim ser levou à necessidade da guerra para a sua abolição; e se houver qualquer outro tipo de vida que sirva a Mammon em vez do escravo como propriedade, essa vida será forçada ao serviço, mesmo que seja a vossa própria. Lembrai-vos disto enquanto sofreis sob o jugo de horas de trabalho excessivo e exaustão no escritório e na oficina poeirenta; lembrai-vos disto: que Mammon reclama o que é seu, e que aqueles que o adoram, mesmo que de longe, devem sentir os grilhões da corrente até que a terra pertença ao Senhor e a sua plenitude, e até que o trabalho da mão e da fronte sejam os únicos padrões de avaliação em todo o mundo."

"Esta noite, contudo, dar-vos-emos apenas os efeitos do periélio ligados à agitação moral e espiritual. Notámos que, nos últimos meses, têm ocorrido crimes invulgares. Notareis também, talvez dentro do vosso próprio círculo de amizades, que ocorrem acontecimentos fora do comum: surgem diferentes formas de doença que confundem o médico; ocorrem mortes súbitas que parecem não ter causa adequada; encontrareis em toda a escala social uma série invulgar de eventos a desenrolarem-se, por vezes ocultos, por vezes apenas parcialmente, manifestando-se por vezes em suicídios

inesperados — cuja semente, contudo, pode ter sido lançada há muito tempo, tendo estas perturbações invulgares ajudado a amadurecer e a pôr em atividade o efeito.

Os inebriados, aqueles que são adeptos de qualquer tipo de intemperança, sentir-se-ão — e têm-se sentido, mais do que o habitual — incapazes de resistir ao demónio da sua tentação. Sede gentis, bondosos, fortes e firmes para com aqueles com quem entrardes em contacto; eles não conhecem toda a força deles, nem a vossa, enquanto vós tereis também necessidade da força de outros para vos sustentar no conflito que agora decorre, e que é um constante enfraquecimento das forças habituais da vida.

O próximo verão será penoso. Não fiquis amedrontados. Estareis preparados para o enfrentar na exata proporção em que confiardes mais nos poderes espirituais do que nos físicos, pois os poderes físicos do universo estão, neste momento, exauridos. Não haverá a quantidade habitual de força; não podereis colher das fontes habituais. As montanhas terão perdido o seu encanto; a beira-mar já não banirá a dor; as fontes medicinais terão perdido o seu valor, e o mundo estará singularmente angustiado e perturbado por falta de uma panaceia material para os males físicos. Isto é uma indicação de que vos deveis voltar para outra fonte, mais elevada. Existem formas de acalmar a dor que não são físicas, e as grandes forças magnéticas do universo estão para sempre ativas, enquanto legiões de inteligências enchem o ar superior, prontas para vos trazer auxílio e força, se tão-somente buscardes ajuda e vigor nessa direção.

O Sr. Tyndall desafia Deus, através da agência da oração, a curar os doentes numa determinada ala de um hospital; mas aquele que se aproxima da Divindade pela ponta da espada ou ao alcance de uma pistola, mesmo que seja intelectualmente, não se supõe estar na melhor condição para ser o recetor dos benefícios da oração. Aqueles que se aproximam dos serviços espirituais por vias espirituais encontrarão os remédios mais seguros. Mas cabe a todos os que estão em comunhão com essas forças superiores do universo aceitar este aviso e sugestão a tempo, e manter abertas as vias da inteligência e do auxílio espiritual, não meramente para que sirvam o vosso propósito egoísta, mas porque o auxílio espiritual é sempre o melhor.

Aprender-se-á a lição de que a ciência, quando confundida por uma lei física além do seu alcance, nada de bom pode fazer à humanidade; e, se isto não foi aprendido antes, certamente será ensinado repetidamente, até que a

lição seja plenamente apreendida. Nesta hora de triunfo material e de tentação universal, o melhor para todos vós é voltar-vos para essas fontes de força espiritual interior, convocar todos os poderes da vossa própria natureza espiritual e, de pé sobre essa eminência, podereis olhar com indiferença para o esgotamento da vida material ao vosso redor.

Seria uma especulação maravilhosa — e se pudésseis perceber que é mais do que uma especulação, uma visão maravilhosa — se os vossos olhos pudessem contemplar o que provavelmente está a transparecer nos planetas em periélio. Enquanto vós sofreis, eles rejubilam. Enquanto vós tendes mais fraqueza, eles têm mais força. Enquanto a Terra tem as suas tempestades, tornados, procelas e neves, existe ali um tempo de verão e tal maravilha, mesmo nesses planetas admiráveis, que faz todas as almas rejubilar. São habitados? Sim.

São povoados por seres como vós? Sim, se ser como vós significa ser o que vós sereis daqui a mil milhões de anos. Estão no usufruto de bênçãos físicas e materiais da vida orgânica? Sim; mas uma vida orgânica tal como vós a imaginastes no paraíso, e com formas tais como vós imaginastes que os anjos possuem, e com tal acréscimo de vida e glória resultante da sua posição atual e dos seus resultados espirituais, que, se os vossos olhos pudessem contemplá-la por um instante, a glória seria demasiado ofuscante, e se as vossas mentes a pudessem perceber, a vossa compreensão falharia.

Existe esta lei maravilhosa: no equilíbrio do sistema solar, como de todo o universo, onde uma parte está nas trevas, outra parte está na luz. Quando é noite aqui na vossa cidade, é dia na China. Quando é inverno aqui, é primavera noutro lugar, na Austrália e nas ilhas ocidentais. Assim, quando estais sob a sombra desta grande e maravilhosa vaga que varre o sistema solar, eles estão no auge da sua luz, da sua glória e da sua bênção. Algures no tempo, a Terra também lá estará; algures no tempo da sua revolução surgirá uma hora em que, política, espiritual, social e fisicamente, o mundo será redimido.

No tempo em que o sol lançar a sua maior luz sobre vós e os esplendores espirituais também derramarem as suas maravilhas; no tempo em que também a antiga fome da morte se tiver saciado e todos os terrores tiverem partido das teologias e dos túmulos e sepulcros da vergonha e do crime humanos. Será algo maior do que aquilo que foi o símbolo de toda a esperança humana quando Cristo ressuscitou do sepulcro; e será a hora em

que a Terra se erguerá sob algum dia e ano de periélio, quando o seu sol se tiver levantado e a sua luz não for extinta; quando a glória e a força de uma nova verdade tiverem capturado as mentes dos seus habitantes, e quando, com pleno poder e esplendor, as hostes espirituais afluírem sobre vós — a própria preparação para a qual elas estão a fazer nesta hora. Pois no dia da dor vem o consolador, e quando o consolador vier, o espírito da verdade virá para habitar; e todos os planetas e mundos, espiritual e materialmente, são redimidos por esta mesma luz, cujo símbolo é o sol, mas cuja alma real é a alma do universo para sempre.

Tomai tempo; abri espaço; dai o aviso; pois todas as vozes da terra estão sobre vós. E isto, embora descrito pelos antigos sábios como o fim do mundo, e embora acreditado por algumas formas de adoradores modernos como o tempo literal para a dissolução de todas as coisas, não é o que se pretende dizer. Pois nesse símbolo maravilhoso que a maior das pirâmides revela — o símbolo do presente ano, 1881 e meio — há uma ilustração típica do antigo "ano longo", que significa o período da revolução do sistema solar em torno do sol central, Alcyone, e do qual este ano é a culminação a partir de um ponto dado na história egípcia. Agora notai: ocorre no tempo do periélio; ocorre quando todas estas forças físicas, morais e espirituais exercem um domínio tão maravilhoso sobre a Terra; e ocorre também quando o Espiritualismo atinge o seu trigésimo terceiro ano, que foi o ano típico de Cristo.

Buda, no seu trigésimo terceiro ano, recebeu a revelação maravilhosa do Nirvana. Jesus, no seu trigésimo terceiro ano, foi crucificado e ascendeu ao céu. E o espírito do Espiritualismo, neste momento, anuncia-vos uma época nova e mais elevada na sua história e, rompendo com os túmulos e sepulcros do passado, dar-se-á a conhecer às multidões em fuga que tentam escapar da treva da incerteza que rodeia o futuro num tempo de provação física.

Se terramotos, tornados e epidemias estiverem sobre vós, não clamareis pelo nome dessa treva que significa aniquilação, ou desse terror que significa tortura eterna, mas pelo nome de Deus, cujos anjos ministradores estão convosco, que vos cercam com as suas asas de luz e misericórdia, e que vos elevam e sustentam. Na hora da provação, durante a guerra da rebelião, o Espiritualismo assistiu muitas centenas de milhares de lares cujos filhos tinham partido — os seus primogénitos — e foram mortos sob o jugo de Moloch, o rei da escravatura. Ecoa por toda a terra outro grito, e aqueles que choram e aqueles que estão em angústia não se voltarão nem para uma

natureza cega e muda, sem voz para o seu grito e sem sentido para a sua queixa, nem para um Deus distante e irado, mas para o Pai amoroso que vos envolve e de quem estes anjos brilhantes são ministros."

PRINCÍPIOS AFIRMATIVOS DA IGREJA DA ALMA

No Encontro do Novo Pensamento de Chicago, Domingo, 11 de março de 1906

É nosso costume habitual abrir cada alocução dando voz ao silêncio; juntar-vos-eis, portanto, numa Invocação:

Ao Infinito: Amor e Sabedoria, Deus Mãe-Pai, curvamo-nos em louvor; perante o altar visível do universo Visível voltamo-nos, sabendo que átomos, mundos, sistemas e sóis são governados pela lei Infinita, pelo propósito Divino; e para essa majestade de mundos em movimento, para esse esplendor de noites estreladas, para a glória inefável do dia, voltamo-nos em louvor. Mas perante aquele outro altar, invisível, perante o santuário eterno, perante aquilo que está dentro da alma, curvamo-nos em silêncio, sabendo que ali reside a resposta para cada anseio; ali a resposta para cada necessidade; e louvamos sem cessar. Amém.

Sr. Presidente e Membros da Federação:

Não como representante oficial da Igreja da Alma, mas, no entanto, como seu fundador e pastor que enunciou os seus princípios, e como alguém que é um com a Federação e com os pensamentos que aqui são representados, o vosso orador apresenta-se diante de vós.

Ao declarar os princípios afirmativos de uma sociedade, não se deve esquecer que existem princípios universais que, por mais bem conhecidos que sejam, exigem iteração e reiteração. A Infinitude de Deus é uma proposição indiscutível em todo o mundo, quer estejamos na Índia, na China ou aqui, nas próprias antípodas. Mas nem sempre nos lembramos disto. As pessoas no mundo exterior, regra geral, vivem inteiramente em corpos e coisas e não sabem que, se perfurarmos a natureza em qualquer lugar, encontramos vida, e se sondarmos essa vida ainda mais profundamente, encontramos a lei, e onde quer que encontremos a lei, encontramos inteligência, e a inteligência que é universal é Deus.

As pessoas nem sempre se lembram de que a alma é imortal, que viemos de lá e para lá vamos, que esta é uma porção da eternidade. Por isso, é necessário afirmar repetidamente que os homens não são casas de argila; que as pessoas não são as habitações em que vivem. Portanto, é preciso lembrá-las para sempre de que, se penetrarem na humanidade em qualquer lugar, encontrarão a alma. Se quiserem saber do homem, da humanidade mais profunda e divina, devem lembrar-se sempre de que a alma está aqui.

O Dr. Thomas disse: "As pessoas falam da eternidade como algo em que estamos a entrar". Nós dizemos: isto é a eternidade, aqui e agora. Quando Vivekananda veio com a grande mensagem do Oriente para o Ocidente, contando às nações cristãs as verdades mais sublimes do Cristianismo, e realizando um grande trabalho entre os pagãos de Chicago, ele disse que as pessoas aqui costumavam dizer: "O homem é, e tem uma alma". Como se a alma fosse uma espécie de apêndice da raça humana. Enquanto a verdade é que todos são almas e têm o uso, temporariamente, dos seus instrumentos materiais, ou formas, que usam mais ou menos perfeitamente, de acordo com o seu domínio sobre eles. As pessoas esquecem-se disto ao falar da vida humana, por isso é necessário e preciso que sejam lembradas de que são almas e possuem corpos humanos. A Igreja da Alma defende isto.

Depois, há outras verdades grandes e vivas. Entre elas, aquela pela qual todos nos esforçamos, cada um fazendo o seu máximo, aquilo que está nos pensamentos e mentes de todas as pessoas pensantes: a Fraternidade das Nações, mas que só pode vir pelo reconhecimento da fraternidade das almas. Assim, devemos deixar de acreditar em qualquer imortalidade exclusiva, em qualquer separação de qualquer classe no "Reino dos Céus". Portanto, o que é representado pelo vosso orador esta noite é: a Fraternidade das Almas primeiro, que deve necessariamente produzir uma fraternidade de nações na terra.

Pois, tal como as almas estiveram separadas devido à sua falta de conhecimento do amor infinito e umas das outras, assim são atraídas para um maior reconhecimento de Deus e umas das outras ao saberem mais sobre a alma e ao esquecerem as limitações do pó. Estes três essenciais: a Infinitude de Deus, a eternidade da alma e a fraternidade de todos os seres humanos na terra e noutros mundos, ou onde quer que estejam: estes constituem as bases de todas as religiões e são os fatores essenciais nas religiões do mundo.

Quando o D. Pratt disse, "pessoas seriamente mortas" [dead earnest], queríamos que ele dissesse, pessoas seriamente vivas. Queremos falar sobre o interesse vivo e sério no trabalho das pessoas vivas. Naturalmente, a "Imortalidade" e a "vida eterna" futura não preocupam aqueles que estão vivos agora e a viver aqui; aqueles que sabem, aqueles que compreendem — o grande conhecimento que está a chegar à raça humana — que as vias de informação se abrem para cima e para dentro, de acordo com a perceção humana.

Não ficamos atrás de ninguém na nossa admiração pelas ciências e pelo conhecimento que delas deve advir. Mas, como disse o Dr. Pratt, "Se fecharmos as portas da Intuição, fechamos a via do conhecimento" — do conhecimento *a priori*, daquele que vem à raça humana de saber que sabe. Emerson disse: "a evidência da imortalidade não deve ser dada ao intelecto, esse conhecimento está no espírito despertado da compreensão". Se o espírito for despertado, não só não temos preocupação com a imortalidade, como estamos perfeitamente conscientes de que aqui e agora é a eternidade, que a eternidade se estende para trás e para a frente num grau ilimitado.

Os princípios básicos e objetivos da Igreja da Alma são superar o erro com a Verdade. É um princípio bem conhecido entre os agricultores que, se plantarmos a melhor semente, aquilo que não presta desaparecerá. As ervas daninhas são mais facilmente expulsas semeando relva e cereais do que de qualquer outra forma, portanto, abundância de semente garantirá uma colheita.

Superar o ódio com o Amor é o mandato divino de todas as pessoas divinas. Nós defendemos isto; temos de o fazer, não há outro caminho. Não podemos usar as armas do mundo para conquistar o mundo. Apenas armas divinas são dadas. Estas devem estar centradas na grande vida-Cristo ou amor, qualquer que seja o nome que escolham chamar-lhe, Buda ou outro. Mas o que quer que represente o mais alto grau desse amor na terra, esse é o nome.

Depois, sabemos que a injustiça desaparece com a justiça; e a primeira, última e maior conquista é a superação do egoísmo e da procura do "eu" pelo esquecimento de si mesmo. Muitos denominam-no "sacrifício pessoal". Mas a palavra sacrifício mostra que estamos demasiado conscientes de estar a fazer algo. Dizem: "Sacrifiquei tanto pela Verdade". O que diz a Verdade em troca? Alguém que está consciente de fazer um sacrifício pela Verdade não

encontrou a verdade. Pois tão perfeito e supremo é aquilo que a verdade traz, devido à sua posse, que não se pode fazer um sacrifício. É um triunfo acrescido, uma posse acrescida. O esquecimento de si na busca da verdade, no benefício de outrem, é a grande conquista; até aquilo que procura sob o disfarce do sacrifício pessoal torna-se, passado algum tempo, esquecimento de si. Portanto, precisamos que estas coisas cheguem às pessoas da terra e sejam novamente reiteradas.

Olhamos para o tempo presente como sendo a recorrência de um daqueles grandes ciclos Espirituais que visitam a terra periodicamente, e que são conhecidos no reino da alma como culminações. Porque, tal como sabemos que os planetas são governados por leis e estes se movem em certos ciclos, se compreendêssemos melhor a lei que controla o sol, saberíamos melhor o significado das condições atmosféricas da terra; e se soubéssemos melhor sobre aquele sol mais distante, longe, além das Plêiades, talvez, em torno do qual este sistema solar se move, e outros sistemas revolvem, saberíamos mais sobre a Terra e as suas condições e sobre este sistema solar.

A seu tempo, quando essas vibrações etéricas Invisíveis alcançarem Marte, e essas vibrações de pensamento forem traduzidas adequadamente, saberemos ainda mais sobre esses planetas que ainda não são compreendidos; mas quando soubermos, quando compreendermos tudo isto intelectualmente, se não estivermos conscientes da grande relação das almas, teremos pouco conhecimento. Portanto, quando soubermos mais sobre as vidas, devemos saber mais sobre o que está mais próximo; quando soubermos mais sobre as almas individuais, devemos saber a sua relação com o Infinito; devemos manter para sempre em mente o espírito desse conhecimento, sabendo que as almas estão correlacionadas pela sua relação com o Infinito.

Isto não só permitirá às pessoas governar as suas próprias vidas, mas torná-las-á cada vez menos temerosas das sombras dos sentidos; torná-las-á inconscientes da morte, torná-las-á inconscientes de tudo exceto da vida; que a passagem da forma é apenas outro estado de existência, não! é simplesmente como uma mudança de vida. Sendo esta vida contínua, não pode haver perda. Que, tal como o Infinito é imanente em todas as vidas, como toda a vida é a culminação no seu ser absoluto do Infinito, assim todas as almas são imanentes umas às outras, e o tempo e o espaço, o nascimento e a morte, e todas as condições humanas que são transitórias não afetam

estas relações de almas; que aqueles que estão vivos aqui, no tempo e nos sentidos, quer estejam separados por oceanos e montanhas, estão, no entanto, próximos em simpatia.

Descobrimos que, à medida que os sistemas de ciência melhoram e há um conhecimento crescente das leis materiais, assim chamadas, as pessoas estão a tornar-se cada vez mais prontas para ter conhecimento desses métodos internos e superiores. Supondo que o sistema Marconi tivesse sido pregado ou anunciado ao mundo antes da telegrafia ter existido na sua forma mais rudimentar; ninguém estaria pronto para a telegrafia sem fios. Teve de haver telegrafia com fios primeiro, pois as pessoas não poderiam de outra forma ser alertadas para essas maravilhosas vibrações de círculos elétricos que saem e saem até encontrarem vibrações afins.

Porque existe um "transmissor" e porque existe um "recetor" sintonizados um com o outro, esses fios maravilhosos são dispensados, e a atmosfera e os éteres mais finos tornam-se o meio de transmissão da mensagem. A seu tempo, as pessoas saberão a transmissão da inteligência. Compreenderão o significado destes "silêncios" que são tão valiosos; compreenderão o ato de se retirarem para a comunhão interior uns com os outros.

Quantas vezes pessoas que são semelhantes; marido e mulher, irmão e irmã ou amigo e amigo, estarão sentados juntos quando um dirá: "Estava precisamente a pensar em fulano". "Ora! isso é muito estranho", diz o outro, "pois eu estava prestes a pronunciar o nome dele também". Isto, em linguagem moderna, é chamado de "Telepatia". Mas é esse mesmo tipo de Inteligência que, sendo imanente, prova que não há tempo, nem espaço, nem separação para aqueles que estão em simpatia. Brevemente, alguém sentado em Londres enviar-vos-á um pensamento aqui em Chicago e, como não há tempo nem espaço para o pensamento, recebê-lo-eis tão bem como se essa pessoa estivesse sentada na sala ao lado ou na cadeira ao lado.

Porque onde um está em harmonia com outro, compreendereis que não pode haver limitações de tempo e espaço. Este instrumento (um piano na sala) aqui, sintonizado a uma certa vibração, fará com que outro instrumento sintonizado precisamente na mesma vibração responda, mesmo noutra sala. Tocai uma nota aqui e haverá o som da nota responsiva ali. As vidas são assim sintonizadas e tocadas pelas Grandes fontes Invisíveis de Inteligência, até que um homem na América descobre uma "invenção", assim chamada, e outro na

Europa descobre a mesma coisa ao mesmo tempo; então há uma acusação de infração, mas não é assim. O que impedirá aqueles que estão na mesma condição mental ou psíquica de receber a mesma ideia ou princípio que está no universo da inteligência? Apenas é necessário que o "recetor" esteja em harmonia com o "transmissor".

Existem apenas duas fontes de inteligência: a Infinita e a finita, e a finita está apenas a um grau de distância da Infinita. Se alguém tem uma ideia, deve ser de uma inteligência finita com a qual essa mente está em sintonia (*en rapport*), ou deve ser da inteligência Infinita. Outras mentes que estejam num estado semelhante receberão a mesma ideia. Poetas de todo o mundo deram expressão aos mesmos pensamentos, por vezes quase com as mesmas palavras, conferindo à acusação de plágio grande plausibilidade.

Isto pode ser facilmente compreendido; porque se houver uma palavra ou forma de discurso perfeita para a expressão de uma ideia perfeita, duas mentes podem usar a mesma forma de discurso para a expressão da mesma ideia perfeita. Não pode haver duas perfeições. Se fosse possível que houvesse duas pessoas capazes de expressar os seus pensamentos na linguagem mais perfeita, sendo ambas capazes de perceber um pensamento perfeito, esse pensamento chegaria a cada uma, talvez, da mesma fonte.

O místico dir-vos-á: "a Regra de Ouro não é nada. A Regra de Ouro foi pregada antes de Jesus vir; encontramos o seu sinónimo nos ensinamentos de Confúcio, encontramo-la muito atrás nos escritos de Zoroastro, e encontramo-la em muitas das escrituras dos antigos". Mas nós dizemos: tanto melhor. Quem quer que tenha estado na mesma altura receberá a mesma mensagem. Debaixo da árvore de Buda, não participou Buda das mesmas condições de rapto que Jesus no Monte da Transfiguração? Não estão todos em alturas iguais em condições semelhantes? Deverá um neutralizar o outro? Pelo contrário, isto é apenas evidência adicional: altura somada à altura e glória à glória. Quem quer que, não tendo ouvido falar do Monte das Oliveiras, dê o Sermão no Monte da Paz hoje, também tocará essa altura.

Não o compreendemos? Não percebemos que todos aqueles que se voltam para a luz devem, cada um e todos, num determinado momento, receber a mesma inspiração? Reivindicaremos nesta pequena sala, ou nas nossas próprias pequenas ministrações da igreja, que temos toda a Verdade, e a única Verdade? Não compreenderemos que aqueles que caminham para o

mesmo objetivo devem receber a sua orientação da mesma luz? Não compreenderemos também que, em cada um destes ciclos de verdade espiritual, vêm efusões semelhantes do espírito sobre a terra?

Como disse há instantes: compreendemos pela astronomia a que horas certos cometas devem chegar; estamos cientes do tempo do periélio e afélio dos planetas, e de certas condições que resultam das suas posições e relações com o sol e outros planetas. Então, por que não destas maiores leis espirituais? Por que não daquelas vidas que se movem como orbes de esplendor sobre a terra e passam para os seus lugares designados, ainda segurando a luz e levando a mensagem?

Não é o Cristo morto que os homens procuram em Jerusalém. "Nem no monte nem em Jerusalém adoram os homens", mas o espírito de Deus que está em todo o lugar. Nem é ao olhar para trás que encontramos sempre a melhor mensagem. Poderiam alimentar os famintos de Chicago com o trigo que José guardou para os Egípcios e seus irmãos? Não! O trigo que cresce nestas vastas pradarias é vosso. É outra colheita, e o grande ciclo do tempo trouxe de volta o grande desdobramento deste vasto celeiro do mundo. Procuraremos, portanto, sustento espiritual apenas no passado? Não está o "Deus Vivo" tão perto hoje como outrora? Não há outro para tirar este povo da escravidão, tal como Moisés? Não está o Olivete muito perto daqueles que o procuram? Não são aqueles anjos que brilharam no Olivete durante a noite ainda os ministrantes? Não chegam eles até vós aqui, tal como lá, através daquelas vibrações inefáveis, mas Invisíveis?

"Todas as casas", disse o poeta, "em que os homens viveram e morreram são casas assombradas". Mas não são assombradas por fantasmas, são assombradas por seres vivos e imortais. Neste grande e maravilhoso "silêncio" onde atravessais o visível, assim chamado, e entrais no invisível, não vos afastais para o "reino do céu"; não passais a fronteira do tempo e dos sentidos para o mundo superior, mas ele é aqui e agora. "Milhões de seres espirituais caminham pela terra invisíveis, tanto quando estais acordados como quando dormis".

Milton, Hesíodo, todos os poetas viram e compreenderam isto e esta grande pulsação da infinidade que vos alcança de longe. Quem era na pequena Corte de Weimar onde Goethe e Schiller deram os primeiros vislumbres daquele período maravilhoso e místico que estava a chegar à Alemanha?

Quem foi que, a partir de um maravilhoso silêncio do espírito, deu a conhecer através das vozes dos poetas ("Os Mistérios da Reminiscência", de Schiller), as perceções divinas que transcendem todo o conhecimento exterior? Não perpetuaremos e manteremos estas vozes abertas? Não encontraremos também a ministração de Deus e as ministrações das almas próximas? Não estenderemos esses braços invisíveis, apelando a tais que anseiam e desejam ministrar? Através do mar, a mãe ouve a voz do seu filho; não é uma voz física, mas o grande amor que chama e, por vezes, faz sinal.

Afirmamos que o valor disto é agudo; que não é em vão, que nenhuma alma estende a mão a outra pedindo ajuda e dando ajuda, que não seja respondida. Nada pode falhar-vos que seja vosso. Nada pode deixar de vos alcançar que vos pertença. Mas o que não vos alcança pode ser a palavra exterior, a mensagem falada, a carta interrompida, a comunicação por telégrafo; mas as grandes forças Invisíveis, embora palpáveis, do universo trazem-vos o pensamento e o amor que é vosso na sua abundância e na sua plenitude. Hoje o mundo está a colher esta safra. A ciência não teria tal colheita hoje se não fosse por estas forças impulsionadoras da terra que vêm de dentro. Não! Na sua forma mais externa, na sua análise mais crua, o materialista pode descobrir que não há nada na sua tese sem a alma que está além.

Gostámos do que o vosso presidente disse sobre a fé. Não é cegueira, mas conhecimento porque os olhos da alma estão abertos. É aquilo que a alma sabe, as coisas que são percebidas. A fé é o conhecimento *a priori* da alma. É aquilo que sabeis porque sabeis, e é porque o sabeis da autoridade mais alta, a alma, e a eternidade dentro da alma. Portanto, ao falar destas coisas — e a voz as proclama — o poder que pertence ao reino Invisível, mas palpável, é o poder, não só do Omnipotente, mas de cada vida humana, e cada vida humana tem direito à sua atividade mais elevada, aos seus esforços mais nobres no domínio que é potencial. Cegamente e surdamente têm as pessoas caminhado. Agora já não são obrigadas a ser cegas e surdas. Se as pessoas têm sido guiadas pelos sentidos, já não são obrigadas a ser guiadas pelos sentidos e pelos engodos do pó. O tipo de vida que pertence a esta era é o da grande renovação da vida.

Estamos agora a aproximar-nos de um daqueles grandes ciclos recorrentes. É-nos dito não só pelas atuais condições planetárias, mas por aquilo que é conhecido do conhecimento do ciclo desde o tempo dos astrónomos e tábuas do Egito. Compreendemos que o grande ciclo está

prestes a vencer no tempo presente. Será um cataclismo físico que atingirá apenas o mundo exterior e não pertencerá ao mundo superior e interior? Não haverá uma agitação mental correspondente como as perturbações físicas, vulcões e terramotos? De facto, o que pertence à "nova terra" pertence também ao "novo céu". Sim! É o Novo Céu que precede a Nova Terra. "E vi um Novo Céu e uma Nova Terra". O que significa que o espírito vem primeiro e o material responderá.

Cada nova reforma, cada novo crescimento de pensamento que chega ao mundo é precedido pelo espírito do mesmo. Não se constrói primeiro o corpo e depois se sopra nele um espírito, mas o espírito impele o corpo para fora e então a vida segue-se. Assim, onde todas as coisas estão a agitar-se na vida humana, esta grande mudança de ciclo está sobre a terra. O novo período Messiânico está prestes a ser. O novo Cristo na humanidade vai nascer, o novo dia de anúncio está aqui. Não a forma visível talvez, não aquilo que será na grande humanidade reconstruída, mas cada vida humana está a carregar a sua profecia deste Novo Reino do Céu que está a chegar à terra.

Achais que pertence simplesmente a casas e terras, à existência física e à guerra entre nações? Sim! O Conde Tolstoi respira paz no meio de uma grande revolução. Vidas brotam do meio das sombras para declarar a luz. Os grandes elementos estão aqui para promover a paz entre as nações, enquanto ainda existem vastos preparativos para a guerra. Aquilo que encontra a humanidade nos bairros degradados, como faz Jane Addams. Aquilo que canta o povo para fora das sombras, como faz o Exército de Salvação. Aquilo que os alcança nas suas próprias condições, como fazem alguns destes pensamentos que estão a sair para o mundo. Mostrando os sinais da grande vida nova, e indicando que o grande ciclo está aqui.

Quem são os anunciadores? Eles surgem de muitos lugares humildes, encontram-se em muitas esferas da vida, escrevem livros e poemas, declaram-no na literatura do mundo; isto infiltra-se em cada departamento da vida. Não se pode pegar num livro, ou ler uma página em qualquer volume, que não contenha os seus prenúncios. Mesmo que existam "falsos cristos", como são chamados, e "falsos profetas", nunca houve uma sombra sem a luz, nunca houve aquilo que se diz ser falso sem o verdadeiro. Nenhuma moeda que não existe foi alguma vez falsificada; e aqueles que confundem a sua pequena quantidade de inspiração com a inspiração messiânica apenas confundiram a sua proporção da luz. É muito fácil para qualquer pessoa sentir-se muito exaltada por uma pequena inspiração. Então, como deve ser

quando a grande maré cheia destas forças invisíveis é libertada sobre o mundo e esses poderes que estão na vida humana são fortalecidos para avançar?

Houve um tempo em que não sabíeis que estáveis a respirar oxigénio, e houve um tempo em que não sabíeis quão grande é a percentagem dele que é destruída no próprio ar que respirais nas vossas habitações. Como, então, sabereis a quantidade de intuição que dia após dia é exercida no vosso meio? Como, então, saberão as pessoas das grandes forças espirituais dos seus próprios seres que, subjacentes aos obstáculos da vida humana, pressionam para fora em cada esforço bendito, em cada coisa bela e útil?

As manifestações de Deus estão no universo, mas Deus é a voz da alma. Não sabeis nada sobre Deus a partir do universo material; esse conhecimento não está lá. O grande livro da natureza é para homens de ciência como o nosso amigo aqui, mas ele não encontrou Alma, Deus ou Intuição lá. Ele dir-vos-á isso. O materialista para aí. Mas a voz de Deus vem da alma; a sua via é a Intuição e a sua voz é o pensamento da humanidade. Escutai-a; ela acena-vos para sempre e sempre, diz-vos que não há alma que alguma vez tenha encontrado expressão na vida humana que ainda não exista, dando voz a essa voz de Deus algures, em qualquer lugar, neste mundo ou noutros mundos. O tempo e o espaço nada são, mas através destas barreiras que parecem intervir, esta grande maré cheia é vossa.

Devereis fechar a única via através da qual sabeis absolutamente alguma coisa? Nenhuma observação da ciência, nenhum *experimentum* (...) no próprio cadinho da química, nenhuma análise pela matemática vos pode dar este conhecimento que é impalpável, evasivo, que nenhum químico pode analisar; este algo que faz com que o vosso corpo não seja quimicamente diferente amanhã do que é hoje, e no entanto amanhã pode ser o que se chama morto. Hoje, o que quer que sejais vós, isso possui conhecimento e permeia a vossa forma com a sua inteligência e atividade, permeia-a com a sua beleza e graciosidade, o que torna a vossa vida dominante; mas nada fará por ela amanhã se for convocado para o estado interior e superior.

Portanto, é este estado que vos está a solicitar e a chamar-vos sempre para as câmaras superiores do vosso ser. Já alguma vez estiveram numa mina de carvão? (O vosso orador já esteve.) Se sim, viram pessoas a existir lá, e sabem que são vidas pulsantes, pensantes e amorosas; e há pessoas no mundo que pensam que essas vidas têm direito a algum grau de sol e de ar

fresco. Assim, nestas habitações que estão abaixo do nível da intuição, se alguém vos disser que há outra porção mais alta da habitação, que há uma grande extensão de vida de que nada sabeis, que tendes o vosso lugar nas muitas moradas da casa do Pai, e que não precisais de morrer lá em baixo para as alcançar, que não tendes senão de ocupar estas muitas moradas enquanto estais aqui. Habitai o melhor que é vosso, das intuições, da Inteligência que está a ligar as vossas vidas, e a perspetiva será muito melhor para a vida.

O Sr. Ingersoll disse: "Um mundo de cada vez é suficiente para mim". Mas se esse mundo for uma cave, não é suficiente. Se vivem num rés-do-chão, não é suficiente. Lá em baixo (nos andares inferiores do Templo Maçónico) eles não poderiam ver aquela lua brilhante de que o nosso amigo (Dr. Pratt) acabou de falar, nem a bela radiância cintilante que a lua lançou sobre o lago; mas aqui, mais no alto, podem ver tudo. Assim, nesta altitude da alma, podem ver a humanidade muito melhor; podem compreender a vida muito melhor.

Muitas pessoas cruzaram o oceano apenas para subir aos Alpes ou às Montanhas Rochosas com o propósito da vista. Subi ao Monte da Transfiguração, ao Monte das Oliveiras; subi à altura de Gaya e vede que visão da vida existe lá; vede as almas, aquelas que subiram "através de grande tribulação", com o "novo nome" nas suas testas, a "pedra branca" do amor imortal. Porque não o deveriam fazer? Esta grande altura não só não torna as pessoas inaptas para a vida diária, como torna cada dever mais claro e forte; é a medida maior de saber que o próximo passo é todo o passo que pode ser dado; é a medida maior de compreender que a terra tem direito ao melhor, em vez de ao pior, da vida humana.

Tudo o que pretendemos defender é que os seres humanos expressem todos os dias o melhor que sabem. Nenhum Deus, nenhum anjo, nenhum espírito, nenhum ser humano pode pedir mais nada.

O melhor que sabeis hoje; amanhã poderá haver outras alturas, outras conquistas, mas hoje, o mais alto que sabeis. E esse mais alto não consiste simplesmente no conhecimento das coisas pertencentes à "melhor" expressão; porque se o conhecimento estiver lá, a expressão virá. Fazer o bem é o resultado de conhecer perfeitamente o bem. Começamos na outra extremidade da linha em relação ao que é habitualmente ensinado; começamos com o saber e depois o fazer, preceito e exemplo. Mas

conhecimento antes que o preceito possa ser dado. O crescimento da planta é de dentro para fora; o sol exterior brilha sobre ela como o Amor infinito e incita-a a sair.

Queridos amigos, estas alturas não estão longe noutro reino qualquer, não são "inatingíveis", não são coisas que são ténues, distantes ou vagas. As coisas ocultas só são misteriosas porque não são habituais. Mas é ao "caminho pouco frequentado" que se apela agora; é a voz junto a essa porta pouco frequentada que está a chamar a humanidade! Pode estar coberta de silvas e espinheiros, mas é a voz do espírito, a luz da alma, a Inteligência divina suplicando-vos que habitem as vossas muitas moradas aqui e agora.

Façam-nas, criem-nas. Vós estais a construir as vossas habitações agora; não do pó, que se desmoronará, não de coisas materiais que passarão em ciclones ou terramotos, ou tempestades, ou pelo endurecimento do tempo, mas as grandes coisas Impalpáveis, Invisíveis e eternas que perduram para sempre. Apelamos a isto dentro de vós, pedimos-vos que façam esta estrutura; sabemos que estais a ajudar a construí-la, e cada um que constrói traz ao Mestre Construtor a coisa mais perfeita que conhece.

É por isso que é melhor reunirmo-nos. É por isso que o Novo Pensamento reivindica o melhor que tendes. Deveis dá-lo, não apenas na vida diária, mas quando vos reunis; o melhor que sabeis, o melhor que tendes, o mais alto esforço em direção à colheita da verdade.

Vinde para esta habitação maior, pois tal como todos os templos na antiguidade estavam sobre alturas em símbolo, e a jornada até lá era o esquecimento de si mesmo, assim toda a construção espiritual deve ser em direção ao mais alto que a humanidade espera de vós. Apresenta o artista para exposição o seu primeiro quadro imperfeito? Pedem os escultores que olheis para as experiências nos seus estúdios? Está o químico satisfeito em exibir o que poderiam ser chamados os seus fracassos, que são apenas degraus? Não! Ele diz: "Encontrei-o, isto é o que desejo que vejam, não importa por que caminhos vim, não importa por que experiências o alcancei, aqui está". Esta é a altura, esta é a verdade perfeita, esta é a única conquista. Chamai-lhe o que quiserdes, mas na sua divindade e na sua perfeição, é a profecia da raça humana perfeita.

Jesus nunca declarou nada impraticável. Ouvireis por vezes que estas coisas, como a Regra de Ouro, nunca foram destinadas a ser praticadas. Então elas nunca teriam sido anunciadas. Aquilo que é anunciado e seguido

por um é a profecia para toda a raça humana. Ouvis uma canção algures e desejais cantá-la; ouvis uma sinfonia divina algures e desejais compor uma; ouvis falar de uma vida que é perfeita; algum dia a vossa vida será perfeita, e algures e algum tempo nesta terra o grande anseio será cumprido, e o que vier depois será um cumprimento acrescido. Pois se pelas encostas da eternidade, ou através dos espaços, houver algum planeta tão obscuro e sombrio como esta terra, algum dia e algures nos grandes ciclos da eternidade vós também podereis subir às alturas como Buda o fez, ou como Jesus o fez, e dizer ao povo desse mundo sombrio: vinde para a morada do meu Pai; vinde para as "habitações não feitas por mãos, eternas nos céus".

UMA PERSPETIVA RELIGIOSA

Chicago, Illinois, Domingo, 14 de novembro de 1875

Amigos, escolhemos para tema do nosso discurso desta tarde algumas reflexões sobre o aspeto atual da religião na Europa e na América, sob o ponto de vista do Espiritualismo. Neste momento, a vossa atenção é chamada para uma vaga de pensamento religioso que está a começar na costa do Atlântico, neste país. Referimo-nos ao que é habitualmente chamado e considerado entre vós como um reavivamento da religião. A mesma vaga varreu recentemente a Inglaterra.

Infelizmente, ou felizmente, conforme a forma como prefiram considerar, esta vaga de reavivamento religioso aplica-se apenas às próprias igrejas. O recente reavivamento na Grã-Bretanha foi um reavivamento entre as denominações das religiões cristãs e, como tal, oferece prova ampla de algum tipo de poder religioso naquele país. A atual vaga de pensamento religioso que começa nas cidades do Atlântico oferece prova de algum tipo de fervor religioso ali. Que tipo é, esperamos ser capazes de vos mostrar no decurso destas breves observações.

Mas primeiro devemos apresentar-vos uma breve perspetiva do aspeto religioso no Velho Mundo. Estais cientes de qual é a condição de Roma; que, privada do seu poder temporal, procura por todos os meios possíveis reinstalar-se através do alargamento do seu domínio espiritual, principalmente pelos emissários que emprega noutros países — emissários que atuam sob as suas ordens e obedecem às suas instruções. A Inglaterra é atualmente o ponto objetivo das operações da Igreja de Roma. Quando

recordais que um ex-primeiro-ministro considera necessário escrever um panfleto religioso na Inglaterra a fim de travar o progresso do Catolicismo Romano ali, podeis considerar que o momento presente é grave, e que o aspeto da religião na Inglaterra não é tão favorável ao Protestantismo como, talvez, ela vos fizesse imaginar.

Quando o Sr. Gladstone acredita ser necessário, após cessar as funções do seu cargo, escrever de forma definida e decisiva sobre a preservação da Igreja Protestante Inglesa face às usurpações do poder Católico Romano, tratam-se de usurpações que vale a pena considerar e que são perigosas para a igreja. Quando o principal estadista da Europa considera seu dever instruir o seu monarca, Frederico Guilherme, a empregar a força do exército da Alemanha com o propósito de impedir oferendas e cerimónias jesuíticas nesse império recém-criado, podeis considerar que a Igreja Católica Romana é um poder que ainda é temido; e quando esse mesmo monarca considera seu dever dizer que é o campeão autorizado da igreja protestante, e que a ele, sob a proteção de Deus, é permitido sustentá-la, e que a sustenta pedindo a toda a Europa que se arme numa base de guerra em tempo de paz, podeis saber que a igreja Católica Romana ainda é um poder que a igreja Protestante teme. E quando a Europa Protestante é obrigada a colocar os seus exércitos em pé de guerra em tempo de paz para se proteger contra as usurpações secretas e abertas do seu antigo inimigo, podeis considerar que o aspeto religioso é deveras muito sério.

Na sua maior parte, a religião na Europa está dividida em Católica Romana, Protestante e dissidente. O Catolicismo Romano, como sabeis, prevalece na parte sul da Europa, enquanto o Protestantismo prevalece na parte norte e ocidental, estando a porção dissidente do pensamento religioso confinada principalmente à Inglaterra.

Mas com Renan na França, Strauss na Alemanha e Colenso na Inglaterra, interpretando variadamente as escrituras e desafiando ousadamente o pensamento religioso estabelecido na Europa, a igreja está em perigo devido às suas próprias dissensões e à audaz liberdade de expressão e de escrita que estes homens, nas suas várias formas, exercem com tal poder. Compreendeis que Strauss, na Alemanha, é a culminação amadurecida da escola de pensamento da qual Kant e os seus seguidores foram o início, e que ele não só desafiou todo o sistema de interpretação protestante das escrituras, mas os próprios fundamentos dessas escrituras. Compreendeis que Renan, na França, publicou ousadamente num país Católico Romano não só uma obra

sobre a religião do Cristianismo e a vida de Jesus — que em si mesma é mais audaz do que a maioria das declarações protestantes — mas interpreta de uma forma bastante diferente dos métodos habituais de interpretação religiosa muitos dos principais fundamentos das fés Católica Romana e Protestante. Compreendeis que o Bispo Colenso, na Inglaterra, desafiou destemidamente a interpretação e tradução de muitas porções do Antigo Testamento, e que ele ainda mantém as suas ordens na Igreja de Inglaterra e o seu cargo como bispo nessa igreja, embora declare que os erros na atual versão da Bíblia Protestante são suficientes para produzir uma revolução inteira no mundo religioso se esse livro fosse devidamente interpretado.

Compreendereis também que as várias divisões na própria igreja ameaçam o seu derrube na Inglaterra; pois a igreja oficial de Inglaterra está dividida em três secções, a saber: a igreja ritualista, que aperta secretamente as mãos ao papa em Roma, e muitos de cujos clérigos têm ordens secretas do papa; por outras palavras, a "high church" (alta igreja) de Inglaterra, como é chamada, que é apenas uma forma modificada — na verdade, escassamente modificada — do Catolicismo Romano; a "low church" (baixa igreja), que é tão amarga e vingativa como sempre foi na sua oposição ao poder Católico Romano, mas que está atada de pés e mãos entre o ritualismo, que é o ramo Católico Romano da igreja Episcopal, e o "broad churchism" (latitudinarismo), a terceira secção, que é o ramo da infidelidade dentro da Igreja de Inglaterra; pois deveis saber que o latitudinarismo na Inglaterra significa o direito de acreditar em qualquer coisa que se escolha, desde que não se expresse de forma demasiado clara e audaz contra os trinta e nove artigos.

A maioria dos clérigos ingleses e das pessoas que frequentam a igreja na Inglaterra são latitudinários. Acreditam no direito de interpretação privada das escrituras e no direito de reserva mental quando subscrevem os trinta e nove artigos de fé; consequentemente, a infidelidade nesta forma suave tem mais influência na Inglaterra dentro da igreja do que o materialismo tem fora dela. Esta forma de religião é geralmente representada nos lugares mais altos da igreja. O Deão Stanley, na Abadia de Westminster, não enuncia os credos e fórmulas da igreja, mas contenta-se em falar dos deveres práticos da vida e em inculcar formas suaves de infidelidade que, noutra era e noutro tempo, tê-lo-iam enviado talvez como mártir para o cadafalso.

Os vários clérigos nas porções elegantes de Londres e da Inglaterra declaram a sua crença no direito de julgamento privado em vez de proferirem sermões doutrinários, e o resultado é que, em toda a sociedade, a tendência

é permanecer dentro da igreja, mas fazer dessa igreja, tanto quanto possível, um manto para toda a forma e tipo de opinião. É conveniente ter uma igreja estatal por essa razão, uma vez que a igreja estatal não expulsa ninguém, exceto por infidelidade aberta e declarada; e enquanto o pároco ou o cura se limitarem ao que a sua congregação tolerará, e enquanto o bispo não descobrir nada que seja abertamente infiel às doutrinas da igreja, os clérigos da Igreja de Inglaterra estão seguros no seu sustento e no seu julgamento privado; o que, certamente, é algo que dificilmente pode ser reivindicado por qualquer corpo de dissidentes protestantes no mundo.

Este espírito abrangente e geral do que poderia ser considerado infidelidade, se estivesse noutra era e tempo, é a tendência predominante do pensamento na Grã-Bretanha hoje; mas as divisões entre a "alta" e a "baixa" igreja, entre a ritualista e a latitudinária, são tais que a própria estrutura da religião estatal está sempre à beira da queda, e é apenas uma questão de tempo saber quanto tempo os próprios fundamentos sobre os quais se baseia poderão perdurar. Se todos fossem latitudinários, ou todos fossem ritualistas, ou todos fossem membros da "baixa igreja", a Igreja de Inglaterra poderia permanecer até que o próprio país fosse dissolvido, mas, tal como está, ela tem mais a temer da dissensão interna do que de qualquer inimigo externo que possa ser trazido contra ela.

Os atuais inimigos da Igreja de Inglaterra e da Igreja Católica Romana são os vários corpos dissidentes e os livre-pensadores. Os corpos dissidentes consistem em todas as denominações protestantes, exceto a Igreja Protestante Episcopal. São Wesleyanis, Luteranos, Calvinistas e os vários outros corpos que, em diferentes partes da Inglaterra, estão atentos ao facto de as suas oportunidades residirem nas divisões dentro da igreja estabelecida. Os Wesleyanis da Inglaterra são um corpo de adoradores liberal, ativo, inteligente e sincero. Conhecem as suas oportunidades e tiram partido delas. Constroem em todas as secções das províncias onde o livre-pensamento é encorajado; e onde quer que a igreja paroquial imponha as suas taxas ou rendas com demasiado rigor, os corpos dissidentes fazem desse lugar o cenário de um poder aumentado.

Mas outro e principal inimigo é o inimigo chamado livre-pensamento. Recordareis que a escola que Bentham originou há cerca de meio ou três quartos de século, amadureceu e culminou em mentes como John Stuart Mill, o Prof. Tyndall, Herbert Spencer e noutras dezenas de mentes que dominam a Inglaterra hoje pelas suas realizações científicas e literárias. Recordareis que

esta escola de pensamento controla os principais periódicos da Inglaterra. Recordareis que esta escola de pensamento controla as mentes científicas da Inglaterra e que, mesmo dentro de Cambridge e Oxford, os professores de todos os ramos da ciência e do saber são, secreta ou declaradamente, aliados de John Stuart Mill, do Sr. Huxley, do Dr. Carpenter e do Prof. Tyndall.

O pensamento no mundo de hoje é liderado por mentes inglesas, pois o pensamento inglês governa o mundo de língua inglesa, e o mundo de língua inglesa circunda a terra com mais de uma vintena de colónias, cada uma das quais forma um centro comercial; portanto, o pensamento líder no mundo é o pensamento das mentes inglesas. Estas mentes são abertamente ou silenciosamente materialistas. Estas mentes são realmente indiferentes ao assunto da religião. O Sr. Herbert Spencer declara que é impossível para qualquer ser humano saber algo sobre Deus, ou a alma humana, ou o além; que isso pertence à "região do incognoscível" e, portanto, o Sr. Herbert Spencer é o único homem no mundo que sabe alguma coisa sobre isso, uma vez que pronuncia esta opinião.

O Prof. Tyndall acredita que tais assuntos não devem constituir a ocupação da vida presente; que será perfeitamente suficiente quando o futuro for alcançado saber como ele é. O Sr. Huxley não declara qualquer opinião, mas diz que não sente qualquer interesse em saber se um homem vive além desta vida ou não. Toda essa classe de mentes posicionou-se, pela sua indiferença ou expressões abertas de falta de fé, contra qualquer forma de pensamento religioso; e ouvistes na América a expressão da culminação de outra forma de materialismo na pessoa de Charles Bradlaugh, que diz que quem acredita em Deus acreditará em qualquer tipo de superstição.

Com o Sr. Bradlaugh entre os operários, e o Prof. Tyndall e Herbert Spencer, e os seus aliados, liderando as mentes pensantes da Inglaterra, compreendereis que posição o pensamento religioso deve ocupar naquela terra, onde a própria religião é tornada simplesmente uma conveniência na sua forma de culto estabelecido e eclesiástico. A verdade é que, sem qualquer fogo novo ou adicionado — sem qualquer inspiração espiritual fresca — a menos que algo fosse concedido às mentes pensantes do mundo — o pensamento inglês levaria as nações de língua inglesa para longe de qualquer pensamento religioso.

A tendência de toda a expressão escrita sobre esse assunto no outro lado do Atlântico é lidar com coisas reais e materiais como vistas no mundo

exterior, deixando a natureza espiritual por alimentar, não reconhecida; todo o fundamento das escolas — embora a teologia seja rigorosamente ensinada — é impor o mundo dos factos e deixar o mundo da intuição desconhecido; e com esta tendência nada poderia possivelmente impedir a prevalência do materialismo como o pensamento permanente na Inglaterra, a menos que houvesse uma visitação de um poder especial. Para este fim, os corpos dissidentes e da "baixa igreja" de Inglaterra reconheceram com prazer e triunfo a visita dos reavivadores americanos às suas costas, pois pela primeira vez esqueceram as suas diferenças, enterraram as suas querelas denominacionais, consentiram em unir-se em reuniões de oração públicas e visitaram asilos e hospitais para cantar com as crianças com o propósito de destruir o inimigo comum.

Pela primeira vez, estavam dispostos a esquecer que os seus pais eram "Covenanters", ou Puritanos, ou Quacres, ou Protestantes, ou Católicos Romanos, e deram as mãos e vozes nos serviços unidos das reuniões dos reavivadores. Mas as reuniões dos reavivadores deixaram a Inglaterra quase onde a encontraram; com a própria igreja talvez um pouco revivificada, mas com nenhum dos Tyndalls, Spencers, Huxleys ou quaisquer outras mentes materialistas convertidas. Nenhuma diferença apreciável foi mostrada no pensamento e na escrita da classe inteligente da Inglaterra.

Nenhuma diferença apreciável foi vista no teor dos artigos públicos da imprensa; ninguém foi convertido que fosse assumidamente um materialista ou que fosse secretamente indiferente ao assunto da religião. A própria igreja pode ter ganho um pouco mais de vigor e poder; pode ter havido algumas reconversões de quem já se supunha estar salvo; mas, na sua maior parte, as almas de Inglaterra permaneceram, no que diz respeito aos reavivadores, precisamente na mesma condição em que estavam antes. Mais alguns foram adicionados à lista de loucos devido à excitação do poder psicológico; mais alguns manifestaram zelo em orfanatos e em cantar hinos para as escolas dominicais, mas, como afirmámos, o pensamento da Inglaterra não foi apreciavelmente afetado.

Há três ou quatro anos, as manifestações do Espiritualismo Moderno atraíram tal atenção na Grã-Bretanha e na Europa que se julgou necessário dedicar-lhes algum tempo. O Sr. Huxley foi convidado, com um número de homens científicos, dos quais o Sr. Varley e o Prof. Crookes e o Sr. Wallace eram os principais representantes, para se juntarem às investigações. O Sr. Huxley disse: "Sou perfeitamente indiferente ao assunto. Uma pessoa nem

sempre deseja sentar-se num escritório de telégrafo ou num posto de correio mesmo que seja verdade. Não vejo como isso nos possa afetar".

Então, estes homens científicos que desejavam fazer do Sr. Huxley o seu coadjutor prosseguiram com a investigação, que amadureceu no relatório de uma minoria do comité perante a Sociedade Dialética da Grã-Bretanha, no qual este subcomité inteligente declarou, após publicar em trezentas páginas os resultados da sua investigação, que consideravam o assunto como algo que os homens científicos não podiam dar-se ao luxo de ignorar impunemente — resultando na conversão do Sr. Crookes e do Sr. Varley e do Sr. Wallace, cada um dos quais, na sua esfera especial, ocupa uma das posições mais proeminentes no mundo da ciência.

A Academia de Ciências de São Petersburgo considerou necessário nomear um comité, do qual o Prof. Wagner é um dos principais membros, para investigar as manifestações do Espiritualismo; e eles relatam que sabem com o que estão a lidar; e que estão a lidar com factos e manifestações que apelam à natureza filosófica do homem. Na Academia de Ciências de França, antes de o atual regime tornar impossível a livre expressão do pensamento, houve também investigações e avanços sobre o tema do Espiritualismo; mas, desde o atual regime, parece haver uma recaída nos dias de perseguição religiosa, pois um dos principais editores de um jornal espiritualista foi preso e vários médiuns foram submetidos à mais severa censura sem sequer a fórmula de um julgamento. Mas a França é proverbialmente inconstante, e ela ressalta destes extremos severos de religião para o extremo mais severo da infidelidade ou da liberalidade. Devemos sempre esperar estas coisas no seu solo, pelo menos durante o presente século.

Sabemos agora o significado dos vários graus de pensamento científico na sua aplicação ao assunto; pois homens de ciência na Grã-Bretanha deram-se ao trabalho de investigar e expressar as suas opiniões ao mundo, e o resultado é, como o Sr. Huxley foi forçado a confessar após o relatório do comité (em cuja investigação ele se recusara a participar), que "se estas coisas são verdadeiras, elas lançam uma ponte sobre o abismo entre a ciência e a religião; oferecem a única reconciliação que o mundo procura entre a filosofia e a religião revelada ao homem"; se estas coisas, conforme relatadas por doze homens de ciência conhecidos, devem ser recebidas, elas formam a base de outra linha de pensamento que a Grã-Bretanha começa agora a reconhecer; a saber, que a única barreira bem-sucedida contra as usurpações

do materialismo e a decadência de todas as formas de religião é aquela que é apresentada pelo Espiritualismo na sua forma atual.

O aspeto atual do pensamento espiritual na Grã-Bretanha é, portanto, muitíssimo encorajador. Homens em altos cargos reconhecem a importância das manifestações e publicaram essas manifestações ao mundo com as suas próprias conclusões. Os clérigos na Igreja de Inglaterra sentiram a aproximação desta vaga e saúdam-na com alegria como a única salvaguarda para a própria religião. O Deão Stanley, na Abadia de Westminster, pregou um sermão sobre a vida futura no qual disse: "Se as manifestações que ocorreram recentemente e que são agora conhecidas no mundo são verdadeiras, elas apresentam um conhecimento do estado futuro que eu creio que a divindade pretendia que tivéssemos há muito tempo". O Rev. Sr. Haweis, numa das principais igrejas de Londres, declara acreditar que a atual forma de manifestações espirituais é um reavivamento das antigas formas de religião e inspirações religiosas, e que acredita na presença e no poder de espíritos ministrantes que já partiram.

Estes são os factos que, penetrando gradualmente nos círculos científicos e religiosos, devem deter a maré da infidelidade e do materialismo em ambos os países. Enganai-vos como quiserdes, mesmo com toda a prosperidade temporal que as várias formas de denominações religiosas possuem no vosso meio: a menos que haja um reacender dos fogos antigos, a religião na América também deve seguir o rasto do materialismo inglês e morrer. Os pensamentos predominantes na América não são religiosos. A maioria das pessoas não pertence a nenhuma denominação.

As várias seitas são sustentadas por adoradores ocasionais, e não por membros permanentes, e as usurpações do livre-pensamento e da liberdade de opinião religiosa levaram-nos tão longe que estão fora do âmbito da denominação e fora do âmbito de qualquer forma de culto religioso. Isto, talvez, pode não vos ser tão aparente, mas quando descobrirdes que quase todas as publicações seculares evitam o tema da religião, ou apenas o apresentam como um item de notícia, compreendereis a fase atual do pensamento religioso — mesmo no vosso próprio país.

Como afirmámos anteriormente, aquilo que é verdade na Inglaterra também é verdade na América, exceto nisto: não há aqui homens de ciência suficientemente audazes, corajosos ou ousados para investigarem real e deliberadamente as manifestações que estão a ocorrer no seu meio. Não

existe hoje na América nenhum corpo de homens de ciência que possa dizer que investigou os factos e fenómenos do Espiritualismo e que é capaz de pronunciar um julgamento sobre eles. Geralmente, pronuncia julgamento aquele que pouco ou nada sabe sobre o assunto. É considerada aqui como a melhor qualificação para uma expressão de opinião sobre este tema o facto de a pessoa que expressa essa opinião confessar não saber nada sobre ele.

Aqueles que sabem algo, aqueles que se deram ao trabalho de investigar, aqueles cujas vidas foram dedicadas à investigação, não são considerados qualificados para julgar. Não é assim com os corpos científicos na Europa. Aquele que faz da astronomia o estudo de uma vida é considerado mais capaz de julgar os movimentos dos corpos celestes do que aquele que nada sabe sobre isso e nunca olhou através de um telescópio. Aquele que fez da química e da eletricidade o seu pensamento especial é considerado o mais qualificado para pronunciar uma opinião.

E assim, quando o Sr. Crookes diz ao mundo científico da Inglaterra que dedicou quatro anos à investigação dos fenómenos chamados espirituais, e apresenta perante eles os resultados dessa investigação, eles são obrigados a aceitar o seu testemunho; ser-lhes-ia impossível recusá-lo. Quando o Sr. Wallace, o naturalista, lhes diz que dedicou dez dos melhores anos da sua vida ao estudo desta importante questão e chegou apenas a uma conclusão, a saber, que os espíritos desencarnados comunicam de facto com os mortais e que o reino está aberto entre os dois mundos, eles são obrigados a receber o seu testemunho. Quando o Professor Wagner e os seus coadjutores asseguram à Academia de Ciências de São Petersburgo que estão a lidar com uma classe de factos cujas causas totais ainda não podem relatar, mas que acreditam emanar de espíritos desencarnados, as academias científicas da Europa são obrigadas a escutar.

Quando a Academia Galileana de Florença recebe um documento do Dr. Sexton ou do Dr. Hitchman, da Inglaterra, sobre o tema da ciência espiritual, dão-lhe uma leitura tão cândida e imparcial como dariam a um tratado sobre o homem pré-adamita ou qualquer outro assunto científico. E estes são os homens que governam os pensamentos e dominam as mentes da Europa hoje.

Mostrai-nos um homem de ciência de grande eminência na América que faça isto, e que calma e declaradamente entre na investigação como entraria na de qualquer outra ciência, e mostrar-vos-emos uma mudança aqui na

forma do pensamento secular sobre este assunto. Enquanto os homens de ciência estiverem agrilhoados e presos pelo medo da impopularidade, ou forem dominados e governados pela mera ninharia que recebem como salários nas várias universidades da terra, não podemos esperar liberdade de investigação. Os poucos homens de ciência que investigaram o assunto e se convenceram da sua verdade foram condenados a uma obscuridade total durante o resto das suas vidas, porque se aventuraram no mar da investigação. Um pouco mais de liberalidade num país livre seria tirar proveito da lição que, talvez, a América pudesse aprender com os homens de ciência da Inglaterra.

Um pouco mais de liberalidade e menos de fanatismo, mesmo entre aqueles que afirmam ter liberdade de pensamento, seria uma virtude eminente numa nação tão distinta pelas suas virtudes como a América afirma ser. Mas há uma vantagem mesmo aqui. Cada assunto tem vida curta. O que quer que aconteça ser o tópico predominante não dura para sempre. Na Inglaterra, na Europa, tudo se torna fixo e tem um trilho. Assim é com a religião, assim é com a reforma; mas aqui, felizmente, nada dura para sempre, e até o fanatismo está destinado a ter vida curta perante a sucessão constante de novas ideias que estão a brotar no solo fertilíssimo da América.

Portanto, não é moda por muito tempo permanecer fanático sobre qualquer assunto, e a tendência aqui, hoje, e o pensamento e tom predominantes da mente pública provam que, durante cinco anos, a vaga firmemente crescente do pensamento espiritual tem ganho terreno entre as classes inteligentes e pensantes da América, e mostram que o assunto é matéria de reflexão e investigação, e que as mentes inquisitivas não consideram nem diabólico nem frívolo interessarem-se por aquilo que pertence ao bem-estar espiritual do homem.

A nossa ideia é que o Espiritualismo não pode cristalizar-se em nenhuma forma de religião denominacional expressa. Dizem-nos que é assim: se o Materialismo foi a marreta ou a cunha que despedaçou as paredes das denominações e dos credos, o Espiritualismo promete ser o solvente desses vários credos. Se cristalizardes um solvente, ele apresenta uma parede sólida entre vós e a luz do sol. Se for como a luz do sol e como o ar, apresenta algo que finalmente absorve todos os elementos congruentes e rejeita todos os incongruentes na alquimia espiritual. O Espiritualismo é o solvente da religião. Une o Batista, o Metodista e o Episcopaliano numa base comum de inspiração; alcança até o abismo de derramamento de sangue e guerra entre

as igrejas Protestante e Católica Romana, e declara-lhes que tudo o que é genuíno em qualquer uma das secções tem o seu fundamento na verdadeira inspiração. Dá as mãos aos Wesleyanis; diz-lhes que, quando John Wesley pregou o sermão sobre os "Bons Anjos" há um século, ele sabia do que estava a pregar e tinha visitações de seres espirituais. Aperta as mãos aos Luteranos e diz-lhes que, quando Lutero viu uma visão que acreditou ser a da sua majestade satânica, não era outra coisa senão um espírito maligno assombrando a sua imaginação, que se tornara doentia por meditar demasiado sobre os pecados do homem.

Acredita que até o Calvinismo, com as suas formas rigorosas e austeras e as suas várias severidades — que talvez tenham sido esquecidas por alguns de vós que não têm cabelos brancos, uma vez que já não são pregadas nas igrejas — que até o Calvinismo teve a sua parcela de inspirações espirituais; e que, embora as crianças que não são batizadas não sejam condenadas às chamas reais, existe ainda um fogo que consome toda a indignidade e escória, mesmo de geração em geração. Dá as mãos também aos Católicos Romanos que, nas suas inspirações originais, lançaram as bases da existência da igreja Cristã hoje, mas que se afastaram do espiritual sempre que o poder temporal lhes chegava às mãos; mas os vários santos e mártires e os muitos milagres operados dentro da igreja Católica Romana testemunham que o poder do espírito não se retirou totalmente em tempo algum.

Dá as mãos à antiga fé hebraica e resolve os vários mistérios que a ciência declara impossíveis, repetindo-os hoje perante o rosto e os olhos dos homens. Os milagres que a ciência diz terem-vos sido transmitidos pela superstição tornam-se hoje a posse real do mundo pela sua repetição numa era pragmática; aquilo que a ciência decidiu ser impossível ocorre hoje na presença de milhares de testemunhas, e os registos do Novo Testamento tornam-se verificados por estas testemunhas vivas. Não tendes apenas Paulo e os apóstolos; tendes milhares — não, centenas de milhares — de homens e mulheres vivos que testemunharam as coisas que Paulo e os apóstolos vos contaram nos seus registos.

Dá as mãos e une as religiões mais antigas com todas as formas de fé atuais. Faz de Brahma uma chama viva; faz de Osíris a luz que acendeu as inspirações do Egito. O Budista teve a sua inspiração, e a fé reformada do Oriente apresenta muitas coisas sinónimas às da igreja Cristã do Ocidente. Ele mistura e une estes fogos antigos numa linha de inspiração que Deus deu à terra em vários períodos do tempo. Torna todas as religiões possíveis ao

reduzi-las todas à sua pureza original e primitiva, e dissipando a idolatria que se infiltrou em cada forma de religião; torna-as genuínas, puras e livres na sua conceção geral.

Acreditais que a fé do brâmane é idólatra. O que é a igreja de Roma, onde no próprio altar e santuário de São Pedro existem formas e cerimónias desprovidas do espírito? Acreditais que os maometanos são pagãos. O que é a igreja de São Paulo em Inglaterra, para que se arrogue mais espírito do que aquele que o seguidor do profeta de Meca sente quando se curva ao pôr do sol perante o Deus do céu? Acreditais que as nações orientais estão mergulhadas na idolatria. O que estão as nações ocidentais a fazer, para que também reivindiquem ser o único povo inspirado? Não dizem elas que os profetas estão todos mortos e que as inspirações cessaram na terra, e dentro da igreja algum altar ou santuário é mantido vivo exceto por cerimoniais e formas?

Acreditais que o adorador bramânico está preso em correntes de idolatria. Milhares de dólares e muitos missionários são sacrificados para converter os pagãos de todas as terras, e quem está no estrangeiro nesta terra para converter o Cristão à sua própria fé, ou tornar o altar da igreja Cristã vivo com os dons do espírito? Onde está o dom da cura, e da profecia, e das línguas, e da interpretação das línguas? Quem vê visões e sonha sonhos no vosso meio, para que critiqueis o pagão ou o convertais às formas cegas de culto que estão destituídas do espírito?

Não, não; é o próprio altar que deve ser varrido e adornado. É o fogo vivo que deve ser acendido dentro do coração humano antes que possais converter qualquer alma a qualquer forma de religião. O poder dos dons espirituais e a grande vaga de pensamento que está a varrer o mundo viram isto — quão destituídas de inspirações e profecia têm estado a igreja no oriente e a igreja no ocidente. O Materialismo é o crescimento natural desta aridez. Alimentais-vos de cascas e tendes a inanição. Se derdes pedras em vez de pão, não podeis esperar que a verdade viva floresça no vosso meio.

Tenhamos o vinho do reino, o puro pão da vida, uma Colheita cheia das ricas uvas roxas do espírito cultivadas no poder e fervor de uma fé viva. E isto é o que Deus está a fazer no meio de toda esta infidelidade, de materialismo e rutura entre igreja e estado, de ascensão e queda de dinastias, de impurezas fora e dentro. Eis que a mão de Deus está a escrever nas paredes do materialismo, tal como nos dias antigos nas paredes do palácio de

Baltasar: "Mene, Mene, Tekel Uparsin". O Espiritualismo, ao dar as mãos ao poder eclesiástico no passado, fez o mundo descer a este pântano de materialismo e desespero; mas acima de tudo, e para além de tudo, eis que a linha foi traçada pelo arco de fogo da verdade espiritual. No meio de tanta cegueira externa, os espiritualistas despedaçaram os templos, e a caligrafia apareceu na parede do materialismo e do poder eclesiástico, e ambos estão destinados a desmoronar-se, enquanto das ruínas o templo da humanidade se ergue brilhante, puro e verdadeiro; e aqueles que são escolhidos para pregar a palavra da vida dentro e fora da igreja reconhecem hoje o espírito vivo do homem, a voz do mundo angélico e o Deus vivo no vosso meio, tal como ele era nos tempos antigos, e diante de vós uma coluna de nuvem de dia e uma coluna de fogo de noite, guiando-vos através dos desertos e ermos do materialismo e do desespero até à terra prometida da esperança e da vida, onde não há morte, nem trevas, nem desespero, mas apenas o espírito vivo que habita no vosso meio, e que abrirá o seu caminho, mesmo que o homem, na sua cegueira, se afaste por um tempo. Este é o pensamento religioso que a perspetiva atual revela ao Espiritualista.

CONDIÇÕES NECESSÁRIAS PARA ASSEGURAR

A MAIS PLENA E LIVRE COMUNICAÇÃO COM O MUNDO ESPIRITUAL

Chicago, Illinois, Domingo, manhã de 18 de fevereiro de 1877

(Este e os temas seguintes desta conferência foram entregues na plataforma por membros da assistência.)

A comunicação com o mundo espiritual não é de modo algum nova, nem os seus métodos foram descobertos recentemente; mas, no que diz respeito a qualquer conhecimento geral das leis relativas a essa comunicação, o mundo está, talvez, tão em ignorância hoje como sempre esteve. As manifestações entre os dois mundos aumentaram no último meio século, pela razão de que a condição aproximada da humanidade é maior na direção da vida espiritual e que, necessariamente, existe uma atmosfera melhor. Dizemos que é maior na direção da vida espiritual porque a tendência do mundo é avançar; porque a disseminação de ideias sobre todos os assuntos é mais universal e porque a condição média da humanidade hoje está num estado moral e espiritualmente melhor do que em qualquer período de tempo antecedente.

Mas a comunhão com a vida espiritual só pode ser facilitada pelo crescimento espiritual. Quaisquer que sejam os métodos científicos dessa comunhão, eles não atingirão mais do que um certo nível, a menos que a condição espiritual também atinja esse patamar; e, para benefício da humanidade, é certamente desejável, não que as manifestações se tornem gerais por si só, mas que o conhecimento das leis espirituais se torne geral, para acompanhar as manifestações e dar evidência do seu significado.

Falando fenomenalmente, as manifestações espirituais existiram nos últimos trinta anos num grau cem vezes superior ao de qualquer período antigo ou tempo de poder espiritual. Falando fenomenalmente, os prodígios que se manifestaram são tais que não só desafiam a análise científica nas interpretações habituais da ciência, mas apresentam, por agora, uma barreira quase total a qualquer investigação através dos métodos científicos usuais, visto que a ciência não possui nem os implementos, nem os termos apropriados, nem as fórmulas necessárias para investigar com sucesso uma classe de fenómenos que depende de forças inteiramente desconhecidas pela ciência.

Portanto, aqueles que procuram uma maior facilidade de investigação através de qualquer coisa que o mundo científico possa desenvolver no seu atual estado de inquérito, ficarão desapontados. O que o homem científico faz é geralmente aprender o alfabeto da comunicação espiritual quando presencia as manifestações que existem hoje; e, no que toca a dar qualquer poder adicional aos investigadores, ou quaisquer métodos adicionais, ele é geralmente frustrado por não possuir uma compreensão adequada dos poderes que são empregados pelos espíritos.

A atual facilidade de investigação advém das condições mencionadas anteriormente, da maior atividade na vida espiritual ao entrar em contacto com essas forças ocultas, e da investigação acrescida das próprias mentes espirituais; e embora os batimentos [rappings] e várias outras formas de manifestações fossem conhecidos, nada semelhante a um sistema preciso de investigação foi estabelecido no mundo espiritual até ao último século. Tal como a eletricidade se tornou aqui o principal método de comunicação entre homem e homem, também na vida espiritual estas forças espirituais se tornaram o principal método de comunicação entre espírito e espírito e, através disso, tornaram-se o principal meio de comunicação entre espíritos e seres humanos.

Tal como o telégrafo magnético assombrou o mundo há meio século, mesmo com os vislumbres da sua possibilidade; e tal como mal se acreditava no poder do vapor quando as próprias experiências da sua força estavam a ser testadas; assim, nas esferas da vida espiritual, os poderes que se manifestam agora para a comunicação com as mentes terrenas têm estado sob experimentação e ensaio, e a interpretação tornou-se tão geral, e os métodos de comunhão espiritual na vida espiritual tornaram-se tão universalmente adotados, que as manifestações aqui são os resultados dessas maiores facilidades além.

O que entendemos por métodos de comunicação não são as evidências externas que tendes aqui de sons e de movimentos de objetos externos. Essas são apenas a expressão mais recente, ou melhor, a expressão mais externa do poder espiritual; mas a influência de mente sobre mente, como ensinado por Anton Mesmer; o poder da leitura de pensamento, como revelado na clarividência e psicometria; a interpretação de todo o pensamento, como manifestada por aqueles que são leitores da alma; a influência que uma mente exerce sobre outra que está em direta simpatia com essa mente — todos estes assuntos têm sido o tema de investigação de filósofos mentais que partiram recentemente para a vida espiritual, e o passo seguinte foi descobrir a força oculta mais ligada à vida humana que tornaria essas manifestações tão disponíveis aqui como na existência espiritual.

Essa força oculta é o poder que rodeia os médiuns e que permite aos espíritos, possuindo conhecimento prévio das condições mentais, adaptarem-se a este estado. Mas tão subtil é este elemento, tão diferente até da eletricidade ou dos elementos mais subtis que empregais, que é afetado por coisas que não afetam a eletricidade; por exemplo, uma corrente elétrica é interrompida pela proximidade de um íman, e uma agulha magnética desvia-se do seu curso pela presença de qualquer aço, ferro ou outros corpos que possuam poder de atração magnética.

Um navio já foi desviado do seu curso por muitas milhas devido a isto, por vezes; e a análise dos corpos celestes é frequentemente interrompida por ilusões óticas que são o resultado de caminhos refratados da luz. Estas experiências subtis são familiares à ciência. Ora, quando considerais que existe outra força, ainda mais subtil que a eletricidade — que a eletricidade não é nem suficientemente abundante nem suficientemente subtil para responder aos propósitos das manifestações espirituais, sendo uma das forças mais externas empregadas, mas raramente ou nunca constituindo a

força que é utilizada pelos espíritos; quando considerais que a força empregada deve ser ainda mais subtil, e que se uma corrente elétrica pode ser interrompida por uma tempestade na atmosfera; se a agulha magnética se pode desviar do seu curso pela presença de outros corpos magnéticos, esta força subtil que é empregada pode ser mudada, alterada ou de muitas maneiras perturbada pelo próprio poder do pensamento; considerareis quão subtil é a força utilizada pelos espíritos para comunicar com os mortais. A raiva, o medo, o ódio, qualquer tipo de animosidade ou suspeita, desvia esta força oculta dos seus canais legítimos e úteis.

As forças espirituais que permeiam o corpo humano são pontos de vida espiritual, e qualquer coisa que interfira com a sua circulação harmoniosa e correta é como a interrupção súbita da circulação do sangue. Esta força espiritual, quando flui harmoniosamente, constitui a via de manifestação espiritual, quer seja através de manifestações físicas — como o movimento de corpos tangíveis, quando a força é assim desviada do corpo do médium e lançada em torno do objeto que se deseja mover; quer seja pela escrita mecânica, quando a força é mudada da corrente habitual e enviada em turbilhão através do braço, que vibra rapidamente; ou quer seja pela inspiração, quando a força é desviada dos seus canais habituais para alimentar o corpo geralmente, e um poder adicional é exercido sobre o cérebro, pouco importa no que toca à força em si. É o mesmo poder, e a operação dele depende do conhecimento e da vontade do espírito que o emprega, e da condição, organização, temperamento e desenvolvimento do médium.

Todos os seres humanos são médiuns; isto é, todos têm espírito, todos têm estes elementos subtis que ligam o espírito ao corpo; e tal como o corpo é sustentado e alimentado pela atmosfera externa, também a ligação espiritual entre o espírito e o corpo é mantida viva pela atmosfera espiritual. Cada pessoa é mais ou menos inspirada, movida, influenciada, oscilada, governada pelos espíritos no corpo e pelos espíritos fora do corpo. Pouco compreendeis o quanto sois influenciados uns pelos outros, que subtis correntes de vida se misturam com as vossas e alteram as ações ou o pensamento de um dia. Por vezes, uma pessoa pobre que passa na rua coloca a mente num certo canal de pensamento durante todo o dia; ficareis a pensar como resolver os problemas da pobreza e da riqueza. Por vezes, uma pessoa que está deprimida cruzará o vosso caminho, e lereis no semblante a

expressão de tristeza, e durante todo o dia estais deprimidos por essa consciência.

Por vezes, um amigo encontra-vos e uma palavra passa — é apenas uma palavra — e sois inconscientemente irritados por ela, e durante todo o dia ficais perturbados, ou até que uma atmosfera mais congenial se aproxime e coloque os nervos magnéticos na sua ordem devida novamente. Por vezes, um pensamento surge sem aviso, sem uma palavra, sem expressão, e alcança a vossa mente — pareceis obscurecidos por ele como por asas que vos cobrem. Tudo isto parece muito subtil e, no entanto, forma tanto uma porção da vossa vida mental diária como a luz do sol e o ar formam da vossa vida física, os quais não vedes, mas de cuja ausência certamente sentis falta se deles fordes privados.

Desta maneira, o mundo espiritual aproxima-se de vós; não longe, mas misturado com a vossa vida. Espíritos recentemente desencarnados, ou aos quais tendes laços muito fortes de atração, influenciam-vos inconscientemente e movem-vos para algum ponto que possam ter em vista; esforçam-se por ajudar-vos, talvez em questões externas ou nalgum problema mental, e até vos guiam por sinais e indícios inequívocos. Antigamente, estes sinais e indícios vinham em sonhos, no que os vossos antepassados chamavam premonições, e por vezes em sinais audíveis, como três batidas fortes, que nalgumas famílias indicam uma premonição segura da dissolução próxima de algum membro da família.

Ultimamente, esta forma de manifestação tomou a forma de intuição ou impressão, e embora muitas pessoas se suponham impressionadas sem serem guiadas corretamente, isso não altera o valor da impressão. Sois impressionados por seres externos que não vos impressionam corretamente, e os espíritos não são nem omniscientes nem infinitos em conhecimento, tal como os seres humanos; no entanto, o facto da impressão permanece o mesmo, e os métodos dessa impressão são a simpatia entre a vossa mente e o espírito que vos impressiona, ou alguma condição de mente ou corpo pela qual eles são colocados *en rapport* convosco.

Facilitar a influência dos espíritos mais elevados sobre os mortais, facilitar a expansão dos poderes da mediunidade que serão para a melhor vantagem da humanidade, ter a certeza de que as impressões que recebeis não são apenas da vida espiritual, mas são razoavelmente corretas, depende inteiramente do crescimento espiritual, do padrão médio da mente individual

e da finura, qualidade e entonação (se podemos usar esse termo) do próprio cérebro. Existe tanta diferença na textura dos cérebros humanos como entre as diferentes qualidades dos instrumentos de música e, enquanto a trombeta pode soar um alarde, a harpa e a lira são necessárias para as melodias mais finas e requintadas; e enquanto o órgão, que é como uma composição de homens e anjos, pode soar também as notas mais fortes, é capaz de imitar o gorjeio mais suave do pássaro.

Tal é a infinita variedade de mentes humanas, e tal a textura variável das faculdades empregadas e dos órgãos sobre os quais a mente deve trabalhar, que uma mão mestra na vida espiritual governará o cérebro até melhor do que o indivíduo que o ocupa. Este é sempre o caso de médiuns inspirados, musicais, oradores ou outros, que manifestam tais poderes de eloquência sob a influência espiritual, mas que não têm nem de perto o mesmo controlo sobre o seu cérebro externo que o espírito na vida espiritual possui. A razão disto é que existe ali um instrumento fino, pronto para ser tocado, mas a pessoa que o possui não compreende todos os registos, todas as teclas, todas as maravilhosas possibilidades que ali estão escondidas.

O espírito na vida espiritual, possuindo maior conhecimento e um alcance e poder de vontade mais precisos, pode tocar as teclas que estiveram silenciosas, pode desenvolver todos os recursos ocultos dessa organização e criar um som de melodia ou um poder de pensamento que transcende por muitos anos de desenvolvimento o estado normal do médium. Gradualmente, o estado normal eleva-se com esta ação da mão do espírito mestre, e o verdadeiro médium é verdadeiramente ensinado pelo espírito que o controla. Por vezes, os médiuns possuem poderes maravilhosos no sentido de serem afetados por toda e qualquer influência. Geralmente supõe-se que isto é uma condição deplorável; mas, quanto mais facilmente afetado, mais se prova que existe uma organização sensível, capaz, se bem gerida e guardada, de apresentar as mais elevadas provas da vida espiritual.

Quando encontrais um médium assim e dizeis depreciativamente: "Oh, qualquer influência pode aproximar-se desse médium!", soa como um reproche; mas vós não vos queixais se o vosso relógio mantém a hora certa, ou se uma bateria elétrica é sensível à corrente elétrica, ou se, cuidadosamente ajustada, a agulha magnética oscila de um lado para o outro; vós mantendes afastados os objetos que a desviam, mas não vos queixais da sensibilidade que a torna facilmente desviável. Ora, um médium controlado por quase qualquer classe de espíritos é o médium mais valioso para a

comunicação espiritual direta, pela razão de que a mediunidade atinge a necessidade de cada classe de seres humanos. Devidamente rodeado e protegido, com círculos adequados e influências harmoniosas, tal médium torna-se o porta-voz dos espíritos mais elevados.

Rodeado por discórdia, por antagonismo, por suspeita, por observações pouco caritativas, o médium torna-se sujeito a influências como as que são atraídas por este ambiente e, de imediato, dá evidência disso em alguma comunicação rude, não desenvolvida ou pouco espiritual. Isto repugna o investigador; mas ele esquece-se de que o mundo espiritual não é povoado inteiramente por anjos, mas precisamente por espíritos como os que saem diariamente do vosso meio; que, se os seus pensamentos como investigador forem indignos, é mais provável que seja acompanhado por um espírito da mesma ordem; se os seus pensamentos forem de suspeita e estiverem ao nível do mais baixo pensamento humano, é muito provável que seja acompanhado por espíritos que refletirão o seu próprio pensamento no médium.

Assim, a necessidade de guardar cuidadosamente os médiuns é o ponto que desejamos incutir-vos. Com uma organização sensível, que manifeste poderes de mediunidade, ou se na vossa própria pessoa descobris que existem poderes e impressões que não conseguis explicar, é tempo de estudardes para serdes cuidadosos com o vosso ambiente, para observardes o desdobramento destes poderes e para zelardes para que não sejam desviados do objetivo da vida espiritual por quaisquer motivos egoístas ou pessoais.

A principal barreira entre o mundo espiritual e o vosso é o "eu" da humanidade, a materialidade individual, o corpo exterior que tanto valorizais e que vale tão pouco, a substância do "eu" externo que se ergue a todo o momento entre vós e o tema da investigação espiritual; o mesmo tipo de "eu" que para sempre se coloca entre homem e homem, entre o homem e as mais elevadas conquistas da vida humana, entre o homem e o seu trabalho mais nobre aqui. Assim, num sentido subtil e de maneira mais habitual, o "eu" do indivíduo coloca-se sempre entre vós e a investigação da vida espiritual.

Ouvistes falar de Cristãos que dizem que, quando chamados por Cristo, se entregaram totalmente. Ora, esse é o sentimento que cada um deveria ter na busca da verdade. Não vos propondes a ser uma barreira entre a luz do sol e as flores aos vossos pés; não podeis colocar-vos como um decisor entre o

mundo e qualquer grande problema espiritual. Se interromperdes a corrente numa direção, ela encontrará outra. Não é mérito algum para um homem colocar um carril na linha férrea e parar um comboio, ou quebrar um fio de telégrafo e interromper uma mensagem. Sem dúvida que o pode fazer; mas fá-lo-á, se não for criminoso?

Ora, existem muitas pessoas que se aproximam do Espiritualismo como um guerreiro vai para a batalha, revestidas de uma armadura intelectual completa, preparadas para detetar o engano, a fraude, o estratagema ou o que quer que seja, para além da verdade; preparadas e cingidas com qualquer quantidade de teorias; se uma teoria não for suficiente, aqui está outra pronta à mão; e este homem ou mulher tem a audácia de afirmar ser um investigador. Mais valia chamardes amigo a um homem que entrasse em vossa casa com o propósito de vos dar um tiro. Mais valia supor que um homem estava numa condição harmoniosa de mente quando estivesse a vociferar e a delirar no mais alto estado de raiva. Ele arma-se contra a verdade e depois diz: "Agora, se isto for verdade, gostaria que me fosse provado". Quem é este "me", para que a Verdade ande à caça de um defensor quando milhares de pessoas no mundo anseiam por ela?

Quem é este "me", para que o mundo espiritual trave uma batalha mímica e se envolva em ginástica intelectual com ele, pelo simples prazer de vencer uma parcela de mentes e de argumentos externos que não valem o trabalho? Quando o homem precisar da verdade, ele procurá-la-á; e embora o mundo espiritual até se aproxime de tais mentes, estas não são as primeiras a serem colhidas no jardim da verdade. Devem ansiar, aspirar, esperar, crescer; e embora recebam evidência intelectual da vida espiritual, não se tornam os seus expoentes valiosos e espirituais; param nesse estado crónico dos fenómenos e começam a investigar, e terminam ao fim de vinte anos precisamente onde começaram, com as formas mais externas de manifestações.

Todas estas coisas provam simplesmente que a receção da verdade não depende da existência da própria verdade, mas da condição da mente que a vai receber; e que um certo estágio de crescimento e de retidão — que não significa credulidade, que não significa fé cega, mas uma recetividade que responde a qualquer poder de prova — é o estado mais elevado da investigação humana.

Alguém disse, em ligação com as manifestações espirituais, que existe uma credulidade de descrença espalhada pelo mundo, que é muito mais alarmante do que qualquer coisa que os crédulos que acreditam na imortalidade tenham adotado: a credulidade de acreditar em cada teoria que professa explicar as manifestações espirituais, exceto na única hipótese que não exige tanta credulidade; e esta é a mania que anda pelo mundo hoje. Qualquer coisa menos a verdade; qualquer coisa menos aquilo que, de acordo com as evidências mais claras da lógica, é o mais fácil para explicar as manifestações; qualquer outra solução, vagueando por todo o mundo, saindo de todo o alcance da lógica e da filosofia. Eles realizarão ginástica intelectual e cambalhotas até ao limite necessário para explicar aquilo que tem uma linha simples de sequência de causa e efeito e que qualquer pessoa, não estando predisposta, aceitaria perante a evidência oferecida.

Além disso, aqueles que são mediúnicos e aqueles que investigam as manifestações espirituais aproximam-se do assunto com a pergunta ou com o pensamento primordial na mente: "O que é que isto tem a ver comigo individualmente? O que tem a ver com as minhas ideias preconcebidas, as minhas opiniões, a minha teologia, a minha religião, o meu pensamento social, a minha filosofia?". O assunto em si nada tem a ver com as vossas filosofias; não é responsável por elas, não é obrigado a reconciliar-se com elas. Isso é assunto vosso.

Compreendereis facilmente que, se a luz do sol penetra pela primeira vez numa fenda obscurecida da terra, não é responsável pelo que ali possa ser revelado. Compreendereis que, se a atmosfera é introduzida numa sala onde houve vapores e humidade, a própria atmosfera não é responsável pela comoção que possa ser criada no armazém de detritos, teias de aranha, bolor e escuridão que ali habitam; e que a luz da verdade espiritual, iluminando todas as câmaras da mente que estão mais ou menos obscurecidas, é provável que revele coisas que não são agradáveis. Mas suponhamos que sim? Devemos excluir a luz do sol por causa disso? Não haverá investigação porque os seres humanos não conseguem suportar a luz da investigação? Certamente que não.

O crescimento deve vir após a decadência, e a velha concha que rodeou a vossa mente, na filosofia, na religião, na teologia, deve, talvez, ser superada e quebrada, e o germe deve rebentar para outra vida; e se houver lutas neste processo, tal não será culpa, portanto, da própria filosofia ou da própria verdade.

"Condições harmoniosas" é sempre a injunção nos círculos. A primeira palavra do mundo espiritual, se tiverem uma via de comunicação, é: "Cantai; sede harmoniosos". A razão disto é que a música, mesmo a música indiferente, atua sobre todos os nervos como uma espécie de equalizador, produzindo, através dos sons harmoniosos, as correntes necessárias que fluem nas regiões ocultas da vida que pertence ao espírito; e o canto, ou outros meios de produzir harmonia, é o meio direto de convidar ou invocar a influência do mundo espiritual. As mentes devem ser mantidas num estado harmonioso; excitações de todos os tipos, antes dos períodos estabelecidos em que invocais a presença dos espíritos, devem ser evitadas — excessos de mente e corpo em todas as direções. Caso contrário, convidais influências extremas. Todas as abordagens ao espírito humano devem ser guardadas pela vigilância atenta da mente, para que essa via única possa estar aberta ao mundo espiritual.

Buscando estas coisas no mais elevado estado de espírito, o mundo espiritual faz mais de metade do trabalho, aproximando-se de vós quando estais inconscientes disso, guardando-vos quando não percebeis e, através de avisos em sonhos e impressões amorosas, procurando afastar todo o perigo; enquanto o grande crescimento do mundo avança com passo solene, muito atrás do crescimento dessa vida espiritual que, como outra atmosfera que cobre o vosso mundo, já encontrou a verdade e aguarda os meios para a sua expressão aqui. Fazei bem a vossa parte, tanto quanto o conhecimento vos permitir, e as vias para as comunhões espirituais não só serão rapidamente aumentadas, como a própria comunicação será mais ampla e elevada, e a verdade recebida será tal que conduzirá os homens para mais perto do reino dos céus na terra.

PERGUNTAS RESPONDIDAS PELA SRA. RICHMOND

PODERÁ O ESPÍRITO CONTROLANDO EXPLICAR COMO É POSSÍVEL AOS ESPÍRITOS PENETRAREM ATRAVÉS DE MASSAS PONDERÁVEIS DE MATÉRIA, COMO AS PAREDES DE UMA SALA?

O segredo desta explicação reside no facto de os termos empregados pela ciência serem apenas termos relativos. Substâncias ponderáveis não são substâncias sólidas; substâncias imponderáveis não são imateriais; mas, ao mesmo tempo, uma substância menos densa do que aquela que forma a parede de uma sala pode facilmente penetrar nessa substância que é porosa. Até as rochas são porosas, e o poder ou substância espiritual é tão subtil que não desintegra as partículas ao passar pelas paredes porosas de uma sala; pelo contrário, tal como o fumo, que se adapta a qualquer abertura de escape, o corpo espiritual pode ser alongado, dividido e subdividido sem ser minimamente desintegrado; e, portanto, isto explicará a passagem dos elementos que compõem o corpo espiritual através de substâncias aparentemente sólidas.

O corpo espiritual é material, mas é, naturalmente, de substância mais fina do que qualquer uma que tenhais na terra; é governado por leis de atração e possui uma organização que pode ser desintegrada à vontade e reunida novamente sem destruir a fibra. As substâncias das vossas vestes materiais ou corpos materiais são tão grosseiras que, se assim divididas, seriam naturalmente separadas para sempre. Mas não acontece o mesmo com o espírito que absorve o seu corpo dos elementos da atmosfera, liberta, muda, adapta-se às condições em que se encontra e pode entrar ou sair de um aposento sem qualquer abertura que seja visível aos sentidos do homem.

Além disso, os espíritos podem estar presentes e, ainda assim, estar a mil milhas de distância. O que queremos dizer com isto é que não existe espaço na vida espiritual; e quando falais de uma pessoa estar numa sala, referis-vos, naturalmente, ao seu corpo físico; a sua mente pode estar noutro lugar. O espírito está sempre presente onde o pensamento está ocupado, e a atmosfera interveniente não oferece barreira a essa presença, mesmo que haja a distância referida. Podeis compreender isto facilmente permanecendo nos vossos assentos e pensando nos vossos lares. O pensamento pode atravessar o espaço não apenas instantaneamente, mas vós podeis, em retrospetiva, percorrer a rua, passar por todas as mudanças necessárias para

chegar a vossa casa na vossa mente, sem cruzar uma única vez o limiar desta sala.

Portanto, agindo a mente e o espírito em conjunto, a ação simultânea do espírito sobre o corpo espiritual pode projetar essa presença na vossa mente ou, permanecendo na vida espiritual, pode influenciar-vos dessa altura, tal como os raios de sol, através de milhões de milhas de distância, afetam as flores aos vossos pés.

A NATUREZA NO MUNDO ESPIRITUAL E AS LEIS DA SUA OPERAÇÃO

Por "natureza" supomos que o inquiridor entende aquilo que costumais chamar de natureza externa ou material aqui. Não existe natureza no mundo espiritual separada da vida espiritual. Ao contrário da terra e de outros corpos materiais, as substâncias da existência espiritual são todas empregadas, todas governadas pelo pensamento, todas influenciadas pelo poder da mente que as possui.

Portanto, um lar, arredores externos, paisagens, coisas que correspondem à vida externa da terra devem ser tomados na ordem inversa da existência aqui. Vós chamais-lhes aqui objetivas; então, se são objetivas aqui, na vida espiritual são subjetivas. Se são subjetivas aqui — o que defendemos — então na vida espiritual são objetivas.

O espírito domina as substâncias pelas quais está rodeado. Aqui, o homem é dominado pelas substâncias. O espírito move-se sobre elas, cria, destrói, produz efeitos, tudo em resposta ao estado mental ou espiritual. Aqui, leva-se séculos para produzir uma impressão na matéria e, depois, na maioria das vezes, a impressão é varrida pela primeira tempestade que passa. Aqueles elementos de outrora — a terra, o ar e o céu, as várias divindades que pareciam presidir ao universo externo — pareciam mover o homem ao seu comando; embora vencidos pelo homem em detalhe, como resultado geral ele produziu muito pouco efeito sobre eles.

Tudo isto é invertido na vida espiritual. A mente mais materialista é a que tem menos poder na vida espiritual. Aquele que é mais influenciado na terra pelas influências materiais é o que, ao entrar na vida espiritual, está menos consciente do que fazer. Ele não tem poder para moldar as imagens, os pensamentos, os elementos que o rodeiam; está curvado e acorrentado pela recordação dos seus sentidos terrenos e pelos métodos da vida terrena, e se prosseguir na vida espiritual à maneira da vida terrena, falha em tudo; tudo se

desvanece e escapa ao seu toque; as rochas não farão casas, a árvore não dará fruto, o jardim não terá flores.

Se ele inverter o método, se começar por dentro, se o motor e o princípio da vida estiverem ali, se não procurar arredores externos mas trabalhar no seu pensamento e mente, descobrirá que os seus arredores o seguirão; eles crescerão sob a sua mão; ele aparecerá exatamente como é. Ele molda-se a si próprio e dá forma à sua morada sem recolher uma massa de detritos e cinzelar paredes de pedra para erguer um templo. Mas se ele pensar bons pensamentos e estiver firmemente empregado na direção dos dons espirituais e da vida espiritual, o seu templo erguer-se-á à sua volta e os átomos em que se move e sobre os quais trabalha tornar-se-ão transformados e transfigurados, e ele será, em embrião, um criador.

Esta é, em resumo, a resposta. Naturalmente, seria necessário um discurso completo para responder à pergunta adequadamente.

A EXISTÊNCIA INDIVIDUAL DOS ANIMAIS CONTINUA ALÉM DA VIDA TERRENA?

Tudo no universo tem uma existência dupla: aquilo que é visível e aquilo que é invisível. Cada átomo, cada flor, cada árvore tem uma individualidade, por assim dizer, que nunca se perde, mas permanece sempre um indivíduo na direção da sua existência. Por exemplo, os swedenborgianos acreditam que cada flor, cada pássaro e cada animal tem um protótipo espiritual na vida espiritual.

Aproximadamente isto é verdade; pois existe uma vida espiritual para eles. Queremos dizer que a atmosfera que rodeia a terra e as flores da terra está povoada pelo espírito das flores; que os animais que habitam sobre a terra existem num estado espiritual em torno do reino animal, e que existe uma perpetuação, não da imortalidade individual — pois esta pertence a uma volição e consciência que é completa na sua natureza e forma o círculo da existência — mas uma vida espiritual que está tão bem adaptada a cães e cavalos como a vida espiritual dos seres humanos está adaptada a eles; e onde as linhas se fundem muito na terra, geralmente fundem-se na vida espiritual, visto que o homem que se dedica a cães e cavalos geralmente não passa muito além da atmosfera da terra quando parte deste mundo — pelo menos não imediatamente. De modo que é bem verdade que podem ver cães e cavalos na vida espiritual como aqui — porque não se elevam acima da atmosfera que os contém: e esta vida nunca se perde, nunca se funde noutra

vida, mas constitui para sempre a corrente subtil de vida em criações semelhantes neste ou noutros planetas, tal como as substâncias do corpo constituem os elos subtis que formam as criações externas do homem e da mulher.

Isto, tal como a outra questão, exigiria, contudo, uma elaboração mais extensa.

OS MALES E O REMÉDIO DO NOSSO ATUAL SISTEMA SOCIAL

O estado social do mundo, muito mais do que o teológico ou político, é a resposta imediata à condição espiritual da humanidade, e isso é uma questão de crescimento. Digam-me o que existe na sociedade e eu dir-vos-ei o estado espiritual da sociedade. Mostrem-me os resultados de qualquer existência social e eu dir-vos-ei o crescimento espiritual dos indivíduos que a formam.

Os males da vida social, se brotam em extremos, provam um extremo noutro lugar; se brotam em inércia geral ou indiferença, mostram uma estagnação dos impulsos sociais e superiores da humanidade.

Cada estado social é o florescimento da civilização que representa e, tal como no período intelectual da Grécia e de Roma a condição social era a mais corrupta, isso provou que o coração, a vida social e espiritual estavam empobrecidos para sustentar os esplendores da mente; tal como em períodos anteriores e posteriores o estado social foi sacrificado a condições políticas, isso prova que o poder da ambição tinha maior domínio do que o poder do amor.

Quaisquer que sejam as perturbações aparentes, as dificuldades aparentes na superfície da sociedade hoje, o estado social médio da Cristandade é a expressão mais elevada das civilizações do passado. Nunca houve um período de tempo em que homens e mulheres pudessem, juntos, na arte, na ciência, na literatura, na música, na religião, na filosofia, sentar-se, ou caminhar, e conversar, e falar uns com os outros como fazem no século dezanove. Os pessimistas podem dizer o que quiserem sobre o estado imoral da sociedade; o estado da sociedade é melhor do que os seus olhos conseguem ver, e a condição média do mundo é muito superior ao que tais homens e mulheres podem possivelmente perceber.

Mas os males que são transmitidos de geração em geração, os males crónicos do mundo, tais como os que são visíveis nas classes criminosas, nas classes que são geralmente imorais na sociedade, devem ser rastreados até

costumes antigos. Primeiro, a prevalência da força; depois, o ajuste das leis humanas para o governo do homem que tornaram a mulher, ilegalmente, o seu adjunto de muitas formas; a associação de seres humanos numa desigualdade devida à força física e, portanto, à riqueza física, que se tornou finalmente o poder aumentado do mundo; títulos hereditários, a transmissão de propriedades hereditárias, castas — estais a sofrer de todas estas coisas, e as classes criminosas cresceram no velho mundo como consequência direta deste favoritismo e distinção de classes. As classes criminosas neste mundo estão a tornar-se cada vez menos tenazes, devido à publicidade do crime e devido à oportunidade geral dada a todos os que a desejam para uma vida superior e igual à dos restantes.

Não deveis esperar que se operem prodígios num único século. Um mundo que teve muitos milhares de anos de corrupção alternada e tentativas de justiça humana não pode esperar ser renovado num dia. São precisos milhões de anos para fazer um mundo — porque não milhões de anos para fazer anjos de seres humanos?

UMA ALOCUÇÃO EM TRANSE SOBRE A PARENTALIDADE

A Sra. Cora L. V. Tappan, "sob a influência dos seus guias espirituais", proferiu uma conferência sobre "A Parentalidade e as suas Consequências", no Town-hall, em Brighton, na noite de sexta-feira, 5 de fevereiro.

Sempre que qualquer miséria humana era considerada incurável, isso devia soar estranho, disse ela, aos ouvidos de um Pai todo-poderoso e benfazejo, que providenciara meios para a cura de todos os males humanos. Na opinião da oradora, esses meios eram transmitidos pela única palavra: conhecimento; e sempre que o conhecimento de qualquer mal fosse devidamente considerado e transmitido à raça humana, o sofrimento e a miséria teriam inevitavelmente de partir. Argumentou-se, portanto, que não havia um único de todos os infelizes desamparados lançados na sociedade — os mutilados, cegos, deformados ou idiotas de nascença — que não o fosse devido à falta de conhecimento adequado e da aplicação do mesmo; e afirmou que quase todas as doenças que afligiam a humanidade poderiam ser evitadas se fosse dada tanta atenção ao cultivo e à perfeição da humanidade quanto a que era habitualmente dada pelo mundo científico à compreensão de qualquer assunto.

Para que essa atenção pudesse ser dada, foi salientado que ninguém deveria assumir o sagrado ofício chamado progenitor, no sentido mais elevado e divino, se houvesse uma imperfeição física ou mental que fosse suscetível de contaminar a humanidade com o crime ou a doença; e, em reforço desta injunção, foi exposta a responsabilidade dos seres humanos nesta matéria. Chamou-se a atenção para os factos apresentados por estatísticas de que 900 criminosos, imbecis e párias descendiam de uma única e infeliz criança indigente, abandonada à sua sorte há apenas um século, e de que as porções degradadas das nossas cidades e vilas eram o resultado de dois ou três desses casos incidentais e aparentemente acidentais de crianças abandonadas, que perpetuavam a sua espécie e enxertavam na sociedade humana algo que era pior do que qualquer mera doença física — a enfermidade moral e física.

Sendo a perfeição a condição primordial da vida humana — que tudo o que a Divindade colocara na terra deveria representar o seu tipo de expressão mais elevado possível — sustentou-se que um pleno conhecimento da responsabilidade definida deveria ser possuído por cada indivíduo que assumisse o sagrado ofício e encargo de dar à terra uma expressão da alma do homem em forma humana; e que, sempre que um crime, enfermidade ou deformidade estivesse para ser perpetuado pela negligência deste conhecimento, era dever da sociedade intervir, com o propósito de poupar à humanidade a simpatia desnecessária e a filantropia absolutamente desperdiçada que ocorrem atualmente no mundo. Não deveria ser possível, nesta era de civilização e cultura, que existisse um espetáculo como o que testemunhariam em qualquer hospital ou asilo para órfãos e para doentes e enfermos.

Não poderia haver, de modo algum, nada nesta matéria que fosse inescrutável; pertencia àquela classe especial de investigação humana que a paciência, o estudo cuidadoso e um desejo sincero de chegar ao desejo e à vontade do Propósito infinito poderiam manifestar, e de facto manifestavam, à humanidade. Fisiológica e cientificamente falando, era não só absolutamente verdadeiro, mas era um facto que, se aquilo que é santificado e tido como sagrado como o matrimónio fosse tornado ainda mais sagrado pela consciência de que nenhumas pessoas deveriam alguma vez separar-se dos seus semelhantes como casadas, exceto se desejassem apresentar ao olhar do Pai celestial, que consagrara a sua união, os tipos mais elevados de humanidade; e se, somado a isto, houvesse também o conhecimento que

tornasse esse desejo possível de ser cumprido, então teriam chegado à raiz da dificuldade. Mas enquanto pessoas jovens e inexperientes se precipitassem nessa relação sagrada sem conhecimento da responsabilidade que incorrem, enquanto a sociedade sancionasse e sancionasse aquelas uniões convenientes que serviam para a perpetuação de bens e títulos em vez dos tipos mais elevados de humanidade, enquanto médicos e, por vezes, instrutores espirituais insistissem que estas uniões deveriam ocorrer, independentemente das consequências físicas ou morais, não poderiam deixar de esperar as imperfeições que são agora visíveis na sociedade.

Se, contudo, uma criança abandonada deixada à sociedade sem cuidados fazia com que o Governo despendesse milhões de libras anualmente como resultado dessa única infelicidade, então cabia a todas as pessoas de mente reta empenharem-se na formação de escolas de instrução para os jovens, providenciando para aqueles assim deixados sem cultura e instrução precoces não só educação, mas todos os meios de sustento e proteção adequada contra o crime, a penúria e a carência. E pertencia a toda a grande irmandade de mulheres em todos os locais de culto zelar para que não houvesse raparigas desprotegidas e sem cuidados, entregues às tentações da vida externa; e pertencia a todos os homens, irmãos na sociedade cristã, considerar cada jovem mulher como esperavam que outros homens considerassem as suas esposas, filhas ou irmãs — objetos de proteção.

E este estado de sociedade traria aquela mudança radical que agora parecia tão distante, e que os bons e sábios tentavam em vão resolver curando a superfície e não sondando até ao centro os males que afligiam a humanidade.

No encerramento da conferência, várias perguntas foram feitas por dois cavalheiros, mas estas não suscitaram nada para além do que já fora declarado, exceto a confissão de que, tal como a questão da intemperança ou outras questões sociais que envolviam a responsabilidade individual em complicação com a legislação, o assunto considerado não poderia ser alvo de legislação humana nos dias de hoje, como fora nos dias dos Espartanos, mas poderia ser objeto de formação, de modo a que pudesse ser criada uma opinião moral e social tal que seria impossível na sociedade fazer aquilo que perpetuaria um erro sem a condenação da humanidade; que se acreditava ser possível à ciência humana aperfeiçoar-se de tal modo que a tendência hereditária para a loucura ou para a tísica [tuberculose] pudesse ser prontamente detetada, não só quando ativa, mas também quando inativa; e

que a transmissão hereditária de tendências criminosas poderia ser remediada da mesma maneira que a da doença física. Foi também proferido um poema improvisado sobre a "Morte", um tema escolhido pela assistência entre os seguintes outros quatro submetidos por membros individuais: — "Flores", "Amor", "Moisés nos Juncos" e "Guerra".

UM ESPÍRITO NA PRISÃO

UMA EXPERIÊNCIA PESSOAL

Um Discurso Inspirador, pela SRA. CORA L. V. RICHMOND. Perante a Primeira Sociedade de Espiritistas, 7 de dezembro de 1890.

"E Ele foi até aos espíritos em prisão, aqueles que foram desobedientes nos dias de Noé."

Aquilo que ouvireis esta noite será uma história pessoal; mas quem vo-la apresentará não é o narrador. O espírito cuja história será contada encontra-se próximo, enquanto aquele que a relata está sob o controlo da médium e narra, tanto quanto possível, a linguagem exata de quem deseja transmitir a sua experiência. Por razões óbvias, ligadas sobretudo àqueles que ainda permanecem na terra e que eram familiares daquele cuja história é relatada, nenhum nome será pronunciado.

Quando o cortejo e a pompa fúnebre, a assistência dos cortesãos e o grupo de adoradores terminaram; quando, dos aposentos silenciados, os passos sem ruído, o luto pessoal e o espanto mais profundo daqueles que rodeavam o corpo cessaram, o espírito foi libertado da forma mortal. Foi da força para a fraqueza, da pompa para a pobreza, do esplendor régio para os farrapos, do comando de exércitos e servos e de adoradores obedientes para uma aparente solidão — uma solidão tão vasta que parecia preencher todo o universo.

Pois, embora houvesse espaço, este carecia de luz; embora houvesse vastidão, nem um único raio iluminava ou alterava as linhas cinzentas e baças no horizonte aparentemente sem limites; nem um único objeto existia, salvo aqui e ali fantasmas ténues que não pareciam reais e que não podiam de todo ser identificados ou reconhecidos; e uma impotência, como se houvesse um grande feitiço, um cativeiro não nascido de qualquer grilhão externo, ou algemas, ou correntes, mas de algo que estava no interior — um esforço e

desejo de chamar por alguém, de fazer alguém ouvir, de ter alguma luz ou calor, ou cor lançada sobre este espaço de chumbo.

Contudo, aquele que vos fala estava perfeitamente ciente de que a mudança chamada morte ocorrera; de que havia uma longa expectativa da mesma; de que houvera preparação na casa e na nação para o evento; bem ciente de qual seria o resultado nos conselhos de Estado, a alteração das circunstâncias e da posição; e perfeitamente ciente, no instante em que a mudança ocorreu, de que nenhuma palavra, pensamento, olhar ou intenção poderia alterar mais o destino da nação.

Uma letargia singular apoderou-se de mim, não tanto sobre os membros e a forma, mas sobre a mente e o espírito — grilhões inumeráveis e indizíveis. Já não era a ansiedade relativa aos assuntos de Estado; já não eram os receios relativos a parcelas do povo; já não era qualquer assunto relacionado com a ambição ou as coisas terrenas; era perfeitamente claro que tudo isso passara — que não poderia haver mais qualquer poder material.

Mas não havia nenhum tipo de poder! Não havia nada que pudesse substituir a outra força. A razão parecia incapaz de exercer as suas funções, e a mente e o espírito estavam totalmente impotentes — até a religião fora por mim esquecida! Não havia conhecimento de nome, ou pensamento em Deus; e o Cristo, por quem exércitos tinham sido convocados e a nação derramara o seu sangue, nem sequer era sonhado. Onde estava o Deus que tudo sustenta? Onde o preservador vigilante, assistente daqueles que invocaram o nome de Deus e de Cristo?

E onde a multidão, as hostes de santos e anjos que deveriam receber alguém ao passar para o mundo dos espíritos? Um sentimento de grande negligência, de ter sido injustiçado ou abandonado, e uma espécie de recorrência do sentimento de que alguém fora desobediente e desleal, abateu-se sobre o pensamento daquele que vos fala; um desalento, ou ambição ferida e mágoa, como se aqueles que estavam habituados e que se encontravam na vida espiritual há algum tempo devessem assistir aquele que nela acabava de entrar.

Sem nomear os laços mais queridos, as associações e associados familiares, os afetos pessoais que se supõe existirem num indivíduo colocado numa posição de poder — mesmo esses estavam ausentes. Quem haveria de olhar através do cinza e da sombra para o espírito e a condição daquele que se sentia tão impotente e sem esperança, através da vasta escuridão — como

se esta fosse provavelmente o fim de tudo o que poderia haver do estado ou condição espiritual? No início, tal poderia ter levado alguém a esperar por algo melhor ou superior. Mas o brilho de uma consciência de qualquer espécie perdeu-se no contorno ténue e sombrio daquela incerteza cinzenta que parecia não levar a lado nenhum, para a qual não havia montanha, contorno, margem, costa ou nada que pudesse aliviar a monotonia do espírito.

E então surgiu o sentimento de que algum tipo de tortura seria melhor do que esta agonia inaudita; algo para ser suportado ou sofrido, algo que fosse palpável seria melhor; algum tipo de perseguição; algum tipo de horror como aquele que supúnhamos residir no Hades. Veio depressa o suficiente. Não soube pedir a sua vinda, pois da letargia inicial surgiram reminiscências, uma linha tão aguda e penetrante como se o gume de uma espada tivesse atravessado a memória e aberto, através de todas as barreiras da existência, a linha da vida.

Ninguém é culpado por nascer num lugar de poder, mas, tendo nascido assim, a forma como se usa esse poder repousa na consciência de cada um; e se a consciência de alguém está pervertida, o que acontece então? Assim, o golpe de espada veio trespassando a linha da memória. A vida jovem era suficientemente clara; havia os associados habituais, o meio envolvente, a preparação, a educação, a castigação, as limitações, as barreiras e a vigilância a que são submetidos aqueles que hão de ser os governantes das nações. Mas havia também a ambição pessoal: havia a procura do próprio interesse e o conhecimento do poder: havia o direito de soberania: havia a posse do cetro, da coroa e do reino, e um anseio por maiores posses e poderes.

E depois havia a aspiração egoísta: o desejo contínuo de aumento de poder; havia até a presunção — não era sequer a presunção da consciência, do desígnio da religião, de servir a Deus enquanto se servia a coroa, de ter associado o reino a uma espécie de luz sagrada — o sentimento de que o reino vinha primeiro e Deus depois, e a consciência de que a vida individual não poupara qualquer propósito egoísta, não omitira a obtenção de qualquer objeto egocêntrico; e, mais profundamente ainda, que muitas vezes os assuntos do Estado e da nação se vergaram ao desejo e vontade individual, em vez do outro propósito de servir a nação.

Mas, acima de tudo, havia o golpe de espada, ainda mais profundo, daqueles que tinham sido injustiçados: de vidas individuais que foram

crucificadas, não no rasto e balanço dos exércitos, não onde o bem-estar da nação estava em jogo, não onde os assuntos de Estado exigiam que vidas, aparentemente, fossem sacrificadas, mas a preservação de vidas que, através de qualquer desejo louco de liberdade, na busca do que era mais elevado e melhor, e de verdades que eram queridas aos seus corações, tinham sido sujeitas a prisão, tortura ou morte; a perseguição de indivíduos que não se dobravam ao poder do trono ou do rei individual.

E havia a sombra da grande inquietação de um povo poderoso, suprimida em todos os pontos com a baioneta e a espada, armamentos de guerra e, especialmente, os oficiais da coroa e do exército, e cada departamento municipal sob o controlo estrito destes servos poderosos. Surgiu o conhecimento de que vidas individuais tinham sido desconsideradas; que direitos e privilégios individuais tinham sido ignorados e que, em instâncias que pareciam quase inumeráveis, a crueldade fora praticada; e estas surgiram perante a visão com uma clareza acusatória, cada rosto e forma tão distintos quanto possível. Por vezes, eram de pessoas em elevadas posições de poder e confiança; por vezes, estavam entre os humildes, e havia sempre esta consciência de que o indivíduo fora injustiçado na tentativa de manter a dignidade do rei.

Não apenas o soberano na sua capacidade oficial era assim acusado, mas, mais profundamente, o soberano na sua vida pessoal, de modo que cada ato se tornava claro e distinto, como um feixe de luz; era como um golpe de espada penetrando cada vez mais fundo; até os seguidores individuais, os amigos, aqueles que deveriam estar próximos e ser queridos, pareciam tornar-se o acusador; não que o fossem, mas a memória tornava-o assim, e os atos, sob forma magnificada, apareciam tão formidáveis como mil muralhas, apenas com a diferença de que cada uma destas muralhas tinha línguas de chama, e cada língua trespassava-me com o conhecimento das ações que tinham sido praticadas!

Parecia então que as formas daqueles que tinham sido condenados à morte, ou que tinham sido sacrificados de formas terríveis pelo egoísmo pessoal do indivíduo, se tornavam nítidas e claras; e estes eram os fantasmas que tinham flutuado na distância cinzenta e ténue, indefinidos, não reconhecidos. Aproximavam-se mais e mais, e cada um, quando a vida poderia ter sido poupada e não o foi, tornava-se tão distinto como uma chama acusadora.

Ao falar de espíritos que estão em tortura, confesso prontamente que, se a chama tivesse queimado ou consumido o corpo, se tivesse havido os fogos literais do Hades, se estes tivessem ardido em redor e parecido consumir a forma, não teria havido tal tortura como a que foi por mim experienciada quando cada uma destas chamas-espada da memória e consciência acusatórias trespassava a minha alma.

Aparentemente, não era considerado de grande importância que, sob o conselho de conselheiros, os assuntos da nação tivessem corrido mal; nem parecia importar tanto que, sob conselhos semelhantes, injustiças tivessem sido cometidas contra outras nações e contra o próprio povo; mas o que era mais atormentador e a consumação do maior tormento era que, estando colocado numa posição de confiança e poder, este fosse empregue para promover a ambição e os desejos individuais, em vez do bem-estar do povo; e que também, estando na posse de tal poder e sendo reconhecido como autoridade absoluta, contudo, conselheiro após conselheiro era obrigado a dobrar-se à vontade do soberano, para que esta fosse suprema. Mas mais do que isto: que a vida individual, que poderia ser governada por um esforço mais nobre e por motivos maiores, não fora minimamente governada; e que o egoísmo, a estreiteza e a amargura, a perseguição de oponentes, eram a força mais acusatória.

E então surgiu sobre toda esta planície vasta e divina uma multidão de pessoas, que vinham aparentemente em trajes obscuros ou nobres, naquilo que constituía o camponês, o trabalhador, o fabricante, o mecânico, ou sob o disfarce daqueles de nascimento nobre. Era uma multidão incontável e parecia que todos os seus rostos carregavam acusações de algum mal contra eles cometido, de algo que não fora retificado, alguma petição que fora ignorada, algum apelo de perdão negligenciado, algum grito de opressão de pessoas que nunca tinham tido resposta; de mulheres cujos maridos tinham trabalhado arduamente para sustentar a sua vida quotidiana e que depois foram sujeitos a alguma penalidade por desobediência à lei da coroa; de bebés cujo apelo parecia penetrar e atravessar a atmosfera, cujos pais tinham sido mortos sob o bando e a sanção do soberano; daqueles que tinham lutado por maior liberdade e que eram supostos ser desleais à coroa e ao rei.

Oh, estes rostos acusadores, estes semblantes carregados de acusações profundas e divinas, com um sofrimento nascido do grande mal que lhes fora infligido! Por que nascera alguém de novo? Por que deveria alguém ter sido assim condenado pela ambição? E então veio a voz sempre presente da

consciência: "Mas se alguém nasce rei, pode ser justo e ainda assim generoso, perdoador e bondoso; pois por que é o poder confiado a alguém, a menos que seja para provar que esse alguém é o seu abusador?" Não havia refúgio, portanto, no nascimento ou na soberania, ou no conselho de conselheiros, ou nos vários dispositivos que alguém pudesse tentar empregar para esconder as suas próprias imperfeições. Ali estavam eles; e a agonia que trespassava tudo era como muitos milhares de chamas, cada chama aquecida ao rubro, à medida que a voz acusadora da consciência em cada direção tornava a ação ou o motivo duplamente claros.

Já não estava impotente; já não havia letargia; já não havia as linhas cinzentas e baças; cada porção do espaço parecia animada por forças e formas e vidas acusatórias e as vítimas da ambição individual, do desígnio pessoal, até que, para onde quer que me voltasse, em qualquer direção, parecia não haver senão uma massa de formas e rostos a rodear-me. Acusavam eles? Eram as suas vozes? Ao recuperar o suficiente para fazer esta pergunta, descobri que não. Não havia uma única voz; o silêncio era ininterrupto e, olhando para os semblantes, eles nem sequer pareciam ver-me. Era eu quem os via. Era eu quem era o acusador, e a voz da consciência criava as vozes que pareciam o clamor da multidão, fazendo um retrospeto de tudo o que vivera, que produzira os sons dessas muitas vozes; e enquanto eu gritava com grande amargura e agonia: "Eu servira o Deus dos reis e o Cristo dos impérios", alguém de entre a multidão, vestido com trajes humildes, aproximou-se de mim e disse:

"Viste ou ouviste alguma coisa que eu tenha dito contra ti?"

Eu disse: "Quem és tu?"

E ele disse: "Saberás com o tempo, ou nesta eternidade, que não tem tempo, mas sim a sua própria condição."

Fui então deixado, e pareceu haver um vasto intervalo no qual estas memórias apinhadas e cenas assombradas passavam repetidamente diante de mim, como na vida. Depois, fui criança novamente; houve então uma consciência permanente de ser amado, e a presença da mãe, e vozes que soavam como crianças, companheiros ligados a mim por laços de consanguinidade, e brincávamos juntos. Foi um doce alívio sentir que havia algum descanso desta tortura suspensa que percorrera o meu ser com a violência da tempestade. Sons doces de águas, fontes que pareciam jorrar, e um silêncio como a voz de uma mãe, e um batismo como alguém em oração.

Certamente, iria então despertar deste outro estado que fora um pesadelo e um sonho, e tomar posse das memórias mais doces. Quaisquer que fossem as pequenas coisas, mesmo na infância, atos egoístas ou coisas simples, estas ainda me entristeciam e atormentavam, embora a doce canção de embalar fosse cantada. Seguiu-se então o que pareceu um intervalo de longo silêncio. Os espíritos não sabem, em tais lugares, qual poderá ser o decurso do tempo.

Não se trata de tempo, mas de condição. Poderá ter sido uma hora, ou anos — não se sabe. Mas surgiu uma consciência distinta de um alívio do fardo, de que algo estava a ser feito para atenuar a sua opressão e, para total espanto daquele que relata esta história, as longas linhas cinzentas, que se tinham finalmente tornado povoadas e preenchidas com rostos e formas acusadoras, regressaram. Mas agora matizadas com uma luz dourada, um brilho parcial, como aquela luz que por vezes precede o amanhecer, antes de se ter a certeza de que o dia chegou; e então pareceu elevar-se, como se uma poderosa cortina de ouro ou de sombra tivesse sido erguida por mãos do outro lado da cortina, um grande e rico dossel; e, sob este, as linhas de luz vinham fluindo na minha direção, como se transportadas nas asas de um poderoso mensageiro; e então vi novamente os rostos e as formas daqueles que pareciam acusar-me.

E aquele que falara comigo, perguntando-me se eu ouvira algo da sua acusação contra mim, adiantou-se, e todos aqueles cujos rostos e formas pareceram ser os meus acusadores seguiram-no, cada um trazendo um presente e um sinal, um raio de luz: "Perdão". E enquanto essa palavra tremia no ar e iluminava a sombra, fazendo-me saber que aqueles a quem eu injustiçara eram maiores, mais sábios e mais divinos do que qualquer um que eu louvara na terra, surgiu um tal sentido de humildade, tal indignidade, que de bom grado me teria escondido do olhar desta maravilhosa multidão. E aquele que foi mais bondoso, e que parecia ter peticionado nalgum lugar no ar superior, ou nas almas destas pessoas, por esse perdão, era aquele a quem eu fizera sofrer mais profundamente, e cuja injustiça fora a mais pessoal de todas.

E enquanto esta luz caía sobre o meu espírito, eu questionava: poderá ser verdade que, de entre o grande horror e agonia do passado, alguém me visitou na minha casa-prisão do "eu", libertou o vínculo e eu estou livre? Não conseguia sentir ainda um sentido de perdão, mas apenas um sentido de não ser acusado, apenas um sentido de não ser torturado e atormentado, apenas um sentido de trégua parcial; e então varreu o meu espírito um som de

música de uma doçura insuperável: vozes de crianças, como eu as ouvira cantar muitas vezes em locais públicos, por meu comando; vozes de crianças flutuando ao longe através desta cúpula que estava acima de mim, que eu ainda não conseguia ver. E então vi os rostos outrora sofridos: vi a luz daquele reino eterno que ainda não seria aberto por mim, e soube que aquelas eram as canções das crianças cujas vidas tinham sido possivelmente sacrificadas por minha causa; cujos fardos tinham sido maiores para que eu pudesse governar e reinar: e a quem fora ensinada, no reino celestial, a canção do amor e do perdão.

E agora, se ouvirdes louvores saindo de lábios humanos, ou se as vidas forem despertadas para um sentido mais profundo de liberdade, ou se houver maior amor por aquela humanidade que foi impiedosamente espezinhada, lembrai-vos de que aquele que está parcialmente livre dos grilhões será quem ajudará nisso. E caso tal liberdade venha, como poderá vir através de trabalho e esforço acrescidos, por meio de busca constante e oração, podereis ver um espírito que na vida terrena foi orgulhoso, que na vida terrena foi arrogante, que na vida terrena se julgou maior do que os seus semelhantes, em vestes de humildade e fraqueza, sentado entre os menores daqueles que sentiram que podiam aliviar os fardos do mundo, vigiando-me sempre: quem conheceu a franquia e a liberdade, quem não conheceu o jugo de tirano ou rei, só pode compreender o que significa ser acusado por um povo poderoso, pelo espírito da liberdade.

Devereis cuidar para que não só nenhum rei mortal alguma vez vos governe, mas também para que os vossos próprios espíritos se mantenham livres do orgulho e da arrogância, pois, embora hoje possa parecer um carro de esplendor, ele conduzir-vos-á à prisão pela porta da morte.

MILAGRES MODERNOS

Um Discurso Inspirador pela Sra. Cora L. V. Tappan

Domingo, 21 de novembro, no Hall Cor. Green e Ruas Washington.

Relatado fonograficamente expressamente para o *JOURNAL* pelo Sr. John W. Coonan.

Escolhemos para tema do discurso desta manhã o assunto dos "Milagres Modernos". Em todo o mundo religioso, diz-se que o dia dos milagres já passou, e todas as formas de expressão espiritual estão confinadas aos registos desses milagres e à apreciação dos mesmos na mente humana. Contudo, isto é uma contradição, visto que se diz que todo o fervor religioso é acendido pelo espírito; e o derramamento do espírito, mesmo no mundo religioso, não pode ocorrer sem a presença do poder espiritual, e esse poder espiritual deve ser acompanhado por aquilo que, em tempos antigos, teria sido considerado um milagre. Se o Espírito Santo, invocado pelos religiosos, estiver no meio deles, deve ser pelo mesmo poder que existia nos dias antigos. Se Deus desperta o entendimento para a apreciação da Sua presença, deve ser pelo mesmo processo com que despertou os fogos da inspiração espiritual em tempos remotos.

Mas, no que concerne à religião evangélica, as formas que exprimem a presença do poder espiritual não foram mantidas vivas e os milagres, segundo o seu próprio testemunho, não existem hoje nas igrejas estabelecidas, excetuando apenas a Igreja Católica Romana, que afirma manter vivas e preservar as evidências do poder espiritual. Há aqueles no mundo da ciência que negam a adequação da palavra "milagre". Ilustraremos a palavra pela sua interpretação correta: é simplesmente um mistério.

Tudo o que era realizado através de leis desconhecidas pelos antigos era considerado um milagre; e assim, cada forma de operação hábil na ciência era tanto um milagre naqueles dias como qualquer alegada performance sobrenatural; e tudo o que agora se estende além do alcance da consciência humana ou da ciência deve inevitavelmente ser considerado um milagre. Não é, contudo, mais do que o exercício hábil de poderes e leis apropriados ligados à natureza espiritual do homem, e tudo o que pertence a esta operação pode ser considerado milagroso. E tudo o que se estende além do alcance da ciência absoluta pode ser considerado como pertencente ao reino

do milagroso; e tudo o que existe na ciência, cujas leis não são conhecidas nem compreendidas, é também um milagre.

Os raios de sol que incidem sobre vós esta manhã são tanto um milagre como se a presença espiritual, o poder e as vozes do mundo invisível fossem palpáveis ao vosso entendimento. O próprio raio de luz não é mais entendido ou compreendido do que a essência essencial da Divindade. Algumas das operações das leis da luz são conhecidas, mas as causas e a constituição da própria luz continuam a ser um mistério; é, portanto, um milagre que sobre o mundo, esta manhã, brilhe a luz do dia, iluminando-o com esplendor.

Mas a nossa fase atual do assunto é aquela que pertence à natureza espiritual do homem e à consideração das manifestações que ocorreram no último quarto de século, provando a existência de milagres de forma tão palpável e distinta como os registados nos tempos antigos; e não só provando a sua existência, mas revelando algo das leis através das quais são realizados, mostrando que o que se denomina milagre ocorre tanto em conformidade com a lei natural como qualquer outra coisa no universo. Por outras palavras, existe uma ciência dos milagres, uma superciência além daquela da matéria e substância considerada pelo homem, que em si permite plenamente que ocorram esses eventos considerados milagrosos; e para cada evento que transparece nas manifestações espirituais, ou que transpareceu na antiguidade, existe uma lei espiritual adequada e apropriada.

A ciência declara que duas substâncias de igual densidade e textura não podem ocupar o mesmo lugar ao mesmo tempo; e, nos dias antigos, foi claramente provado que seres angélicos apareciam dentro das paredes de salas sem qualquer rutura aparente das mesmas e apareciam em forma tangível. Nos dias antigos, pedras foram movidas de sepulcros sem qualquer lei física aparente para tal feito; nos dias antigos, pessoas foram encerradas em fornalhas ardentes e saíram incólumes das chamas consumidoras. E dizia-se que tais factos eram milagrosos. Assim o eram, no que toca a qualquer lei conhecida.

Nos dias modernos, mostra-se claramente que substâncias passam através de outras substâncias sem qualquer desintegração aparente, preservando a estrutura orgânica de cada uma. A fórmula da ciência afirma que isto é impossível; a ocorrência do facto prova que é possível. Os factos são que substâncias aparecem dentro das paredes de uma sala tão sólidas como essas mesmas paredes, sem qualquer desintegração visível e sem

qualquer abertura por onde pudessem passar. O facto é que vestes são retiradas dos corpos de pessoas enquanto as mãos estão atadas de tal maneira que seria totalmente impossível passarem por elas; contudo, não há desintegração nem da estrutura do corpo nem da textura da veste.

Os factos são que pessoas passam para uma sala e são ali descobertas por dezenas de testemunhas, sem qualquer desintegração das paredes da sala. Para isto a ciência não tem solução; e, se tivesse ocorrido em tempos antigos, teria sido chamado um milagre, e o assunto ficaria por ali. Mas o facto de ocorrer em conformidade com as leis é palpável e evidente. A ciência declara que a atmosfera contém em solução todas as substâncias que se encontram na terra; no entanto, não tem sido competência da ciência condensar esses átomos para a formação de substâncias orgânicas ou para a formação de qualquer processo de corpos organizados.

O testemunho de milhares de testemunhas vivas provará que, da atmosfera que se encontra no estado atómico, aparecem substâncias sólidas como flores, frutos e até formas humanas; que estas formas humanas são tão palpáveis ao toque e aos sentidos como qualquer forma hoje existente sobre a terra; que têm peso, fibra, estrutura e circulação; que existe pulsação e que a textura do cabelo e a qualidade da superfície cutânea são precisamente as mesmas que as existentes no ser humano; que estas formas são evocadas, ou aparecem, do que é aparentemente o ar vazio, e que novamente desaparecem e se tornam invisíveis ao olho humano; que estas formas, enquanto existem, possuem toda a aparência de estrutura que existe nos corpos organizados. Isto provará que outro dos axiomas da ciência é falso, nomeadamente, o de que nenhuma substância sólida pode existir sem um processo orgânico.

Outro axioma da ciência é que cada forma que possui certa densidade e textura e existe a uma certa distância na atmosfera terrestre deve ter um certo peso; ora, estes corpos organizados que surgiram da atmosfera têm sido conhecidos por pesar desde 4 a 450 quilogramas, sem qualquer diferença apreciável na textura ou qualidade da estrutura. Mesas que, ordinariamente, têm uma certa gravidade específica, foram conhecidas, sem qualquer força física adequada, por pesar desde 4 a 450 quilogramas. Seres humanos com um dado peso ou gravidade específica foram vistos a mudar sob a influência de alguma força peculiar até que o seu peso seja **10%** mais leve ou **10%** mais pesado do que aquele que a gravidade específica comum lhes credita.

Isto prova que a ciência está apenas aproximadamente correta; que o peso aparente e a densidade aparente são apenas aparentes; que os factos são que não existe tal coisa como peso absoluto, que não existe tal coisa como gravidade específica absoluta, e que o aparentemente sólido o é apenas do ponto de vista da observação científica e não na realidade. Benjamin Franklin, quando estava na terra, disse que, se não fosse pela película de resistência existente entre os átomos, toda a terra poderia ser condensada no pequeno espaço de uma casca de noz. Acreditamos certamente que, se as substâncias fossem realmente sólidas, toda a substância de que a terra é composta poderia ser condensada no espaço desta sala; e, no entanto, considerais sólidas essas substâncias que meramente resistem à vossa aproximação exterior, com as vossas formas atuais de conhecimento.

A ciência será obrigada a mudar as suas fórmulas, pelo simples facto de que substâncias passam através de outras substâncias sem desintegração. Existe hoje em Inglaterra um homem eminente no mundo científico que provou que, na circulação do sangue, o corpúsculo vermelho sai do soro no qual está depositado sem deixar rasto do método pelo qual passa; que, por outras palavras, há uma passagem perpétua de matéria através da matéria na circulação do sangue, e no entanto não há evidência percetível disso. Isto foi levado por diante sob experiências sugeridas pelas manifestações do Espiritualismo Moderno, e este médico, ao publicar os seus relatos ao mundo, afirmará que, sendo isto verdade para o processo orgânico no universo, as substâncias de que as paredes desta sala são compostas não são sólidas.

Os átomos são mantidos unidos por uma certa atração chamada atração de coesão. Se os átomos puderem ser separados e novamente unidos antes que a atração de coesão cesse, não há desintegração das partículas. Se as fibras de que o vosso vestuário é composto puderem ser desintegradas e essas fibras novamente unidas antes que esta atração cesse, não há rasgão percetível na veste. Se ferirdes a mão e pressionardes a carne antes que a atmosfera desintegre os átomos, descobrireis que ela se unirá sem qualquer ferida percetível, e a cura ocorre desta forma, sendo as partículas reunidas antes de "esquecerem" a sua unidade.

É como a lembrança. Se fordes novamente postos em contacto com um evento antes de o esquecerem, parece que este nunca foi interrompido. Os átomos têm esse tipo de lembrança; eles tendem a aderir à condição em que se encontram presentemente e, se a atração entre eles não for cortada, a

estrutura orgânica permanece, mesmo que pareça haver uma rutura; e se houver qualquer lei no universo pela qual esses átomos possam ser instantaneamente separados e instantaneamente unidos, não há desorganização apreciável na estrutura. Isto ocorre na cicatrização de feridas em árvores. O processo de ação endosmótica, pelo qual a circulação do fluido é realizada, continua mesmo apesar da separação forçada externa dos átomos e fibras. A cicatrização da casca de uma árvore é evidência disso; mesmo que cortem profundamente a estrutura, as fibras continuarão o processo de cura até que, finalmente, a vida desempenhe as suas funções tão plenamente como antes.

A Natureza é composta, portanto, não de substâncias sólidas, não de leis orgânicas que são todas compreendidas e, portanto, invariáveis, mas de uma estrutura interna de leis que são tão positivas e subtis no seu funcionamento — e mais ainda — do que aquelas que estão à superfície. Não é, portanto, uma violação da lei natural que uma mesa seja erguida da superfície da terra, nem isso anula a lei da gravitação; mas existe outra lei que é superior àquela que supondes ser a lei da gravitação, e essa lei superior é a lei de toda a vida. Não é mais maravilhoso que, sob um poder mental adequado, uma mesa ou cadeira sejam movidas do que esta mão seja erguida, uma vez que não conheceis o processo pelo qual qualquer uma das coisas é realizada.

Não é mais maravilhoso que qualquer substância aparentemente orgânica e sólida seja erguida da superfície da terra do que a pequena fibra de relva se erga em forma de espiral em direção à luz. Não sabeis como qualquer uma delas é realizada, nem a lei da realização ou crescimento da árvore é minimamente compreendida, exceto no seu efeito. Todas as causas da natureza são milagrosas; a ciência não presume descobri-las; ela não ousou entrar no vestíbulo da causa última e íntima. Ela lida com efeitos e mostra-vos esses efeitos; e se a lei e o efeito estiverem ambos ocultos, ela falha em descobrir qualquer um deles. Assim, o mundo da ciência alcança apenas a superfície e a expressão mais externa da natureza, enquanto todos os processos que residem entre o átomo e essa expressão estão ocultos a esse mundo.

O termo "materialização" tem sido empregue em ligação com certas classes de manifestações. Todo o universo é um processo de materialização. Vós não vedes aquilo que constitui o germe da árvore, nem o seu crescimento. Não tendes perceção apreciável do que jaz por trás da semente da flor. A flor está ali com as suas múltiplas belezas aguardando a expressão

inconsciente da vida, enquanto todos os raios de luz e todas as propriedades químicas que compõem a sua bela existência estão latentes no ar ao vosso redor; e ali onde o processo ocorre, quem o vê e quem o analisa? Que químico pode descobrir as finas lançadeiras de luz que se movem de um lado para o outro para tecer a superfície aveludada das pétalas da rosa?

Quem pode analisar o processo subtil através do qual o lírio extrai apenas o raio puro de luz branca, deixando os fragmentos quebrados para flores inferiores? Quem pode compreender por que método subtil as leis do crescimento inspiram a árvore da floresta, até que do mais pequeno germe os ramos gigantescos acenem no ar e as folhas proclamem com mil línguas a sua vitória? Tudo isto é milagroso, e só não é considerado como tal porque vedes o processo todos os dias e testemunhais os resultados. Se nunca tivésseis visto uma árvore e num dia de verão passásseis pela floresta e vísseis as maravilhosas evidências da vida, diríeis que é um milagre.

Se nunca tivésseis visto a rosa e vísseis o arbusto nu num dia de inverno, e depois na primavera vísseis os rebentos romperem e contemplásseis depois o esplendor da rosa em plena floração, diríeis que é um milagre. Ora, existe um processo pelo qual essa lei de crescimento é levada a cabo. Se puderdes realizá-lo mais rapidamente, fazendo com que os átomos culminem mais depressa em sucessão rápida, podereis ter uma rosa numa hora tão bem como num ano; não há diferença exceto na rapidez do crescimento. Tendes estufas para forçar a rapidez do crescimento, e o que requer ordinariamente um ano transparece num mês ou dois sob a pressão da ciência e da aplicação química do calor.

Se conhecêsseis outro processo — e deve existir um processo ainda mais rápido e ainda mais capaz de ser controlado pela mente — poderíeis ter uma rosa numa hora ou em cinco segundos tão bem como num ano ou em cinco meses. A diferença reside simplesmente na rapidez com que as mudanças atómicas podem ocorrer; e essa rapidez é influenciada apenas pelas leis de controlo; e quem quer que tenha conhecimento dessas leis, seja ele horticultor ou químico, ou seja ele o homem de ciência ainda mais subtil que compreende as causas das coisas, a aplicação deve ser rápida em proporção.

Milagres são simplesmente mudanças rápidas e transformações na matéria resultantes do conhecimento mais subtil das leis; e os seres humanos formados de acordo com o crescimento orgânico são tão milagrosos como as formas que aparecem na atmosfera; apenas um é usual e o outro é invulgar.

Cada forma organizada de matéria é materialização. O espírito de Deus sopra sobre a superfície do caos, o que significa que o processo de organizar ou materializar a vida ocorreu naquilo que se chama criação. Vós, que testemunhastes as várias formas de manifestações espirituais, podeis estar mais próximos de acreditar nos eventos reais registados no primeiro capítulo do livro do Génesis do que qualquer outra classe de crentes no mundo, uma vez que sabeis que as materializações podem ocorrer muito rapidamente e que é mais provável que a terra e os céus pudessem ter sido feitos em seis dias do que por qualquer processo que a teologia vos tenha revelado.

Se é verdade que um ser humano pode ser evoluído da atmosfera em cinco segundos ou vinte e cinco minutos, então também é verdade que o poder do Espírito Infinito poderia ter evoluído estrelas e sistemas de mundos no espaço de seis dias e noites. O milagre da criação deixa de ser um milagre quando a sua lei e operação são compreendidas; e o Espiritualismo Moderno dá as mãos ao primeiro capítulo do livro do Génesis, não obstante a ciência em contrário, dizendo que é possível que o Infinito, soprando sobre a substância sob a forma de caos, tenha materializado o universo em seis dias, e esta materialização é apenas o processo da criação.

A evolução pode ter os seus aderentes; a teoria do crescimento gradual das espécies pode ter os seus aderentes; mas nunca vimos uma prova que possa estabelecer, com qualquer grau de certeza, o facto de que um tipo ou espécie de existência se tenha alguma vez fundido noutro. Não há processos de transformação a ocorrer hoje; não houve nenhum dentro da atual época da história humana. Cada tipo adere à sua espécie, e cada espécie foi materializada por um crescimento adicional e uma inspiração adicional do espírito da Divindade na criação do mundo.

Acreditamos que estas materializações adicionais são o resultado do poder e refinamento acrescidos da matéria; que cada época é o degrau para aquela que se seguirá, mas que os tipos alternados de existência evoluíram por materialização. Acreditamos que a criação do homem à imagem de Deus é a criação que se entende por materialização; que o processo orgânico ocorre após a criação, mas que, no princípio, é a obra do pensamento Infinito agindo sobre a matéria. Acreditamos que aquilo que era considerado a idade de ouro nos tempos antigos, e para a qual cada nação tem algum protótipo, reside no facto de que, nesses tempos, as primeiras formas de vida humana caminharam sobre a terra com a estatura plena do homem sob o processo de

materialização; e que a função orgânica da vida é a função que surge quando o contacto com a matéria está totalmente estabelecido.

Não conhecemos melhor solução para o problema da queda do homem; não que tenha sido uma queda no sentido essencial, mas sabemos que quando o espírito está habituado a lidar com a matéria meramente como um instrumento, e depois se torna acorrentado pela matéria, isso é uma queda. Se as primeiras formas de vida humana foram espíritos materializados caminhando sobre a terra, e a função orgânica foi assumida posteriormente, então isso explica a queda do homem e alivia a humanidade do opróbrio que lhe tem sido lançado durante todos estes anos. A ciência do crescimento natural é explicada como a expressão mais externa da materialização; e acreditamos que o tempo está, de facto, a chegar. Tem acontecido em todas as eras de desenvolvimento espiritual que estas formas materializadas apareçam cada vez mais entre os homens.

Notareis que, no registo dos filhos de Israel, onde quer que as suas inspirações fossem maiores, ou os mensageiros de Deus aparecessem entre eles, apareciam como homens que caminhavam e falavam com eles, e até partilhavam de refrescos e hospitalidade como os seres humanos fazem. Estas eram formas materializadas de anjos ou mensageiros que assumiam a forma exterior para fins de ministério, e que, por algum tempo, habitavam com aqueles que estavam sobre a terra.

Lembrar-vos-eis de que, no tempo de Jesus, Ele igualmente apareceu após a Sua crucificação. Isso foi, sem dúvida, em forma materializada, visto que a forma em tudo se assemelhava àquela que Ele usara na terra, e dado que o Seu próprio corpo, suscetível às mais elevadas influências espirituais, podia ser rapidamente desintegrado e recriado novamente; tendo sempre a tendência de assumir a forma na qual existira anteriormente. Sob estes ministérios divinos, indubitavelmente os mensageiros que apareceram a Ele e aos Seus seguidores surgiram em formas materializadas; e, indubitavelmente, no Monte da Transfiguração, o Seu próprio corpo assumiu um aspeto celestial e foi infundido com vida espiritual, enquanto Moisés e Elias apareceram em formas materializadas perante a visão daqueles que os contemplavam.

Certamente que, neste dia e tempo, quando o mundo espiritual está novamente a aparecer sobre a terra, estas coisas não são improváveis; e ocorrem mesmo em conformidade com a mesma lei pela qual o fogo não

queima quando existe uma resistência bem-sucedida e suficiente, como bem sabeis vós que entendeis de química. Qualquer espírito que tenha poder suficiente para materializar uma forma ou para erguer uma substância sólida tem também poder quimicamente para tornar os vossos corpos capazes de resistir ao fogo. Em vários casos distintos isto ocorreu em manifestações modernas, e virá sem dúvida o tempo em que os seres humanos serão capazes de controlar os elementos desta forma, quando forem compreendidas as leis pelas quais o homem pode resistir com sucesso à investida de qualquer um dos elementos agressivos da terra.

A razão pela qual o homem está confinado tanto tempo nos sentidos, e pela qual combate sem sucesso os elementos, é porque tenta fazê-lo a partir de um ponto de vista externo em vez de um espiritual. A ciência realizou prodígios. As grandes armas do mundo, através das quais os pensamentos que hoje respiramos são amanhã conhecidos por milhares de pessoas; as maravilhas da imprensa e do telégrafo magnético mostram que conquistas o homem, com a ciência externa, pode fazer sobre a matéria. Contudo, comparado com o poder alado do espírito e com os trabalhos maravilhosos da ciência subtil conhecida no reino espiritual, tudo o que agora compreendeis como ciência cai na insignificância, e o poder subtil dos espíritos torna-se cada vez mais manifesto. Consideráveis o relâmpago como o mensageiro mais rápido, mas o pensamento é muito mais subtil. Virá o tempo em que, em vez dos aparelhos necessários do telégrafo magnético, a mente conversará com a mente, ainda que milhares de milhas intervenham.

A clarividência, o mesmerismo e o poder espiritual já desenvolveram isto em casos individuais. Aquilo que os indivíduos podem fazer agora tornar-se-á, finalmente, propriedade e posse de todo o mundo, e não será estranho nem milagroso se, daqui a pouco, falardes com aqueles que estão do outro lado das águas do Atlântico com o poder do pensamento — pensando os vossos pensamentos, respondendo eles numa conversação inteligente e contínua. Por que não se faria isto, se o tempo e o espaço e tudo o que pertence às substâncias na natureza são submissos ao poder do espírito e não podem impedir o seu crescimento? Virá o tempo em que, em vez dos métodos pesados de mecanismo que agora existem — métodos que, por sua vez, transcendem em muito os que foram anteriormente empregues — haverá forças subtis, tão subtis e tão potentes que, com o próprio pensamento, o homem poderá estilhaçar a estrutura deste templo ou mover qualquer objeto no mundo externo. Pensais que isto é vago e sonhador; o que teriam dito os

vossos antepassados sobre o telégrafo magnético ou sobre a locomotiva a vapor? Não é seguro dizer que algo é impossível, visto que todas as coisas são possíveis para aqueles que têm conhecimento e fé... Cristo disse: "Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a esta montanha: 'Passa daqui para acolá', e ela passará". A montanha não é uma substância sólida. Não existe uma lei inevitável pela qual ela deva permanecer no seu lugar. Se assim fosse, todas as colinas e vales da terra resistiriam às incursões dos homens; vós escavais a rocha como se não houvesse resistência, e os vossos vastos aparelhos de poder enviam milhares de pés de túnel sob as trevas das montanhas e por baixo do leito dos rios. Se acreditásseis que o curso deles era inevitável, e que estariam para sempre fixos nos seus lugares, não ousaríeis, por métodos externos, tentar superá-los.

A verdade é que o homem tem uma fé permanente no poder do espírito sobre a matéria. Ele sulca os mares, visita as regiões mais distantes, enterra-se nos desertos e nas fortalezas de rochas e cavernas; exila-se e bane-se de casa e do país para poder conquistar a terra. Explora as regiões mais remotas dos mares polares e, se um sucumbe e se perde, outro e outro são enviados. Bane-se para as selvas remotas de África para descobrir as fontes invisíveis dos rios. O que direis então se ele também, após muitos anos e longa investigação, se tornar consciente do poder pelo qual as montanhas podem ser removidas não apenas pelos aparelhos conhecidos pelo homem externamente, mas por aqueles aparelhos mais subtis que são mais céleres que o relâmpago e mais potentes que o furacão — o sopro do espírito — pois é este que move todas estas coisas.

O que seriam navios e exércitos sem o pensamento humano que os guia, e o que são quaisquer aparelhos da matéria sem o espírito controlador que é invisível e impalpável? Um Napoleão governa os exércitos do mundo e, no entanto, o simples pensamento que jaz por trás de todos esses movimentos nem sequer é conhecido; nem pode a ciência descobrir a sua existência. Os vastos exércitos do mundo avançam para a sua destruição pelo poder da vontade de um único homem e, contudo, a ciência não determinou o que é esse poder da vontade. Se o homem pode influenciar um homem a fazer o trabalho de destruição e de criação; se cidades podem ser erguidas como que por magia sob a mão do génio controlador e do comércio; se templos podem ser erguidos superando as estruturas do universo na sua simetria e harmonia, tudo pelo pensamento invisível que molda a humanidade para cumprir as suas ordens, o que não poderá ser feito quando outra fase da ciência for

introduzida e outra camada de pensamento prevalecer no mundo? Eis que haverá também criação. Aquilo que o homem faz, moldando-se agora às aparentemente inexoráveis leis da natureza, fá-lo-á ainda mais e melhor ao compreender estes processos; e se ele pode moldar o lírio ou a rosa para um florescimento mais elevado e perfeito, ele poderá, em breve, a partir do ar vazio, criar o lírio e a rosa e vê-los florescer perante a sua consciência. Tal como agora o faz em certo grau, fá-lo-á então plenamente. O homem é formado à imagem de Deus. Os atributos subtis que governam o universo infinito são por ele possuídos num grau finito e, embora o universo continue a ser governado pelos processos infinitos, o homem familiarizar-se-á com esses processos, e assim moldará e governará o universo da matéria de modo a que este seja moldado à sua vontade e cumpra as suas ordens.

Em vez dos corpos pesados que agora são a morada da doença e do crime, ele terá uma estrutura bela, moldada ao seu próprio pensamento e formada pelo seu próprio poder. Em vez de habitar um templo que é três vezes deserto, ele adaptará a sua existência aos propósitos uniformes da vida, e o seu tecido corporal será governado e controlado pela sua vontade. Já o é atualmente de forma mensurável, mas o que agora é apenas realizado em medida sê-lo-á plenamente quando as leis e processos do espírito forem conhecidos.

Sabeis que ergueis a mão, mas não sabeis por que poder o fazeis. Não tendes sequer conhecimento do mecanismo sublime que liga o poder da vontade à estrutura que habitais; como podereis então divinizá-la e aperfeiçoá-la se não conheceis o que é mais essencial — o elo de ligação entre a mente e o corpo? E quando este elo de ligação for conhecido, e quando este poder da vontade moldar plenamente a natureza em harmonia, eis que, em vez das formas e corpos decadentes que são vencidos pela doença, direis à doença: "Retira-te", e ela retirar-se-á, tal como o Curador ordenou que fizessem aqueles que vieram depois d'Ele.

Não é um milagre que a cura seja realizada pelo espírito. É antes uma imitação pesada que faz o homem recorrer a drogas e venenos para a remoção de toda a doença. É antes a penalidade que pagais por estardes casados com as formas mais grosseiras da matéria. Mas quando o espírito habitar, não haverá necessidade destes métodos de cura, nem necessidade destes métodos externos de construção; se fordes privado de uma parte, pelo que é considerado um acidente, o poder da estrutura atómica pode novamente, pela sucessão rápida de átomos, tornar essa estrutura íntegra.

Está registado que, junto a uma das fontes dos santos de França, uma donzela foi restaurada, tendo-lhe sido retirada uma parte do corpo por uma doença cancerosa; que a água curativa não só curou a doença, mas trouxe de volta aquela porção da forma humana que fora devastada por ela. Isto não foi um milagre. Foi apenas o processo subtil do espírito atuando através da mente de fé sobre a estrutura, atraindo átomo após átomo até que o corpo fosse novamente restaurado.

A fé não é outra coisa senão essa condição recetiva da mente que permite à forma decadente ou à porção enfraquecida receber novamente aquilo que é seu. A flor murchou, e o ar e a luz solar ilimitados reconstroem a estrutura da sua porção vital. A humanidade com fé não precisa de enfraquecer com a doença, a carência e o sofrimento; mas a luz do espírito, iluminando o semblante, poderia suprir cada molécula decadente com outra tão fresca e vigorosa, até que, finalmente, o elixir da vida pudesse ser verdadeiramente conhecido no poder do espírito sobre a matéria.

A ciência declara-vos que não tendes agora um único átomo que os vossos corpos possuíssem há sete anos. Oh, se pudésseis conhecer o processo subtil do espírito, cada átomo adicionado seria tão jovem, fresco e novo como aquele que rejeitastes; e as moléculas, em vez de se tornarem corruptas e um estorvo, seriam reabastecidas dia após dia e hora após hora com nova função e novo vigor, até que os anos de amadurecimento da vida não mostrassem decadência apreciável, mas apenas um amadurecimento para a fruição da eternidade.

Este é o início de outra época de milagres, aqueles milagres em que o poder do espírito se manifesta sobre a matéria — e por etapas seguras e graduais, os habitantes da terra virão a conhecer os processos pelos quais o espírito vence a matéria, e as formas são evocadas daquilo que parece ser o ar vazio e vácuo. E virá o tempo em que todos os átomos da superfície da terra terão sido moídos nos grandes moinhos da vida até à perfeição e refinamento exigidos, quando a idade de ouro chegará à terra, e quando o homem habitará aqui, não acorrentado e preso pela lei orgânica e pelo lento processo de decadência humana, mas habitará aqui como um espírito voluntário em forma materializada, da qual ele próprio terá evoluído o processo pelas leis que nomeámos. E ele habitará aqui pelo prazer da sua própria vontade, e habitará aqui em total consonância com as leis espirituais do universo.

Todas as lutas do passado; todas as épocas de tempo e mudança; todo o mistério, feitiçaria e magia da ciência; as maravilhosas revelações da religião, tiveram este fim: que a época de ouro chegue, quando o homem não será escravizado pela matéria, mas sim vencerá cada átomo e cada elemento; os ventos e as ondas cumprirão as suas ordens; os raios do sol e o relâmpago tornar-se-ão os seus mensageiros mais rápidos, e todo o pensamento, toda a vida e toda a beleza serão postos em harmonia com as glórias do espírito. Então o deserto florescerá como a rosa; então a fonte brotará na solidão, e então as cavernas rochosas devolverão os sons da vida e as ondas do oceano não mais submergirão as formas humanas na destruição e no desespero; pois o homem habitará na terra, o rei, o conquistador de todas estas substâncias, e sob o Espírito Infinito avançará, dando as mãos àqueles poderosos anjos que fazem a Sua obra em mundos longínquos.

Os antigos heróis da mitologia já não são fabulosos. Apolo, habitando no meio dos céus e afinando a sua lira com as harmonias da criação, torna-se entronizado sobre o relâmpago, cantando as canções da manhã da criação, repetidas vezes sem conta. E o grande espírito de Jove, sentado no trono em meio aos céus e governando os trovões, não é mais do que a profecia dos poderosos anjos que cumprem as ordens do infinito, movendo-se sobre o vácuo do espaço com a majestade assombrosa do seu pensamento e guiando os relâmpagos e os mundos para os seus lugares designados.

Oh, vós que estais aprisionados no tempo e no espaço, saí desses túmulos; vede onde a glória da luz solar acena e os sorrisos do espírito dissolvem as correntes do tempo e do espaço! Habitai as vossas formas, possuí a terra, embelezai-a e adornai-a, para que por essa vitória possais herdar um reino mais elevado e tornar-vos como os anjos que não estão presos pelo tempo ou pelo espaço, mas obedecem aos impulsos do Criador Infinito; e o homem tornar-se-á a obra mais maravilhosa do mundo.

VIDA ESPIRITUAL

O Juiz Edmonds relata as suas experiências no Mundo Espiritual.

A SRA. TAPPAN PROFERIU O SEGUINTE SOB A INSPIRAÇÃO DO JUIZ EDMONDS NO HALL, ESQUINA DAS RUAS GREEN E WASHINGTON, CHICAGO.

SR. PRESIDENTE E AMIGOS: Não sei que mérito próprio me conferiu a honra de receber um convite, como espírito, para proferir uma palestra aqui esta noite.

Recordai-vos de que estou na vida espiritual há apenas 19 meses, e que devo ter muito menos experiência do que muitos daqueles que habitualmente controlam esta médium; e quando considerardes que devo controlá-la sob dificuldades resultantes dessa curta experiência, e o facto de eu não pertencer ao círculo de guias que habitualmente a penetram, também considerarei isso um pouco estranho. Mas as palavras que tenho a dizer hoje, partilho-as com a mesma vontade e sinceridade com que sempre o fiz quando estava na terra.

As palavras que proferirei serão de experiência real na vida espiritual e formarão uma parte do testemunho de espíritos que passaram da vida terrena para a existência espiritual. Já proferi quatro palestras anteriores através desta médium sobre a minha primeira experiência na vida espiritual. Se alguns leram essas comunicações, talvez seja uma vantagem ou preparação para o que direi esta noite. Não pretendo repetir mais do que o necessário como prefácio, pois um conto repetido vezes sem conta, mesmo que verdadeiro, torna-se cansativo, e tenho ainda muitas coisas a partilhar. Com a vossa permissão, recapitularei brevemente as declarações dadas nessas três ou quatro ocasiões, dizendo que na minha passagem da experiência terrena para a vida espiritual não experimentei qualquer sofrimento de medo e, nos estágios finais, nenhum de dor física. Embora estivesse perfeitamente consciente do fim da vida terrena e da vida para a qual estava a caminhar.

Não estava consciente de tudo o que me foi revelado desde então, contudo a certeza da existência espiritual era tão palpável para mim antes de deixar o meu invólucro terreno como o foi depois ou tem sido desde então. Não precisei da evidência que a vida espiritual proporcionou para me provar a realidade da existência da alma após a morte. E considero que isso ilumina o caminho; torna o vale da sombra da morte luminoso; liberta a mente de uma

das maiores servidões humanas, a do medo. O Espiritualismo fez isto por mim. Durante vinte e cinco anos eu não acreditei, mas *soube* que o espírito viveria. E durante esses vinte e cinco anos não deixei de perseguir este assunto com determinação e sinceridade, recebendo, através de outros médiuns e da minha própria mediunidade — pois tive a sorte de possuir poderes mediúnicos — as comunicações espirituais dos meus guardiões e guias.

E durante esses vinte e cinco anos derivei mais felicidade e experimentei mais prazer do que em todas as experiências anteriores da minha vida. Meio século anterior não me dera o que aquele quarto de século me deu. A morte foi despojada do seu terror. Os entes queridos da minha vida terrena que eu supunha perdidos foram-me restituídos. Podia comungar com os grandes e bons de quem tinha lido, mas que nunca vira. Era honrado diariamente com a presença da companhia divina, perante a qual eu parecia cair na insignificância, e em cujas mãos colocava a orientação das minhas instruções espirituais. No meio disto, estava também ocupado com atividades terrenas e não superei totalmente muitos traços de carácter que repeliam os meus guardiões espirituais em certas ocasiões.

Na plena maturidade da minha vida terrena, fui altivo, orgulhoso, arrogante e injusto, e estes traços repeliam a presença divina que, de outro modo, poderia ter estado perto de mim. Fui severo por vezes no meu julgamento e considerava as massas da humanidade inferiores. Portanto, não estava num estado de caridade, que é a atmosfera mais segura para convidar os espíritos celestiais. Mas eles vieram a mim no meio do meu orgulho terreno e no meio de tudo o que absorve a atenção de um homem de cinquenta anos. Recebi a consciência da sua presença e orientação. E, a partir de então, vivi mais no mundo espiritual do que no temporal, e experimentei mais deleites espirituais.

Algumas destas experiências transmiti ao mundo de forma publicada; outras permanecem na minha própria consciência, somadas à herança que recebi desde que entrei nesta existência. Olhei para a morte como o amadurecimento do feixe de trigo. Desprendi-me do meu corpo exterior com tanta alegria e ânsia como a espiga de milho madura o faz da casca. Considerava-o apenas uma casca; tornara-se um estorvo, estava fraco e vacilante. Muitas das faculdades recusavam-se a desempenhar as suas funções, e o próprio cérebro cansava-se quando a mente e o espírito não o faziam.

Fiquei feliz com a mudança. Foi uma libertação tal que ninguém pode experimentar até que também tenha passado da vida terrena para a espiritual. Se pudésseis mudar agora, subitamente, da fraqueza para o vigor, do sofrimento corporal para a liberdade perfeita e absoluta da dor; se vós, que tendes cabelos brancos e cujas cabeças estão prateadas pela idade, pudésseis agora ser restaurados à virilidade com a consciência da vossa experiência atual, compreenderíeis quais foram os meus sentimentos quando passei pela morte. Já antes de a mudança ocorrer totalmente, o vislumbre do meu lar espiritual me fora dado, e entrei na companhia dos meus companheiros e amigos como teria entrado nos dias iniciais da minha vida, com renovado poder e compreensão...

Estive plenamente consciente de cada momento que decorreu entre a decadência do corpo, ou cessação da respiração, e a existência real em espírito. Antes de o corpo ter exalado o último suspiro, a minha forma espiritual já estava liberta e de pé ao seu lado, e eu observava, com os entes queridos que ficavam na terra, a forma que jazia abaixo de mim. Não o lamentei. Olhei para ela com a mesma complacência com que olhariam para uma vestimenta descartada quando têm uma roupa nova e resplandecente. Acreditava estar plena e inteiramente preparado para entrar na vida espiritual, no que diz respeito ao medo da morte e à consciência dessa vida.

Mas pouco sabia que preparação o espírito exige para entrar na companhia de seres espirituais que passaram da vida terrena há muitos anos. Pouco sabia que escória ainda resta ao espírito, mesmo quando livre do corpo temporal. Pouco sabia das imperfeições latentes que ainda encontrava em mim, que me tornavam inapto para a sua divina companhia. Mas quando eles se reuniram ao meu redor, vi com humildade que muita da minha jactada força desapareceu, e que o que eu supunha que seria a vestimenta resplandecente do meu espírito estava manchado e contaminado pelas sombras da minha mundanidade.

Ainda pairavam sobre mim as evidências do orgulho e da altivez que eu não superara totalmente. Havia ainda julgamentos severos que pareciam surgir diante de mim e pareciam envolver-me na escuridão e na névoa, e pensei por momentos que isto me separaria da companhia daqueles que amava. Mas não o fez. Gradualmente, a minha esposa terrena, a minha companheira espiritual, veio a mim na sua luz e beleza e pediu-me que a seguisse.

Elevei-me não pela minha própria vontade, mas aparentemente pela dela. Pois eu ainda não descobrira o meu poder de vontade como espírito; apenas sabia que existia. Ela conduziu-me ou transportou-me para uma cena um pouco acima da terra e ali pareci parar, incapaz de prosseguir. Voltando-se para mim, disse: "Devo agora deixar-te por algum tempo entregue às tuas próprias reflexões". E refleti. E toda a minha vida, cada pensamento e ação surgiram perante mim como se fossem uma personalidade.

Cada opinião falsa; cada palavra e julgamento severo; cada pessoa a quem eu dirigira uma palavra de indelicadeza, ou de quem pensara de forma pouco amável, pareciam estar diante de mim na visão da minha mente, condenando-me. Vi as minhas falhas e imperfeições como realidades. O Orgulho, com a sua cabeça erguida; a falta de caridade, com o seu dedo de escárnio; tudo isto em procissão, antes de eu ser elevado às esferas da minha companheira e amigos, e fiquei consternado.

Depois pareceu que vinham das sombras ao meu redor pessoas a quem eu estendera, na minha capacidade oficial, a clemência que nascera mais da justiça do que da caridade; alguns a quem eu talvez tivesse concedido esmolas; outros a quem ajudara a superar dificuldades terrenas. Estes aproximaram-se com alguma oferta de paz ou de amor; algumas flores ou sinal de lembrança. As sombras pareceram cair dos meus olhos e a minha vestimenta tornou-se mais brilhante à medida que eles se aproximavam. Vi então criminosos para quem eu obtivera perdão e pelos quais fora injustamente censurado na terra. Estes vieram com as suas ofertas e eles, mais do que todos os outros, pareceram derramar brilho no meu caminho.

Mas, principalmente, a conquista máxima foi quando, no meio da minha vida terrena, nutri ódio ou pensamentos injustos em relação a qualquer ser humano que eu supunha ter-me prejudicado; naquele momento particular, e naquele instante de existência espiritual, perdoei a injustiça, deixei de lado a lembrança do erro e senti então que podia elevar-me a outro estado. Antes de me juntar à minha companheira, contudo, tive um vislumbre de estados que estão imediatamente ao redor da vida terrena.

Vi os antros fétidos de vício e crime infestados de espíritos tão degradados como os que estão na terra; os esgotos a que chamais cidades, preenchidos na terra com seres humanos, mas povoados no ar acima com outros tantos seres sombrios. Vi pessoas ao redor que ainda se agarram às aparências exteriores do erro e pensei a princípio que a vida espiritual era

mais sombra do que luz; que, se esta fosse a minha morada e estes os meus companheiros, eu teria de desesperar, pois parecia haver uma esfera sombria rodeando a terra, segurando-a na sua servidão como um fumo escuro e denso. Mas à medida que esqueci os meus próprios erros e lembranças, interessei-me pelos espíritos que estavam ao meu redor, ouvindo as suas queixas e injustiças, e vi que cada espírito preso à terra estava retido por algum orgulho, vaidade, ódio ou outro pensamento que descobri ser ímpio.

Vi que cada espírito nestes lugares tenebrosos estava preso por alguma paixão, ou alguma lembrança de crime anterior, e não podia, portanto, elevar-se da sua condição.

Quando lhes perguntei se tinham algum desejo de o fazer, eles ainda protestaram que estavam felizes e contentes, e que não podiam mudar, e que não desejavam mudar até que esta vingança ou aquela loucura particular fosse concretizada. No meu desespero, voltei-me novamente para o pensamento da minha gentil companheira e, quando a vi, ela estava longe, numa encosta verde onde parecia haver uma atmosfera dourada e sem nuvens. Através de um forte esforço de vontade, formado por uma mistura de amor e desejo, elevei-me; mas entre ela e eu parecia haver um rio, que julguei intransponível, e não conhecia o processo pelo qual poderia atravessar essa corrente.

De repente, a voz dela chegou-me através da água: "Mergulha na corrente". Não precisei de segunda admoestação. Mergulhei, mas cada glóbulo de água parecia-me um pequeno ponto perfurando a minha estrutura. Cada fibra individual experimentava uma sensação de dor e, se fossem escorpiões, as gotas de água não poderiam ter sido mais nítidas e pungentes para os meus sentidos. Elas rolavam sobre o meu corpo, afastando-se à medida que eu avançava, mas durante todo o tempo mantive o meu olhar fixo nela, parecendo ser atraído pela minha própria vontade e pela dela.

Quando emergi da corrente, a sensação de dor partiu instantaneamente e, com ela, pareceu desvanecer-se a aparência de sombra que anteriormente se agarrara à minha vestimenta. Parece ter-se desvanecido também toda a lembrança da dor terrena. O sofrimento físico pelo qual eu passara durante muitos anos parecia ter deixado algo do seu estado enfraquecido sobre o meu espírito. Ao passar por aquela corrente, o meu corpo pareceu revigorar-se e o meu espírito recebeu novos poderes. Ela disse-me que eu passaria em

breve para a minha morada. Mas à medida que avançávamos, guiado pela sua presença gentil, parecia que não caminhávamos sobre o chão, mas flutuávamos logo acima dele; e o próprio solo, embora tangível, parecia menos escuro e sólido do que a terra que eu frequentemente pisara. Notei também uma diferença na sensação: enquanto na terra eu escutaria atentamente o som da fala, ali eu tinha consciência de que podia ler os pensamentos dela. Mas sempre que um pensamento chegava à minha mente vindo da dela, não parecia ser por meio da fala, mas como se o próprio pensamento fosse lido e conhecido.

E nenhuma fase de pensamento passava pela minha mente sem que ela estivesse imediatamente consciente disso e me respondesse de acordo com a sua sabedoria. Pensei em Dante na sua visão sublime, quando o objeto da sua busca foi também levado pela corrente resplandecente, e aquele Paraíso no qual ele foi finalmente admitido tornou-se para mim uma realidade viva.

Mas eu tive outras lições e experiências. Parecemos aproximar-nos de um lugar onde havia montanhas de ambos os lados e rochas projetadas, e estas, segundo todas as aparências, eram tão tangíveis como quaisquer montanhas ou rochas que eu alguma vez vira.

Mas à medida que me aproximava delas, elas tomavam uma forma diferente, e nas rochas estavam gravadas, como em palavras vivas, muitas das minhas anteriores declarações e pensamentos que eu supunha não terem sido revelados a homem algum; e depois, atrás delas, vi ervas daninhas de várias formas indecorosas, e estas pareciam ser as menores das minhas imperfeições. Recuei horrorizado e disse: "É esta a casa na qual serei admitido?". E ela disse-me: "Deves passar por aqui e reconhecer cada pensamento e ato da tua vida terrena. Se o superaste, ele não te pode ferir; e se não o fizeste, não poderias ter melhor lugar para o superar do que aqui e agora".

Assim, enfrentei-os sob o seu olhar gentil; ela, durante todo este tempo, guiava o caminho silenciosamente e, quando qualquer humilhação ou experiência especial estava gravada nas rochas ou árvores, algo que eu desejaria que ali não estivesse, ela parecia desviar o olhar para não testemunhar a minha humilhação. Bastava que eu a experimentasse e assim seguisse adiante e adiante. Por vezes havia dificuldades técnicas, e eu parecia experimentar novamente os problemas intelectuais da minha juventude; e a certa altura cheguei perante uma barreira sólida, ou o que parecia uma rocha

intransponível, e nela estava escrito: "Infidelidade". Voltei-me como que para saber o que poderia significar e então vi outras palavras: "Dúvida", "Materialismo", "Loucura Intelectual"; e estas referiam-se a um período da minha vida em que as minhas visões religiosas foram abaladas e em que a ciência material ganhou supremacia sobre a minha razão. Eu fora com ela membro ou assistente da igreja cristã; ela era uma devota zelosa; eu fora um crente. Durante muitos anos antes da morte dela, eu fora um incrédulo, mas nunca lho contei. Mas naquela presença e naquela hora, encontrei a descrença face a face, e foi como se uma porta se tivesse fechado, excluindo-me do que poderia estar além. Mas logo o som da minha nova religião chegou aos meus ouvidos.

Ouvi um bater suave que primeiro despertou a consciência da vida espiritual. Soava como cinzéis ou brocas cortando o outro lado da rocha, e então lembrei-me da sensação que experimentei pela primeira vez quando, na presença das irmãs Fox, me tornei consciente de que os sons das batidas espirituais (*rappings*) eram produzidos por alguma inteligência invisível. O som repetia-se agora na minha consciência e, subitamente, as rochas fenderam-se e, pouco a pouco, pude vislumbrar o que estava além delas. Passámos assim que houve uma abertura e então notei o que não observara antes: que todas as rochas e formas indecorosas que tanto me angustiavam desapareciam à medida que passávamos por elas; que já não tinham existência, uma vez que tinham sido enfrentadas, reconhecidas e vencidas.

Entrámos então na região que, durante muitos anos, ela me dissera estar preparada. Os pensamentos mais gentis da minha vida posterior; o reconhecimento de amigos na existência espiritual; as flores da esperança que surgiram depois de as da morte terem sido vencidas. Os próprios pensamentos e aspirações de anos recentes teciam grinaldas ao meu redor. E eu podia ver onde cada tesouro enterrado da minha longa vida surgia para me encontrar naquele mundo interior com poder e beleza acrescidos.

Havia ali flores e botões sem nome na terra, mas que vós reconhecereis sob o nome de esperança e verdade, que gradualmente se desvanecem de vós na vida terrena e na experiência humana, mas que aqui descobri terem um florescimento imortal. Havia atos de bondade que eu esquecera, cuidadosamente preservados e acalentados no santuário desta vida interior. E estava a desenvolver-se gradualmente na minha mente a consciência da habitação na qual eu em breve entraria. Não posso, de facto não devo, invadir a santidade daquela morada interior. No céu, tal como na terra, temos

o nosso lar e habitação. É sagrado de todos os olhares, exceto dos dos nossos amigos. O parentesco espiritual que ali me encontrou era composto por almas cujos pensamentos mais íntimos estavam ligados aos meus. E a minha família, dos meus amigos mais diretos e queridos, e de parentes em espírito com quem eu não apertava as mãos desde os dias da minha juventude. E digo: não vos posso convidar para entrar ali. Mas se houver alguém entre vós aqui que, à entrada na vida espiritual, deseje vir, então convidar-vos-ei e pedir-vos-ei que atravesseis comigo a encantadora morada na qual a minha companheira me recebeu; mas antes de poder ir para o templo interior, antes de o santuário que fora preparado estar pronto para receber o meu espírito — repetidamente experimentei a purificação daquele batismo de água.

Repetidamente tentei purificar-me de toda a aparência de loucura exterior, ou orgulho, ou qualquer coisa que pudesse retardar o meu espírito... Mas a estrutura daquela habitação em si era graciosa e de forma simples. Nenhum estilo de arquitetura terrena estava ali presente. Mas parecia feita de caramanchões e mármore e tudo o que é branco, belo, brilhante e transparente, tornando feliz a morada do espírito na região do pensamento. Notei que cada objeto, por mais palpável que fosse, parecia transparente, e eu podia ver os glóbulos correndo através das artérias das flores e podia contemplar as fibras minúsculas em cada porção da estrutura.

Notei que os pensamentos pareciam estar ali gravados — os mais secretos e melhores dos meus pensamentos terrenos — como se colocados naquele santuário da mente para aguardar a minha chegada. E então, depois de tudo isto, pareceu-me descansar. Ao acordar, estava noutro lugar e tinha consciência da presença de outro guia. Estava numa planície aberta, que parecia estender-se até ao horizonte de um lado, enquanto do outro havia montanhas.

Diante de mim estava o meu guardião espiritual; aquele que durante muitos anos dirigira a minha investigação e ensinamentos sobre o Espiritualismo. A princípio pensei que deveria ser uma presença superior, tão brilhante era a sua vestimenta, tão resplandecente o seu rosto. Mas logo descobri pela minha própria visão, pela intuição e pela sua presença, que não era outro senão aquele que na terra se chamara Lord Bacon. A sua atmosfera era de um azul pálido como o vislumbre da luz através de um vidro colorido que é perfeitamente cristalino, que brilhava com intensidade e cujos raios pareciam dirigidos ao meu próprio espírito; pareciam sondar a minha alma

mais profunda com a sua presença, e pensei que ele estaria a pesar as minhas loucuras. Pensei que os meus poderes intelectuais eram deficientes e que ele me estava a julgar por essa deficiência. Não era uma questão de coração, como fora com os meus guias anteriores, mas era agora uma questão de entendimento. Não podeis sonhar, por um único momento, quão superficiais, falsos e vãos pareciam os tecidos e as fabricações do meu pensamento terreno. Todo o meu conhecimento, que eu considerava considerável, pareceu desvanecer-se ou aparecer como teias de aranha.

O meu sistema de filosofia pareceu sondado de ponta a ponta e eu era uma rede de sofismos. O que eu supusera ser a lei pareceu afundar-se na insignificância da opinião de um escolar. Considerei que ele estava a criticar os meus métodos intelectuais e vi imediatamente as falhas que tinham existido na minha estrutura mental. Como desejei poder escapar da sua presença! Nenhum rapaz vadio na presença de um mestre irado desejou tanto fugir do castigo como eu daquele olhar gentil e penetrante, contudo firme. Parecia que eu iria gritar com a dor do autoexame e do escrutínio.

Parecia-me como se eu não tivesse possuído qualquer mérito intelectual e que em nenhum ponto da filosofia humana a verdade tivesse sido por mim alcançada. Considerei que o meu tempo fora desperdiçado enquanto ali estava diante dos olhos dele. E todas as visões esplêndidas que tive na terra para melhorar a condição do homem, codificando e alterando as leis, pareciam o mais puro disparate. Então, após a máxima humilhação, pensei — e o pensamento deu-me força para enfrentar o seu olhar —: "Pelo menos fui verdadeiro". Se as minhas convicções tinham sido tristemente falíveis, eu não recuara perante o que acreditava ser o correto.

E então surgiu um olhar de ternura nos olhos dele, e senti que estava na posição de um aluno e amigo favorecido. Ele falou comigo na linguagem do espírito, que é o pensamento, e perguntou-me se eu desejava ser gradualmente instruído nos métodos da minha vida recém-encontrada. Rapidamente, como que com o poder da vontade dele e da minha — pois descobri agora que, quando eu desejava fazer algo, tinha imediatamente o poder de o fazer —, ele avançou, permanecendo eu ao seu lado, até que, numa eminência um pouco mais alta do que aquela onde ambos tínhamos estado, vi uma assembleia de pessoas.

Parecia haver multidões ali; e em torno de centros resplandecentes, que estavam em todas as direções, parecia haver grupos de pessoas reunidas,

como que escutando ou discursando. Isto, disse ele, era o conselho geral da sua esfera, onde ocorriam discussões entre mestre e aluno sobre as grandes questões da filosofia. Aqui, as pessoas eram instruídas sobre os métodos pelos quais deveriam ensinar outros espíritos; ou certas pessoas eram enviadas para as esferas terrenas para ver se podiam criar impressões ali. Descobri que havia um centro resplandecente à espera dele e ele tomou o seu lugar entre o grupo que parecia ser o dos seus alunos, após ter trocado primeiro algumas palavras com outro espírito cujo nome eu não conhecia então. Finalmente, os grupos pareceram dispersar-se e a conversa terminou e, sem saber a causa, eu não estava então ciente de muito do que eles tinham dito, e seguimos adiante.

Isto concluiu a minha primeira entrevista com o meu guia. Mas, posteriormente, e noutras entrevistas, recebi o que passarei agora a narrar. Foi-me permitido observar as esferas da vida espiritual do ponto de vista do espírito, em vez do ponto de vista da terra, como as tinha analisado anteriormente. Notei, ao observá-las, que acima da terra havia manchas escuras de nuvens, algo semelhantes às manchas no sol. Estas pareciam pairar sobre os grandes centros, as habitações do homem. Mas estas manchas não eram tão numerosas nem extensas como supusera à primeira vista na minha entrada na vida espiritual. Descobri que a atmosfera de escuridão que rodeia a terra era sondada aqui e ali por pontos de luz. Perguntei: "Que luzes são aquelas?".

O meu guia respondeu: "Esses são pontos de impressões espirituais onde o mundo espiritual fez incursões nas nuvens que rodeiam a terra; e podes ter a certeza de que, onde quer que apareça um ponto de luz, ali está um centro de ação espiritual. Pode ser a assembleia da nação. Pode ser a cabana do camponês solitário. Mas um espírito está a agir sobre a terra; isso é certo, sempre que vires esse ponto de luz". Foi-me então revelado o facto de que estas esferas ou formas de luz eram como cones invertidos, cujo vértice parecia repousar sobre alguma mente na terra ou perto dela, emanando uma aura de luz espiritual.

E a base, ou a porção maior do cone, parecia estar ligada a alguma esfera espiritual. Ele disse-me: "Era dessa maneira que isso impressionava a tua mente quando estavas na terra. Tu eras o vértice do cone: a luz centrou-se ali gradualmente, da minha mente para a tua e da minha esfera, e isso constituiu o poder ou bateria, espiritualmente falando, através da qual comunicava contigo". Olhei em redor e vi uma série destes cones, provenientes das

esferas de luz que visitara anteriormente, direcionados para a terra. Vi que, por vezes, se dirigiam a um ministro no púlpito e, outras vezes, a um homem de ciência no seu estúdio; mas, por vezes, dirigiam-se a uma assembleia de pessoas onde alguém discursava sobre os poderes e as belezas da vida espiritual. Em todos os casos, isso sinalizava o poder constante e crescente do mundo espiritual.

Depois de ter inspecionado os estágios mais baixos da vida espiritual que descrevi anteriormente, visitei a esfera seguinte, que é a de transição entre a atmosfera da terra e a primeira esfera da existência espiritual interestelar. Esta é, essencialmente, a esfera de cura espiritual ou moral para todos os que estão prontos para passar da atmosfera terrestre e que, tendo estado presos à terra, entram nessa cura espiritual.

O Dr. Benjamin Rush, outrora de Filadélfia, foi o primeiro a quem fui apresentado nesta esfera. A sua supervisão particular parecia estender-se por uma vasta região; e, para cada forma e feitio de cura, a atmosfera parecia adaptada e o cenário harmonizado. Havia asilos para criminosos em vez de prisões. Como parecia ser um asilo para almas, perguntei: "O que é isto?". Ele respondeu: "É para os moral e espiritualmente enfermos". Então eu disse: "Não tendes prisões ou cárceres?". "As prisões ficam perto da terra e da sua esfera. Cada alma que está presa à terra está na prisão. Mas quando entram nesta esfera, é para um asilo que vêm." Retorqui: "Então não acredita que o crime deva ser punido?". Ele respondeu: "Acreditamos que o crime é o resultado de uma doença mental. Castigarias um homem por ter dor de cabeça ou febre? Farias com que fosse enforcado por ter partido um membro? Como podes, então, puni-lo, se as suas faculdades morais estão mutiladas?".

Uma nova luz surgiu para mim. Eu fora condescendente com os criminosos porque tinha pena deles, mas fora severo com o crime. Seria possível que todos os métodos terrenos estivessem errados e que aqui, no segundo estágio da vida espiritual, eu descobrisse que a justiça humana falhara? A palavra justiça pareceu empalidecer na minha mente e surgiu outra palavra, mais resplandecente e bela: "caridade". E descobri que nesta esfera de cura mental e espiritual todos os que estavam mutilados ou espiritualmente deformados eram recebidos; e qualquer que tivesse sido o seu crime, loucura ou erro, de qualquer espécie, recebiam a melhor instrução necessária para os aliviar.

Sabeis que, em hospitais bem regulados, as enfermarias são afastadas tanto quanto possível umas das outras e, de facto, se fosse possível, seria bom que cada paciente estivesse isolado. Neste asilo moral e espiritual, descobri que quem estivesse muito cansado ou tivesse sido tentado pelo convívio com a humanidade era colocado num retiro isolado e fresco, rodeado por todas as influências que o afastassem do pensamento da sua deformidade. Na terra, geralmente punimos os criminosos lembrando-lhes constantemente que são criminosos. Aproveitamos geralmente a oportunidade, ao inspecionar prisões ou visitar criminosos, para lhes dizer quão vil é o seu crime e quão terrível é o seu pecado; aqui descobri que não existia tal método. Pelo contrário, tomava-se a maior precaução para nem sequer aparentar conhecer a ofensa que o prisioneiro cometera. E, se houvesse uma obliquidade moral positiva, tanto mais ternos eram os que os assistiam.

Sabeis que é costume, na boa sociedade, ignorar os defeitos físicos. Se um cego está perto de vós, todos procurais, por todos os meios possíveis, fazê-lo esquecer a sua cegueira. Entrais em conversação com ele e elogiais os seus pensamentos e palavras. Moralmente, isto não é feito na terra. As pessoas reprovam-se umas às outras pela cegueira moral. Na vida espiritual, descubro que aquele que é moralmente cego é tratado com a mesma ternura com que vós, na boa sociedade, tratais os fisicamente enfermos. Uma enfermidade nunca é mencionada. Ele tem os defeitos de uma constituição imoral para superar e vencer e, quando se torna suficientemente forte, a sua própria consciência torna-se o maior motivo para a reforma.

Os espíritos descobrirão as suas deficiências suficientemente cedo por si mesmos. É devido à maneira como se desperta o seu instinto combativo que um homem se apega mais frequentemente ao seu carácter. Na minha própria experiência terrena, encontrei prisioneiros, quando estava envolvido na reforma prisional, de quem estava convencido de que se reformariam se fossem libertados do confinamento na penitenciária. Eu próprio ajudei na libertação de tais pessoas, sabendo bem que, pela sua servidão, apenas se tornariam cada vez mais endurecidas.

Descobri que este método era levado ao extremo absoluto na vida espiritual e, uma vez que um espírito fosse admitido nesta esfera de cura, não havia qualquer reprovação ou pensamento sobre a sua ofensa ou imperfeições. Descobri que tudo o que tendesse a aliviar o sofrimento era inconscientemente aplicado à mente. Se uma mãe enlouquecera na terra pela

perda do seu filho, descobri que o equilíbrio mental era restaurado, não de uma só vez, trazendo a criança à sua presença, mas colocando-a numa posição onde pudesse ver a criança a brincar ao longe. Finalmente, a criança seria trazida para perto dela. Qualquer alma na vida espiritual que pudesse aplicar o bálsamo curativo na alma criminosa e doente pelo pecado, esse espírito era convocado da sua morada para ser o assistente daquele que sofria. Podeis julgar os métodos dessa esfera quando vos digo que tudo parece silêncio e perfeição, governado pelo poder calmo da vontade e pela ação única desta mente individual. Mas o Dr. Rush disse-me que o que eu via era apenas uma das mais pequenas porções daquela esfera de cura; que ele dedicava a sua alma a esse trabalho na vida espiritual. Lembrai-vos bem de quando a cólera eclodiu em Filadélfia: de todas as pessoas, o Dr. Rush foi o único que conseguiu travar a sua devastação.

Perguntei-lhe como o fizera e ele disse: "Tenho o segredo, tal como o faço aqui. Afastei os sofredores uns dos outros. A simpatia é a causa da morte em 99 de cada 100 casos de cólera. Afastei as famílias umas das outras e quebrei o avanço do contágio pela falta de proximidade". Este é o segredo, diz ele, de toda a reforma criminal. "Não congregueis criminosos em massas agregadas. Cadeias e penitenciárias são casas de pestilência moral, aumentando o crime em progressão geométrica. Onde quer que dois ou três criminosos estejam congregados, há uma atmosfera de crime. Eles alimentam-se da sua dor, da sua condenação, do facto de serem párias; e cada cadeia e penitenciária em cada país cristão é uma chaga moral para o mundo espiritual."

Tudo o que encarcera o crime e o confina de forma agregada torna-se fonte de pestilência moral para as cidades congregadas. Quanto à pena de morte, disse este grande curador — que se tornou para mim um mestre moral e legislativo —, "quanto à pena de morte, para cada execução que ocorre na terra, cem assassinos são criados; os germes do crime, como uma doença esporádica, flutuam no ar e fixam-se em quem for suscetível a eles. E quem quer que divulgue os detalhes do crime, seja o mensageiro de asas brancas da imprensa ou qualquer execução pública, torna-se, nesse grau, o dispensador do miasma do crime".

Não posso agora discorrer sobre os métodos de cura, mas direi que, como primeiro passo, certamente não deveria haver legislação exceto aquela que tendesse para a cura moral; e pensei que, na primeira oportunidade que tivesse para falar através de lábios mortais, diria isto e procuraria impô-lo às

mentes dos legisladores: que a cura moral deve tomar o lugar do que a linguagem humana chama de punição do crime. Pensei que a próxima palavra que proferiria em jeito de julgamento sobre a legislação e o governo humano seria que as leis fossem de tal modo alteradas que tratassem os criminosos da mesma forma que tratariam os fisicamente e mentalmente enfermos; e, se tendes asilos para os que são cegos e surdos, e letras em relevo para os cegos, deveis ter também letras morais em relevo para os que são espiritual e moralmente cegos. E este é o meu primeiro conselho em ligação com a justiça humana: que a vingança não pertence ao homem! Nem a retribuição, mas sim ao Infinito; e que a lição do homem deve ser derivada dos ensinamentos do Grande Mestre e desta mensagem que vos trago do mundo dos espíritos.

"Haja instituições não apenas para curar a doença moral, mas para a prevenir. Quem quer que seja descoberto como moralmente enfermo na infância, que seja rodeado e fortalecido para que a doença não faça incursões na mente. Haverá então menos criminosos enviados para o mundo dos espíritos e o trabalho dos grandes curadores na vida espiritual diminuirá rapidamente."

Poderia ter permanecido ali por eras observando o processo daquele estado inimitável, mas como não era o meu trabalho nem a minha esfera, não pude ficar, pois ali ninguém pode ser ocioso. Não há espetadores, a menos que possam ser úteis — o que foi outra lição, visto que os hospitais são inspecionados por muitos ociosos; e fiquei muito contente por escapar da consciência da minha própria intrusão na sacralidade de um trabalho no qual não podia tomar parte. Mas logo após me ter voltado para sair, e quando supunha não ter ali qualquer trabalho, vi um pobre homem que sofria as dores do remorso e, quando me voltei para ele, ele pareceu cair diante de mim e pedir perdão.

Fora uma ofensa trivial, mas enviara-o como um maníaco para o mundo dos espíritos; e eu fora mandado chamar, sem que o soubesse, para curar o seu espírito. Fi-lo pela minha presença e, quando senti que ele se prostrara diante de mim, nem sequer recordei a ofensa que ele cometera até que uma longa retrospetiva a trouxe à minha mente. Podem ter a certeza de que o perdoei. Não reivindico qualquer mérito por fazê-lo pois, se pudesse ter agido de outro modo, certamente não teria conseguido entrar naquela esfera. Devo passar por outras esferas, pois o tempo desgasta o espaço.

Mas na culminação desta esfera de cura pareceu-me ter um vislumbre e vi Howard e Wilberforce e todos os grandes filantropos do passado, com muitos outros cujos nomes são sagrados na história humana, vivendo as suas vidas ali como aqui, na redenção e melhoria do crime; e essa esfera parecia culminar na luz e glória do semblante insuperável do grande Curador, cujo toque era como magia e que disse, quando a mulher foi trazida perante Ele: "Aquele de entre vós que estiver sem pecado, que atire a primeira pedra". E através do corredor das eras, aquela voz pareceu reverberar de novo; e eu desejara ter mil línguas e miríades de vozes para poder comunicá-la imediatamente aos corações e mentes da terra e fazer lá, como aqui, uma esfera de cura para a alma doente pelo pecado.

Não posso esta noite transmitir-vos o que experimentei noutras esferas. Se me for permitido, continuarei o meu discurso na próxima noite de domingo e dar-vos-ei então as minhas experiências nas esferas da justiça, da sabedoria e do amor, pelas quais tenho sido habilitado a receber, mas em nenhuma das quais entrei na plenitude daquela vida que espero alcançar pela minha busca constante da verdade e do conhecimento neste trabalho.

Agradeço-vos a vossa amável atenção. Devido à minha falta de poder para proferir improvisadamente, quando estava na terra, qualquer discurso, fui auxiliado nesta alocução pelo guia habitual da médium. Mas todos os pensamentos são meus e transmito-vos, na vaga da vida espiritual, que não daria o que aqui experimentei e soube, mesmo dentro deste breve espaço de tempo, por toda a grandeza, riqueza e fama da terra. Aquelas almas dos ressuscitados e grandes, de quem vos falarei futuramente, possuem tal influência inefável que, se as pudésseis conhecer, partiríeis imediatamente deste lugar com os vossos pensamentos focados apenas na verdade, procurando a orientação dessa sabedoria superior para que vós também pudésseis entrar na sua condição.

ONDE FICA E O QUE É O MUNDO ESPIRITUAL?

A Sra. Cora L. V. Tappan proferiu um discurso na esquina das ruas Washington e Green, no salão da *Spiritual Lecture Association*, sobre o tema acima mencionado, o qual foi selecionado pela audiência. Ela falou da seguinte forma:

EXCELENTÍSSIMOS SENHORES E SENHORAS: — Num sentido geral, onde quer que a mente exista ou a alma habite, ali é o mundo espiritual. A localidade tem menos a ver com a existência espiritual do que a condição, e o estado de espírito determina mais a felicidade do espírito do que o lugar da sua habitação. Não obstante, tudo o que existe deve existir em algum lugar. Mesmo que espaços infinitos sejam atravessados no menor tempo possível, ainda assim há distância, tempo, espaço e substância para a existência espiritual.

Não devemos confundir a morada do espírito com o estado do espírito. Este tem sido o erro de todos os céus descritos anteriormente. O paraíso de Maomé é demasiado um paraíso dos sentidos — muito pouco uma condição da mente. O céu do cristão é demasiado literal e refere-se a substâncias tão sólidas que só podem existir na terra, a menos que sejam tomadas num sentido figurado, e então o céu do cristão torna-se espiritual. A ideia, contudo, de uma localização na vida espiritual e de uma forma definida de existência espiritual e do estado real do lugar onde o espírito habita além da morte, só foi revelada à compreensão humana através da filosofia do Espiritualismo; e, por estranho que pareça, embora esta filosofia esteja no mundo há pouco mais de um quarto de século, parece haver uma ideia muito vaga, mesmo entre os Espiritistas, quanto à localização da Terra dos Espíritos.

Consideramos que isto advém de uma causa dupla. Primeiro, que a compreensão humana está limitada à esfera dos sentidos reais no que diz respeito à localização, e qualquer coisa que não possa ser geograficamente medida ou localizada em latitudes correspondentes a essa compreensão parece ter muito pouca existência. A matemática forneceu ao astrónomo uma visão mais longa e uma compreensão mais elevada, e seria menos difícil para o astrónomo compreender a natureza e a existência do mundo espiritual do que para alguém que não saiba que a ciência pode transpor as vastas distâncias entre planetas e mundos. Seria menos difícil para um químico compreender que o mundo espiritual pode ser substância e, ainda assim, não ser percetível aos sentidos externos, pois ele sabe que a atmosfera está

preenchida com substâncias, elas mesmas imperecíveis, que não são descobertas pelos sentidos comuns do homem.

A razão seguinte é que o próprio mundo espiritual é de tão vasta extensão, de substância tão variada, e existe na forma ou maneira de vida objetiva, como lhe chamais, a tal ponto que é difícil para o processo comum da compreensão humana chegar ao conhecimento de algo que pode ser e que, no entanto, não parece ser de acordo com qualquer lei orgânica da criação.

O MUNDO ESPIRITUAL

Em primeiro lugar, não é o resultado de lei orgânica. Por isto, referimo-nos à lei orgânica da ciência. Não possui existência genérica, por assim dizer; não é moldado pela evolução a partir de estágios inferiores de vida segundo a teoria darwinista; não é o resultado de qualquer transmutação de substâncias da terra e, portanto, é em todas as suas essências, na sua estrutura e nas suas várias formas, inteiramente o resultado de leis espirituais. Sendo este o caso, deve ser desenvolvido na terra um conhecimento ou superciência das leis que controlam as substâncias espirituais, e da natureza e ação dessas leis, que servirá de base central, tal como a lei da gravitação serve para a ciência externa.

Infelizmente, isto ainda não foi desenvolvido na compreensão da mente humana; e mesmo os Espíritas, por considerarem o mundo espiritual real, consideraram-no, por conseguinte, real da mesma forma que o mundo é real. Mas, porque algo é real, não é necessariamente real da maneira que supusestes que as coisas o são; e porque algo é feito de substância, não é necessariamente formado de substância segundo a vossa ideia da formação da substância. E, porque existem formas e aparentemente limites e linhas geográficas para o mundo espiritual, não se segue necessariamente que essas formas tenham sido moldadas segundo as evoluções geológicas da própria terra.

AS SUBSTÂNCIAS ESPIRITUAIS SÃO EVOLUÍDAS

a partir de centros espirituais, tal como as substâncias materiais o são a partir de centros materiais. Cada mundo ou plano tem o seu centro espiritual, tal como tem o seu centro material. O centro do mundo espiritual não é necessariamente o mesmo que o centro do mundo material. Por exemplo, não é necessário que o mundo espiritual corresponda nos seus movimentos e

revoluções ao eixo físico do vosso globo para o fazer corresponder às leis espirituais. Não é necessário que ele gire precisamente da mesma maneira em torno do luminar central que o vosso mundo gira, para o conformar às leis da existência espiritual.

O estado médio da vida espiritual, imediatamente após o espírito ter passado da existência terrena, é perto da superfície da terra, pela razão de que os afetos, interesses e atrações espirituais do espírito desencarnado estão mais na terra do que na vida espiritual. Isto faz com que o centro de gravidade desse espírito seja em direção ao círculo familiar, ao grupo de amigos, à nação ou lugar da sua habitação terrena.

Mas, se as atrações do espírito não estão especialmente centradas nas relações físicas e externas ou no brilho social da vida terrena — se houver mais pensamento geral e outras inspirações, se a ciência, a arte ou a filosofia ocuparem mais o espírito —, então a atração e a lei da gravidade desse espírito são para outro centro; e esse centro incorpora uma lei espiritual que é de acordo com os grupos de almas, em vez de ser de acordo com os grupos de planetas. Como afirmamos, contudo, nos primeiros períodos da existência espiritual, o espírito humano médio habita numa esfera que rodeia imediatamente a terra e não se eleva para outras condições nem procura associações mais nobres, ou um campo de visão maior, até que os afetos terrenos tenham sido de algum modo desmamados e o espírito deseje mais conhecimento do estado espiritual.

Tal como a lei da gravidade é superada por certos tipos de força, como o calor e a luz, também a lei que atrai um espírito para a terra não é de gravitação física, mas dos afetos externos; e a lei que supera essa atração é a lei espiritual de um desejo de se elevar para outras associações. Se a preponderância dos afetos — isto é, se o maior número de relações, amigos, associados ou pensadores semelhantes estiver na vida espiritual —, então o espírito é atraído para o centro da sua habitação, onde quer que ele esteja; e esses centros são formados não tanto com referência a leis físicas, mas aos estados de espírito dos próprios espíritos, e estes correspondem precisamente ao grau de cultura ou desenvolvimento espiritual que o grupo de espíritos possa ocupar.

Por exemplo, dentro desta cidade existem almas de muitos planos de existência. Dentro desta sala estão representadas muitas esferas de vida espiritual, no entanto, todos ocupais fisicamente um mesmo nível. A

diferença entre os estados espirituais e os vossos é que o espaço é menos arbitrário e as condições locais menos necessárias; que o espaço e o tempo são transpostos pelo estado e condição da alma, e que uma esfera de espíritos, representando, por exemplo, um certo estado de espírito, pode existir aqui, na Ásia, no planeta Neptuno ou além do raio do sistema solar e, ainda assim, não ser quebrada na sua compacidade espiritual. O mundo, pelo contrário, só pode girar com referência às leis que governam a sua gravidade específica em torno do seu próprio centro e do centro do sistema solar.

POR CONSEGUINTE, AS ESFERAS DA VIDA ESPIRITUAL

representam certos corpos de almas que estão em certas condições de mente, que levam consigo através do espaço a sua própria atmosfera e habitam perto de qualquer planeta, nação ou grupo de pessoas que estejam mais aptos a influenciar e governar. Consequentemente, o estado espiritual que envolve imediatamente a vossa terra e ocupa o raio de cerca da atmosfera terrestre é um estado espiritual que corresponde, na variedade das suas mentes, àquelas que a média dos seres humanos possui aqui; e essas esferas e as substâncias de que as suas vidas são compostas correspondem externamente em grau de desenvolvimento à atmosfera que está além da terra, mas são mais claras e menos imbuídas de material terreno.

Não obstante, esta atmosfera terrestre não constitui a substância dessas habitações espirituais, nem as emanações da atmosfera terrestre constituem a substância dessas habitações espirituais. Eles valem-se da atmosfera terrestre e das suas substâncias quando desejam comunicar ou conversar convosco. A sua existência espiritual é uma existência separada. As formas das suas moradas espirituais e os seus corpos espirituais são moldados de substâncias espirituais, e vós não tendes substância correspondente na terra, exceto aquela que compõe os vossos próprios corpos espirituais; e os vossos corpos espirituais extraem essas substâncias não da terra e do seu material, mas da terra espiritual e do seu material, tal como os vossos corpos naturais extraem as substâncias da vossa vida física da terra abaixo de vós.

As camadas, portanto, da vida espiritual que vos rodeiam imediatamente determinam o estado médio da condição espiritual da terra, enquanto aquelas mentes nobres que atingem uma atmosfera superior espiritualmente extraem o seu sustento e a substância da sua existência espiritual de uma gama mais elevada de existências. Assim, todo este espaço que vos parece vácuo e ar vazio, e onde o astrónomo, o químico, o homem de ciência nada

podem descobrir além de átomos e elementos fundamentais, está imbuído e permeado pelo mundo espiritual, é possuído por eles, ocupado pelas substâncias e formas da sua vida, e moldado segundo as leis que governam a sua existência. Essas leis, como afirmamos, são o inverso das leis orgânicas. Por orgânicas entendemos, naturalmente, no que diz respeito à terra. Elas são o inverso das leis genéricas.

SUBSTÂNCIAS E FORMAS

não são desenvolvidas na vida espiritual por qualquer processo genérico, mas por um processo de pensamento — a ação do espírito sobre a substância ao redor, em vez do desdobramento da substância por processo genérico e do espírito ser posto em contacto com ela por uma lei separada, como na terra. Consequentemente, um espírito atua sobre a substância da vida espiritual com maior facilidade, da mesma forma que vós atuais sobre a substância do vosso corpo após o processo orgânico ter ocorrido e estardes na plena posse dos vossos poderes; mais subtil do que isto, porque a própria substância é governada pela condição do espírito atraído para ela, tal como a luz ou o calor são atraídos para a flor, e é tecida na fibra e tecido do espírito por esse processo interno, em vez de pelo aparente processo externo que os vossos corpos organizados realizam.

Se pudésseis existir absorvendo da atmosfera o sustento como fazeis com a luz e o próprio ar; se as partículas que suprem os vossos corpos fossem fornecidas pelas inspirações e expirações habituais, e se estas substâncias fossem suficientes para manter a estrutura vital sem qualquer desgaste ou decadência, teríeis então alguma compreensão do processo de formação espiritual.

É o mesmo com as habitações da vida espiritual. Não existem materiais brutos, pedra, madeira e outros elementos dos quais o espírito seja compelido a talhar e esculpir a morada. O processo é bastante diferente. O grosso dos materiais da vida espiritual existe em essências. Estas essências são moldadas em qualquer forma que o espírito escolha pela vontade desse espírito ou pelo seu pensamento e ação. Se a volição não for suficientemente forte para moldar uma morada segundo leis de harmonia, a morada apresenta uma aparência denteada, desagradável e é fragmentária como o próprio pensamento da alma. Cada envolvimento externo de um espírito indica o estado ou qualidade do desenvolvimento do espírito. Por isso, quando ouvis falar de formas sombrias e existências escuras e planícies áridas

e montanhas escarpadas que não têm beleza, é porque os espíritos que habitam essa região não têm poder para moldar ou evoluir formas de beleza; no entanto, atraíram para si a substância da vida espiritual, e estas são moldadas no grau correspondente ao desenvolvimento das suas naturezas interiores.

Podeis aplicar isto, ou pelo menos compreendê-lo comparativamente, se — em vez de fazerdes madeira e pedra e tijolo e vidro de substâncias externas que são orgânicas — supuserdes que todas elas estão em estado atómico, não sujeitas a qualquer lei orgânica, mas apenas à lei da vossa própria volição, e que tivésseis então de esculpir uma habitação, erguer um edifício ou criar qualquer plano. Teríeis então algo do processo nas vossas mentes sobre a vida espiritual e a sua formação.

Não existem estados de existência espiritual criados previamente, exceto aqueles que os próprios espíritos individuais criam, no que diz respeito à forma ou feitio. Não existem paisagens à espera, como as há na terra, pela mão redentora do homem; nenhuns desertos que esperam que a ciência resolva o maravilhoso problema da fertilidade; nenhumas montanhas à espera da sondagem do gigantesco génio externo do homem para que os minérios e pedras preciosas possam ser colhidos. Os únicos ermos áridos estão dentro da própria alma. Estes nunca podem ser cultivados até que o espírito assim o deseje. As únicas montanhas escarpadas e aparências rudes são aquelas que o espírito evolui do seu estado imperfeito. Estas vastas substâncias existem em solução. O espírito evolui, cria, organiza, faz a sua própria substância de formação a partir delas e determina realmente a condição em que viverá. Daí as variedades de afirmações e diferenças de perceção relativas à vida espiritual.

Existem muito poucos espíritos que passem da existência terrena sem suporem que o seu Mundo Espiritual está todo feito para eles, e que, qualquer que seja o estado em que entrem, este foi criado previamente por algum tipo de providência especial. Pelo contrário, descobrem gradualmente que ele é o resultado da sua própria criação e que, tal como foram traçando os seus passos no mundo externo num grau maior ou menor, assim os seus espíritos foram moldando uma morada espiritual num grau maior ou menor de perfeição. Há uma forma pela qual a preparação é feita: os amigos individuais, aqueles que são atraídos por leis de consanguinidade ou simpatia, recebem uma proporção maior ou menor do vosso pensamento médio, das vossas aspirações, dos vossos desejos espirituais, e estes produzem uma

impressão na esfera de vida que eles ocupam. Quando Cristo disse aos Seus discípulos: "Vou preparar-vos lugar", tendo dito anteriormente: "Na casa de meu Pai há muitas moradas", referia-se precisamente a essa condição da vida espiritual na qual Ele, exaltado acima de outros espíritos possivelmente, poderia moldar para aqueles que O amavam uma morada especial, sendo o próprio amor o elemento que Lhe permitiria preparar uma habitação para eles na Terra dos Espíritos.

Portanto, vedes que não é porque as leis sejam incompreensíveis, mas porque os vossos métodos de as julgar são externos e rudimentares, e pensais medir o reino do céu pelo reino da terra, que é uma coisa bastante diferente. Nem é contrário à lei da sequência supor que a evolução das formas espirituais deva ser por um processo diferente daquele que determina as formas externas e organizadas, visto que estais cientes de que o próprio pensamento produz vibrações tão palpáveis, e que sem dúvida chegará um tempo em que as vibrações do pensamento poderão ser medidas tão precisamente como as do som ou da cor.

No entanto, este mesmo mundo do pensamento, agindo para sempre e produzindo as suas impressões algures, deve ter criado alguns resultados. Os grandes espaços não são vazios nem estéreis, nem carecem de formas e feitios belos. O vasto número de almas que passou para a vida espiritual e evoluiu as suas existências através de todos os estágios de espírito e atmosfera não deixou o estado espiritual desprovido de forma; pelo contrário, tornou as substâncias espirituais submissas ao controlo dos espíritos que os seguirão e traçou um caminho, por assim dizer, de luz para as suas próprias moradas individuais.

Mostrámos-vos que o mundo espiritual médio está temporariamente dentro do raio da atmosfera terrestre. O estado seguinte de existência é determinado geograficamente pela linha especial de atração do próprio espírito. Não existem camadas concêntricas regulares ou esferas, como tubos de vidro arranjados em redor da terra, nas quais um espírito tenha de ser gradualmente iniciado, como se faz nos diferentes graus da maçonaria; pelo contrário, os diferentes estados variam na sua distância da terra de acordo com as atrações do espírito.

Naturalmente, tal como não seríeis atraídos para a taberna da esquina ou não passariam a maior parte do vosso tempo a caminhar pelas ruas da cidade se o negócio não vos levasse lá, os espíritos não dedicariam naturalmente a

maior parte do seu tempo a observar os esforços pueris dos seres humanos, a menos que possam, de alguma forma, auxiliá-los ao fazê-lo. Portanto, aqueles cujos afetos estão desmamados dos empregos temporários da terra não passariam naturalmente a maior parte do seu tempo perto da superfície terrestre se houvesse qualquer outro lugar para estarem, sendo esse outro lugar determinado com a mesma facilidade pela lei do desenvolvimento correspondente de mundos ou átomos.

Na obra "Stellar Key to the Summer-land" de Andrew Jackson Davis, ele descreveu na Via Láctea uma esfera distinta de almas avançadas. Um pouco mais adiante, noutra obra, descreve a morada dos *Diakka*, onde provavelmente uma esfera de espíritos sombrios se congrega devido à sua lei de atração mútua e a certas condições externas de atmosferas espirituais que constituem a sua existência naquela morada. Suponhamos que a esfera dos poetas fosse nas Plêiades, e a de outras almas fosse em redor da região da Estrela Polar. Suponhamos que as leis magnéticas que afetam, por ação e reação, a terra são também o véu para certas leis espirituais pelas quais certas esferas de inteligências devem mover-se numa direção e outras esferas de inteligências noutra; é tão compreensível como o facto de os planetas serem governados por duas formas de movimento, ambos subservientes a outra lei mais distante que move todo o universo de planetas.

PORTANTO, DIZEMOS QUE ESTAS LEIS

não são de acordo com a gravitação de sóis e planetas, mas de centros espirituais. Os centros espirituais são determinados pela condição das atmosferas espirituais; isto é, pelo número de almas, e o seu adiantamento, que passaram através de certas camadas de atmosferas nos céus espirituais. Assim, Swedenborg tem os céus terrestres. Cada planeta tem o seu céu terrestre, aquele que descrevemos como rodeando imediatamente o próprio planeta. Cada planeta tem o seu céu interestelar; isto é, uma esfera ou condição — não nos interpretem mal — condição pela qual certos espíritos avançados, existindo na terra ou existindo na esfera imediata que rodeia a terra, podem passar do mundo espiritual de um planeta para o mundo espiritual de outro planeta. Este é o céu interestelar. Mais propriamente falando, poderia ser considerado a autoestrada interestelar onde espíritos de certo grau de volição e poder científico podem passar de um mundo espiritual para outro.

Depois existe o que Swedenborg chama o céu celestial, que não é governado pelas atrações de qualquer planeta especial ou qualquer sistema especial de planetas, mas por certas condições espirituais que provavelmente se aproximam mais de algumas constelações do que de outras, mas nunca são totalmente governadas por elas. Existem inteligências espirituais em número de milhões que se movem através dos céus, aproximam-se da terra como um cometa o faz ou como algum planeta poderoso poderia fazer, emanam a sua influência sobre a terra e passam para outros mundos e planetas para ali realizarem o seu trabalho. Existem grupos de almas associados para fins científicos, permanecendo por um tempo sobre um certo conselho de uma nação, sobre uma certa academia científica de outra nação, e depois passam para outras nações e para outros planetas para prosseguirem os seus estudos e levarem por diante os seus propósitos.

Não sendo limitados por postos externos, nem pela locomoção que tendes na terra, os seus pensamentos ou atrações governam a localidade em que existem enquanto levam as suas próprias esferas ou atmosferas com eles. Por conseguinte, se tivésseis visão espiritual e compreendêsseis a lei espiritual, poderíeis calcular a aproximação de um certo corpo de espíritos à terra tão corretamente como os astrónomos podem calcular a aproximação de um certo cometa ou a revolução dos planetas. Estes centros de poder espiritual movem-se em ciclos. Estas esferas de inteligências passam, dentro do raio de um sistema solar, para outros planetas correspondentes a ele; e uma certa classe de espíritos deve visitar uma certa classe de planetas ou estágios espirituais, derramando a sua inteligência, a sua luz e a sua influência, e recebendo outras de fontes mais elevadas.

Podem existir duas esferas de inteligências espirituais, poderosas em força e opostas em tendência, aproximando-se de um planeta ao mesmo tempo. Sem dúvida que a expressão simbolizada pelos antigos de que "Satanás seria solto sobre a terra por mil anos" se referia a certas camadas de atmosfera espiritual que varreriam a terra, tendo uma condição correspondente ou atraente na natureza humana e produzindo certos resultados. Sabe-se que crimes, certas formas de doenças mentais, obliquidades morais de vários tipos, parecem atravessar a terra em vagas. Sabe-se que o génio e várias ordens de capacidade mental parecem vir em vagas. Sabe-se que todos os tipos de religiões vieram à terra em certos ciclos de desenvolvimento. Estes ciclos são determinados pela recorrência de

esferas espirituais na atmosfera da terra, tal como a precessão dos equinócios nos céus.

Durante todo este tempo, a geografia do céu espiritual é determinada pelo estado espiritual interno, e estas esferas de poderes celestiais levam consigo através da atmosfera, se preferirem, a sua Terra dos Espíritos. Assim, um vidente passa para um estado inconsciente ou é recebido numa certa esfera de inteligência espiritual, regressa à terra e descreve as paisagens, as moradas, as habitações, as várias ocupações, e está correto nas suas afirmações. Outro vidente passa para um estado espiritual, entra em regiões sombrias, descobre espíritos escuros, vê que os espíritos estão ocupados com ideias grosseiras e materiais — não sabe que não passou além da atmosfera terrestre — e regressa descrevendo o Mundo Espiritual como sendo precisamente igual ao vosso mundo.

OUTRO VIDENTE, ATUADO PSICOLOGICAMENTE,

vê certos templos e colunas suntuosos, lagos maravilhosos e vales belos, vê moradas de arco-íris múltiplas em luz e cor; regressa e retrata-as como a linguagem terrena o permite, e isso é correto. Cada um destes videntes passou dentro do raio de um círculo ou esfera diferente de inteligências espirituais; e com isso não queremos dizer uma esfera concreta que rodeia a terra, mas uma esfera aqui e ali que estão todas em movimento e podem passar e repassar da terra para outros planetas conforme o seu dever ou a sua volição os leve, não tendo o espírito sombrio e terreno o poder de passar para qualquer planeta que seja mais avançado do que a própria terra, nem sendo atraído para qualquer planeta devido às atrações terrenas.

Portanto, queiram compreender que a palavra **esfera** significa a atmosfera que rodeia o espírito ou espíritos; que a palavra **terra** significa o arranjo dessa atmosfera de acordo com os seus estados ou condições, e que não está confinada como uma esfera ou como uma terra a qualquer localidade especial depois de as atrações do estado espiritual a terem desligado da localidade da terra. E que estas esferas flutuantes ou ilhas no espaço são compostas por corpos associados de almas que têm um desenvolvimento espiritual semelhante, e devem por necessidade gravitar juntas, tal como as substâncias da terra gravitam em direção ao seu centro comum; que, se passardes da vida terrena, mesmo sem um piloto ou guia, não podereis evitar gravitar para a esfera para a qual estais preparado, tal como não poderíeis evitar cair se vos lançásseis de um precipício — é

absolutamente impossível evitar as atrações do poder espiritual preponderante dentro de vós. Se os parentes e amigos ocupam a maior parte dos vossos afetos mentais e espirituais, encontrar-vos-eis numa esfera que eles ocupam; e, indubitavelmente, se ainda houver muitos deixados na terra, será uma esfera um pouco afastada da atmosfera terrestre e apenas dentro do raio do centro e lar terreno, de modo que as linhas de luz, se pudessem ser medidas, convergiriam gradualmente da morada deles para a habitação amorosa na terra.

Como uma lâmpada num deserto, como um farol no oceano, são estes centros e moradas espirituais. Como as estrelas que na noite guiam o viajante, assim cada um é guiado para o lar do seu espírito.

Quando afirmámos, portanto, e pareceu algo hiperbólico e figurado, que o Mundo Espiritual é moldado pelos vossos próprios pensamentos e ações, trata-se de uma afirmação científica e precisa. Quando afirmámos que as substâncias e habitações da vida espiritual são moldadas a partir do interior, é uma proposição direta e distinta: não é ideal; é real. Cada pensamento que tendes aqui pulsa na atmosfera do espírito, tal como cada vibração de voz ou cada passo que dais pulsa nos átomos da terra. Diz-se na ciência que não há um som, um toque, nem mesmo o passo de uma criança que não afete, direta ou indiretamente, os átomos de todo o mundo e do firmamento estrelado. Se isto é verdade para átomos que não têm vida espiritual senciente, o que será para aquelas substâncias que são tão submissas e simpáticas que se movem em resposta a um pensamento, e florescem em flores ou canções quando a alma está alegre e bela?

OUTRO DIA, UM MILIONÁRIO

passou da terra. A grande metrópole do continente ocidental esteve viva durante muitos anos com a sua indústria e poder de acumulação de riqueza. A sua morada era o centro de atração devido à sua magnificência, e os seus armazéns e lojas eram o tema de muitas línguas. O que se questiona é que, quando tudo isto é deixado para trás, o que levou ele consigo para o mundo dos espíritos. A questão é de que é composta a morada no mundo espiritual. Mas, sem qualquer personalidade, é fácil dizer que, onde os afetos estiveram todos centrados num objeto, e esse objeto puramente material, o tecido espiritual deve ter sido negligenciado. Mas o mesmo poder de vontade que permite a um homem que se encontra no vosso mundo sem um tostão, sem abrigo e comida, fazer o que é considerado legal segundo os métodos

mundanos, permitirá ao espírito, encontrando-se despojado de posses terrenas, sem edifícios esplêndidos ou séquito de assistentes, talhar também para si um lugar na vida espiritual. Melhor o homem de energia, mesmo que tenha acumulado bens para deixar na terra, do que aquele que não tem poder de vontade e não deixa impressão no mundo onde viveu; pois esse mesmo poder, com um salto, descobre que constrói a sua habitação espiritual de boas ações. Ninguém pode julgar pela aparente dureza ou severidade externa da vida de um homem que flor de caridade, que ato invisível de bondade não registado o poderá esperar na vida espiritual e moldar um caramanchão, se não um palácio, para a sua alma habitar.

Os julgamentos da terra são por vezes duros onde houve grande sucesso e pouca gentileza aparente. Os julgamentos do espírito fundamentam-se naquilo que jaz no interior: no motivo e não no ato, no pensamento e na luta e não na aparência externa; e algures pode haver um pequeno jardim escolhido, um pequeno lugar onde algumas caridades se reuniram para receber o milionário sem vintém no mundo das almas; e estas flores podem ser o único "capital" que ele tem para começar a vida espiritual e, contudo, se ele as der, elas moldarão o alicerce do seu futuro.

É assim que o mendigo e o milionário se tornam iguais na morte, e é assim que na vida espiritual a alma e a sua condição formam não só a morada mas o lugar dela; não só o seu estado e qualidade mas a sua localização real. E as pessoas são governadas pelo grande íman das suas simpatias e afetos que, como a estrela polar, as guia pela noite do espaço e da morte com a certeza de encontrarem o porto dos seus afetos à espera delas ali. Mil léguas são cem jardas; espaço, tempo, tudo sendo banido pela volição do espírito; e enquanto existem almas que não se podem mover três jardas dos lugares da sua morada externa porque estão ali amarradas por afetos terrenos ou pelo crime, o espírito médio tem asas de pensamento, atravessa o espaço entre a morada espiritual e a vossa tão rapidamente quanto os pensamentos mudam, entra nesta sala sem obstrução por aquelas paredes e conta mil anos como um dia.

O TRABALHO DOS ANJOS NA TERRA

ANJOS ENCARNADOS

INTRODUÇÃO E EXPLICAÇÃO

Ao amado leitor a quem estes ensinamentos são dados, diríamos: nas ilustrações apresentadas não se fez qualquer tentativa de seguir a ordem cronológica da História, mas foram utilizados os nomes, incidentes ou acontecimentos maiores que melhor serviriam como ilustrações dos princípios enunciados ou ensinados nos diversos Ciclos ou Dispensações.

Também quanto ao uso de nomes — especialmente de Anjos e Arcanjos — importa ter presente que os nomes desses Seres Celestiais no seu próprio reino não são conhecidos na Terra, nem por Espíritos nem por Anjos da Terra. Os nomes aqui empregados são aqueles que, pelo uso e pela etimologia das palavras, melhor exprimem os atributos a ilustrar, tal como se manifestam nos Anjos.

Entre os Esplendores do Estado Celestial os Seres Divinos são conhecidos pelas suas perfeições. No seu estado de manifestação, devem ser reconhecidos pelo atributo que vêm ilustrar ou declarar.

Entendeu-se ser preferível preservar a forma original de "Lições" — tal como foram dadas em aulas; e, inicialmente, destinavam-se àqueles que receberam o ensinamento. Porém, uma vez que várias edições da Parte I ("A Alma em Encarnes Humanos") foram publicadas e lidas por muitas pessoas, existe uma procura crescente pelo livro acima referido e por estas lições adicionais. Considerou-se, portanto, melhor incluir toda a série num único volume.

Recomenda-se que a Parte I não só seja lida, mas estudada, para que o leitor possa conhecer a base fundamental sobre a qual todo o Sistema, a "Psicosofia", está fundado. Não é necessária palavra adicional. Nos anos decorridos desde a publicação da primeira edição da Parte I, muitos milhares de pessoas se interessaram por este Sistema de Ensinamentos. Aos que estão preparados, a obra apela; aos outros não é necessária palavra alguma. O que é Verdade deve subsistir. Tudo o mais passará.

O TRABALHO DOS ANJOS NA TERRA

ANJOS ENCARNADOS

A obra perfeita do mundo é realizada pelos Anjos. As almas, no seu completo estado de Angelitude, não são imediatamente transportadas para regiões longínquas de bem-aventurança, afastadas da Terra e dos seus estados espirituais; quando se tornam Anjos, ou alcançam a Angelitude, é então que começam o seu verdadeiro trabalho. A verdadeira felicidade da Alma reunificada, durante longas eras separada pelas condições do Tempo e do Sentido, consiste não só na perfeita Unidade reconquistada ao superar essas condições, mas deve também resultar da ajuda e ministração aos outros que pertence ao grau de Angelitude assim atingido: ministrar aos outros; a Espíritos encarnados em formas terrenas ou existentes em alguns dos estados espirituais que imediatamente sucedem às encarnações terrenas.

Tal como os filhos mais velhos de um lar humano partilham os cuidados pelos mais jovens e indefesos, assim estes Filhos do Anjo parental de uma família-Alma (grupo) tornam-se, por sua vez, auxiliares e ajudantes dos que ainda lutam através dos estados terrenos. Esta assistência é dada por ministrações como Anjos da guarda (sob a orientação do Anjo Parental), pois na Terra há sempre aqueles que podem receber impressões desses Anjos: Inventores, Descobridores, Anunciadores de Verdades relativas ao bem-estar material e espiritual dos habitantes da Terra.

E tais inspirações não são concedidas apenas aos génios, aqueles que atingiram o estado culminante em determinada linha de investigação ou realização, mas, para melhor ilustração da Verdade — Verdade Fundamental em qualquer ramo da investigação ou necessidade humana — são designados Anjos para aparecerem na Terra em forma humana, a revestirem a mortalidade; não desta vez para experiência e conquista, mas para ilustrar a vitória alcançada, para dar a verdadeira resposta aos problemas difíceis da vida. Pois só a Alma perfeita (tendo vencido todos os obstáculos e resolvido todos os problemas da vida terrena) pode ilustrar perfeitamente tal solução.

Os Anjos assim encarnados não trazem marca distintiva, não vêm "rotulados" como Anjos, e embora os Anjos superiores os soubessem reconhecer, os mortais, no seu estado imperfeito, não discerniriam o Anjo, mesmo que estivesse no seu meio ou no mesmo lar. Não se deve supor, como já se afirmou, que as vidas que exprimem linhas culminantes — Génios,

Inventores, Descobridores, nas Artes, Mecânica ou outras culminações — sejam Anjos.

Aqueles que lutam através de muitas e sucessivas encarnações para atingir determinada altura tornam-se, por fim, Génios da sua arte ou atividade, seja qual for; mas esses apenas culminam numa linha de vitória, e terão de assumir cada linha separada do esforço humano. Os Anjos já vêm equipados, mental e espiritualmente, para a obra que trazem, que, naturalmente, devem realizar com elementos terrenos. Com eles não há necessidade de "experiência", "prática" ou outra preparação. E ainda que a sua ascendência e ambiente humanos possam ser obscuros, não revelando qualquer indício da finalidade pela qual tal vida (Anjo) nasceu, a personalidade do Anjo demonstra muito cedo superioridade às condições e limitações habituais que cercam os seres humanos.

Como a existência humana neste e em todos os planetas é sabiamente regida pela Lei Infinita — plasmada em Sabedoria e Amor — o Anjo deve encarnar em forma masculina ou feminina — ou, para obra e ilustração especiais, ambas as formas podem surgir ao mesmo tempo para exprimir o Único Anjo. Vidas contemporâneas, e até os registos imperfeitos e parciais a que chamamos História, podem não perceber, nem referir, muito menos compreender, o objetivo ou a missão das vidas destes Anjos.

Perseguição, calúnia, escárnio, mesmo a tortura física e a morte, não têm terrores para os Anjos Encarnados. Muitas vezes é necessário que passem séculos antes de o mundo começar a reconhecer a obra realizada por alguma vida angélica na Terra. Nem sempre a obra ou finalidade da vida é anunciada de forma definida, mas cumpre-se na própria vida, na sua natureza, na sua realização.

Não é exagero afirmar que a obra realmente perfeita que decorre em todas as nações do mundo: a obra nas cidades, vilas, comunidades; nos governos, assembleias legislativas, governantes; na agricultura, na ciência, na filosofia, na descoberta, na invenção; na arte, literatura, mecânica; a verdadeira obra, a obra perfeita, é realizada por Anjos encarnados.

A Matemática — até agora na história humana a única Ciência perfeita — ilustra isto: as Verdades perfeitas e fundamentais (Princípios) são anunciadas por aqueles que sabem. É verdade que os seres humanos em estados comuns, fragmentos da Alma dividida, podem vislumbrar e notar parcialmente os princípios perfeitos, e aplicar às necessidades da vida as

verdades primordiais do universo, tal como ilustradas pelos que sabem, que, tendo conquistado todos os obstáculos e fraquezas da Terra, chegaram à posse Divina do estado perfeito de conhecimento; e que os Anjos, assim demonstrando esses Princípios Fundamentais, podem guiar, ajudar e mostrar o caminho aos que ainda permanecem nas condições imperfeitas da vida terrena (ou planetária). Estas são algumas das razões palpáveis reveladas no Governo Divino das Almas para que os Anjos caminhem pela Terra como seres humanos.

Tais mensageiros encarnados são referidos tanto no Antigo como no Novo Testamento da Bíblia dos judeus e dos cristãos, como também nos Vedas, Avesta e outros Zend, Shastras e diversos Livros Sagrados do Oriente; enquanto as Mitologias grega, romana, egípcia e escandinava estão repletas de relatos dos "deuses" tutelares (Anjos) que se tornam mortais para determinada obra ou propósito relacionado com a vontade ou desejo de "Júpiter" (ou do Altíssimo).

De facto, o próprio Olimpo não estava tão distante dos estados terrenos a ponto de se encontrar totalmente isento de males e tentações humanos. Parecia uma espécie de ponto de encontro entre a terra e o céu, uma mistura de atributos celestiais e terrenos, e o Parnaso era morada para aquelas divindades, as Musas, que auxiliavam e participavam das graças da vida e da arte humanas, e entoavam os cânticos dos Céus, revelando assim os atributos perfeitos da beleza.

É também claramente evidente que muitos dos "mensageiros" ("homens") referidos nos registos hebraicos eram Anjos revestidos de forma humana para fins de ministração especial. "Receber um Anjo sem o saber" não é, portanto, uma mera figura de linguagem poética, mas muitas vezes uma realidade.

O CAMINHO DOS ANJOS ENCARNADOS

Este caminho luminoso não é revelado por anúncio distintivo ou demarcação; mas depois de anos e gerações terem passado, e talvez de novas nações terem surgido, a Trilha de Luz é claramente traçada pelos que seguem e procuram emular as obras dos "Resplandecentes", dos "Grandes". Os Ideais que tornaram Reais, as obras-mestras que realizaram, os encorajamentos deixados para aqueles que ainda devem trilhar o caminho penoso mas sempre ansiosamente procurado, para alcançar as alturas e o conhecimento que um dia hão de atingir; o seu tempo de conquista

certamente chegará. Monumentos e Templos colossais, todos os instrumentos inúteis e estruturas ultrapassadas, desaparecerão ou mudarão de tal forma que já não serão reconhecidos como úteis ou valiosos.

Obras de arte — mesmo aquelas desenterradas após séculos e restauradas ao olhar e admiração do mundo — com o tempo perecerão, serão deixadas a desfazer-se em pó. Mas, em períodos recorrentes da existência humana — para aqueles que necessitam de expressões semelhantes — semelhantes resultados, semelhantes ilustrações, dos Anjos encarnados, para o novo período, esses Anjos aparecerão.

Tais ilustrações e períodos são cíclicos e demonstram que as almas que atingem determinados estados de desdobramento na expressão necessitam de Professores semelhantes — Exemplos; e que as Verdades primordiais são as mesmas — quer ensinadas na primeira quer na mais recente Dispensação ou ciclo, sendo improvável que seja dada ao mundo uma nova Verdade — exceto na forma ou modo da sua expressão — fora das Dispensações (Mesiânicas).

Ainda assim, vezes sem conta são enunciadas essas Verdades, ilustrados esses Princípios — conforme a necessidade das almas encarnadas que percorrem o caminho do esforço nessas direções. Alturas resplandecentes da Religião, Filosofia, Arte, Ciência, revelam o caminho trilhado por estes Luminosos; enquanto pelos vales e íngremes encostas em direção às alturas, lutam e se esforçam os aspirantes, muitas vezes os cansados — procurando o "caminho perfeito" para alcançar a altura da

REALIZAÇÃO DIVINA

E quando consideramos que quase todas as nações e épocas produziram filósofos, poetas, músicos, inventores, mestres de todas as Artes e Ciências suficientes para adornar e embelezar dezenas dos mundos mais áridos; vida Religiosa verdadeira bastante para redimir uma centena de mundos, devemos compreender que é porque cada vida, cada alma deve experimentar a sua própria perceção da beleza, criar as suas próprias obras de Arte, encontrar expressão na sua própria poesia e música, e ser coroada pelas suas próprias experiências Religiosas — e pela sua própria Vitória final: a conquista de si mesma.

Não se deve entender que todo o trabalho benéfico do mundo seja realizado pelos Anjos Encarnados, mas sim a obra perfeita, o exemplo, o

modelo, ilustrando a conquista final de todas as almas encarnadas. Esta obra perfeita consiste em Mostrar o caminho.

Cada buscador sincero do conhecimento, do bem maior e mais elevado para a humanidade, na verdade, cada Mente ansiosa e aspirante que procura cumprir na vida os ideais que brotam do seu íntimo, ajuda o mundo. Cada passo é um pouco à frente do anterior, e há sempre aqueles que serão ajudados por quem deu um passo em frente. As crianças pequenas ajudam-se entre si, as de maior crescimento ajudam as mais novas; é uma corrente em espiral contínua de vida conduzindo à perfeição. Os Anjos estão aqui para mostrar o caminho, para que o Talento avance para o Génio, e o Génio alcance maiores alturas e culminações. A nossa Alma nunca se satisfaz até que o perfeito seja atingido em todas as direções.

Algumas coisas chegam ao fim, outras ocuparão os seus lugares e, quando todo o pó da terra e todos os átomos do espaço tiverem sido utilizados, ainda assim a Alma clamará por "mais mundos a conquistar". O reino da mente, do Espírito, da Alma, ilimitado como é e deve ser, encontrará não apenas novos mundos, mas sistemas e Sóis de sistemas a conquistar e a criar. E continuará a manter no seu domínio criador as fontes do Ser e do Fazer Eternos: estes dois, o fluxo e refluxo alternados do Infinito à cuja Imagem pertencemos.

Esses Resplandecentes — estes Incomparáveis — são protótipos de todos; e aqueles que dão os primeiros passos na escola da vitória Material podem olhar para as alturas coroadas de sol onde também eles "mostrarão o caminho" da realização perfeita aos menos avançados, por causa da perfeição que advém da Alma. A vida não foi destinada a ilustrar a Imperfeição, mas a procurar e alcançar a expressão perfeita.

"Sede perfeitos como o vosso Pai que está nos Céus é perfeito" não é um mandamento vão. Tal como a matemática é perfeita, e quando o problema não é corretamente resolvido o estudante errou, assim cada obra e cada problema da vida devem ser, em última instância, perfeitamente realizados. Os Anjos encontraram a Chave, como o verdadeiro Matemático encontrou a sua. O que a Matemática é para a Mente, na solução de todos os problemas Materiais, o Amor é para a natureza moral e espiritual. O Anjo é a Alma; tendo encontrado o Amor perfeito, que também significa a Sabedoria perfeita, já não existem "problemas" a resolver. A obra do Universo da Vida é então compreendida; quando o Amor e a Sabedoria Divinos são alcançados.

"O Amor é o cumprimento da Lei."

Através da luz ou da sombra, da calma ou da tempestade, estes Resplandecentes designados prosseguem o seu caminho; deixando que a perfeição das suas obras seja gradualmente reconhecida e, por fim, seguida por aqueles que se tornam prontos: os trabalhadores, os esforçados, os lutadores, na vida humana. E que todas as Almas possam finalmente alcançar semelhante perfeição de expressão é o grande encorajamento; pois, com todos os obstáculos a superar na própria natureza do ambiente material, se nunca pudesse haver a vitória perfeita em todas as direções, a vida humana seria, de facto, um fracasso sombrio.

Este caminho, visto pela sua claridade perfeita nos anos posteriores, pode conduzir o Anjo na Terra a um Reino ou a uma cela de prisão, a um palácio ou a uma cabana, muitas vezes ao exílio siberiano ou à guilhotina; a obra permanece. E os milhões que lutam ao longo do caminho espinhoso veem a estrada iluminada e ganham ânimo e coragem; e onde, de quando em quando, o caminho conduz a jardins de flores e frutos, a vales pacíficos e a alturas sempre gloriosas — como é belo saber que um dia, na sua própria hora e tempo — no seu momento de realização, cada um e todos poderão alcançar o Lugar Belo, o estado de Vitória e de paz!

ANJOS DA FORÇA

Não é nos Torneios, falsamente chamados jogos "Olímpicos", nem nas competições atléticas da arena, nem nos "desportos" de várias Nações, tidas como "Iluminadas" entre os povos da Terra, que se encontram os Fortes. A sua é uma missão distinta, que seria totalmente subvertida se se buscasse ou se cedesse ao "campeonato" ou à "competição".

Os diversos "jogos" que desde tempos imemoriais constituíram parte do entretenimento e prazer de diferentes povos, os concursos cruéis e brutalizantes da arena, os não menos brutalizantes combates do Ringue e da Atividade Atlética Moderna, são ilustrações desses estados de luta humana pela supremacia física que, não sendo alcançada de outro modo, deve encontrar expressão em campos de confronto para "divertimento" de "reis" — da "nobreza" — e até da massa do povo.

Os Anjos da Força estão na Terra para mostrar — sem orgulho ou ostentação — que a mera força física não é força real — embora possa acompanhar as outras qualidades que constituem o termo concreto "Força

de carácter". A história humana, tanto sagrada como profana, oferece exemplos das duas ideias de força.

OS IDEAIS TÍPICOS DA FORÇA

Sansão, Hércules, (David e) Golias são ilustrações familiares. Entre os milhões de pessoas que habitam o globo em qualquer época, encontram-se Anjos da Força em muitos percursos e condições da vida. Temos em mente um "homem de negócios", alheio ao mundano mas bem-sucedido; começou por ser apenas um modesto e discreto "Filho de Vulcano".

Tornou-se, pela capacidade, indústria, diligência e economia, num dos maiores construtores estruturais, sobretudo de pontes — primeiro de pedra e madeira, depois de ferro — que o povo da nação onde viveu alguma vez vira. Para aqueles ao seu serviço — a quem sempre chamava "ajudantes" — era gentil e cortês. Voz baixa e firme, visão clara e rápida, por vezes, quando os homens não conseguiam mover ou colocar determinada pedra, trave ou peça de ferro, pedia com grande modéstia desculpa por parecer intrometer-se no trabalho deles, pegava na peça difícil (ou fosse o que fosse) e, levantando uma extremidade, dizia:

"Agora, rapazes, todos juntos", fazendo e erguendo tanto numa ponta quanto vários homens na outra. Dois efeitos eram visíveis na sua demonstração de força e características associadas: os homens ficavam mais dispostos e ansiosos em vencer no trabalho e eram mais amáveis uns com os outros. Tal era a influência psicológica do Mestre Construtor de Pontes que todos os homens se tornavam mais eficientes.

Por vezes, um destes Fortes surgia subitamente do meio de uma multidão de espectadores numa situação de acidente ou emergência — detendo uma parelha de cavalos em fuga, salvando uma criança ou uma mulher do perigo, resgatando alguém do afogamento, protegendo alguém de uma parede que caía ou outro perigo iminente, e desaparecendo logo de seguida, sem que alguém soubesse quem era ou de onde viera.

Frequentemente, a sua força não era conhecida ou suspeitada pelos outros até que alguma ocasião, como as anteriormente citadas, a convocava; de facto, o possuidor nunca se entregava a qualquer mera prova para exibição de força. Por vezes, em grandes crises, quando o bem-estar de uma nação ou comunidade pode estar em jogo, vários dos Fortes juntam-se como por impulso comum (intuição) e lançam-se na brecha — no lugar necessário.

Seria impossível, bem como inútil, tentar designar estes Fortes Anjos que estão a caminhar e a trabalhar na Terra no presente, ou que apareceram em qualquer época determinada: as suas obras ilustram onde estiveram e o que realizaram; contudo, poderiam recordar-se casos em muitas comunidades onde um homem, "O Forte", realizou mais obra efetiva do que todos os outros da comunidade. A mera Força física, porém, exceto como ilustração ou demonstração, pouco valeria no verdadeiro trabalho do mundo sem aqueles atributos correlatos, Superiores à força corporal — que dão impulso e direção ao esforço físico; de facto, são a verdadeira fonte da Força, seja física, mental ou Espiritual.

ANJOS DA CORAGEM

Também não se pode afirmar com verdade que este atributo tão louvado nasça dos sentidos. Há, sem dúvida, um sentimento de segurança na posse de força animal (física), que coloca o possuidor em terreno firme ao enfrentar obstáculos físicos inanimados, e até adversários vivos, quando são conhecidos e mensurados. Mas "não conhecer o medo" significa, porém, uma preparação que é profunda e que toca as raízes do carácter humano — lá no fundo do Espírito. Está bem atestado que o mero Soldado fisicamente forte pode, ao enfrentar o conflito real em batalha, revelar-se um verdadeiro covarde, e pode, em longas marchas ou quando exposto a duras condições de clima, etc., ser menos capaz de lidar com elas do que alguém de físico mais frágil, educado em vias mais intelectuais, onde existe entusiasmo ou um profundo espírito de patriotismo.

Na verdade, foi relatado por oficiais comandantes de exércitos que os soldados alistados devido a certo grau de força física e bravata eram menos fiáveis em ocasiões que requeriam grande coragem do que os de molde mais delicado e frágil. Este atributo, contudo, é de natureza demasiado vasta e abrangente para ser classificado sem sondar os próprios fundamentos da expressão humana; por isso, aqueles que ilustram em grau perfeito a própria essência da coragem são, sem dúvida, Anjos encarnados para "mostrar o caminho".

Estar absolutamente sem medo de tudo o que a terra ou qualquer das suas condições possa trazer é ser supremo em coragem. Subjacente e penetrando tais ilustrações deve estar a consciência a priori de ter vencido todos os males. Coragem física, para enfrentar e superar obstáculos de força superior — coragem para enfrentar a escuridão, a tempestade, as feras da

floresta ou da selva; para enfrentar seja o que for — é grande; mas quando entramos no domínio da ação mental e moral, onde se encontram as condições complexas da vida humana, a posse deste atributo torna-se uma Dádiva divina.

Devemos, no entanto, assinalar os homens fortes e corajosos que aprenderam, pela disciplina a bordo, em tempo de naufrágio e de perigo direto, a obedecer destemidamente ao comandante e a enfrentar a morte sem vacilar; aqueles que sobem as escadas em meio a fogo e fumo e salvam mulheres e bebés; aqueles que tripulam os barcos nas Estações de Salva-Vidas — todos, todos corações valentes e mãos firmes — conduzidos pelos Anjos. Importa também notar que, muitas vezes, mesmo quando os homens têm medo, experimentam efetivamente o medo físico, existe uma força, um orgulho ou uma energia moral que lhes permite superá-lo, e isso é verdadeira coragem.

ANJOS DA RESISTÊNCIA

A Resistência é essa qualidade ou atributo que combina a força física e mental. Pode-se ter força para um momento ou para uma emergência, mas a Continuidade da Força deve incluir os estados mental e Espiritual, bem como o físico; de facto, "aguentar até ao fim" sob grande tensão ou esforço é dado a poucos na vida humana e, naturalmente, pode às vezes ilustrar uma culminação na linha de atributos mais perfeitos.

Os Estoicos ensinavam a submissão sem queixa a quaisquer males ou condições adversas que a vida apresentasse; mas a mera resistência física ou submissão obstinada não é a ilustração que um Anjo traria à expressão. Uma determinação obstinada de não ceder a circunstâncias físicas ou mentais encontra-se frequentemente em pessoas de força de carácter pouco significativa; mas, quando acompanhada dos atributos que ilustram amplas linhas de desdobramento, a Resistência eleva-se à grandeza do heroísmo. Os Anjos da Resistência mostram as possibilidades do que um ser humano pode suportar.

E a ilustração não é apenas de suportar — mas também de fazer. Inclui tanto que deve ser tratado sob outros nomes que aqui interrompemos até que essas ilustrações sejam alcançadas.

ANJOS DA EFICIÊNCIA

Estar pronto e disposto a desempenhar uma parte — a fazer aquilo que é necessário — eis o grande requisito no mundo dos assuntos humanos; — mas, como a maioria das vidas está, no melhor dos casos, na fase de experiência, ou de tentativa de fazer coisas, a média fica muito, muito abaixo do padrão geralmente exigido; daí que as coisas não sejam feitas — apenas tentadas, e isso é bom; pois a vida, afinal, é uma questão de crescimento, isto é: desdobramento a partir de dentro — e essas várias etapas de crescimento constituem as partes interessantes da vida.

Tal como os pais e a família de crianças encontram diversão e entretenimento nas tentativas (e erros) dos bebés — a sua fala imperfeita e titubeante, os seus passinhos ainda sem controlo, as suas imitações dos irmãos mais velhos — assim também, nestas crianças de maior crescimento, chamadas homens e mulheres, existem inúmeras fases de progresso antes de se alcançar a eficiência em qualquer direção. Quando surge o Mestre (homem ou mulher), aquele que sabe e pode fazer e pode mostrar o caminho — quão maravilhosos são os resultados! Como tudo se transforma! O caos torna-se cosmos — a incerteza dá lugar à certeza.

É um grande deleite, em meio à quase universal ineficiência, a estados de incompletude na execução, encontrar aquele que é plenamente competente para fazer a coisa ou as coisas empreendidas. Quão depressa toda a incompletude se altera quando aparece o Anjo da Eficiência! Maravilhosa é a transformação! Não há alardear de poder, nem exibição vangloriosa de capacidade, nem jactância vã, mas — dados o tempo, o lugar e a tarefa — o trabalho é realizado!

Por vezes, quem assim está dotado vive entre os humildes e não toma vestes nem habitação diferentes, na vida humana, das dos demais à sua volta, mas, quando há necessidade, responde, endireitando este trabalho — substituindo aquele dispositivo por outro mais perfeito, e influenciando toda a vizinhança com a convicção de que há ali, no meio deles, alguém que "sabe fazer tudo e qualquer coisa".

Temos em mente um homem no mundo do trabalho de hoje e no vosso próprio país — que tem estado tão solicitado durante muitos anos que não conseguia aceitar a quantidade de cargos importantes que lhe ofereciam. É procurado por empresas — por industriais, por proprietários ou gestores de grandes interesses — para averiguar, quando há dificuldade ou inércia nas

oficinas ou no negócio, a "causa do problema" e corrigi-lo. A certa altura, encontrou numa grande unidade fabril uma direção em falta no trato pessoal com os empregados; demasiado dura e exigente quanto aos horários; com pouco interesse no bem-estar dos operários; o negócio propriamente dito arrastava-se — os chefes de departamento mostravam indiferença; um ar geral de desleixo e "oh, para quê?" impregnava todo o estabelecimento.

Foi nomeado "Supervisor-Geral" — um cargo não previsto nos estatutos da sociedade nem no uso anterior — e alguns dos que ocupavam posições de autoridade mostraram ânimo (zanga) suficiente para se rebelar ou protestar contra "um novo chefe". Mas ele conquistou-os desde o início, não lhes tirando qualquer parcela de autoridade ou de dever, mas interessando-os no seu trabalho — e nos trabalhadores.

Lenta, a princípio, mas seguramente e com aceleração crescente, tudo assumiu um ar mais animado e alegre. Ele desatou nós difíceis — de problemas e de tarefas — pediam-lhe opinião sobre as variadas dificuldades que cercavam os chefes de departamento — rapidamente, cada um começou a procurar dar o melhor de si em vez do pior. Há uma espécie de "simpatia psicológica" — se nos é permitido o termo — entre pessoas e coisas, assim como entre pessoas e pessoas; não só cada pessoa revela ou reflete a sua personalidade nos seus arredores (se tem meios para exprimir gostos e preferências), como os objetos inanimados, de modo subtil, parecem responder aos humores e à tendência geral do nosso feitio.

Recordamos um senhor idoso em Washington, D.C., que, certa manhã, encontrou as "coisas" geralmente transtornadas em casa, e que entrou na presença da esposa exclamando: "É horrível, horrível, HORRÍVEL; a casa inteira está possuída de —." A criada estava zangada, a cozinheira estava zangada, o cocheiro estava zangado, o gato e o cão estavam zangados, e as cadeiras, as mesas e o pequeno-almoço estavam todos fora de temperamento. Mas a esposa sorria, serena, e depressa repôs a ordem.

E assim aconteceu no caso referido nas páginas anteriores: toda a maquinaria, as rodas, fusos, motores, e até a urdidura e a trama dos artigos manufaturados se tornaram suaves, harmoniosos e belos; enquanto os edifícios se embelezaram por dentro e por fora — paredes nuas cobertas de trepadeiras — caminhos ladeados de flores e verdura — e os trabalhadores? Oh, quão felizes, contentes e eficientes se tinham tornado! Todos se orgulhavam do seu posto e, por mais humilde que fosse a tarefa que a cada

um cabia, era feita com alegria e com esforço de bem a cumprir. Se havia erros, dava-se encorajamento em vez de repreensão: "Todos erramos", diziam-lhes, "mas como és muito cuidadoso, isto não poderá voltar a acontecer, ou só muito raramente."

Ninguém sabia exatamente como ou quando a mudança ocorrera. E aquele que tinha sido a causa e fonte primeira de tudo isto nunca, nem por um instante, revelou nem sentiu qualquer autoconsciência de o haver realizado. Ajustamento é harmonia, e ele ajustara as máquinas humanas e inanimadas a si mesmas e umas às outras.

Mais um exemplo servirá para ilustrar a presença dos Anjos da Eficiência. Foi no ensino — nas linhas usuais de instrução de uma Instituição de Educação. Não havia harmonia — havia grande falta de progresso dos alunos nos estudos — faltava algo, havia uma carência algures — ai! Onde não há carência em todo o ensino, em todas as Instituições?

Deu-se — por fim — uma mudança na "direção" da Instituição. Não era coisa invulgar e todos supuseram, com curiosidade e indiferença misturadas, que tudo prosseguiria mais ou menos como dantes. Passado algum tempo, houve um despertar no Corpo Docente. Professores, Assistentes e Estudantes começaram a interessar-se pelo ensino e pelos estudos. Já não era um processo mecânico de moer certo quinhão de saber técnico, ou evitá-lo se possível e confiar na sorte de um "coaching" que levasse os alunos a passar. Foram despertados para os seus melhores esforços pela presença de uma luz nova no seu meio. Conhecimento, Benignidade,
Poder.

"Ele sabe tudo", disse um dos professores, "e, no entanto, como é modesto!" Eficiência é Poder.

ANJOS DO CONHECIMENTO

"O conhecimento é poder." "Com tudo o que adquirires, adquire o Entendimento." Todo o Conhecimento vem da Alma, mas os seus fragmentos quebrados — ou melhor, as suas pequenas imitações — estão espalhados ao longo das vias mentais por onde os seres humanos têm procurado galgar as suas alturas sublimes. Experiência, pesquisa, investigação — tudo é impelido pelo conhecimento a priori de dentro. E, quando plenamente de acordo com esse conhecimento, eis que a "descoberta", a revelação, a "invenção" se tornam parte do património humano e capazes de auxiliar o esforço humano,

resolvendo problemas humanos, de facto, moldando e conformando as coisas materiais para obedecerem às ordens do seu poder mágico. Em todas as avenidas da pesquisa e investigação humanas, no domínio da "Ciência" (física e mental), foi descoberta — revelada — apenas uma Ciência absoluta:

MATEMÁTICA

O ANJO PRIMORDIAL que revelou a matemática deu a solução perfeita do método pelo qual se levam avante os sublimes funcionamentos da natureza. Dos numerais mais simples ao Cálculo, faz-se glorioso o caminho do saber matemático; da vibração infinitesimal do "eletrão" primordial ao magnífico cortejo de mundos, sistemas e Sóis — Sistemas de sóis — a matemática tem sido o Olho com que a mente consegue abarcar as leis do movimento de todas as substâncias no universo e, sem dúvida, a química superior, bem como todos os ramos afins ou correlatos da Ciência do universo físico.

Os mais minúsculos organismos, as pétalas da flor, as asas iridescentes do inseto, revelam exatidão matemática; e as maravilhas do espetro repetem-se nas tonalidades do arco-íris na asa da borboleta — não menos do que no glorioso Arco de Triunfo no céu libertado da Tempestade!

Não cabe, porém, ao âmbito destas lições mostrar o que o Conhecimento realizou, mas o que ele é, e falar dos Anjos da revelação e da realização. O Conceito de todo o conhecimento comprovável tem de vir de dentro, da Alma. O Anjo do Conhecimento é aquele que libertou esse saber, pela experiência, para os usos práticos da vida humana.

"Saber porque se sabe" é atributo de um Anjo encarnado. Às vezes, na vida comum, quando as mulheres não são Anjos (exceto por cortesia e galanteria, e para quem as ama), uma mulher dá como razão de uma afirmação: "Eu sei que é assim"; quando lhe perguntam o "porquê" e o "como", limita-se a responder: "Sei, porque sei." Isto provém muitas vezes da Intuição — do conhecimento "a priori" — e, na maioria dos casos, as suas afirmações revelam-se corretas.

Mas os Anjos encarnados do conhecimento! Ah, quão vasto o seu poder; quão longínqua e abrangente a sua influência! Todo o verdadeiro conhecimento do mundo é por eles anunciado. Os resultados cumulativos de toda a experiência; a autoridade que não precisa de experimento — nem de

responder a perguntas! O conhecimento humano pode ser classificado do seguinte modo:

CIÊNCIA, ARTE, FILOSOFIA, RELIGIÃO

CIÊNCIA é Conhecimento formulado.

ARTE é a expressão perfeita (forma) de que a Beleza é a Alma.

FILOSOFIA é o ajustamento da mente e da vida de cada um ao seu conhecimento mais elevado.

RELIGIÃO é a perceção de Deus e da Alma; a sua expressão é a manifestação do Amor e da Sabedoria perfeitos.
A utilidade é a Ciência adaptada aos usos comuns da vida e pode ou não ser acompanhada e ornada pela arte.

Nos mais antigos tempos de que há registo ou tradição na atualidade, a Ciência, a Religião e a Arte existente estavam confinadas (e preservadas) no claustro, na caverna, ou na morada oculta do Sábio, que era também Sacerdote e Artista.

Os Mistérios da Alquimia e da Matemática foram assim preservados, não apenas dos olhos e mentes para quem nada significariam, mas também para a conservação de tais utensílios e aparelhos — cadinhos, instrumentos matemáticos e assim por diante — como eram necessários ao seu estudo e trabalho. Naturalmente, esses Sábios e Dotados eram vistos com temor e reverência, como, de facto, deveriam ser, pois guardavam consigo as chaves do conhecimento do Universo.

A História de Prometeu deixa, assim, de ser uma fábula. O Anjo do Fogo dá aos filhos da terra o mais maravilhoso solvente dos seus segredos. Mas o conhecimento disso, sem Amor e Sabedoria, ata o homem para sempre à terra, até ser libertado pelo Amor da Alma, pela Sabedoria da Alma. O Anjo da "Alquimia" só poderia revelar todos os mistérios do laboratório àqueles que estivessem preparados, que pudessem compreender. "Com tudo o que adquirires, adquire o Entendimento." Isso tem de provir da vida aperfeiçoada, da esfera de existência completada.

A "Chama Sagrada" dos persas — ainda hoje tida por sagrada pelos parsis — não era senão o Símbolo desta Centelha Divina — desta Chama interior que nunca perece e que, muitas vezes atiçada ao fogo da Inspiração,

revela o significado do Deus da Luz — e, por contraste, a Sombra — tal como a luz do sol (fogo) revela a maravilha e a vida do Universo material.

Quando a Ciência e a Religião (os pais da arte) dominavam em conjunto, muitas coisas foram esclarecidas pela Intuição que depois foram relegadas para o domínio da "superstição". E a Ciência tornou-se (nos períodos de Materialistas) um corpo sem alma, a exposição de um autómato sem mente nem espírito.

Isto também sucedeu, muitas vezes, sob o nome de Religião; pois, quando o Espírito vivo e sempre presente deixa de inspirar por causa da cegueira material, tudo se torna sórdido, até o Nome Sagrado.

ANJOS DOS GRUPOS

Longe no Oriente, e nas idades mais remotas, grupos de homens Santos — Reclusos — resolveram os problemas da Astrologia, da Alquimia e da Religião, fundindo num só as três qualidades que constituíam o Anjo. Tais símbolos ou linguagem — ideogramas, números, hieróglifos — eram muitas vezes tornados intercambiáveis, exprimindo tanto a ciência como o culto; daí os Números Sagrados e os seus significados religiosos, bem como matemáticos.

Seria impossível rastrear sequer o mais pequeno número desses grupos e dos seus Anjos acompanhantes ou dirigentes. Na matemática, podeis encontrá-los desde o Egito e a Grécia até aos nossos dias. Na linguagem — letras — Mémnon, Cadmo e Tales, até que por fim nos detemos no pleno esplendor da expressão possível do pensamento de hoje.

Quem quer que tenha dado a possibilidade de expressão na Linguagem escrita (e falada) deu ao mundo da vida humana o dom supremo (isto é, a forma mais elevada de expressão), já que a linguagem exprime, sem apelo aos sentidos, as ideias e emoções que brotam da Alma, puro Idealismo.

Pode afirmar-se com verdade que, no uso mais alto da linguagem de hoje, tanto na escrita como na fala, a mente humana é capaz de exprimir toda a gama e nuance do pensamento humano. Palavras e combinações de frases e períodos que, apelando apenas à mente, agitam as profundezas mais íntimas do pensamento e despertam da Alma as Verdades imortais de outro modo veladas à expressão.

Aquele que está dotado das melhores Ideias, e da linguagem que melhor as exprime, é o maior entre os mortais — mentalmente. Esse Anjo tem de ser o mestre da expressão — verbal — possuindo os pensamentos mais elevados a exprimir e conhecendo as melhores formas de os exprimir. Por vezes, o Anjo do Grupo surge na expressão tríplice da Arte e, como Mestre, Guia, mostra o caminho por demonstração e elucidação perfeitas. À sua volta reúnem-se aquelas vidas culminantes que estão justamente prestes a completar a linha de encarnações numa, e às vezes em todas, essas direções.

Estes grupos e os seus Anjos brilham com assombrosa claridade à medida que os séculos passam e o tempo corrige as falsidades e os preconceitos dos historiadores contemporâneos.

Só algumas poucas ilustrações desses grupos com o seu Anjo acompanhante podem caber no possível alcance da perceção moderna, embora, com o tempo, seja menos difícil e os anos e até as eras suavizem os pontos mais ásperos da história — animosidades, ódio, inveja e todo o género de preconceitos. As "Reformas" na Religião, na vida política das nações e na Arte têm os seus grupos próprios, facilmente recordados pelo estudante.

ANJOS DA CIÊNCIA

A única Ciência última ou exata, nascida do Conhecimento Absoluto, é a Matemática. Ciência pode, portanto, definir-se como Conhecimento Demonstrado, isto é, o método e o resultado exato da demonstração. Ao longo do caminho da experiência humana podem encontrar-se muitos, muitos "fracassos", assim chamados, e, no entanto, cada um desses aparentes fracassos foi um degrau para o êxito, para a conquista final; mas o Anjo de qualquer novo anúncio na Ciência está sempre certo na primeira ou primordial declaração, e vem preparado para suportar o que quer que a ignorância e a tacanhez dos detentores de autoridade, no tempo e lugar do anúncio, possam infligir.

Como a morte não tem terrores e a tortura significa pouca dor, os mártires dos Fundamentos Científicos do Conhecimento passam adiante (regressam) aos seus estados angélicos, bastante satisfeitos de que o anúncio foi feito, embora um, cinco ou dez centenas de anos possam ser necessários antes de o mundo estar pronto para utilizar o princípio anunciado.

Alguns desses mártires foram Génios humanos, culminando em certas linhas de experiência ou descoberta; e é às vezes possível seguir as vidas dos Anjos da Ciência, especialmente em idades posteriores, pela natureza infalível dos princípios por eles anunciados — e demonstrados.

O Mestre Matemático insuflou no Universo as vibrações exatas do Poderoso Propósito. Este GEÓMETRA INFINITO colocou assim o Selo e Sinete da Inteligência Divina em toda a natureza.

É lançado o desafio à inteligência humana, à Alma: "Sai e lê-Me corretamente, tu que só tu és à Minha semelhança." A "Imagem de Deus" é a Inteligência semelhante àquele Infinito; por isso, só através da Matemática pode a mente humana galgar as alturas maravilhosas dessa criação visível, encontrando, no seu extremo máximo e mínimo, o Ilimitado, o Inabarcável, onde a Entidade Eterna da Alma encontra a sua imagem Semelhante ao Infinito.

A Alma assim aperfeiçoada na expressão encontra na ordem e arranjo do Universo Material a resposta exata às perguntas que só a Alma pode formular. As perguntas implicam a resposta. O Anjo que manifesta este ramo da expressão humana possui o ciclo de expressão concluído e, por conseguinte, sabe. A seguir à perceção de Deus e da Alma está a perceção dos Métodos do Infinito na Manifestação do Universo.

ASTRONOMIA

Sem Matemática, o conhecimento hoje existente, chamado "Astronomia", teria sido impossível. Maravilhando-se, vigiando, adorando ao longe, como os "pastores" de outrora, os povos ainda estariam à espera de que os céus insondáveis se abrissem e revelassem os segredos dos Astros. Telescópio e espetroscópio nada seriam sem o Cálculo.

A Matemática é o olho da mente, a única estrada gloriosa para os Sóis e sistemas do espaço. O que os Antigos viram e como o viram só pode ser conhecido por registos em monumentos, pirâmides e entablamentos; mas a Matemática lá estava, sem a qual pirâmides, obeliscos, torres, cúpulas, não poderiam ter sido construídos, e algures nessas cidades ainda sepultadas poderão encontrar-se relíquias, ou indícios, de auxílios telescópicos aos Astrónomos Antigos. Os "Astrónomos" revelam, por certo, um grau assombroso de familiaridade com os movimentos dos corpos celestes.

Para trás, pelos labirintos sombrios da Ciência egípcia, não se pode avançar muito, mas até África revela os segredos das origens antigas. Do Egito Antigo e, mais tarde, da Grécia, há que colher tudo quanto podemos rastrear do que então se sabia sobre a Matemática e as suas ciências correlatas — suas filhas. No entanto, todos os dados modernos respeitantes a este tema parecem incluir-se no termo "Sistema Copernicano". Galileu soube, mas não conseguiu demonstrar àqueles que não queriam entender: "O Mundo Move-se." Irrompemos quase de imediato na manhã plena do dia Astronómico.

Newton, Laplace, Herschel e cerca de uma vintena de luminárias, todos avançando na mesma direção, até que hoje o mundo se encontra repleto de observatórios e observadores, a progredir pela via estrelada que conduz ao Templo da Perfeição Astronómica.

ELETRICIDADE

O termo que promete a solução do problema da substância primordial (ou Força primordial) está contido na palavra acima. O "fogo" prometeico era, sem dúvida, Eletricidade. O homem que "brincou com os relâmpagos" e atraiu sobre si a ira teológica do seu tempo escapou, felizmente, ao martírio dos primeiros Apóstolos da Ciência; mas o "pobre Richard", se agora estivesse na sua forma terrena, teria certamente motivo para escancarar os olhos de espanto e soltar longos suspiros de assombro.

De Benjamin Franklin a Edison e Marconi — uma trilha de Luz, um caminho de mágico! Nenhuma história das mil e uma noites pode comparar-se, nenhum sonho de transcendentalista pode igualar a transformação que o mundo presenciou em menos de um século, sim, em menos de meio século! "O cinto" está em redor e por sobre a Terra, a história da "lâmpada de Aladino" esbate-se na insignificância, o sonho do poeta e do filósofo está prestes a realizar-se!

Por fascinante que fosse tomar os vários departamentos da ciência física e seguir o seu progresso durante os períodos em que as mentes mestras habitaram a Terra, não cabe ao âmbito destas lições acompanhar tema tão interessante. Contudo, há que afirmar que, sem dúvida, a palavra que representa o "Primordial" ou "Último" da matéria deixou de ser a palavra velada "Átomo", por mais maravilhosa que essa palavra e os seus agrupamentos tenham sido para fazer avançar a compreensão do arranjo da matéria, sendo a nova palavra "ELETRÕES", agora supostos e proclamados

por muitas mentes científicas como a declaração primordial e final, próxima da Inteligência Infinita.

Não se afirma que a teoria "Atómica" "é destruída pela teoria dos 'Eletrões'", mas que fica esclarecida. A "Substância primordial", como há muito afirmámos, não são muitos "Primordiais", mas Um Universal, sobre o qual atua a Inteligência Infinita para produzir as variadas manifestações do Universo da Vida.

Aquilo a que se chama "Eletricidade" trouxe à luz mais maravilhas num século, como já dissemos, do que todos os outros nomes e termos combinados. E, no entanto, os séculos têm vindo lentamente a revelar e a desvelar, folha a folha, o livro das "Leis Naturais", até parecer que esta era está pronta para entrar no santuário mais íntimo do Templo da Natureza e ver os seus segredos mais guardados.

De Franklin a Edison! A chave mágica do Universo parece ter sido entregue dos céus. Podeis seguir os nomes — são poucos. Ouvi! Foi a primeira mensagem pelo Telégrafo! Ouvi! Foi a primeira mensagem pelo cabo do Atlântico! Ouvi! "S. O. S." A telegrafia sem fios, a sem fios! Já não terão os navios de ir ao fundo no mar, desconhecidos e sem auxílio. Anjos atrás de Anjos encontraram e mostraram o caminho!

RÁDIO!

"Sempre a arder, e, no entanto, incombustível." A substância mais próxima do Espírito, da Alma, de Deus, há de ser essa: que dá Luz perfeita e, no entanto, nunca se consome!

Como o Amor perfeito, que retém e dá tudo, e, no entanto, nunca se extingue. De Newton a M. e Mme. Curie. Dos laboratórios dos Reclusos Herméticos à porta aberta (ainda que sempre misteriosa) da ciência moderna! Marido e mulher em conjunto, depois ela só, revelando, talvez, o segredo mais íntimo da Luz. Aceite por Mentes Científicas, embora com relutância, por provir da mão e do cérebro de uma mulher. E apressam-se a lançar descrédito sobre o bom nome daquela que perseverou e deu ao mundo este grupo de substâncias assombrosas, coroado pelo Rádio! Mas a descoberta e os descobridores sobreviverão, quando os difamadores e as suas difamações afundarem no olvido de onde vieram.

A Era da Mulher chegou; o seu direito a metade do conhecimento do universo, bem como a metade das oportunidades de viver, recebe

diariamente cada vez mais prova, graças à sua capacidade de demonstrar que ela é aquela "outra metade" da inteligência que o homem não conseguiu revelar.

Talvez estas descobertas pelas "linhas da Luz" conduzam a uma Ciência inteiramente nova: a um reajustamento de todas as teorias "atómicas", "vibratórias" e outras, e tragam a mente humana frente a frente com a Luz Primordial. E descobriremos que a "Criação" não passa de um processo de

SOMBREAMENTO DA LUZ DE DEUS

Os Anjos da Ciência não se detêm ao Pórtico do Templo, mas apressam-se — ainda que com pés reverentes — até ao mais íntimo, e ali, no raro Alambique de luz perfeita, percebem e dão a conhecer as Verdades primordiais.

ANJOS DA ARTE

Primordialmente a Arte é una, mas exprime-se no seu aspeto fracionado, quebrada como os raios primordiais de luz, para a perceção e compreensão humanas. A cada período do desdobramento da Arte, em qualquer direção dada, deve pertencer um grupo de vidas na terra pronto para a época culminante, e o próprio centro e coroa de tal grupo é o Anjo, encarnado para mostrar a obra perfeita, o caminho perfeito. Por conveniência, as divisões são: Arquitetura, Pintura, Escultura, Música, Drama, Poesia, Literatura.

ARQUITETURA

O "Mestre Construtor" não é apenas o sinónimo inspirador do "Criador", mas é o sinónimo Sagrado do "Mestre" na Maçonaria; usado ali, como na literatura poética em geral, como expressão ideal para descrever ou designar aquele que alcançou o mais alto conhecimento de Arquitetura.

Os mais magníficos Templos foram erguidos às divindades das várias nações e, mais tarde, à própria Religião; mas o Prazer, a Beleza e até a Morte exigiram a sua quota de Templos.

Aquelas cidades maravilhosas de que não resta traço senão a tradição e o registo monumental velado, todavia devem ter existido. Como: "On", a cidade e Templo do Sol, cujo esplendor quase rivalizava com o próprio Sol; e um templo — cidade — semelhante, "Heliópolis", cujo fulgor sem par as palavras não bastariam para descrever: Figuras colossais, que representavam

atributos de poder, tal como figurados em algumas das divindades; Templos cuja vastidão nem sequer hoje pode ser imaginada ou conjeturada.

O primeiro Construtor foi um Anjo. Não admira que a "Maçonaria" fosse uma ordem Secreta e Sagrada! Para "Construir", é preciso saber: Mecânica, Matemática e todas as belas imagens de forma. Arquitetura pré-histórica, revelada nas Pirâmides e obeliscos do Egito; em cidades desenterradas; templos, torres, muros, fontes; maravilhas sobre maravilhas!

Quem quer que tenha mandado assentar a primeira pedra angular (com conhecimento de causa) da primeira estrutura perfeitamente proporcionada, esse foi o Anjo.

Para trás; para trás; através do Egito Antigo, seguindo o Nilo até às suas muitas nascentes; muito, muito longe, através dos mares, até às ruínas de Templos na América Central e à "Atlântida perdida"! E, regressando ao Egito, quer tenha sido "Hiram Abiff" quer outro, alguém levou os segredos do "Construtor" a Jerusalém; alguém maior deve tê-los levado através da Fenícia até à Grécia e, daí, ao mundo. São facilmente traçados os caminhos desses Anjos, quando as areias acumuladas e os estragos dos abalos sísmicos são removidos.

Belo! Belo!! Belo!!! Coluna, cúpula e torre! Ah, mas o Mestre Infinito colocou a Abóbada de Sóis e Sistemas, e as Colunas dos Céus Eternos. Construam como construam, e constroem, esses Anjos da Poderosa Vontade de Deus, as obras todas perecem; os vastos processos do Tempo e da Mudança levam-nas; mas a sua Alma Sobrevive!

A perenidade da Arquitetura foi uma das ilusões favoritas dos Antigos, especialmente dos egípcios, que chegaram a crer que os seus Construtores haviam aplacado até o próprio Nilo, e que o seu estilo Piramidal poderia resistir para sempre aos avanços das águas e à devastação do Tempo.

As pirâmides, ruínas de alguns templos, cidades e edifícios maravilhosos, é tudo quanto resta. Quantos séculos de areias que se fendiam e se deslocavam e de depósitos aluviais cobrem essas obras admiráveis do homem! Terramoto, tornado, fogo e água! As forças destruidoras da Natureza que proclamam sem cessar ao homem: "Como és fraco com toda a tua prodigiosa Construção e feitura, pois todas as obras das tuas mãos foram e serão destruídas!"

Ainda assim, vez após vez, as nações constroem; e passamos para a idade de tais prodígios na Arquitetura que nos mandam deter, em reverência e assombro, na presença de tamanha majestade e beleza! Contudo, saímos para debaixo da Abóbada de Estrelas e Sóis, contemplamos as cortinas de nuvens tingidas, estamos entre as montanhas solenes, aparentemente eternas; ou percorremos as naves sombrias e corredores das florestas — e sabemos que também estas hão de passar.

O Infinito edificou para além do alcance ou entendimento da débil imitação do homem. Todavia, as "coisas duradouras", o Templo Eterno, não foram moldadas de mundos, e sóis, e espaço, mas de Almas. A história das nações, porém, está traçada na sua Arquitetura, onde e quando se encontram as cidades, Templos, ou obras estupendas como as do Egito. Embora sepultadas por eras, essas cidades e templos desenterrados revelam a majestade e a grandeza dos Antigos Construtores.

A riqueza de Reis e Reinos concentrava-se na construção dos Palácios — dos Reis — dos Templos de Culto e dos lugares de prazer. O "povo" pouco ou nada tinha a ver com essa grandeza, salvo labutar na sua construção e, sob permissão especial, partilhar do culto ou do prazer nacionais. Escravos, os povos subjugados de alguma nação conquistada, faziam o trabalho, a lida pesada, para os Conquistadores. Sempre que, entre os súbditos de um Soberano, ou entre os escravizados, surgia um Génio, ele tinha de dedicar todo o seu tempo e dons à construção, decoração ou ornamentação desses palácios e Templos de esplendor para o Rei.

Tais eram as condições em que apareciam os Anjos Construtores. Em segredo, muitas vezes, o Construtor encontrava abrigo entre os humildes; mas, logo que o "dom" era conhecido, era compelido a estudar com os "sábios", os "Mestres", e a aperfeiçoar a sua obra para os Templos e palácios do Governante. Essa concentração de todo o poder e toda a riqueza conduziu à construção daquelas cidades e Templos maravilhosos cujas ruínas só agora são parcialmente reveladas. E de outros, mais recentes, preservados entre as relíquias clássicas da Grécia e da Itália.

Esses monumentos antigos de passada grandeza e esplendor continuam a desafiar a admiração do mundo e dos "Construtores" de hoje. Por humilde que fosse o nascimento de quem estava dotado de Génio, ou com o dom da Arte do Arquiteto, era acolhido como alguém que ajudaria a glória da sua cidade, da sua nação, do seu Soberano — sendo este último o primeiro em

consideração. Foi, sem dúvida, no período em que o Egito era "senhora do mundo", e nos séculos que se seguiram, que todas as "artes da paz" foram inauguradas e floresceram; e que a ordem da Maçonaria deu ao mundo a sua frutificação de Verdadeiros Construtores.

As "artes" e "guildas" terão sido provavelmente fundadas então, para melhor conservação e proteção dos métodos de trabalhar metais e outras substâncias e para preservar os segredos dos processos, muitos dos quais são desconhecidos dos metalúrgicos modernos. Alguns dos Anjos então surgidos não tornaram a regressar, ou apenas reapareceram para revelar os segredos da sua mestria, ou quando a necessidade era de métodos outros e largamente diversos.

ESCULTURA

O poder Criador dentro da Alma há de, por fim, manifestar-se no moldar das imagens dos seres vivos e na Simbolização de Ideais. Os "ideogramas" dos antigos foram tentativas de ilustração: 1.º, de pensamentos que a linguagem hoje transmite; 2.º, de Imagens de seres reais ou Ideais, tais como as Divindades e deuses Tutelares que presidiam às nações ou povos.

O Estudioso moderno e amante da Escultura deve voltar-se para a Grécia e a Itália como a Fonte de inspiração das obras de Arte em Pedra "Belas e Imortais". As obras mais antigas, muitas das quais têm sido recentemente desenterradas de cidades sepultadas, são extremamente interessantes do ponto de vista do Erudito; mas a perceção da beleza, que é a alma da Arte, e a sua única razão de ser, parece faltar por completo em muitos, senão em todos, os casos, se recuarmos para lá dessas duas nações já nomeadas.

Ísis não nos desvela, em parte alguma, a sua formosura transcendente nas tábuas e retratos do Egito ou da Índia. E as "vestais", embora esculpidas com alguma graça nos templos, estão longe da perfeição de forma que surgiu quando esta Arte nasceu na Grécia.

A Beleza, a perfeição de forma, tem de ser a única desculpa para a escultura. Algumas das imagens orientais das divindades, como as de Buda, são de uma repulsão extrema; e, muitas vezes, a falta de perfeição física desfigura as imagens e os baixos-relevos dos templos de modo a produzir emoções muito outras que não as de culto. Mas as obras que sobrevivem a todo o tempo, e que, mesmo em fragmentos, fazem a glória das eras da Escultura, só passam quando todas as coisas mutáveis hão de passar.

Muitos dos "Mestres" foram igualmente perfeitos na escultura e na pintura e, na verdade, na arquitetura, ao passo que, em alguns casos notáveis, a poesia também compunha parte dos seus dons sem par.

PINTURA

Forma — Cor — sim, a imitação da Natureza recua muito longe. Ninguém conhece esses pigmentos duradouros do Egito e do Oriente. Basta saber que à cabeça de cada grupo estava o Mestre, o Anjo do tempo e do lugar. No presente, temos de nos contentar com aquela maravilhosa ilustração do Grupo, no seio do qual Michelangelo e Leonardo viveram e trabalharam — essa galáxia de astros que brilhou com tal resplendor que eclipsou todas as outras luzes.

Como em toda a outra forma de expressão artística, e na Religião, no Governo e nos costumes sociais, cada nação e período têm os seus ideais e métodos particulares, assim, na Pintura (a reprodução em forma e cor de imagens naturais, ou a projeção em cor e forma de ideais), encontrou-se a maravilhosa diversidade e divergência da Arte da Pintura. Perfeitos na guia e fusão das cores — alguns careceram de forma (perceção de proporção); ou, sendo as linhas talvez perfeitas, a cor é imperfeita.

As nações orientais pareciam ter ideias de pintura tão em desacordo com as das nações helénicas e ocidentais que nem sequer há espaço para comparação; e os quadros podem, em muitos casos, chamar-se pouco mais do que Ideogramas; de facto, na Egiptologia é difícil decidir o que é pictórico e o que é ideográfico. Os chineses têm uma Arte de pintura muito sua, assim como a têm os japoneses. E é preciso conhecer as nações e as histórias da sua arte para as compreender.

Para todos os efeitos de ilustrar a imaginação criadora do verdadeiro artista, devemos voltar-nos para aqueles períodos da pintura chamados: "Flamengo", "Impressionismo", "Pré-Rafaelismo", "Renascimento", etc., que, com os seus artistas chefes e grupos, formam as "escolas" ou "períodos" distintivos da pintura. Em todos os casos, porém, um Mestre (ou Anjo) terá guiado o caminho e dado o selo da arte perfeita. A Pintura, todavia, existe para transmitir uma ideia e é, por conseguinte, apenas outra forma de linguagem. Não se faz, nestas lições, qualquer tentativa de classificar ou ordenar o período e os artistas nas "escolas" mais modernas. Estão demasiado próximos e, além disso, os estudantes têm acesso a eles e podem julgar por si.

Sempre que e onde quer que exista no homem o poder criador perfeito, ele há de encontrar, na sua expressão humana, que a ARTE PERFEITA é A EXPRESSÃO PERFEITA DO IDEAL, empregando todos os métodos, mas disfarçando todos os métodos na apresentação perfeita da conceção de beleza a partir da Alma.

Daqui resulta:
Arte para uso;
Arte para a Beleza;
Arte para o Ideal (pensamento, sentimento, emoção, verdade). Estas são apenas algumas das formas de expressão — termos usados para definir "Arte" — mas tudo tem de resumir-se em "Expressão", "Criação", se quiserdes.

Cada vez mais as imagens das coisas e dos Ideais darão lugar às próprias coisas e à realização dos Ideais; não imagens de rosas pintadas na parede ou no teto ou em quadro, mas rosas reais, perfeitas, fragrantes, a crescer onde todos as possam ver. Cada vez mais a paisagem viva deleitará a visão, à medida que o verdadeiro artista "faz o deserto florir como a rosa", cria a "nova terra".

À medida que os "lugares ermos" são redimidos pela mente e pela mão vivas e amorosas do homem, os quadros e as galerias de arte ficarão desertas perante a obra vasta e mais perfeita de auxiliar a Natureza na sua obra perfeita.

Como na pintura e na escultura, assim na Religião; todo o culto será no "santo Templo de Deus", o Espírito humano, o santuário interior, a Alma. O Universo "declarará a Sua Glória e todas as Suas obras" (das quais fazemos parte) "louvarão o Seu nome". A vida quotidiana será Arte (tudo o que é útil e belo), Filosofia (os ideais supremos da Verdade formulados em realidade), Religião será a própria vida.

ANJOS DA MÚSICA

A música é o ritmo perfeito de Silêncios quebrados. Como o espetroscópio fraciona a luz branca diante do olhar em divisão perfeita e harmoniosa de cor, assim a música perfeita (pelos harmónicos) fraciona o silêncio branco da Alma em som arrebatador. Aqui, de novo, a Matemática torna-se o único meio perfeito de expressão. A poesia pode bem ser irmã gémea da Música, mas a música perfeita não requer outra linguagem senão a

sua. Devidamente, o Amor e o Culto deveriam ser os seus únicos temas, pois são as Emoções Divinas do Espírito; e os Mestres da Música fizeram destes os temas das suas composições mais perfeitas. Encontramos muitas das fontes de inspiração da Música nas histórias míticas e poéticas das nações.

Os sopros do Doce Pã conduzem-nos às suas nascentes primevas; Éolo comunica-nos a música das pulsações do ar; Orfeu toca o seu alaúde mágico e emudeçamos perante ele; Apolo dedilha a sua Harpa Estelar e nós inclinamo-nos, louvamos, adoramos. Onde Ísis embalou o Infante Hórus, as Náyades de voz suave cantaram as suas cantigas de acalento, e, muito, muito longe, no primeiro Éden da Terra, toda a Natureza respirava e pulsava ao Cântico Matinal de Eros.

Quando Anjos da Música tocam na terra os acordes da sua harmonia perfeita, as nações, as eras escutam. Uma composição perfeita cantada por uma voz humana perfeita é como a voz de um Anjo. A música coral perfeita é como um coro de Anjos. Um violino nas mãos de um Mestre é como a Música do Céu.

A orquestração perfeita combinará todos os sons conhecidos na Natureza e na Arte numa só sinfonia sublime — um dia.

Harpejos da floresta, suspiramos por vós. Soluços e suspiros, que dizeis? Ondas do areal, quebradas em espuma branca, douradas de sol ou açoitados de tormenta, curvamo-nos convosco sobre as areias — soluçamos, choramos! Egito, Babilónia, Palestina, Fenícia, Grécia, Itália (todas as nações latinas), Alemanha, todas as nações anglo-saxónicas têm a sua música típica.

As canções de um povo são as suas pulsações do coração. Os Hinos de um povo são a sua Alma, e têm de existir palavras do coração e da alma para acompanhar os sons doces.
A Orquestração de um povo é a sua Alma, Espírito, Mente e Coração, fundidos num Só.

Quando o Mestre está presente (o compositor pode também ser o executante, o maestro), então a Alma e o corpo da Música unem-se perfeitamente, são um.

Devemos traçar brevemente aquelas vidas na Música que estão suficientemente próximas para tocarem os vossos espíritos com os seus sons insuperáveis. Há um século, a Itália era a reconhecida pátria da Música, o santuário de todos os sons doces, como o era da Pintura e da Escultura.

Como antes a Grécia fora o Santuário da Arte. Mas não era o berço de todos, nem sequer de muitos, dos génios que avançavam para o período culminante da Música; nem dos Anjos dos Grupos que estavam prontos a alcançar a terra com a música arrebatadora dos céus. Ah, sim, a música italiana foi suprema por um período. A sua melodia incomparável foi a causa da sua supremacia, mas apenas por um tempo ficamos entre aqueles encantadores acordes.

Eis que vêm, acorrendo para o século das culminações, sobre as ondas dos mares do norte, nas asas das brisas setentrionais, dos Salões de Valhala chegam! O sopro de Odin ainda sobre eles, os beijos de Frida (Fricka) ainda nos seus lábios:
Händel, Mestre da Música do Culto. Mozart, Mestre do tom puro; compositor, intérprete. Beethoven, Mestre da Alma do Som; o profundo. Schumann, profundo. Mendelssohn, Mestre da Música Aérea.

Dezenas e dezenas de músicos menores, até que chegamos; atingimos a altura; sabemos por quem os séculos esperaram: Wagner! Escarnecido, vilipendiado, ridicularizado, hoje toda a música que se escreve, até pelos compositores italianos, é wagnerizada. Antes, um ou muitos podiam cantar ou tocar a partitura do Músico. Agora é preciso vivê-la, encarná-la.

O que Miguel Ângelo é para a escultura, a pintura, a arquitetura, é Wagner para a Música Dramática (a ópera). Das escolas italianas às alemãs é um salto longo. O mundo dos amantes da Música sentimental deleitava-se nas primeiras; mas a Harpa do Universo foi encordoada na Alemanha, e passamos de Verdi, Donizetti, para os Mestres da Alemanha quase sem um ai. Nas terras do Norte vemo-los.

A Inglaterra deu os seus mestres. A França tocou a mente e o coração populares, o Continente Ocidental acrescentou os seus ecos maravilhosos, mas a Música alemã governa o mundo hoje.

Mais do que qualquer outra Arte (exceto a linguagem perfeita), a Música está aliada à Religião, e até aí triunfa, onde a linguagem (como expressão de ideias e emoções) falha. As Igrejas, apercebendo-se disso, fazem muitas vezes com que a Música ocupe mais de metade do tempo e da importância do serviço habitual; e a maior parte do serviço nas ocasiões invulgares, especialmente na Igreja Católica Romana e no ramo "alto" (High Church) das Igrejas Protestantes Episcopais.

Como reação contra este apelo aos sentidos, algumas denominações de fiéis cristãos aboliram toda a Arte como sensorial: as pinturas, esculturas e música das Igrejas. Os primeiros "Reformadores", os Quacres, os metodistas primitivos, os puritanos, etc., rejeitaram todos os auxílios aos exercícios religiosos (exceto, por vezes, o canto de hinos simples pela congregação), mas mais recentemente a música, a arte, as flores, todos os adereços desejáveis do "culto", foram restaurados e muitas vezes tomam o lugar da exaltação e do ensino mais espirituais; porém, a seguir ao silêncio, a música será sempre a linguagem perfeita do amor e da devoção.

LINGUAGEM, ORATÓRIA, LITERATURA

Linguagem é qualquer forma de expressão de inteligência para inteligência que transmita, em maior ou menor grau, as ideias que se impuseram de dentro da Alma (inteligência) e procuraram expressão. Não pode haver dúvida de que a linguagem escrita e falada é a forma mais elevada de expressão humana.

A "Palavra Falada", o magnetismo da presença pessoal, os gestos, do corpo e do rosto, podem considerar-se o melhor método material para transmitir pensamento de mente a mente; daí o poder e o valor da oratória e do ensino oral entre gregos e romanos e mesmo entre nações ainda mais antigas.

Quase todos os ensinamentos valiosos por mensageiros, sábios, sacerdotes, iniciados, e, na verdade, toda a comunicação de verdades interiores e sagradas, eram pela "palavra oral", de "lábio a ouvido"; por isso, os mistérios das ordens sagradas e secretas nunca podiam ser conhecidos senão por aqueles efetivamente iniciados e instruídos nelas. Tais inscrições e registos em tábuas ou em papiro quanto existiam, juntamente com os símbolos ideográficos, eram preservados nos claustros e arquivos das várias "Ordens" ou de Homens Santos.

Na Grécia e em Roma, e onde quer que a oratória se tornasse meio de levar conselhos ou assembleias a adotar medidas para o benefício do povo pela melhoria do governo, cultivava-se a oratória; chegando mesmo ao laborioso vencer de impedimentos naturais, como no caso de Demóstenes. A linguagem e a dicção desses eruditos da oratória estavam acima de crítica e constituem (como registado) quase o modelo perfeito, em simplicidade, direta franqueza e força, para a oratória moderna.

Os romanos, durante o período de Progresso e relativa "Liberdade", destacaram-se na oratória. Os líderes e fundadores da "Roma" que fez ser "uma honra ser cidadão romano" foram oradores tanto quanto estadistas, e volta-se também para Atenas e outros centros em busca da perfeição na oratória grega, como, com assombro e admiração, para a Arte nas suas outras formas.

Buscar e exigir uma forma de expressão que tornasse permanentes as ideias e os seus princípios correlatos para uso e instrução da humanidade levou à invenção dos Ideogramas e das inscrições cuneiformes, resultando na preservação do saber da Babilónia (Caldeus, Assírios, Acádios). Enquanto a linguagem hieroglífica da China e de todo o Oriente, os alfabetos egípcio e grego, conduziram por fim à preservação, na pedra, no entablamento e no papiro, das Verdades primordiais das Eras que tinham sido ensinadas oralmente.

LITERATURA

As limitações da palavra falada conduziram à preservação das orações e dos ensinamentos, e ao registo de grandes pensamentos, para que outros que não podiam estar presentes quando as verdades eram proferidas pudessem saber e, assim, entrar em relação mental com os enunciados e pensamentos destinados a nobilitar e elevar a humanidade. De livros não podia haver muitos, relativamente, embora a erudição fosse abundante e "Escribas" houvesse muitos, até que surgiu a invenção que tornou possível a preservação e a difusão das ideias faladas e escritas.

Só a Imprensa tornou possível reproduzir e preservar, para muitos, os pensamentos e Verdades maravilhosos outrora perdidos ou registados em manuscritos laboriosamente produzidos dos tempos passados. Literatura é o grande iluminador mental deste e de passados séculos: a forma mais elevada de expressão para a preservação e disseminação de ideias e factos.

Ao notar o progresso do mundo em ciclos, é bom lembrar que, após as chamadas "idades negras", o maravilhoso século XV produziu a imprensa, a Bússola do Marinheiro, a descoberta do Continente Ocidental (por Colombo), o "Renascimento" em Itália e na Grécia — essa maravilhosa ressurreição do Ideal em que um grupo de Anjos, liderados pelo Mestre, deu um Novo Nascimento à Arte.

À medida que a linguagem se tornou mais fluente e universal, especialmente a língua inglesa, parece não haver a mais pequena variação, o menor grau de diferença de significados, nenhum pensamento mais elevado, nenhum voo de imaginação, nenhuma verdade fundamental ou relativa, nenhuma imagética poética, nenhuma descrição de cenas na natureza, nenhum acontecimento da vida diária, nenhuma formulação de proposições científicas, nenhuma emoção, nenhuma inspiração religiosa, que não possam encontrar expressão na linguagem. As canções (poéticas) de uma nação revelam o seu coração, e as palavras das "canções populares" são verdadeira história dos sentimentos e aspirações de um povo.

Regressando à simplicidade dos "Clássicos", a tendência ornada dos dias modernos cede lugar, ao que parece, em ciclos ou períodos renascentistas, a uma maior simplicidade.

Os que proferem grandes verdades nas palavras mais simples e mais perfeitamente escolhidas são os que mais movem o mundo.

As palavras escritas perdem o fervor, o magnetismo e a força impressiva da expressão pessoal; mas as Verdades podem assim apelar aos que estão prontos a recebê-las — a leitura atenta, onde a meditação é possível, pode propiciar melhor compreensão; enquanto a poesia, o romance, as obras de "ficção", assim chamadas, e todos os apelos à imaginação, são muitas vezes melhor apreciados na palavra escrita do que na falada.

Peneirada de tudo o que é transitório, supérfluo, inútil, a literatura que sobrevive é a que preserva os melhores pensamentos, vestidos na melhor linguagem. As Verdades do universo poderiam ser enunciadas em poucas frases.

POESIA

Quando pensamentos, sentimentos, emoções irrompem de dentro da Alma e procuram expressão em palavras; quando a Alma da beleza tocou e afinou as faculdades da mente para a forma mais bela de expressão; quando a tensão do pensamento e da emoção é tal que nenhuma outra forma de expressão é possível — isso é poesia. A escrita métrica (ou a fala, como na Improvisação) é uma arte. Mas podem construir-se versos com perfeita exatidão métrica que não são, em sentido algum, poesia. Ritmo e Rima não são poesia, mas métodos.

A imaginação não tem via mais elevada de expressão do que a poesia. A inspiração não tem melhor auxílio. Muitos dos "poemas em prosa" dos grandes mestres são Arte poética perfeita.

De Ésquilo e Homero a Shakespeare, de Hesíodo a Chaucer, de Dante a Milton, podemos seguir a urdidura desses números maravilhosos que conquistam o mundo para o prazer, o patriotismo e o culto.

Os "Livros sagrados" do Oriente são poemas: Cânticos de louvor e exortação, sílabas de Inspiração ajustadas à linguagem oriental com toda a imaginação que o Amor e o louvor podem dar. Os salmos (cânticos de David) contam-se, muitos deles, entre as mais esmeradas e grandiosas produções poéticas do mundo. E todos sabemos quão valioso — de facto, indispensável — é o contributo das palavras de Hinos e Antífonas de Culto nas Igrejas Modernas.

Pode passar-se dos mais severos Hinos de Watts e desse grupo para as canções de louvor e de Amor mais alegres dos compositores modernos, mas Oratório e Antífona, tanto nas palavras como na música, hão de continuar a inspirar e a entusiasmar o pensamento do culto. Cada nação, em cada período da história do mundo, tem não só os seus grupos poéticos, guiados pelo Anjo do grupo, mas o seu Poema perfeito. Eruditos e críticos podem discutir e divergir, mas o Poema perfeito (Lírico, Épico ou canção simples) permanecerá para sempre. Por vezes (como num período mais recente) um Victor Hugo arrebatara o mundo com poemas em prosa, e Whitman seja glorioso e mal compreendido — mas as eras elevam-nos e exaltam-nos.

DRAMA

De Ésquilo a Shakespeare. Palavra e ação perfeitamente adequadas e ajustadas entre si. A presença pessoal — a expressão oral — o gesto da oratória perfeita, com a personificação de modo vívido como só o artista-ator é capaz, isto constitui poder real na Arte Dramática. Quem é dotado de grande imaginação pode ler (sozinho) o Drama perfeitamente escrito e fruir dele, suprindo todas as personagens pela força da imaginação vívida (como fez o poeta na escrita).

Na verdade, pode dizer-se que poucos, se alguns, "artistas" conseguem retratar na perfeição os ideais e a linguagem do drama escrito; ainda assim, ele serve para ilustrar:

Atributos personificados (de Poder, Alegria, maravilha, Amor), os Deuses e Deusas do verso homérico; Representação de pessoas, períodos, instituições, abusos, heróis e heroínas-tipo de qualquer país ou época; Apresentação perfeita das virtudes, falhas, benemerências e crimes humanos.

O Ator perfeito (Artista Dramático) é o Génio ou o Anjo. Em Arte, é mais perfeito o que exprime mais perfeitamente os pensamentos, sentimentos, emoções, intenção do autor, artista ou compositor. Por conseguinte, pode afirmar-se com verdade:

A "Escola" perfeita de Apresentação Dramática ainda não chegou, mas pode dizer-se com segurança que o sistema de Delsarte é, provavelmente, o mais próximo da perfeição que foi dado ao mundo.

Em última instância, não haverá necessidade de arte dramática. Fröbel, no Ensino — isto é, o reconhecimento do desdobramento e do questionar a partir de dentro da mente, tanto da criança como do adulto, e o fornecer da resposta antes de a pergunta ser feita — é o líder de uma nova era. Em última instância, a Educação será como respirar, como o crescimento físico. A própria Vida é a Educadora primordial.

Vimos o tão louvado "orador" de uma ocasião ensaiar a sua "Arte", as suas frases e períodos cuidadosamente preparados e arredondados, os seus gestos estudados e perfeitamente "corretos", a sua peroração tão pensada, perante uma multidão para quem a ocasião era inspiração; e o "orador" foi recebido com cordialidade, aplaudido onde o sentimento tocava o povo, mas a "oração" acabada foi mais apreciada no seu final.

Quando, depois dele, veio outro, igual em erudição e na escolha da linguagem, que deu voz, em linguagem simples, ao espírito do dia e da hora, a multidão estremeceu, vibrou, foi permeada e, por fim, completamente arrebatada pelo Mestre Orador que proferiu o que o dia e a hora significavam para o povo: A Alma da Expressão estava ali!

A expressão mais elevada possível — e aquela que é a única desculpa para a oratória ou o Drama — é ter uma mensagem, um pensamento, um propósito, um Ideal de beleza a exprimir, e dá-lo na linguagem e na maneira mais simples; a sinceridade é o melhor "magnetismo". Os períodos da história e os estados da erudição em que é exigida uma "oratória" de feição ornada passam com as condições que os produzem, e o mundo do

pensamento humano regressa às formas mais simples e melhores de expressão.
Viver o poema — a oração — o drama: esta é a Arte de Viver a ser.

ANJOS DA FILOSOFIA

A Preeminência do Filósofo sobre os seus semelhantes consiste na sua maior medida de Sabedoria e Amor (fraternidade), e no equilíbrio que advém de conhecer os princípios subjacentes a qualquer classe de fenómenos; ou, num sentido mais amplo, subjacentes ao Universo — à sua ordem e harmonia. Filosofia pura é a compreensão mental perfeita das Verdades fundamentais do Universo, ou de tal porção delas quanto possa estar na posse da pessoa que, no momento considerado, é o sujeito de reflexão.

Muitos denominaram a "Razão" como a única faculdade pela qual se alcança a filosofia; mas a Intuição é o fundamento de todo o conhecimento — a Razão é o processo de utilizar esse conhecimento para fins mentais numa sistematização do pensamento ou da eficiência. Os Grupos de filósofos aglomeraram-se, desde as idades mais remotas, em torno de algum líder maravilhoso — fronte calma, visão ampla e ensino claro. Em muitos casos, o Filósofo é também o Poeta, o Artista, combinando, na pessoa que é o centro de um Grupo, as formas perfeitas de expressão dupla e tríplice.

Como desejaríamos ter-nos juntado ao grupo que escutou a voz de Sócrates! E, melhor ainda, aos ensinamentos do seu discípulo (?) Platão! Oh, a voz do Bosque! Oh, o som de tantos silêncios de sabedoria e Amor!

A rivalidade entre diferentes "escolas" de filosofia não residiu nos Fundadores — os Mestres — mas entre os seus seguidores. Todo o pensador realmente estabeleceu uma "escola" de filosofia. Aristóteles exerceu domínio, talvez, sobre um número maior do que Platão; mas o puro Idealismo e a exaltação absoluta dos ensinamentos deste último conquistaram um séquito sempre crescente entre os Idealistas do seu tempo e, durante os séculos de eclipse entretanto decorridos, os Anjos foram preparando o caminho para uma aceitação mais completa dos ensinamentos "Divinos" de Platão. Hoje estamos mais perto de Platão do que nunca.

Outros filósofos, como Séneca (As "Morais" de Séneca), que viveram antes da Era Cristã, poderiam ter escrito para a expressão da mais elevada Ética Cristã, tal é o encontro dos desígnios da filosofia perfeita e da Religião perfeita nos preceitos e exemplos de elevado propósito moral.

Dos filósofos modernos, sem dúvida, John Locke exerceu mais influência do que qualquer outra mente (especialmente em Inglaterra), culminando no Agnosticismo e no Materialismo. Ao passo que um ideal mais refinado e espiritual foi legado pela escola dos Transcendentalistas alemães.

Através da Grécia e de Roma, descendo, descendo até às Escolas alemãs — quão longe até Kant e Fichte! Ou, se ligarmos à poesia, pausemos com o pequeno Grupo em Weimar. Vidas maravilhosas ali se centraram. Muitos séculos de Pensamento e Ensinamento culminaram nas obras abrangentes de Confúcio. Isto não foi uma Religião nem uma Filosofia, mas um Compêndio do Pensamento Oriental, cuidadosamente e inteligentemente organizado, e participando, decerto, mais de Filosofia do que de Religião (como esta palavra é vulgarmente entendida), embora transmitindo a ética mais elevada.

Através das eras varrem estas poderosas marés de filosofia pura, sublinhadas e reiteradas sempre que necessário por vidas nascidas para levar por diante as Verdades Abrangentes assim dadas ao mundo. A maioria dos grandes eruditos da Antiguidade foram também filósofos — entre os quais nenhum exemplo mais fulgurante se encontra do que Pitágoras que, perfeito em matemática, deu várias novas afirmações matemáticas, e cuja escola de filosofia nasceu do puro idealismo, do verdadeiro transcendentalismo do Oriente.

A mente oriental, porém, reveste a sua filosofia com a imagética poética do Oriente, e os seus sistemas de Filosofia e Religião combinam-se numa vasta extensão de Transcendentalismo, em comparação com o qual o Transcendentalismo das Escolas alemã e francesa parece totalmente literal, quase material.

Isto também é verdadeiro quanto às filosofias das escolas grega, alemã, francesa e inglesa (modernas). De Platão a Bacon vai um "grande clamor". O puro Idealismo do primeiro — o literalismo absoluto do segundo.

Platão procuraria elevar a humanidade até aos seus Ideais. Bacon traria os ideais até à humanidade. Tenhamos ambos, por todos os meios; mas, se um sistema tivesse de ser rejeitado, nós apegar-nos-íamos a Platão, o Idealista, cujo mundo de pensamento e esforço é o Universo, em vez deste torrão de barro. Sim, o mundo da mente está hoje mais perto de Platão do que nunca, e, daqui a idades, o mundo terá esquecido que o "Sistema baconiano" existiu, enquanto ainda beberá à pura Fonte do "Cosmos" de Platão. A República Ideal é A República das Almas; os corpos serão cuidados, e na

perfeição, quando cada ser humano for conhecido como Mente, Espírito, Alma.

De bom grado nos demoraríamos entre estes Grupos transcendentais que, como estrelas que se aglomeram em torno dos seus sóis de esplendor, mostram os degraus do caminho luzente e ascendente por onde as vidas humanas têm vindo — cada alma buscando sempre atingir uma altura, sempre chegar a uma conquista, e, por fim, tornar-se, por sua vez, o centro de grupos como estes. Tão aparentadas são a Filosofia mais alta e a Religião que se encontram num terreno ético comum. Subimos a essas alturas éticas com os gregos, com as escolas alemãs de filosofia, tal como o fazemos com os chineses, através do sistema confuciano (uma compilação da sabedoria de eras), semelhante à compilação da "Sabedoria de Salomão".

Como o maior patriotismo e amor pelos seus compatriotas frequentemente acompanha — melhor, anda de mãos dadas com — a filosofia, temos, em tempos relativamente modernos, muitos exemplos fulgurantes de quem conduziu os seus concidadãos pelo impulso da sua admirável força de pensamento. Na Alemanha, há menos de um século, Fichte pareceu ser a mente mestra, sendo a sua síntese de pensamento e verdade: "Deus é a Ordem Moral do Universo, a Lei Eterna do Direito, que é o fundamento do nosso ser." Ninguém jamais fez tanto por uma "Alemanha Unida" como ele, ainda que essa nação, hoje, fique muito aquém do seu Ideal.

Pouco importam as "escolas" de filosofia, quando, por baixo dos nomes, encontramos os mesmos princípios fundamentais da "Ordem Moral do Universo".

Há exemplos fulgurantes da inclusividade das Grandes Mentes: Homens de Ciência que eram também profundos filósofos e verdadeiros adoradores no santuário da Mente Eterna. Com efeito, ninguém pode perceber os princípios sobre os quais o Universo é modelado sem reconhecer, com assombro e reverência, a Ordem Infinita do arranjo pela Mente Divina.

Humboldt, que nunca deixou, mesmo aos oitenta anos, de estudar as vastas obras de Deus manifestas na natureza, reconheceu que o seu assombro e reverência pelo Infinito aumentavam a cada nova exploração no campo da ciência. O seu "Cosmos" interpulsou com o de Platão, provando uma afinidade de Alma.

Estas alturas imponentes da Filosofia alcançam, por fim, os átrios exteriores do domínio da Religião, e provam que Verdades semelhantes devem proceder da mesma fonte: de dentro. A Intuição declara-as e a "Razão", condescendentemente, organiza-as e reclama-as como suas. Uma Verdade não é mais verdade por ter sido proclamada por filósofos. Pouco importa que a "Regra de Ouro" tenha sido primeiro enunciada em terras pagãs ou na Galileia; o seu valor ético permanece o mesmo.

Há uma profundeza e uma altura onde as Águas da Verdade são encontradas pelo buscador sincero. Se alguém procurar através da "Ciência" e da "Filosofia", achará que a Religião (Intuição) já lá esteve.

Não se pode deixar de traçar a influência de Spinoza no pensamento alemão (e europeu) que conduziu ao subtil transcendentalismo de Goethe — e hesita-se em decidir se este deve ser reclamado mais como poeta ou mais como filósofo. As Escolas alemãs de pensamento foram salvas do materialismo por mentes prodigiosas como Spinoza e, mais tarde, por Klopstock e por aqueles que se agruparam em torno do círculo de que Goethe se erguia para vida mais alta quando Schiller entrou. Immanuel Kant disse: "O argumento a favor da filosofia é que um homem pode viver dela."

O rei dos pensadores, Hegel, por filosofia sublime, chegou à verdade de Deus, Alma, Imortalidade. Sem o seu séquito régio de espíritos filosóficos, o período de "tormenta e ímpeto" teria deixado a Alemanha, e talvez toda a Europa, encalhada nos baixios do materialismo. Hegel, Kant, os Schlegel, Lessing, Fichte, Schopenhauer, Klopstock.

Ateadas pela luz destas mentes mestras, a sua influência nunca deixou de se fazer sentir, eclipsando por completo as escolas posteriores mais materialistas dos chamados filósofos. A França, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos desenvolveram mais tarde uma "escola" que quase deixa o Espírito sem esperança, encalhado nas areias do "Agnosticismo", não fora a contraposição de mentes como a do Dr. A. R. Wallace, de Sir Oliver Lodge e de uma vintena de outros, que, pesquisando, encontraram a verdadeira luz da Imortalidade da Alma.

A verdadeira filosofia, portanto, consiste no conhecimento de que o Universo é governado por Ordem Divina, e em ajustar-se a essa Ordem Divina. Como Luzes-Baliza, estão os Anjos que guiam outros pelos baixios e areias movediças do materialismo raso e superficial até às águas calmas e límpidas da Filosofia Sublime.

(LIBERDADE)

A seguir ao Amor (que inclui toda a verdadeira Religião), a Liberdade é o mais alto benefício, a conquista mais grandiosa da existência humana. A seguir à Religião e ao Amor, é a palavra que mais tem sido abusada, e em cujo nome mais crueldades foram perpetradas, mais agravos infligidos, mais opressões e escravaturas fomentadas do que qualquer outra palavra ou termo em qualquer língua. O seu sinónimo, Liberdade, tem sido o impulso motivador de mais autossacrifício e de mais esforços poderosos do que qualquer outra aspiração humana. Em seu nome, milhões dos mais valentes, verdadeiros e melhores pereceram em campos de carnificina ou pelo machado ou pela guilhotina, ou definharam em celas de prisão.

As ocasiões para procurar e manter a Liberdade são:
Resistir à opressão, isto é, resistir à servidão física;
Defender o lar e os seus habitantes sagrados;
Defender a pátria (o sinónimo de "lar");
Defender o direito à liberdade mental;
Defender o direito à "liberdade de consciência", isto é, convicções e observâncias Religiosas.

ANJOS DA LIBERDADE

Tão Divino dom é a Liberdade, e tão intimamente aliada a tudo o que é mais alto e melhor na expressão da Alma neste planeta, que pareceria não haver outra palavra tão cheia de significado. Em seu nome se travaram todas as guerras da história, perpetraram-se muitas — se não a maioria — das atrocidades, e manifestou-se o maior heroísmo.

A luta pela Liberdade, pela conquista da Emancipação, é a luta da raça humana — individualmente, nacionalmente e como totalidade. Como tudo o que é melhor na conceção da mente, nos "ideais" do espírito, a Liberdade tem de vir de dentro. E, quando finalmente conquistada, o que é ela?

A capacidade e o direito de fazer e ser o mais alto e o melhor que for possível, para cumprir o destino de cada um. Os ímpetos selvagens de raças inocentes, indisciplinadas e sem instrução podem estar sem restrição por algum tempo — mas o ignorante nunca pode ser verdadeiramente livre. E, na análise final, a Liberdade Perfeita é serviço perfeito, pois só no serviço

perfeito a Deus e ao homem pode haver a expressão mais elevada da Liberdade.

A "Liberdade da Natureza" tem de estar dentro dos limites e balizas das "leis naturais", mas a mente tem um alcance mais amplo e mais alto. E o espírito parece ilimitado nas suas possibilidades de conquistar e dominar. Fazer e ser tudo quanto alguém aspira a atingir, sem infringir os direitos dos outros — isto é Liberdade — isto é verdadeira Liberdade.

Para "mostrar o caminho" a essa conquista, para indivíduos e nações, que prodígios de Sabedoria e Amor hão de ser encenados diante dos olhos dos homens — que exemplos — que martírios! Os limites e balizas da natureza física foram e estão a ser triunfalmente superados pelas maravilhas operadas pela mente humana: Invenções, descobertas, adaptações. A Natureza é implacável — também é benigna. Nunca a podemos desconsiderar. Podemos sempre encontrar, pelo conhecimento, uma maneira de trabalhar com ela.

A Alma, primariamente incondicionada, perde a sua Liberdade no contacto com a matéria. O Espírito, no ambiente da existência material, tem sobre si os grilhões do tempo e do sentido, até que, trabalhando através deles, alcance a gloriosa Liberdade da Alma.

Não pode haver verdadeira batalha pela Liberdade, nem genuíno heroísmo, que não seja uma conquista interior — superando os medos produzidos pelas limitações físicas, depois, pela conquista sobre o ambiente, rompendo os grilhões do tempo e do sentido.

A "Liberdade" que os homens cobiçam em determinados estados de crescimento parcial é apenas licença para fazer o que desejam, não o que necessitam. A história do mundo é a história da luta pela Liberdade — a Emancipação do Espírito dos vínculos da busca egoísta (à custa dos direitos dos outros).

Porque hei de eu governar ou controlar outro para me servir, mesmo que tenha o poder? Esta é a questão última e primordial da mente desperta.

Os nomes consagrados de que a história abunda (ou deveria abundar) são os daqueles que resistiram à opressão (e aos opressores) e dos que sofreram martírio em nome das suas convicções. A servidão física é aprisionamento real ou serviço compulsório (escravatura), provocado por captura violenta, ou pela criação e imposição de condições que exigem serviço involuntário e relutante.

A servidão mental — deixando de lado a maior causa, a ignorância — é a promulgação e execução de leis ou decretos que proíbem qualquer manifestação ou declaração de pensamento divergente da ordem estabelecida, seja Cívica, seja Teológica.

A servidão da Consciência — pelas mesmas causas acima referidas — resulta da Ignorância e do Medo, ou de ambos, ou de observâncias impostas que, necessariamente, se forem contra as convicções de alguém, só podem ser hipócritas e aceites apenas para aplacar os opressores.
Os Anjos da Liberdade procuram ilustrar o caminho para a Liberdade Pessoal: i.e.: Primeiro, Liberdade de toda a restrição Física, que inclua, na sua posse, a segurança das outras pessoas. Sim, e aqui reside também a subtil dificuldade.

Não se pode — pelo menos essa é a alegação sob os estados atuais de "civilização" — privar alguém da sua "liberdade pessoal" sem "justa causa"; mas tão elástico é o termo "justa causa", que milhares de pessoas inocentes caem sob a suspeita daqueles nomeados para executar as leis "pela segurança pública" e são frequentemente aprisionadas e, por vezes, postas à morte, sob interpretações erradas ou "provas circunstanciais" ou outras más interpretações de "justiça".

E é possível, mesmo nesta era "esclarecida", exigir às pessoas, sob a má criação e má administração de leis para a "saúde pública", que introduzam num corpo perfeitamente são e saudável, seja de criança ou adulto, o funesto soro ou germes de vil doença, profanando assim o belo altar da existência física e tornando sempre a vítima fisicamente mais fraca do que antes.

Segundo. Liberdade no exercício das faculdades mentais: (a) na busca do conhecimento, (b) na liberdade de ensinar e transmitir esse conhecimento a outros. Por outras palavras, Liberdade de expressão, Defesa pela língua ou pela pena.

Terceiro. Liberdade de Consciência — isto é, crença ou descrença nas doutrinas estabelecidas e nas formas de culto — "O direito de adorar a Deus segundo os ditames da consciência"; e este "direito" inclui o direito de não "adorar" (no sentido aceito da palavra), mas de encontrar "sermões" e "hinos" de louvor na Natureza e em todas as suas obras. Julgamentos por "heresia", exceto em ligação com corpos denominacionais ou sectários em particular, já não ocorrem, e a expulsão de um corpo ou organização por motivo de heresia não é especial desonra.

A Liberdade está ainda distante, contudo, quando bebés indefesos e pessoas inocentes de todas as idades são forçadas a receber veneno nos seus corpos. É, porém, um período de grande atividade e despertar para a saúde perfeita, "um corpo são para uma mente sã e um espírito livre". Hígia desceu com as suas belas assistentes, as "Leis da Natureza", para conquistar a raça Humana para a vida correta, como o melhor resguardo da saúde pública.

Mas a "vida correta" não pode existir sem o pensamento correto. E as "Juntas de Saúde", originadas por Sociedades Médicas, devem ou ser abolidas, ou ser iluminadas pelas Mentes esclarecidas do povo da comunidade em que existem. O facto de haver necessidade de supervisão e regulação sanitária não deve incluir o direito ou a autoridade de introduzir veneno (vírus) num organismo perfeitamente saudável, seja de criança ou adulto, ainda que considerado "científico" e sancionado ou ordenado pela lei.

Liberdade da Mente: de pensar os próprios pensamentos, de investigar e explorar o vasto domínio da Natureza, de criar ou defender qualquer sistema de "Filosofia", existe hoje em muito grande medida. "O mundo move-se" foi em tempos o sinal para a perseguição; a Inquisição, a tortura e o potro aguardavam quem ousasse "pensar". A ostracização social, a perda de posição como professor ou líder, pode ainda hoje seguir-se à expressão de certos pensamentos e convicções; mas, em geral, as nações esclarecidas dão grande liberdade à investigação científica e filosófica.

A Liberdade para "Adorar segundo os ditames da Consciência" tem sido o lema de todos os que romperam os limites de uma forma de culto — credo ou ritual — geralmente para criar outro, quase tão difícil e severo. As perseguições em nome da "Religião" têm sido as mais graves, e as chamadas "Guerras Religiosas", entre as mais sangrentas da história da raça humana!

O "Príncipe da Paz" parece, por vezes, distante do Seu mundo. Estar livre das limitações da matéria, do tempo e do sentido é o anseio da Alma, quando neste ambiente; mas, visto não haver outro modo de recuperar o estado Espiritual senão pela conquista sobre estas condições — ganhando o caminho ao conquistar, ao superar — a verdadeira Liberdade consiste na remoção de todas as barreiras a essa vitória final.

As barreiras da ignorância própria devem ser superadas pelo ganho de conhecimento, e o conhecimento deve ser ganho pela experiência. A história desta luta é a história de cada Alma Individual. Ninguém pode ter experiência por outro. Por esta razão "a história repete-se", e cada século ou ciclo

encontra novas gerações que repetem os erros, crueldades e êxitos ou fracassos das idades anteriores. A Liberdade é um estado da mente mais do que uma condição corporal. Pascal, no seu calabouço, escrevendo o seu hino de triunfo, estava muito mais livre do que aqueles que o colocaram lá.

Na praça do mercado, onde escravos eram vendidos, podiam ver-se aqueles que estavam livres dos horríveis grilhões e ferros da cobiça e crueldade que aprisionavam os que violentamente os capturaram e ali colocaram. O traficante e o senhor de escravos estão mais escravizados do que o cativo.

O Conquistador armado nem sempre é o Vencedor nesta grande luta pela Liberdade. Os Césares, Alexandres, Napoleões da história são escravos comparados com os homens que, pelo amor ao lar e à pátria, empunharam armas contra eles. Devem surgir heróis de batalha que conquistem a Vitória para povos ou nações em nome da Liberdade.

Não são estes os que se gloriam na guerra, cuja ambição procura, pela trilha sangrenta da carnificina, alcançar as vitórias do poder mundano. Tronos, Reinos e todos os seus pertences desvanecem-se e caem diante do braço conquistador da Liberdade. Acreditamos que o Egito foi mais Imperatriz do mundo quando os seus reis guerreiros foram subjugados pelas maiores Artes da Paz.

Quando Roma se tornou a Potência Dominante do mundo pela força das armas e pela escravização das nações conquistadas, a sua queda estava assegurada. "Quem pega na espada perecerá pela espada." Significado: Aquele que, por amor da conquista e do poder mundano, trava guerra agressiva, semeia a dissolução para si e para a sua nação.

Os gregos guerreiros não dominaram totalmente — a "Glória" não era o objetivo principal da época, quando Sólon, Licurgo e outros semelhantes exerciam o seu poder. A Grécia nunca teria mantido o registo sublime na Ciência, na Arte, na Filosofia, que manteve e ainda mantém, não fossem esses intervalos de paz, nascidos da mais elevada liberdade; i.e., Liberdade da Mente e do Espírito. A opressão e a guerra frequentemente despertam os seus opostos; Sócrates, culminando em Platão e nos seus seguidores, foram o produto de séculos. A resposta à necessidade dos que estavam prontos; mas ai!, os governantes não estavam prontos e o "lento veneno" teve de fazer o seu trabalho por ordem. Hoje, o nome do filósofo é venerado e os que causaram a sua morte mortal são execrados. A verdadeira Liberdade

encontrará um caminho quando as vidas estiverem prontas, quando os povos tiverem crescido até à sua altura pela "conquista".

Quem, senão Mazzini, poderia ter preparado o caminho para os resultados maravilhosos da Espada de Garibaldi em Itália? Contudo, mesmo então, a Itália não estava totalmente livre. Estes dias mais recentes significam mais e mais e mais para o reinado da Liberdade, desde que a Mulher, na Nova Dispensação, venha a ser colocada na sua verdadeira posição lado a lado com o homem. O mundo deixará de ser governado a meio.

O Anjo da Liberdade encontrou as nações maduras para um novo impulso — de facto, um novo Advento da Liberdade — quando, após séculos de opressão e depressão, o Novo Mundo despertou ao som da voz maravilhosa que deu ao mundo a República dos Estados Unidos da América.

O grupo ou conjunto de sábios que se reuniu em torno das mentes principais daquele tempo será lembrado e mais apreciado, à medida que o tempo passar, quando a Liberdade for, em todo o lado, mais do que um nome.

RELIGIÃO

É a perceção de Deus a partir do interior da Alma. A sua manifestação é a atitude do indivíduo para com os outros. Religião é a verdadeira floração da vida: Amor a Deus (A Infinita Mãe-Pai: Amor e Sabedoria), Amor a todas as Almas.

OS ANJOS DA RELIGIÃO

Não só os Anjos superiores anunciam a vinda e acompanham os Messias, mas de Dispensação em Dispensação existem linhas especiais de vida que transportam adiante as sementes da Verdade. Mesmo nas "idades mais escuras", entre as culminações Messiânicas, há sempre esses Anjos encarnados para testemunhar a Verdade. Quando parece haver um desvio dos ensinamentos de um dos Mestres da Verdade, não existem realmente "desvios" ou retrocessos; certas vidas, estando prontas para uma Dispensação, são atraídas para os seus "arautos" e para a Vida Messiânica que revela a sua mensagem. Quando todos os que estão "prontos" para essa "colheita" particular são "reunidos", a recessão dá-se porque a média das vidas humanas na terra não estava pronta, e muitas vezes aqueles que são egoístas, ambiciosos ou poderosos usam o Novo Nome da Verdade Religiosa para servir os seus próprios propósitos egoístas.

A edificação do Sacerdócio (veja-se os Brâmanes da Índia), da Realeza e das Hierarquias Mundanas deve-se a esse aparente retrocesso. Sempre, no meio das "idades negras" de uma Dispensação, aparecem "Reformadores" para lembrar ao povo as Verdades Primordiais ensinadas pelo Grande Mestre que eles (o povo) professam seguir, mas cujos ensinamentos abandonaram. Estes Anjos Encarnados formam geralmente os centros de grupos e, com os seus seguidores, são perseguidos, muitas vezes mortos por aqueles que afirmam representar o verdadeiro ensino; as forças do Mamom Mundano apoderam-se do Nome sob o qual uma Verdade foi apresentada. Assim, toda a história mostra declínios ou decadências semelhantes da Luz das vidas Messiânicas; daí que aqueles que surgem com uma "Mensagem" sejam considerados inimigos da ordem estabelecida:

Para o Brâmane, com o seu amor de casta e obediência aos cerimoniais da sua ordem, as expressões posteriores do Budismo, do Jainismo e de outros equivalem a heresias.

Embora Buda Gautama tenha estabelecido e transportado a maior Luz que a Ásia alguma vez recebera desde a primeira alvorada da sua maravilhosa Religião, hoje procura-se em vão os templos, santuários e os ensinamentos mais simples do Príncipe Siddhartha (Gautama). Mais uma vez os Sacerdotes (Brâmanes) dominam e é preciso deixar a Índia e viajar para a China e outras terras orientais para encontrar os bastiões de Buda; existem indícios mentais, mais do que físicos, da preservação dos seus sublimes ensinamentos. Os Jainistas ainda podem levar adiante as suas obras de humanidade, bondade para com todos os seres vivos e constituem grande parte do elemento comercial da Índia; enquanto o "Brahmo Samaj" ou "Jovem Índia" constitui o elemento que liga o hindu ao Mundo Moderno.

Na Pérsia, os "Parsees" raramente se encontram; mas aqui e ali, espalhados pelo Oriente, esses seguidores de Zoroastro (Zardusht) adoram no santuário da chama sagrada, Ormuzd, e mantêm as suas vidas puras e livres.

A história do Judaísmo e do Cristianismo é demasiado conhecida para ser referida, exceto como ilustração. Sempre foram os "Filhos de Israel" desobedientes, sempre foram levantados "profetas" para os chamar ao "verdadeiro Deus" de quem frequentemente se afastavam. A verdadeira "descendência Apostólica" está na linha das encarnações desses Anjos.

Podemos ilustrar melhor com os tempos modernos: vemos claramente como o pensamento Religioso na Cristandade emergiu dos limites do credo e do dogma para a ampla Luz de um retorno ao Sermão da Montanha. Cada seita ou culto na Cristandade afirma, naturalmente, ser o caminho, mas os verdadeiros Anjos podem ser facilmente reconhecidos; "pelos seus frutos os conhecereis."

George Fox e os Quakers; "Mãe" Ann Lee e os Shakers; Dr. Priestly; John Wesley; John Murray — foram "Reformadores" da "Reforma". A "Reforma Protestante" foi um grande despertar, uma tentativa de retorno aos primeiros Princípios do Cristianismo, tal como ensinados no "Sermão da Montanha", especialmente na "Regra de Ouro", que é a chave de toda a ação Religiosa para com os semelhantes. Sabemos que Erasmo preparou certamente o caminho para a "Reforma", conduzindo a Calvino, Knox, Melanchthon e, sobretudo, Martinho Lutero.

A verdadeira Religião não necessita de "Reformador" — é uma posse — mas as pessoas, não a possuindo, oscilam de uma interpretação para outra até alcançarem a perceção verdadeira. Temos presente muitos dos vários líderes e professores dentro da Igreja de Roma, muitas vezes perseguidos por causa dos seus Ensinamentos Cristãos. Ir-se-ia longe para ouvir a voz encantadora do monge Savonarola. Ah! a "linha dos Anjos" entra e sai da igreja muitas vezes pela porta do Martírio. Para trás, para trás até aos próprios grupos que se reuniam em torno dos primeiros mestres cristãos e até aos Discípulos e Apóstolos de Jesus, podemos encontrar os Anjos dos grupos.

Epitomizada nas Bíblias ou Livros Sagrados das várias Nações e Épocas, pode encontrar-se a pura Luz do Espírito da Religião, muitas vezes velada e obscura, mas correndo como um fio de prata de água cristalina — ora visível e aparente, ora oculta, mas ainda clara — para voltar a reaparecer mais bela do que nunca. Nem todas as Bíblias são Livros Sagrados. Nem toda a Religião está na posse de qualquer Raça, Povo, Seita, Culto.

Religião: o Deus Universal, Infinito, manifestando-Se e sendo reconhecido pela Alma humana, deve ser percecionado, sentido, conhecido. Ainda assim, temos de recorrer à Índia pelas palavras Védicas e devemos ter em mente que da Índia veio, talvez, a perceção mais profunda da Divindade e a mais perfeita (embora intrincada) declaração da Sua Manifestação. Os Vedas, Shastras e vários Zends do extremo Oriente, juntamente com as compilações

confucionistas, constituem registos que servem para mostrar a resplandecência de algumas dessas mentes cujos nomes nem sequer são conhecidos pelos estudiosos ocidentais.

O puro Transcendentalismo — A perceção do Infinito sem qualquer traço de Materialismo — deve ter nascido naquela longínqua terra e numa época culminante de perceção Religiosa pura. Uma Perceção absolutamente Pura de Deus como Espírito tem poucas ilustrações em mentes ocidentais. Quase poderíamos depender dos "filósofos" da Alemanha, da França e de Inglaterra — e mais tarde da América — para a Divindade imaterial, para a "Suprema Inteligência" reconhecida por eles fora das escolas e definições Teológicas.

Os Anjos da Religião, portanto, não devem ser procurados apenas na História da Igreja (ou organizações Eclesiásticas), seja essa igreja Pagã, Judaica ou Cristã — muitos deles estiveram certamente dentro da Igreja, muitos, muitos, fora do seu âmbito. E, quer fora quer dentro, foram geralmente mártires: i.e., não reconhecidos e sacrificados como "semeadores de sedição", "hereges", "ímpios", etc.

Mas quem pode declarar, ou em que imagem esculpida ou pintada, ou em que sons de música, ou em que palavra escrita ou falada, o verdadeiro significado da Religião? Esta proximidade e comunhão com o Infinito? Este Amor e Sabedoria a trabalhar a partir de dentro e através do Mais Íntimo da Alma e a exprimir-se em tudo o que é mais belo para com a humanidade e todo o ser vivo? Para esta Conquista Divina toda a experiência humana deve tender; e, onde quer que seja encontrada, sob qualquer céu ou Cúpula de Templo, Sob Qualquer Nome, a Verdadeira Religião é uma e a mesma coisa, não pode ter senão um significado.

A história das crenças Religiosas do mundo não pode ser aqui relatada; mas a senda luminosa dos que transportaram as mensagens da Verdade pode ser traçada, quer até ao destino ardente do martírio, quer até à "Exaltação" (mal nomeada) de um trono. A verdadeira Religião, sob qualquer nome ou fórmulas obscurantes, é: O Conhecimento (perceção) de Deus (O Infinito, Omnisciente, Omnipresente, Eterno), a partir do interior da Alma. O conhecimento e perceção da Alma Imortal (finita), semelhante a Deus. O conhecimento da Fraternidade das Almas; a sua relação umas com as outras. A expressão da Religião pode ser em qualquer forma de linguagem, cerimonial, templo ou em silêncio, de acordo com as indicações do Espírito.

O reconhecimento das qualidades (Divinas) da Alma como "semelhante a Deus" dá o impulso animador e incentivo para todo o bem. A atitude e as manifestações para com os seres humanos e todas as outras vidas, sob a influência dominante da verdadeira Religião, devem ser tudo o que é justo, bondoso, benéfico e bom. "Um Novo Mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros."

ANJOS DA SOMBRA

Já que Lúcifer, o "Portador da Luz", é também o sinónimo do "filho caído da Alvorada", que mostra (por contraste) o significado da Sombra, assim há aqueles que caminham pela terra para ilustrar, no seu grau mais extremo, esse contraste.
Se deve existir o Egoísmo (busca de Si desmedida), devem existir aqueles que o demonstrem até ao limite extremo — os resultados de tal busca de Si.

Lições por contrastes ou opostos são frequentemente empregues por aqueles professores e sociedades filantrópicas que, estando um pouco adiantados em relação aos que pretendem ensinar, procuram "reformar o mundo" ou reformar os que precisam disso em determinada direção.

Assim, um "Ébrio Reformado" é escolhido por eles para ilustrar e elucidar as belezas da Temperança; o "Criminoso Reformado", para ilustrar o valor de uma vida livre de transgressões criminais. É frequentemente notado que os filhos dos alcoólicos são abstémios totais; e argumenta-se, por parte daqueles que procuram resolver os mistérios psicológicos da "Ciência Social", que o exemplo do progenitor embriagado produz repulsa, nojo, na descendência.

Para conhecer o valor exato das "lições pelo contraste", têm de existir os extremos. Tal como na natureza, o calor e o frio, a luz e a escuridão, só são percecionados em relação e contraste um com o outro, e ambos são relativos; assim, nos estados da sombra humana — falta de vitória moral — não poderia haver sombra sem luz; o tempo, os sentidos, as condições materiais eclipsam a luz; mas não pode haver sombra moral sem existir Luz moral: A Perceção Espiritual, a priori, daquilo que é bom.

Quando a Busca do Interesse Pessoal atinge o grau de Cobiça desmedida, de cupidez, de avareza, parece haver apenas uma forma de mostrar tudo isso na sua hediondez: o grau extremo: O Usurário, que ama o ouro por si mesmo e não sequer pelo Poder que pode trazer; o Avarejado, que cobiça toda a

riqueza que possa acumular, por qualquer pobre desculpa que possa apresentar; estes devem permanecer como exemplos ou ilustrações do estado de Sombra. Haverá de se ter presente que "A raiz de todo o mal" supôs-se ser o ouro ou o seu equivalente.

Quando Licurgo moldou leis para benefício do seu povo, seus compatriotas, expurgando o ouro (ou o dinheiro) dessas leis, e, por conseguinte, do país, fazendo depois os seus concidadãos prometerem não alterar as leis até ao seu regresso, expatriou-se, assegurando assim ao seu amado povo a grande dádiva da liberdade em relação ao poder da riqueza. Mas falhou em reconhecer que não é o ouro, mas o amor ao ouro que é a raiz do mal, ou o Amor pelo Poder da Riqueza; e isso não podia ser expurgado dos corações e mentes daqueles que não estavam prontos, que ainda não o haviam superado.

Licurgo não regressou ao seu país, mas o Amor à Riqueza — Ouro, Dinheiro, Poder das riquezas — regressou. Nem filósofo sublime, nem estoico, nem herói espartano conseguiram conter o amor-próprio dos Gregos. Creso é a ilustração típica da posse individual extrema de riqueza; mas a riqueza de Creso pareceria pobreza em comparação com a de alguns dos modernos Gigantes das Finanças.

Estes Titãs contam-se pelos dedos: i.e., os Reis absolutos das Finanças, que nunca conhecem o fracasso. Quando o estado de uma nação, ou da totalidade do mundo em progresso, é tal que a busca e a posse da riqueza se tornam o tema absorvente, eis que ELE surge no meio deles, nas Bolsas de Mercadorias, nas Bolsas de Valores, nos centros comerciais, seja qual for o nome do lugar: O Titã das Finanças, que nunca conhece a derrota.

Os que seguem no seu cortejo, que se ligam ao seu carro financeiro, que obedecem ao seu mandato, podem também partilhar uma pequena porção do seu êxito; outros, procurando imitá-lo, caem pelo caminho e muitas vezes são esmagados sob o seu carro, um verdadeiro carro de Juggernaut. E no entanto, lá está ele: sob o seu toque, os tesouros armazenados da terra transformam-se em riqueza, poder, beleza, e, muitas vezes, em Transporte por mar e terra; navios, caminhos-de-ferro, aparelhos elétricos desdobram-se como que por magia; a obra do Inventor é por ele convertida em resultados, nos aparelhos mecânicos do mundo.

As cidades florescem em beleza e tornam-se mais horríveis com vício e degradação; fundam-se Igrejas e Universidades e a (assim chamada)

"Educação" prossegue a bom ritmo. A cada rapaz e jovem é dito: "Vê o que o Titã fez, vai e faz tu o mesmo." E eles tentam.

Não há nada na riqueza, PER SE, que indique sombra ou luz. "Finanças" é apenas um nome, "Dinheiro" uma mercadoria, mas a Cobiça, e os traços que lhe são aparentados, usam estes meios para levar adiante os seus desejos incontrolados. A troca de mercadorias é facilitada pelo meio de troca que, em si mesmo, representa apenas o valor das coisas trocadas ou adquiridas. Quando o ouro (ou outro meio de troca) se torna o objeto de busca, podem então seguir-se os atos que conduzem ao engrandecimento pessoal e à opressão dos outros pela riqueza. Os traços de carácter, qualidades ou disposições são os mesmos, sejam terras, ações ou outras posses que se procurem. Tudo o que represente riqueza, também representa Poder no mundo comercial; e frequentemente na sociedade, na igreja e no Estado.

Lado a lado, ligados à mesma gigantesca empresa, podem às vezes ver-se um Anjo de Luz e um Anjo de Sombra, ambos empenhados em levar avante a grande obra em que estão interessados, mas com tal contraste de métodos, de motivo e aspiração pessoais, ou de intenção, que assombraria o observador, se este se iluminasse para ver.

Contra o fundo ou contraste da cobiça, da avareza, do amor pelo ganho pessoal, as qualidades do Anjo de Luz brilhariam resplandecentes. Temos um em mente: quando os diretores da sua Companhia eram tacanhos, mesquinhos, não inclinados ao espírito público, ele dizia: "Senhores, o vosso é um caminho de procedimento, e possivelmente de êxito, mas pareceria, de outro ponto de vista, que este seria o melhor caminho." E então procedia a indicar o método mais amplo, mais vasto, mais nobre, até que eles quase se viam constrangidos a pensar que tinham sido os próprios a propô-lo.

Quando uma família pobre ou um grupo de pessoas partia em busca de fundar um lar no longínquo Oeste que procuravam, ele aconselhava tarifas de transporte tais que fariam a "Companhia" dizer: "ruinosas", "impossíveis"; depois, em pouco tempo, a "Companhia" seguia o seu plano e, claro, reclamava o crédito. A Sombra estava sempre presente, pairando, resmungando como trovão abafado, mas pronta a partilhar de todas as vantagens que advinham da presença do Anjo. Os fracos, os cansados, os indefesos eram ajudados. E chegou prosperidade à "Companhia" por causa da sabedoria daquele que era o seu coração bem como o seu cérebro.

Ganhar o "pão de cada dia" significa ganhar tudo o que é necessário para não ser um peso para os outros, e para alimentar, vestir e abrigar aqueles de quem se é responsável; significa mais: "O homem não viverá só de pão" significa que a mente tem de ser vestida e alimentada; deve ter oportunidade de obter a formação necessária para expressar o que está dentro, deve ter acesso a livros que expressem o melhor pensamento de outros, e o tempo livre para os ler.

Deve haver também oportunidade de obter o "Pão da Vida", o alimento do Espírito que diariamente requer sustento (espiritual) de fontes interiores e superiores, e da associação simpática com vidas humanas que estejam adiantadas e em harmonia com a própria vida. Tudo o que dificulte ou impeça estas realizações é da natureza da "sombra", da "barreira", resultado da ignorância e do egoísmo, e deve ser removido pela iluminação que resulta de eras de crescimento e desabrochar a partir da própria Alma.

E os Anjos mostram o caminho através da Sombra para a Luz.
Não fosse a sublime convicção vinda do âmago da Alma de que, em última instância, todas as condições de guerra, de crimes indizíveis contra a humanidade, de atos horríveis perpetrados não apenas por pessoas descontroladas, mas por nações, SERÃO superadas pelo indivíduo e, assim, pelas nações, ser-se-ia forçado a acreditar que o "mal" é algo mais do que uma condição relativa ou "a ausência do bem." Sabemos, no entanto, que as possibilidades do Anjo são as possibilidades, aliás, a realização última, de todos.

OS ANJOS DA DOR

A Dor é a Sombra de que a Luz é a Alegria. Para os seres humanos é, aparentemente, o único portal para a verdadeira alegria: porque a vitória suprema (a Conquista de Si) encontra-se por esse caminho. Há outros mundos e outros estados em que tal não é o caminho. "O Homem das Dores, experimentado nos sofrimentos", é a Ilustração Última. Devem existir Anjos para mostrar, bem como guiar, o caminho através desta Sombra, desta sombra misteriosa e indefinível, até à luz. As pessoas choram e murmuram por coisas triviais; os pequenos aborrecimentos da vida diária, as pequenas "perdas" ou males imaginários dos estados humanos, coisas que são apenas incidentes da experiência humana. Quando chega a Grande Prova, a Suprema Dor, quão pequenas, quão insignificantes parecem todas as coisas anteriores de que tanto se queixaram!

O Anjo já por aí passou. Os grandes, os sábios, os bons trilharam o caminho dos espinhos, ah, mas prosseguiram e atravessaram até à luz! A dor de cada um é e deve ser sua própria "para pisar o lagar no alto." Saber, porém, que outros já estiveram nesse Vale, já feriram os pés nos seus espinhos, já regaram as suas flores com lágrimas, já suspiraram para os ramos da sua Árvore da Vida — isto, isto é maravilhoso! A primeira dor é como a dor da criança por causa de um brinquedo partido, de um desejo de prazer desapontado, de uma cidade de blocos derrubada por um pé descuidado. Crianças crescidas não têm maiores dores aparentes do que as da infância humana — e, no entanto, tanto a criança como o adulto sobrevivem.

Quando o Anjo da Dor caminha pelos caminhos humanos, assume as condições e obrigações da vida terrena, ilustra que até o extremo dos males humanos pode ser suportado, quão grande é a lição! Aquele que se queixa por pequenas dores ou desilusões é confrontado com a medida de resistência, fortaleza, paciência que aquele que sofre a Suprema Dor deve possuir, e com o conhecimento de que outros já caminharam em sombras mais profundas e atravessaram a escuridão até à Luz. Nunca a noite foi posta de lado pelo Infinito por causa do medo humano da escuridão. Sempre, sempre, as horas marcham até que o dia rompe e as sombras desaparecem. E oh, a glória da Noite de Estrelas! da madona dos céus, a pálida, paciente lua!

Todas as dores conduzem à Luz. Anjo da Dor, inclina a tua cabeça, verte as tuas lágrimas silenciosas; aprendemos contigo a lição, enfim, enfim. E sabemos que sem ti não poderia vir para os filhos da Terra nenhuma Alegria triunfante.

A lamentação inútil, a queixa por dor ou desconforto triviais, devem passar; e passo a passo, a consciência desperta de que toda a dor egoísta nasce desse autoengrandecimento que gostaria de ver removido cada obstáculo, afastado cada espinho do seu caminho! E se as pequenas dores são falsas e nascem do desejo egoísta, não poderão também as aparentemente maiores ter a sua raiz no interesse próprio, no desejo de evitar as dificuldades que nos cercam, ou as condições que são inevitáveis, em vez de as Superar?

Ó vidas da Terra, ó espíritos dos Mortais, vinde, vinde através da escuridão, da luta, do luto, para a luz. O teu caminho está cheio de espinhos? Avança corajosamente e afasta-os com as tuas próprias mãos fortes. São fracas as tuas mãos humanas? Então deixa que o teu Espírito de Coragem

venha em teu auxílio. As coisas terrenas esvaíram-se do teu alcance? Então cinge a tua força e avança de novo em direção a coisas mais elevadas. Os amigos mostraram-se falsos? Então sabe que a amizade verdadeira nunca é falsa. O Amor traiu? Então sabe que não tinha o verdadeiro significado de Amor; pois tão duradoura como a eternidade é a Afeição que é verdadeira. "Quando os semideuses partem, os deuses chegam", sim; e quando o falso se prova como tal pelo fracasso em sobreviver, sabe que o real, o verdadeiro, o eterno, te aguardam.

A dor egoísta é semelhante ao prazer egoísta; ambos têm origem na falta de simpatia com os outros ou na falta de apreço pelos outros. Se é verdade que, no sentido mais elevado, não se pode simpatizar com o sofrimento ou a dor de outrem sem ter experimentado mágoa semelhante, também é verdade que, através dessa simpatia pela dor alheia, se ascende à Conquista sobre a ruminação egoísta das próprias aflições. A pessoa ergue-se de joelhos sobre o relvado debaixo do qual jaz sepultada a forma de um ente querido, para perceber a presença viva do amado, assim que se volta para outro enlutado e suavemente murmura: "Sei como parece, mas olha para cima e para dentro, não para baixo." "O choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã." Salmos 30:5.

A sagrada lembrança e o amor por um Ser Amado que partiu da Visão Mortal tornam-se santificação, um Mentor sagrado e divino para ser e fazer o mais elevado e o melhor. "Nunca tive uma dor que pudesse dispensar", disse um dos maiores e mais nobres homens da Terra. E bem sabemos que a "Coroa de Espinhos" é o caminho para a verdadeira vitória.

ANJOS DA PAZ, DA ALEGRIA E DO AMOR

O Anjo Perfeito da Paz serve a Justiça. E a Justiça perfeita é acompanhada pela Misericórdia, e todas são fruto do Amor, Amor Divino, Amor Perfeito. Nem é a Paz uma qualidade por si só. Ela nasce do estado que se segue a toda a inquietação e desassossego da agressividade própria da mera luta egoísta, e deve seguir-se, mas nunca pode preceder as condições que conduzem à paz.

"Formosa és tu, ó Paz, e belos são os teus Filhos, e formosos os rastos dos teus passos entre os vales verdes." Bem-aventurados são estes "formosos" que são o resultado da Realização Divina; mas o Tirano que clama por "paz" para poder prosseguir as suas opressões; o forjador das correntes da servidão e dos grilhões e algemas do trabalho não remunerado;

aquele que, entrincheirado na autoridade nascida da força e do poder materiais, não pode, com justiça, chamar "Paz" às condições de aquiescência ou submissão por parte dos seus súbditos.

Quando Toussaint L'Ouverture iniciou a insurreição em São Domingos que haveria de conduzir à queda da escravatura de pessoas como mercadoria, foi considerada "terrível" — e assim o foi; mas o estado que a precedeu era um estado de guerra — guerra contra os direitos e liberdades de uma raça que não havia cometido ofensa alguma. Muitas vezes há guerras piores do que aquelas que seguem o chamamento às armas. Mas bem-aventurado, três vezes bem-aventurado, é o homem, a família, a comunidade, que pode verdadeiramente dizer: "Estou em paz com todos; não há aqui nem discórdia nem opressão, pois cada um procura o bem de todos." "Amar o próximo como a si mesmo" é um estado humano superior e significa cooperação. Amar alguém mais do que a si mesmo é o estado Divino.

"Maior amor do que este ninguém tem: que alguém dê a vida pelos seus amigos."

Sempre e onde quer que se encontrem os Anjos da Paz, têm uma missão abençoada e gloriosa; nem sempre, contudo, a sua palavra e obra são bem acolhidas, nem são pessoalmente reconhecidos como "Pacíficos". Todavia, em última instância, a sua obra é conhecida, a sua missão vista e reconhecida. Como podem as suas vidas ser seguidas através das divisões e dos trilhos ensanguentados da história? Como podem as suas frontes, coroadas com a glória do esplendor do seu propósito, ser vistas acima da noite da guerra? Como se reconhecem as suas vozes entre as contendas das multidões que clamam pela posse de tudo o que a Terra produz de beleza e utilidade?

Ah, mas ao longe são conhecidos e os seus nomes gravados nos registos Imortais. São aqueles cuja glória nunca desvanece, que, quando Tronos, Reinos e Poderes da Terrenidade perecem, são lembrados pelo seu caminho de Luz e de Amor. "Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados Filhos de Deus" (Bem Infinito).

O ANJO DA ALEGRIA

"Para ungir os seus olhos com o óleo da alegria." A alegria é a herança dos jovens, a ludicidade da existência, e é o acompanhamento habitual das naturezas inocentes e infantis. A natureza, a natureza física, é lúdica por causa da própria dádiva da vida. O regozijo pode ser inocente, ou pode ser a

falsa excitação da indulgência excessiva. Entre o riso cristalino da infância e da juventude e o regozijo distorcido do devasso ou folião, há um abismo intransponível.

Há, no entanto, aqueles que caminham pela Terra portando a "Luz da Alegria", perfeita, liberta, ainda que sem ruído nem aclamação, pois a verdadeira Alegria nasce da vitória perfeita sobre a Dor, é a serenidade do triunfo perfeito sobre a mágoa ou dor humanas. Tal vida pode entrar no mundo através de um lar humilde, ou pode surgir na mais pesarosa família de um palácio. A missão é sempre a mesma: trazer alegria, ou a atmosfera da sua presença, à vida daqueles que necessitam da sua ministração, mas não sabem o que ela é.

O lar assim abençoado fica imbuído da leveza e do brilho da Alegria Encarnada, e embora haja estados de dor e de amargura vil que se afastariam com inveja e ódio de tal presença, a maioria das pessoas sentiria a bênção e a bem-aventurança de tal presença na família, na vizinhança e na esfera mais ampla onde quer que a vida se mova.

Tais vidas mostram que, embora a existência humana costume dar-se através das águas da dor, do vale de lágrimas, existe finalmente um estado em que o riso já não é sufocado por um suspiro, e um sorriso já não é afogado em lágrimas. Ah, quando uma vida triste e solitária é assim visitada, ainda que apenas por uma hora, pelo ministrante, como as sombras se levantam! como os fardos caem! e algo semelhante à paz repousa sobre o outrora cansado coração!

Os seres humanos que buscam felicidade nas salas do prazer, apenas pelos sentidos — ainda que o amor pela beleza e muito da arte esteja incluído — procurarão em vão por esta presença, este Anjo-Alegria. As salas da folia e da diversão noturna não possuirão este hóspede supremo. Mas alguém com visão interior ou iluminada poderá contemplar o visitante ao lado de algum solitário vigia onde a doença e o Anjo da Morte pairam; ou onde algum coração, despojado das suas mais queridas esperanças (aparentemente) pela falsidade e traição, não encontrava conforto ou alívio para a sua dor; ou quando uma calamidade, assolando uma cidade ou uma nação, parecia deixar sem esperança o que a vida pudesse trazer — aí, com um Anjo afim, a Caridade, a Alegria será frequentemente encontrada, ajoelhando-se ao lado da Fé e da Esperança e trazendo sorrisos mesmo em meio às lágrimas e à dor.

Tão próximo está este Anjo dos corações humanos, tão grande é o anseio das pessoas e a sua busca de "felicidade", que esta presença é uma promessa para todo o mundo: tal tempo em que termine a busca da felicidade Egoísta. A "alegria que vem pela manhã" é após a noite da dor; pois há que ter presente, como é no Espírito, que a mágoa, a dor, o sofrimento, a dor, todas as condições humanas que nascem do estado terreno, devem ser superadas; não apenas pelo conhecimento que permitirá à humanidade vencer os males humanos, mas pelo triunfo do Espírito a partir do âmago da Alma sobre o estado que exige ou necessita da dor para trazer conhecimento. Todas estas coisas não são conhecidas pelas vidas humanas comuns quando o Anjo da Alegria aparece encarnado no meio delas.

ANJOS DO AMOR

"Um novo Mandamento vos dou: que vos Ameis uns aos outros."
"O Amor é o cumprimento da lei."
Simpatia, Benevolência, Caridade — no seu sentido mais verdadeiro — não são senão Sinónimos de Amor. Este atributo Divino é o mais elevado no Ideal do Reino Espiritual da Vida.

SABEDORIA

É associada e coigual com o Amor, dividida para expressão na vida humana, mas una na Alma, tal como no Infinito. O Amor não é simplesmente abnegação por outrem, sacrifício pelos outros ou Esquecimento de Si; é tudo isso e mais. É serviço perfeito, absoluto, o derramamento da vida em devoção e serviço contínuos e incessantes. Não é necessária qualquer proclamação da sua presença, nem anúncio das suas obras; elas declaram-se por si mesmas; nem aqueles que não estão em harmonia com o seu propósito Divino podem saber qual é esse propósito.

Desde a sua mais pequena à sua maior manifestação não há falha, nem busca egoísta, nem exigência de reconhecimento. Amor pela raça humana, pelos oprimidos e humilhados, pelos enganados e desafortunados, pelos que são vítimas do orgulho e da arrogância — aí ele vai, ao palácio ou à choupana, ao trono ou à cela do calabouço; onde quer que haja necessidade, aí ele está. Supremo sobre as alturas montanhosas da Verdade, mais humilde no Vale da Humildade.

Vislumbres do seu estado Divino encontram-se nos mais escolhidos e raros afetos humanos: marido e mulher, pai e filho, irmão e irmã, amigo e

amigo. Mas, ó, quando a suprema Luz do Amor — o Anjo revestido de veste mortal — está sobre a Terra, quão maravilhosas são as suas obras! Ele brilha do lar humilde. Está nas tocas do vício, para conquistar. Ilumina a cela do calabouço; mostra o caminho através do Deserto Árido do Orgulho e do Prazer para os Jardins de Deus.

Está nas fileiras dos perseguidos; brilha nos olhos do mártir; segue Getsémani até ao Calvário! "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem." O amor perfeito é o último grau do que a vida terrena pode oferecer: mostrar o caminho perfeito. Ninguém pode "por busca" encontrar o Anjo encarnado. Nenhum olhar curioso, nenhuma mente atenta à "descoberta". Ali, aqui, mesmo ao teu lado, o Anjo-Hóspede pode estar sorrindo; ou ali, ali, a fazer a obra que deve ser feita, que outros não querem fazer. Anos, talvez séculos, depois de os passos terem trilhado o caminho terreno, as pessoas lentamente despertas dirão: "Esta foi a obra de um 'Anjo do Amor'."

Lentamente, lentamente eles vivem, trabalham e conduzem o caminho; as flores desabrocham onde pisaram e o caminho torna-se um caminho de luz. Algo deste fulgor resplandece nos corações humanos. Algo deste poder maravilhoso é percecionado, mas aqueles que odeiam não sabem e perseguiriam e matariam o Mensageiro do Amor. Só os Anjos (as Almas aperfeiçoadas) podem conhecer o verdadeiro significado do Amor e da Sabedoria Divinos; e tais tempos, quando os filhos da Terra estão prontos, exemplificam esse Amor e Sabedoria em encarnações humanas para um propósito Divino, para um cumprimento tão maravilhoso como só os Anjos podem realizar.

Os mais altos Anjos e Arcanjos, próximos dos Messias, levam para sempre a mensagem sagrada quando anunciam o Advento da Vida Messiânica. Só os Anjos de Amor e Sabedoria Perfeitos podem "preparar o caminho" para o advento do Messias. O Amor é o Iluminador da Alma e do caminho que leva da Terra ao Céu.

ISRAFEL

"O mais doce de todos os cantores de Deus é o Anjo Israfel." Não chamem a esse Anjo "Morte" aquele que convoca os espíritos das suas formas de barro. Em todo o vocabulário Angélico não existe tal palavra como "Morte".

O elemento ou princípio de "mudança", "desintegração" (dos organismos) é apenas uma "forma de vida"; mesmo a filosofia materialista de parte dos cientistas físicos não encontra "morte" na mudança, decomposição e transmutação das coisas materiais.

Sempre ao lado do impalpável e invisível portal da existência humana está o Anjo da "voz mais doce", atraindo os espíritos para o passo seguinte da vida, convocando as almas para o reino angélico. Por trás e acima da Sombra do Medo Mortal, para além da dor, do sofrimento, da mágoa exteriores — esses ministrantes da experiência terrena, esses mestres de paciência, fortaleza, simpatia — o Anjo de voz doce permanece sempre. Mesmo do leito de sofrimento, o Anjo que reveste a forma com silêncio branco, libertando o espírito, acolhe-o no "abraço" da voz do despertar.

Choraste, em criança, quando as flores da primavera desvaneceram, quando as flores do campo e do bosque foram arrebatadas pelos beijos demasiado ardentes do sol ou levadas pelo sopro de Zéfiro? Ou quando os passeios do jardim estavam cobertos de folhas e as árvores e arbustos estavam castanhos e nus? Ah, mas os pomares estão cheios do fruto carmesim e dourado; e nas vinhas pendem os cachos roxos e há alegria na "Casa da Colheita".

E quando há gemido baixo e altos uivos de tempestades no outono, e o inverno veste a terra de brancura, como uma noiva, ou como a Grande Mãe Branca, suspiraste por todas as formas desvanecidas de flor e folhagem? Escuta, escuta, inclina-te e ouve: no coração da árvore está a canção de embalar, nos radículos e gérmenes sob o solo gelado está a "canção do sono" da Mãe e eis que, antes de haver qualquer sinal de despertar, se te inclinares, se ouvires, podes escutar, cantando sobre as violetas até que haja um estremecer, um sinal; sobre as narcisos até que despertem; aparecem pequeninos rebentos e flores — estavam apenas "a dormir": Vida, Vida, Vida está em toda a parte!

Ficaste ao pé do ninho vazio chorando porque as casquinhas estavam partidas e os passarinhos não lá estavam? Ah, escuta! escuta! Acima da tua cabeça o canto! o canto! Fitaste com dor indizível o rosto branco e imóvel que já não respondia ao teu olhar de amor; olhos fechados e sem visão, lábios silenciosos e frios; a grande dor terrível da separação do Mais Amado a roer-te o coração? Irá partir-se? Inclina-te! silencia-te! olha para dentro! olha para

cima! escuta, escuta com o Espírito: eis! a voz de Israfel! chora e escuta, e louva; pois o Despertador ali esteve.

Acima do rugido das águas, acima do navio açoitado pela tempestade, acima das vozes de angústia e clamores de socorro, acima do hino e da oração dos que buscam Auxílio Divino, Israfel e o seu Anjo inclinam-se! Eis! os Salvadores de Almas estão lá!

Acima dos trovões enlouquecedores e do estrondo das armas; acima da oração do patriota, do grito de "Coragem!" do herói! Acima de tudo o que os horrores do combate humano podem trazer, escutai! É o som das hostes das muralhas guardadas pelo Amor, lá em cima! Israfel e os seus trombeteiros, os seus cantores, os seus Redentores. Para além de todos os horrores da Guerra, Peste, Fome — os abutres que sempre acompanham a Sombra do Egoísmo e da Cobiça humanos — vede! vede! escutai e vede! nem um dos "mais pequenos destes" é esquecido ou negligenciado; lá estão eles — os Anjos! Israfel e os seus poderosos; os seus Auxiliares Divinos!

Não pode haver Ministração Maior, mais Alta ou mais Divina do que a que o Despertador traz, pois este é o significado de toda a vida: Nascimento, Amor, Novo Nascimento, e AMOR PERFEITO.

Éons passam; sóis erguem-se e flamejam, com os seus mundos acompanhantes, depois esmorecem; mas o Despertador está lá para sempre! "O mais doce de todos os Cantores de Deus."